UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

FRANCISLANDA RODRIGUES PENHA

REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DA POBREZA: O PROGRAMA *ESQUENTA!* E O REPOSICIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE OS POBRES NA TV BRASILEIRA

GOIÂNIA
Outubro de 2012

FRANCISLANDA RODRIGUES PENHA

REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DA POBREZA: O PROGRAMA *ESQUENTA!* E O REPOSICIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE OS POBRES NA TV BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (FACOMB) da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e Cidadania
Orientador: Prof. Dr. Magno Medeiros

GOIÂNIA
Outubro de 2012

FRANCISLANDA RODRIGUES PENHA

REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DA POBREZA: O PROGRAMA *ESQUENTA!* E O REPOSICIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE OS POBRES NA TV BRASILEIRA

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), para obtenção parcial do grau de Mestre, aprovada em 07/11/2012 pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

_____

Prof. Dr. MAGNO LUIZ MEDEIROS DA SILVA
(Orientador – Facomb/UFG)

_____

Prof. Dr. DIJACI DAVID OLIVEIRA
(Faculdade de Ciências Sociais /UFG)

_____

Prof. Dr. JUAREZ FERRAZ DE MAIA
(Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia/UFG)

Àqueles que participaram da pesquisa na condição de entrevistados e, com suas vivências e capacidade crítica, contribuíram sobremaneira para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos pais, amigos, professores e namorado, pelas mãos estendidas para ajudar, pelos ensinamentos e correções, pela paciência quando das ausências e pelos bons pensamentos que me serviram como luzes no caminho. O apoio, a torcida e o incentivo de todos me conduziram até a conclusão dessa meta. Obrigada.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a rede simbólica de enunciados construídos ao longo da história acerca das categorias pobre/pobreza e, mais precisamente, discutir os recentes discursos produzidos sobre esses grupos no âmbito da televisão brasileira, encontrando as continuidades e rupturas que se apresentam nessas formas de representação social que encontram na televisão um suporte dotado de técnicas e linguagem próprias. Por meio de revisão bibliográfica que se aproxima das questões conceituais determinantes da análise sobre pobreza, seus sujeitos e espaços de convivência, o trabalho também discute a natureza das representações sociais, a dinâmica das relações simbólicas que aportam padrões de sociabilidade; os sentidos atribuídos à classe social e os contornos que tal conceito adquire perante a organização da sociedade, bem como da construção e reconhecimento das identidades coletivas que se formam nesse contexto. O olhar pós-colonialista e os Estudos Culturais Latino-Americanos guiam essa análise e, a fim de compreender quais interpretações e percepções os sujeitos de baixa renda desenvolvem a partir da recepção de dicotômicas representações televisivas da pobreza. À análise do discurso do programa *Esquenta!*, soma-se o conteúdo analítico obtido a partir de entrevistas realizadas com jovens moradores de um bairro periférico de Goiânia.

Palavras-chave: Representação Midiática, Classe Social, Pobreza, Poder Simbólico, Programa *Esquenta!*, TV.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO....8
1 GLOBALIZAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADES....11
1.1 Emprego, Renda e Desigualdade no Brasil....18
1.2 Pobreza e Classe Social para além do aspecto econômico....22
1.2.1 Classe Social: Marx, Habermas e Bourdieu....24
1.3 Direitos e desigualdades, um debate acerca das liberdades....30
1.4 Um conceito variável no tempo e no espaço: considerações do viés sociológico....33
1.5 Empoderamento e Subalternidade....38
1.5.1 Teoria Pós-Colonialista e Estudos Culturais Latino-Americanos....40
1.6 Centro-Periferia, a geografia do poder refletida na TV....43
2 DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL À REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA....48
2.1 O pobre na literatura e no cinema....50
2.2 Representação no processo de construção identitária....54
2.3 Representação midiática: o deslocamento da esfera pública....59
3 TELEVISÃO: IMAGEM E PODER....63
3.1 Pobreza na Televisão: a mesma realidade, olhares dicotômicos....69
3.2 Uma nova imagem e seus porquês....70
4 PROGRAMA *ESQUENTA!*: CONTINUIDADE E RUPTURAS NO CURSO DA REPRESENTAÇÃO DOS POBRES NA TELEVISÃO....80
4.1. Metodologia....81
4.2 Análises: construção e recepção de sentidos....85
Considerações Finais....117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS....119
ANEXOS: Transcrições....126

INTRODUÇÃO

Miséria, exclusão e pobreza não são características privativas do modelo capitalista nem do mundo contemporâneo. “Os pobres sempre os tereis convosco”, lê-se no relato bíblico (JO 12,8), na fala atribuída a Jesus Cristo, que retomava um princípio anteriormente ditado pela lei judaica (DT 15, 11a). Desde tempos imemoriais, a humanidade naturalizou a existência dos banidos e miseráveis, os que, desprovidos e/ou incapazes, constituem-se como um grupo à parte que, na melhor das hipóteses, demanda assistência externa, ou, na pior delas, configura-se como risco aos demais, pessoas que, em função de tantas carências, tornam-se perigosas, violentas.

Tais representações estigmatizantes foram construídas ao longo do tempo, mas também periodicamente modificadas, reestruturadas de acordo com as tendências e necessidades de cada contexto sócio-histórico, econômico e cultural. O presente trabalho procura resgatar a trajetória dessas representações, apresentando as principais construções teóricas que vêm sendo elaboradas no âmbito das Ciências Sociais acerca da pobreza e, mais precisamente, os discursos referentes à identidade dos sujeitos classificados nesse estereótipo: o pobre.

Ainda que conceitualmente, não parece possível dialogar efetivamente com a pobreza sem aproximar o olhar das múltiplas vivências que se desenvolvem nesse contexto. Em que pese o determinismo acachapante com que se costuma rotular o pobre e mesmo a pobreza, uma observação mais detalhada permite enxergar a complexidade que ultrapassa categorias como renda e necessidades materiais.

Nesse prisma, a pobreza é um espaço social de produção de identidades coletivas; produção essa que se dá a partir dos diferentes campos constitutivos dessa condição social, ou seja, não apenas pelo viés da escassez que habitualmente a define. Essa parte da análise está calcada na definição de classe social de Bourdieu (1998), bem como nos estudos de Sarti (2003), Valladares (1991), Sprandel (2004) e outros autores que identificam e destrincham especificidades em meio à recorrente representação estereotipada que se estabelece a respeito das chamadas classes populares.

É também interesse deste trabalho compreender o processo por meio do qual tal constituição simbólica migra para o campo midiático, que na contemporaneidade torna-se um dos mais relevantes, senão o principal, espaço de construção e expressão pública dos conceitos e preconceitos que determinam nossas relações sociais, sobretudo identitárias. Para além desse fenômeno que se estabelece a partir da inserção e consolidação dos meios de

comunicação enquanto novo âmbito da esfera pública, o trabalho visa à compreensão das modificações pelas quais vem passando a forma de representação midiática da pobreza, que já não se encerra na antiga negatividade da exploração da imagem da favela enquanto espaço de falta, violência e criminalidade.

Esse recorte da realidade permanece no discurso midiático, sobretudo no telejornalístico, como também é discutido neste trabalho. Outros elementos do cotidiano, como a afetividade, as manifestações culturais, as vontades dessas populações, negligenciadas pelo discurso midiático padrão, recentemente na história da televisão brasileira passa a integrar uma parte específica e ainda reduzida do conteúdo midiático no país. Surge nesse nicho televisivo uma outra concepção discursiva acerca das classes populares, uma visão positivada de seus hábitos e espaços de convivência. Um exemplo disso é o programa *Esquenta!*, cuja primeira temporada foi veiculada pela Rede Globo de Televisão durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2011[1].

Apresentado por Regina Casé, cuja figura profissional há muito está vinculada ao que tange ao popular (no sentido que se opõe ao erudito), o programa de auditório notadamente exaltou valores culturais, estéticos e ideológicos distintos dos que habitualmente figuram o restante da grade de programação da TV no tocante à exclusão, poder econômico e subalternidade.

Por meio da Análise do Discurso do referido programa, metodologicamente amparada pelos postulados de Foucault (2006) e Orlandi (1996), a pesquisa objetiva estudar os mecanismos acionados pelo produto midiático no processo de atribuição de sentidos à pobreza urbana brasileira. Ao analisar os elementos constitutivos desses discursos, procura-se identificar as continuidades e rupturas presentes no enunciado midiático acerca da exclusão e dos excluídos, um discurso que, em linhas gerais, diante de fatores mercadológicos que também são discutidos no trabalho, se apresenta multifacetado, como o próprio fenômeno que representa, mas também segmentado e por vezes contraditório.

Em que pese a forma explícita como esse contraste é veiculado na TV, ainda não foram cientificamente identificadas e estudadas as diferenças entre a caracterização do pobre e/ou da pobreza nos jornais e em certos programas de informação e entretenimento voltados

[1] O programa é exibido por temporadas, já tendo sido apresentado também de janeiro a março de 2012 e em junho de 2011 e 2012. Porém, tais episódios não fazem parte do escopo analítico da pesquisa, em função da descontinuidade temporal.

para esse público. Da mesma forma, poucos autores investigaram a questão pelo viés dos representados.

Tendo como base conceitos consolidados e caminhos já traçados por outros pesquisadores que discutem, por exemplo, as representações sociais (Moscovici), a subalternidade (Milton Santos, Spivak, Dagnino, Boaventura Santos), a dominação simbólica (Bourdieu, Foucault) e os processos de mediação comunicacional (Habermas, Martín-Barbero, Thompson, Sodré), pretende-se neste trabalho colaborar com o desenvolvimento da comunicação enquanto ciência a partir de uma análise que, além de mapear a(s) atual(is) natureza(s) das representações do já referido grupo social, também seja capaz de, por meio de uma pesquisa de campo, oferecer elementos para compreensão das intervenções que tais enunciados midiáticos realizam ou não na realidade social destas pessoas e grupos.

A análise do discurso é o ponto de partida que norteia as reflexões sobre um possível reposicionamento midiático da representação do pobre e de seus espaços de convivência. Porém, numa etapa posterior, o trabalho também procura alcançar a recepção desses enunciados, detectando as relações e ressignificações que tal conteúdo adquire sob a ótica dos próprios sujeitos representados. Nesse sentido, a dissertação também é composta por entrevistas realizadas com moradores de um bairro periférico de Goiânia, método que permite uma melhor localização teórico-prática dos conceitos discutidos e, à luz da teoria pós-colonialista, maior nitidez na percepção dos novos e dicotômicos enunciados que a televisão brasileira tem produzido sobre a pobreza no país.

1 GLOBALIZAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADES

Antigo e naturalizado pela humanidade, o problema da pobreza constitui um tema de difícil abordagem. Observado pelo prisma econômico, torna-se ainda mais evidente a sua banalização como fenômeno inexorável, uma vez que o modelo de produção capitalista tem como pilares o acúmulo de capital e a exploração do trabalho por meio da *mais valia*. O que chamamos globalização se expressa diariamente na vida das pessoas, por exemplo, pelo viés da interculturalidade, mas também da subalternidade e exclusão.

A sociedade global é, reconhecidamente, uma totalidade complexa e problemática, articulada e fragmentada, integrada e contraditória, uma vez que simultaneamente às forças que operam no sentido da articulação, integração e homogeneização, atuam também forças que afirmam e desenvolvem não só as diversidades, singularidades ou identidades, mas também hierarquias, desigualdades, tensões e antagonismos (IANNI, 2004, p.156).

Parte significativa das atuais discussões acadêmicas e midiáticas trabalha com uma abordagem determinista da chamada globalização, referindo-se a ela como um processo despersonalizado e implacável, como se alheia às vontades e estratégias humanas, uma espécie de *Tsunami* de ordem externa, para a qual as sociedades, invariavelmente expostas, deveriam se preparar e adaptar.

> A globalização exige, dos mais diversos protagonistas, um movimento de adaptação. Dissolve práticas e culturas estabelecidas, desequilibra o ordenamento em que se vivia e instaura uma dinâmica financeira e comercial de caráter extranacional, que escapa do controle dos Estados e padroniza as respostas por eles dadas à crise e às dificuldades de realização econômica (NOGUEIRA, 2001, p. 231).

Paulo Freire (2002) também tratou desse ideal de adaptação, referindo-se a uma ideologia determinista. Para ele, "frases como 'a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?' expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada" (FREIRE, 2002, p.10).

Assim, adaptação passa a ser parte do comportamento padrão do chamado cidadão global. Para sobreviver nesse novo mundo, conectado e interdependente, onde, seja no plano simbólico ou material, as fronteiras se tornam fluidas e reconstroem-se as noções de identidade, Nação e pertença, seria preciso, então, estar aberto a mudanças de paradigma, num constante movimento de encaixe: o mundo muda e as pessoas precisam acompanhá-lo. Acerca

dessa adaptação, que, com ares de modernidade, por vezes se traveste em uma suposta cultura global, Chesnais (1996) questiona: “Adaptar-se, mas ao quê?”. E responde:

> A necessária adaptação pressupõe que a liberalização e a desregulamentação sejam levadas a cabo, que as empresas tenham absoluta liberdade de movimentos e que todos os campos da vida social, sem exceção, sejam submetidos à valorização do capital privado (CHESNAIS, 1996, p. 25).

Disso decorre outra contradição, pois, apesar do desenvolvimento técnico-científico, a humanidade não caminha para a satisfação de suas necessidades de forma igualitária, mas pautada pela concentração de riquezas em detrimento da maioria, que permanece alijada de direitos fundamentais.

> Nunca a ciência, a técnica e os meios produtivos dispuseram de tantas e tão concretas possibilidades para colocar um fim a velhos males (fome e subnutrição, moléstias infecciosas antigas, carência de habitação, distribuição desigual da educação, etc.), mas a triunfante lógica da produção para o mercado do lucro privado impede que se libere o uso social dessas possibilidades extraordinárias (TRINDADE, 1998, p. 16).

Tal mundialização do capital não reverte – ao contrário, potencializa – o quadro de vulnerabilidade social e precariedade de condições a que estão submetidos milhões de indivíduos que vivem com baixa renda ou mesmo abaixo da linha de miséria, em condições limítrofes de subsistência. Contudo, as Ciências Sociais ou mesmo as Ciências Econômicas conhecem de fato esses indivíduos aos quais tanto se referem? Quem, afinal, são os pobres ou, ainda, o que é a pobreza?

A delimitação conceitual do que seja a pobreza ainda apresenta, mundialmente, uma grande diversidade. Muitas são as definições para este fenômeno e também variadas são as metodologias para sua aferição. Várias organizações internacionais e nacionais adotam critérios próprios no estabelecimento de políticas públicas e na realização de estudos voltados para a análise desses grupos sociais. Na bibliografia recente, a conceituação da pobreza vem sendo pautada tanto em termos relativos como absolutos, por vezes apenas com base no ponto de vista econômico e por vezes incorporando à análise outros elementos como o contexto sociopolítico (ROCHA, 2003, p. 15). A percepção da pobreza como conceito relativo inscreve-se no âmbito macroeconômico, assim como o conceito de pobreza absoluta.

A pobreza relativa relaciona-se diretamente à distribuição desigual de renda. É definida conforme o padrão social vigente, que classifica como pobres as pessoas que, quando comparadas aos indivíduos providos de mais recursos, estão na camada inferior da distribuição de renda. O conceito de pobreza relativa, portanto, define a situação do indivíduo que tem em menor quantidade algum atributo almejado, por exemplo, condições de emprego e renda ou poder.

O conceito de pobreza fundamentado exclusivamente na renda monetária implica na distinção entre pobreza absoluta da pobreza relativa. Uma medida de pobreza absoluta, ao atribuir um valor monetário limite entre pobres e não-pobres, pode ser definida de forma universal. A pobreza relativa, porém, diferencia-se de acordo com o contexto, pois está vinculada à exclusão social dos indivíduos em relação à sociedade em que vivem (ROCHA, 2003, p. 41).

A abordagem da pobreza absoluta se observa quando da fixação de padrões para o nível mínimo ou suficiente de necessidades, conhecido como linha ou limite da pobreza, que determina o contingente populacional que se encontra abaixo desse nível. Esse padrão de vida mínimo, apresentado sob diferentes aspectos, por exemplo, nutricionais, habitacionais, educacionais ou no âmbito do consumo, é geralmente avaliado a partir do cálculo da renda necessária para custeá-los. Das diferentes abordagens sobre o conceito de pobreza, foram desenvolvidas três concepções principais, a partir das quais se estuda esse fenômeno social desde o século XIX. São: sobrevivência, necessidades básicas e privação relativa.

O mais restritivo é o enfoque de sobrevivência, predominante nos séculos XIX e XX, até meados da década de 1950. Tal perspectiva origina-se no campo das necessidades alimentares, quando um grupo de nutricionistas inglesas realizaram estudos assinalando que a renda dos mais pobres não era satisfatória para a manutenção do rendimento físico do indivíduo, bem como para sua reprodução. Essa concepção, adotada inicialmente na Inglaterra, exerceu grande influência em toda a Europa, sendo posteriormente utilizada também pelo Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD).

Tal concepção norteou a formulação do primeiro modelo de proteção social para o Estado de bem-estar, o *Welfare State*. Sobre esse modelo, é recorrente a crítica de que seu objetivo, limitado à sobrevivência dos indivíduos, justificava baixos índices de assistência e a manutenção da condição de pobreza. Seria um modelo comprometido com o ideário liberal e, portanto, incapaz de modificar substancialmente a situação dos miseráveis (ROCHA, 2003, p. 48).

A partir de 1970, na conceituação da pobreza, bem como em ações para seu combate, passou a predominar a conotação de necessidades básicas, que trouxe para esse discurso novas exigências, vinculadas a serviços essenciais como saúde, saneamento básico, educação e cultura. Essa concepção representou uma ampliação da anterior, que valorizava a sobrevida, e ganhou espaço no discurso dos órgãos internacionais, principalmente aqueles que integram a Organização das Nações Unidas (ONU). Mas na década seguinte, o enfoque foi novamente modificado, dando lugar à ideia de pobreza enquanto privação relativa.

O conceito buscava uma formulação científica mais consistente. Ao enfatizar o aspecto social e promover comparações entre diferentes estudos internacionais, essa abordagem estabeleceu que sair da linha de pobreza significava ter acesso a um conjunto mais amplo de direitos: regime alimentar adequado, conforto, comportamentos socialmente adequados. Porém, concomitante a essa perspectiva, ganhou força o chamado *Consenso de Washington,* tese de conceitos econômicos que pregavam que o bom funcionamento dos mercados por si só geraria sociedades prósperas capazes de remediar naturalmente os problemas oriundos da pobreza. Ícone do neoliberalismo econômico, essa tese gerou uma convergência política, sendo mundialmente apreciada pelas instituições multilaterais de crédito. Acerca dessa formulação de diagnósticos sobre os chamados países periféricos, Maranhão (2009), escreve:

> O lugar dessa convergência foram os documentos do Banco Mundial, que a partir da segunda metade da década de 1980 começam a trazer uma análise orientada para as políticas (*policy-oriented*), enfatizando a necessidade de reformas estruturais voltadas para desregulamentação dos mercados, privatização do setor público e a redução do Estado – a agenda sintetizada no Consenso de Washington (MARANHÃO, 2009, p. 42).

O enfoque da privação relativa, contudo, atingiu relevância entre os teóricos, tornando-se um conceito com variáveis mais amplas, que chamavam a atenção para as diversas esferas e níveis de privação e consideravam, ainda, a inter-relação entre o grau de privações sofridas por um indivíduo e seu posicionamento em outros campos da vida.

> Deve-se salientar que as privações podem ocorrer em quaisquer ou todas as esferas da vida: no trabalho, domínio que provê os recursos determinantes para que os indivíduos se posicionem em outras dimensões da vida; no lar, na vizinhança e na família; enfim, em uma diversidade de atividades sociais e individuais em que diversos papéis sociais são desempenhados (TOWNSEND, 1993, p. 36 apud CODES, 2008, p. 18).

Na década de 1990, o Banco Mundial criou o conceito de Linha de Indigência. Nessa categoria, os indigentes, estariam os indivíduos cuja renda fosse restrita a US$ 1 por dia, cerca de R$ 50,00 por mês. Em 2008, esse valor foi alterado, passando para US$ 1.25 por dia. Outra categoria utilizada pelo Banco Mundial e largamente reproduzida nos estudos e políticas públicas em todo o mundo é a chamada Linha da Pobreza, onde figuram aqueles que ganham até US$ 2 por dia, aproximadamente R$ 100,00 mensais. Já a United Nations Development Programme (UNDP) adota uma definição mais abrangente em seus estudos sobre baixa renda, considerando como parte desse grupo as pessoas que precisam viver com menos de US$8 diários, por considerar como necessidades básicas questões que vão além da subsistência alimentar.

No Brasil, essa multiplicidade de referências no tocante à conceituação da pobreza também é recorrente. São difusas tanto a metodologia de cálculo quanto a caracterização de cada uma das classes, de modo que há divergências e uma indefinição acerca do que possa ser denominado baixa renda. As correntes mais difundidas são o Critério Brasil, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) e a classificação baseada na faixa de renda familiar, realizada pelo IBGE.

Para ambas as perspectivas, fazem parte desse grupo considerado de baixa renda as classes C, D e E. Porém, mesmo essa determinação dos limites de renda de cada classe não é consensual. A visão do IBGE, por exemplo, é baseada no número de salários mínimos obtidos mensalmente por um grupo familiar. Nessa perspectiva, há apenas 5 faixas distintas de renda ou classes sociais: Na classe E, as famílias com até 2 salários mínimos (R$ 1.244,00); pertencentes à classe D, as famílias cuja renda esteja entre 2 a 4 salários mínimos (de R$ 1.244,00 a R$ 2.488,00); Na classe C, os grupos familiares com renda de 4 a 10 salários mínimos (de R$ 2.488,00 a R$ 6.220,00); são integrantes da classe B aquelas famílias com renda de 10 a 20 salários mínimos (R$ 6.220,00 a R$ 12.440,00) e na classe A estão aquelas com renda superior a 20 salários mínimos, que correspondem atualmente a R$ 12.440,00.

Já a perspectiva da ABEP, utilizada por grande parte dos institutos de pesquisa, não leva em conta apenas a faixa salarial, mas principalmente o consumo de itens domiciliares de conforto e o grau de escolaridade do(a) chefe da família. O método chamado Critério Brasil é um instrumento de segmentação econômica, que atribui pontuação de acordo com as características domiciliares. São consideradas, por exemplo, a posse de eletrodomésticos, a existência de empregados mensalistas e a quantidade de banheiros na residência. A soma desses pontos define os estratos A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E. O critério é utilizado desde 2008 e os atuais parâmetros são utilizados desde abril de 2011, quando atualizados pela ABEP.

Ainda na análise da trajetória dos índices de pobreza no mundo, vemos que, segundo a já citada perspectiva metodológica do Banco Mundial, apenas na primeira metade da década de 2000, caiu em 18,8% a pobreza extrema no mundo, redução que começou ainda no início da década de 1980. O número de pessoas consideradas pobres em 1981 era de 1.896 bilhão, sendo que em 2005 esse número caiu para 1.377 bilhão. Essa queda se confirma em termos absolutos, mas possui nuances geográficas muito demarcadas, conforme consta no comunicado do IPEA (2010).

> A saída de 520 milhões de pessoas da condição de extrema pobreza entre 1981 e 2005 (-27,4%) se deu fundamentalmente pelo que ocorreu no Leste Asiático e Pacífico (-755,3 milhões de habitantes) e no Oriente Médio e África do Norte (-2,7

> milhões de pessoas). Ou seja, o importante efeito da expansão da China teve impacto inegável sobre a redução da pobreza mundial, pois no resto da agregação das regiões do mundo houve elevação na quantidade de extremamente pobres, como o acréscimo de 176,9 milhões de pessoas na África Subsaariana; de 47,3 milhões a mais no Sul da Ásia; de 10,2 milhões na Europa do Leste e Ásia Central; e de 4,1 milhões adicionais na América Latina e Caribe na comparação do mesmo período de tempo (IPEA, 2010, p.4).

Assim, a balança geográfica da pobreza extrema no mundo foi se modificando em conformidade com as novas rotas da economia. As principais alterações resultaram da redução da quantidade de pessoas abaixo da linha de miséria no Leste Asiático e Pacífico, regiões que em 1981 registravam 56,5% da totalidade de miseráveis do mundo e passaram, em 2005, a corresponder a 23% desse total.

O oposto ocorreu com o Sul da Ásia, que no fim da década de 1990 respondia por 11,3% e no referido levantamento passou a ocupar a primeira posição, com 43,3% do total de pessoas miseráveis segundo os critérios do Banco Mundial (IPEA, 2010, p. 6). Nesses índices, também houve aumento na participação do Leste Europeu e Ásia Central, que de 0,4% do total mundial de pobreza extrema passaram a detectar 1.3%. Na América Latina e Caribe, os números passaram de 2.2% para 3.4%. No Oriente Médio de 0,7% para 0,8% (IPEA, 2010, p.7).

Entre 2005 e 2008, o número de pobres que vivem com menos de US$ 1,25 por dia apresentou queda em níveis recorde na América Latina. Segundo o Banco Mundial, a redução para 6,5% da população pobre foi a tendência apresentada nesse período em todos os países em desenvolvimento. Em 2008, cerca de 1.3 bilhão de pessoas, que equivale a 22% da população dos países em desenvolvimento, viviam em extrema pobreza. Segundo os critérios do Banco Mundial, portanto, foi reduzido em 50% o contingente de pobreza mundial comparado a 1990, quando teve início a avaliação sistemática e integral da pobreza no mundo.

Embora ainda não haja um relatório oficial do Banco Mundial com informações consolidadas sobre os últimos 4 anos, pesquisas preliminares da instituição revelam que a pobreza extrema cresceu em 2009, ano de grande crise econômica internacional, mas que a trajetória de redução desse índice continuou em 2010, quando registrou-se cerca de 1.160 bilhão de pessoas extremamente pobres em todo o mundo. Mediante tais estatísticas, os organismos internacionais comemoram o alcance da meta número 1 dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM), que consiste na erradicação da metade da pobreza extrema entre 1990 e 2015. Em termos relativos, a meta foi atingida bem antes do prazo final.

Mas esses dados que apontam a diminuição da quantidade de pessoas que vivem abaixo da linha da miséria no mundo não dão conta da real gravidade do problema. A estatística não é sensível, por exemplo, aos milhões que deixaram de viver com até US$ 1.25 por dia, mas ainda não atingiram sequer a próxima unidade da moeda, ou seja, a referida estatística de queda da pobreza extrema parece servir muito mais às organizações internacionais que, distantes do problema, precisam anunciar o sucesso da economia mundial, que propriamente aos que estão no limite da sobrevivência, à margem desse sistema econômico. Isso porque, a despeito de estarem fora da faixa que demarca a linha da pobreza extrema, ainda coexistem com toda sorte de necessidades, desconsideradas por esse tipo de classificação.

Tratar como pobreza apenas a situação dos que se encontram à beira da morte por falta do mínimo para nutrição seria institucionalizar a banalização da vida quando socialmente hierarquizada e excluída desse modelo de civilização. Bourdieu *et al* (1998) fazem, em "A Miséria do Mundo", uma leitura muito mais detalhada da questão, fornecendo a esse debate elementos mais condizentes com as dimensões da pobreza que bilhões de seres humanos experimentam na prática de suas vidas estigmatizadas. O estudo realizado com pessoas pobres da França traz relatos produzidos por sociólogos a partir da observação de diferentes esferas do estado de privação e representação pejorativa sobre os pobres, principalmente no âmbito da mídia.

Ao analisar o desequilíbrio das relações entre os indivíduos, Bourdieu (1998) coloca em evidência os sofrimentos horizontais, próprios de uma classe ou grupo, o que ele classifica como miséria de condições; e trata também da chamada miséria de posições, que abrange aflições verticais, as que ocorrem no interior de uma mesma categoria ou grupo. São aspectos que determinam o sentimento de classe e mesmo a formação de uma identidade coletiva, que envolve o compartilhamento de um espaço social, uma cultura de classe, relações que se estabelecem, sobretudo, no âmbito do poder simbólico da formação discursiva.

> Uma luta pela conservação ou pela transformação do mundo social por meio da conservação ou da transformação da visão do mundo social ou, mais precisamente, pela conservação ou pela transformação das divisões estabelecidas entre as classes por meio da transformação ou da conservação dos sistemas de classificação que são a sua forma incorporada e das instituições que contribuem para perpetuar a classificação em vigor, legitimando-a (BOURDIEU, 2002, p.174).

Esse prisma que percebe a divisão de classes no campo do poder simbólico e que trata a pobreza para além da extrema escassez nos serve como principal norte conceitual no desenvolvimento desse trabalho. A partir dessa visão, parece possível compreender a pobreza

no âmbito da socialização, o que pode conduzir também à percepção da identidade e da representação social. Antes, porém, faz-se necessária uma atenção aos dados que remontam ao problema na atualidade, sobretudo com o recorte geográfico sobre o qual se debruça o presente trabalho.

1.1 Emprego, Renda e Desigualdade no Brasil

Na realidade brasileira, nota-se que, apesar da ampliação dos programas governamentais de transferência de renda e grande quantidade de políticas assistenciais que visam ao suprimento das mais básicas necessidades da população pobre, ainda é aterradora a intensidade e extensão da pobreza que atinge largas parcelas da população. Situado no ranking das nações mais desiguais do mundo, o Brasil figura também entre os países com maior quantidade de recursos e riquezas, considerado pelo Banco Mundial como uma das dez maiores economias do planeta.

De acordo com o Instituto de Pesquisa de Estatística Aplicada (IPEA, 2007, p. 18), cerca de 2 milhões de pessoas, que correspondem ao grupo 1% mais rico da população do pais, em 2007 possuíam 13% de toda a renda domiciliar brasileira, o mesmo valor apropriado pelos 50% mais pobres, em torno de 80 milhões de pessoas. Eis a grande contradição brasileira: o descompasso entre os indicadores econômicos e os sociais.

Ao mesmo tempo em que abriga um Produto Interno Bruto semelhante ao de ricos países da Europa, tantos desses 190 milhões de brasileiros ainda passam fome e toda sorte de outras necessidades. O fator que explica esse aparente paradoxo é a concentração de renda, explícita nas estatísticas que constituem a economia do país.

> Entre 1995 e 2008, por exemplo, a queda média anual na taxa nacional de pobreza absoluta (até meio salário mínimo *per capita*) foi de -0,9%, enquanto na taxa nacional de pobreza extrema (até ¼ de salário mínimo *per capita*) foi de -0,8% a.a. Para o período 2003/08, a queda média anual na taxa nacional de pobreza absoluta (até meio salário mínimo *per capita*) foi de –3,1%, enquanto na taxa nacional de pobreza extrema (até ¼ de salário mínimo *per capita*) foi de -2,1% a.a. Em todos os períodos de tempo considerados, a taxa de pobreza cai mais rapidamente que a diminuição na medida de desigualdade. O que significa dizer que o combate à pobreza parece ser menos complexo que o enfrentamento da desigualdade de renda (IPEA, 2010, p. 8).

Ainda segundo dados do IPEA, em 2007, 30,3% da população eram consideradas pobres pelos critérios do Instituto, a saber, renda mensal domiciliar *per capita* de até meio salário mínimo. 11,5% do total da população eram classificadas como extremamente pobre, ou seja, possuíam renda mensal domiciliar *per capita* restrita a no máximo ¼ de salário

mínimo. Esse grau de pobreza é muito superior à média apresentada pelos países com renda *per capita* próxima à brasileira. Nessas nações, a exemplo da Itália, os percentuais de pobreza são inferiores a 10%, isto é, cerca de 3 vezes menores que os índices então vivenciados no Brasil.

Essa desigualdade também se manifesta no espaço agrário, onde a concentração de terras sob propriedade de latifundiários e grandes empresas deixa em situação de precariedade os milhões de pequenos proprietários e trabalhadores rurais sem terra. No ambiente urbano, figura como um dos principais problemas o déficit habitacional, que em 2007 estava calculado em cerca de 8 milhões de moradias, sendo que 90,3% dessa demanda atingem famílias em condição de pobreza, com renda mensal de até 3 salários mínimos (IPEA & SPI, 2007).

No âmbito das políticas públicas do governo federal, novos critérios de estratificação social foram divulgados em maio desse ano pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). Nesse prisma, muitos que antes eram considerados pobres passam a ser inseridos como classe média, esta dividida em subclasses, definidas pela renda mensal per capita. Na baixa classe média estão os indivíduos com renda entre R$ 291,00 e R$ 441,00; Na média classe média, ficam as pessoas com renda de R$ 442,00 a R$ 641,00; Na alta classe média, os indivíduos que recebem mensalmente entre R$ 642,00 e R$ 1.019,00. Dessa maneira, a classe média passa a representar 54% da população brasileira, número que em 2001 era de 37%. Os novos critérios do governo também foram utilizados na divisão da elite econômica: a baixa classe alta tem renda per capita de R$ 1.019,000 e R$ 2.480,00; já a categoria alta classe alta é aquela com renda superior a essa faixa.

Em relação aos demais grupos, a Secretaria estabeleceu que serão consideradas vulneráveis as famílias cujos indivíduos possuam renda per capita entre R$ 163,00 e R$ 291,00. Os classificados como pobres são aqueles com 82,00 e R$ 162,00. Há, ainda, os extremamente pobres, que possuem ganhos inferiores a R$ 81,00. A falta de consenso para a conceituação da pobreza denota a complexidade do fenômeno, bem como a diversidade de interesses em torno da abordagem estatística.

O Censo Demográfico 2010 mostrou que a desigualdade de renda ainda é marcante no Brasil, apesar da tendência de redução notada nos últimos anos. Segundo o IBGE, em 2010 a média nacional de rendimento domiciliar *per capita* era de R$ 668,00. Apesar disso, 25% da população recebiam até R$ 188,00 por mês e metade dos brasileiros ganhava até R$ 375,00. Isso correspondia a menos que o salário mínimo, que naquele ano era de R$ 510,00.

Em janeiro de 2012, uma pesquisa[2] realizada entre os países que integram o G20, mostrou que nesse grupo de 20 países, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking da desigualdade. De acordo com a pesquisa, em termos de desigualdade social e má distribuição de renda, o país fica atrás apenas da África do Sul. O estudo mencionou os esforços do governo brasileiro no tocante ao combate à pobreza e avaliou como relevantes os programas de transferência de renda que vem sendo realizados no país. Porém, considerou, ainda, que se houver aumento da desigualdade nos próximos anos, nem mesmo o expressivo crescimento econômico refletido no Produto Interno Bruto (PIB) poderia conter a significativa quantidade de brasileiros que vivem na pobreza.

O que ocorre é que esses problemas têm profundas raízes históricas. Em nenhum dos regimes governamentais pelos quais passou – Colônia, Império e República – o Brasil promoveu efetivamente a inclusão dos mais pobres. Uma maior atenção a esse fator econômico e social foi fortalecida nas administrações presidenciais de Luís Inácio Lula da Silva e os resultados são expressos pelas estatísticas de ascensão social e redução da miséria, mas por se tratarem de medidas paliativas ao invés de reformas definitivas, tais métodos também não se configuram como estratégias que realmente enfrentam e modificam significativamente a histórica exclusão e desigualdade social brasileira.

A esse processo de desenvolvimento que ocorre por meio da administração paliativa da pobreza, os especialistas denominam modernização conservadora. Significa dizer que o Estado produz transformações na economia, mas sem rescindir a ordem econômica e social já estabelecida. No Brasil, essa questão se expressa, por exemplo, no prevalecimento da informalidade no mercado de trabalho, processo que se dá como forma de protelação ao desemprego. As pessoas submetem-se a condições deploráveis de salário e trabalho, o que, por sua vez, aumenta mais a liberdade do capital para flexibilizar, ou seja, precarizar as relações trabalhistas (TRINDADE, 1998, p. 162).

Uma faixa superior a 50% dos trabalhadores(as) brasileiros(as) estão nessa situação: ocupados, porém desprovidos de qualquer direito trabalhista para além da remuneração referente ao próprio trabalho. Ou seja, esses trabalhadores encontram-se amparados apenas por sua própria força produtiva, dados que demonstram que uma das nações mais ricas do mundo ainda está longe de universalizar o acesso ao assalariamento e garantir condições mínimas de proteção social para grande parte de seus trabalhadores.

[2] A pesquisa '*Deixados para trás pelo G20?'* foi publicada em janeiro de 2012, sob responsabilidade da Oxfam, entidade de combate à pobreza que atua em 92 países.

Porém, o relatório "A década inclusiva (2001-2011): Desigualdade, Pobreza e Política de Renda"[3] traz estatísticas mais otimistas. O documento mostrou que na última década, o Brasil reduziu a desigualdade social, fato que não ocorria de forma contínua e não chegava a índices tão baixos desde 1960. Em 2012, o Índice Gini[4] chegou a 0,527. De acordo com o relatório, a redução da desigualdade foi resultante da elevação da renda. Algumas categorias destacadas: Trabalho (responsável por 58%), Previdência (19%), Programa Bolsa Família (13%), Benefício de Prestação Continuada (4%) e outras (6%).

A pesquisa também mostrou que a renda subiu mais para os analfabetos (88,6%) do que para aqueles que têm mais de 12 anos de estudo (queda de 11,1%). Segundo os dados da Pnad 2011, os 10% mais pobres tiveram aumento real de renda (91,2%) maior que os 10% mais ricos (16,6%). Do mesmo modo, cresceu mais no Nordeste (72,8%) que no Sudeste (45,8%) e teve elevação maior nas zonas rurais pobres (85,5%) que nas cidades (57,5%). A partir da Pesquisa Mensal do Emprego (PME), do IBGE, os pesquisadores do IPEA demonstram que a renda média do brasileiro continua crescendo – 5,7% entre junho do ano passado e de 2012. No mesmo período, o Índice Gini caiu 3,2% e a pobreza nas metrópoles foi reduzida em 11,1%.

É interessante notar que esse crescimento da renda amplia a capacidade de consumo da nova baixa classe média, mas mantém problemas estruturais como inadequadas condições de habitação, falta de serviços e equipamentos públicos de qualidade voltados para a educação, saúde, transporte, segurança etc, fatores que demonstram a precariedade das condições de vida das classes de baixa renda no país. É importante situar, ainda, que comunidades periféricas e indivíduos agora considerados de classe média baixa também passam por esses problemas e, mesmo que não entrem nas estatísticas acerca da pobreza no Brasil, estão sujeitos, talvez em menor escala, às condições de pobreza e dilemas simbólicos característicos da vida dos pobres. Diante disso, a pesquisa de campo realizada neste trabalho, faz perceber que a auto-identificação das pessoas em relação à classe social em que estão inseridas não obedece a segmentação estabelecida pelos institutos de pesquisa e pelo governo. Com renda mensal de até 1,5 salário, todos os entrevistados consideraram-se pobres, uma identidade social que já não se encerra estritamente nos índices de renda *per capita.*

[3] Relatório produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), desenvolvido a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011 (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

[4] O Índice Gini mede a desigualdade nos países. Quanto mais próximo de 0, menos desigual é um país. Em 2001, o Índice Gini no Brasil era 0,61 e, em 1960, era 0,535.

1.2 Pobreza e Classe Social para além do aspecto econômico

Como fora até aqui tratado, o campo da economia clássica percebe a pobreza enquanto insuficiência de renda, sendo esse critério o fator mais preponderante na definição da qualidade de vida dos sujeitos, considerando que o acesso aos bens e serviços ocorre sob a regência do mercado, logo, de forma monetarizada. Assim, a presença/ausência de renda, bem como sua suficiência/insuficiência tornam-se valores escalares para determinação da pobreza.

Para Rocha (2003), definir uma linha de pobreza é estabelecer um valor monetário associado ao custo do atendimento das necessidades médias de uma pessoa de determinada população. A ideia tradicional de linha de pobreza está associada ao conceito de pobreza absoluta, que corresponde ao não atendimento das necessidades mínimas vitais relativas à sobrevivência física. Porém, enquanto fenômeno multideterminado, a pobreza perpassa diversas outras esferas que não restritamente econômicas.

Em sociedades nas quais o mínimo vital já é assegurado a todos, utiliza-se mais amplamente a ideia de pobreza relativa, que define outras necessidades a serem satisfeitas em função do modo de vida predominante. Ainda conforme Rocha (2003), percebe-se, nesses casos, uma gradação na preocupação das políticas públicas, que passam a incorporar entre seus objetivos a redução das desigualdades sociais e garantia de outros direitos humanos para além do suprimento físico necessário à reprodução da força de trabalho.

Em que pese a predominância da avaliação a partir do critério de renda e, apesar do fato de que a linha de pobreza seja instituída em termos de pobreza absoluta, encontra-se na literatura sobre o tema uma forte tendência pela defesa da inserção de paradigmas não econômicos no exame das condições de vida das pessoas, ou seja, a determinação da chamada pobreza relativa, que, para além da ausência extrema de recursos financeiros, trate de medidas socioeconômicas mais abrangentes, que incluam também outras dimensões fundamentais da vida e da condição humana (ROCHA, 2003, p. 52).

A autora estabelece a abordagem das necessidades básicas, *basic needs*, segundo a qual a conceituação de um indivíduo como pobre equivale à falta de acesso a bens primários, identificados como insumos que atendem às necessidades humanas elementares. Essa concepção não se encerra nas necessidades alimentares, mas incorpora um conjunto mais amplo de anseios, como educação, saneamento, habitação, etc.

Assim, temos que a perspectiva das *basic needs* reconhece o caráter multidimensional do fenômeno e, nesse ponto em que se diferencia da abordagem substanciada apenas no critério renda, aparta-se da linha tradicional dos estudos da pobreza. À

expressão dos valores monetários e estatísticas de renda, somam-se parâmetros que refletem "resultados efetivos em termos de qualidade de vida" (ROCHA, 2003, p. 20). Já em Sposati (1998) vemos a exclusão social como privação de aspecto também coletivo, enquanto negação da cidadania:

> A exclusão social inclui, além da insuficiência de renda, a discriminação social, a segregação espacial, a não-equidade e a negação dos direitos sociais. Situações de exclusão seriam caracterizadas pela carência de serviços públicos essenciais, impossibilidade de reivindicação dos direitos sociais, falta de participação política, viver em situações de violência ou sob precária condições de vida (SPOSATI, 1998, p.4).

Obviamente, não se trata de desvincular a pobreza da ideia de classe social, conceito que na literatura tradicional está tão intrinsecamente relacionado à renda, como será melhor discutido posteriormente. É inevitável e correta a associação entre baixa renda e pobreza, porém, para a corrente que defende a existência de fatores de ordem não econômica na determinação do grau de pobreza de uma pessoa, outros critérios assumem relevância nesse quadro conceitual. Para esse prisma, é importante agregar também dimensões não econômicas ao estudo da pobreza, a fim de categorizar outros aspectos que compõem o quadro determinante da qualidade de vida dos indivíduos em sociedade. Contribuições dessa natureza remontam às questões de ordem ética e moral a que se filiam as aparentemente objetivas concepções calcadas na materialidade.

Essa pobreza, que não se restringe ao aspecto econômico, não pode ser somente medida através das estatísticas oficiais. Trata-se de um modo de vida, cercado por uma teia de significações compostas por auto-imagens e representações sociais do imaginário coletivo. Rufino Santos (2004) define bem a questão em seu conceito sobre os pobres:

> São os despossuídos, não de qualquer posse, mas de território, de casa, de emprego (embora não de trabalho) de local, (embora não de lugar) de família (embora não de nome) e enfim, do próprio corpo (no caso dos escravos e servos da Colônia e Império). São, em suma, um estado nômade (SANTOS, 2004, p.29).

A moral cria códigos de comportamento e normas na direção de um campo impositivo e utilitário que configura relações de dominação, expressas em sentenças peremptórias que determinam, no interior da sociedade, quais devem ser os pensamentos, atitudes e crenças que nortearão as percepções de mundo. Sobre o pobre, a acepção mais frequente nesse âmbito refere-se a uma fórmula estanque, determinada não por aquilo que é, mas pelo que lhe falta. É na desvalorização das forças e potencialidades do sujeito que reside essa figura atingida pela pobreza, essa ideia de pobre enquanto improdutivo, sem valor, desprotegido, desfavorecido, incapaz, excluído, etc.

Do pobre só deve ser apropriada sua força de trabalho e o que ele pode oferecer em termos de contribuição para a manutenção de privilégios, concentrações de riqueza e consolo de consciências. A preponderância de uma noção amorfa de pobreza não atinge apenas os chamados pobres. Ao contrário, perpassa todos os campos da sociedade, o que se expressa, por exemplo, no medo da violência atribuída às diferenças sociais, nos dispositivos políticos para segregação que se pretende justificável em nome da segurança pública.

O discurso criminalizante é um dos principais mecanismos dessa representação pejorativa, mas a análise do cotidiano sustenta que o que quer que seja proveniente do chamado pobre sofre intolerância e tende a ser julgado como repulsivo, desinteressante ou mesmo incorreto. Refere-se às classes perigosas, de comportamentos vulgares, pessoas sem educação ou consciência, sujos, feios, os que não sabem e não podem, rótulos impregnados no imaginário coletivo, representações que minimizam as perspectivas de vida das classes populares, conforme será melhor analisado mais adiante.

1.2.1 Classe Social: Marx, Habermas e Bourdieu

Renda, propriedade privada e trabalho são elementos fundamentais para a definição tradicional de classe social, que tem em Marx (1984) um de seus principais expoentes. O materialismo de Marx e Engels parte da relação entre indivíduo e sociedade, conceituando-a numa divisão dualista: os capitalistas e o proletariado. Nessa concepção de sociedade, toda produção só é possível por meio do relacionamento entre essas classes e é também nessa relação de produção que se define o sentido de classe.

Por classe, Marx entende um grupo de pessoas que ocupam a mesma posição nas relações produtivas. Tais indivíduos e agrupamentos desenvolvem relações contraditórias que resultam do próprio processo de produção, no qual a chamada classe dominante detém os meios produtivos e se impõe à classe dominada por meio de ideologia. Para o autor, o trabalho é que media essa relação; trabalho esse que pode ser material ou intelectual.

Essa divisão do trabalho também ocorre de forma desigual, já que a classe que detém os meios de produção material também possui os meios de produção intelectual, de modo que o pensamento de uma determinada época é correspondente à ideologia da classe dominante e, portanto, hegemônica. Nesse prisma, os grupos têm como função submeter ou serem submetidos, de modo que o processo de produção deixa de ter como objetivo o atendimento às necessidades básicas do homem, mas passa a ser uma estratégia para acúmulo

de capital e, por consequência, de poder; um poder conquistado por uma relação de exploração do trabalho de outrem e que retroalimenta esse ciclo.

O poder do capital, que se origina na exploração de uma classe pela outra, é também o que mantém essa condição de exploração em detrimento da qualidade de vida da classe operária que gera a riqueza. Na centralidade do conceito marxista está o pensamento de que tal regime resulta de um processo histórico anterior e que nele o próprio trabalhador se converte em mercadoria, posto que vende sua força de trabalho.

> Temos que conceber a interconexão essencial entre a propriedade privada, a ganância, a separação do trabalho (...) partiremos de um fato econômico-político, presente: o trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se fez coisa, é a objetivação do trabalho (MARX, 2003, p. 112-113).

Marx (1985) conceitua o mundo capitalista enquanto "formação social em que o processo de produção domina os homens, e ainda não o homem o processo de produção" (MARX, 1985, p.76). Nesta concepção, é como se as mercadorias ganhassem vida própria, um caráter metafísico. Para além de serem frutos do trabalho humano, que adquirem significado social através das relações de trocas entre os homens, passam a protagonizar uma relação autônoma entre coisas. Nisso consiste o caráter fetichista da mercadoria sob condições capitalistas. Habermas (1983), assim como Marx, admite que os conflitos entre classes motivem os problemas de legitimidade estatal. Este, porém, desloca a questão do campo da Economia Política para o caráter sociológico da formação de identidades coletivas.

> Não é particularmente surpreendente que os conflitos de classe estejam na base dos diversos fenômenos de ilegitimação; a organização estatal da sociedade é a mais importante condição de uma estrutura de classe no sentido marxiano. Naturalmente, os conflitos de legitimidade não são regularmente travados em termos de conflito econômico, mas sim no plano das doutrinas legitimadoras. Tais conflitos de legitimidade devem se ligar às definições de identidade coletiva (HABERMAS, 1983, p. 223).

O autor analisou o pensamento de Marx e sobre ele lançou algumas críticas. Uma das principais diz respeito à subalternidade atribuída ao homem que, seja na condição de proletário ou mesmo de proprietário capitalista, aparece nesse jogo de forças apenas em função do capital, ou seja, um suporte das relações sociais em que o protagonismo é conferido ao próprio capital. Sobre tal conceito, que na obra de Marx recebe o nome de coisificação, Habermas enumerou algumas debilidades.

A primeira em função de considerar inconsistente o sentido atribuído à ideia de alienação no pensamento de Marx, visto que inicialmente o autor critica o trabalho alienado a partir de um modelo estético de ação transformadora do mundo, no qual o ato de produzir não se finda na funcionalidade do produto, mas torna-se expressão do ser social do produtor.

Pensado como artesão, não apenas operário, ao desenvolver seu trabalho o sujeito também desenvolve seu próprio ser.

> A relação do trabalhador ao trabalho gera a relação do capitalista (ou seja, qual nome que o senhor do trabalho se quiser dar) também ao trabalho. A propriedade privada constitui, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho alienado, da relação externa do trabalhador à natureza e a si mesmo. A propriedade privada deriva assim da análise do conceito de trabalho alienado, da vida alienada, do homem estranho a si próprio (MARX, 2003, p.169).

Assim, a coisificação do mundo da vida do trabalhador seria, nessa primeira acepção encontrada no pensamento de Marx, resultado do estranhamento diante do seu próprio trabalho, este que, pela alienação inerente ao processo, o trabalhador já não conseguiria reconhecer como sua obra. Habermas sustenta que esse modelo estético já não se encontra na análise de *O Capital*, obra mais cientificamente precisa, em que Marx se dedica ao estudo do modo de produção capitalista. Nessa obra, a alienação consiste na instrumentalização da vida dos trabalhadores em função de um processo produtivo que os subordina, formal e materialmente, ao auto-movimento do capital, processo social no qual as coisas são personificadas e as pessoas são coisificadas.

Para Habermas, contudo, há nisso um conceito de vida mutilada em suas possibilidades; conceito que ele julga não estar em congruência com a realidade histórica da época moderna, constituindo-se demasiadamente abstrato e ambíguo por não fundamentar-se em uma racionalização que afeta o mundo da vida (HABERMAS, 1987, p. 482), sobretudo considerando a diferenciação das estruturas simbólicas que se modificam e constroem os sistemas.

Além de postular que este conceito de coisificação não é amplo o suficiente para perceber todas as formas de coisificação observadas nas sociedades pós-tradicionais, Habermas também questiona que tais conceitos não oferecem bases suficientes para a compreensão das coisificações, já que estas precisam ser observadas dentro de uma realidade submetida às influências peculiares dos imperativos sistêmicos.

> A separação entre cultura, sociedade e personalidade também inflige dor àqueles que crescem nas sociedades modernas e aí desenvolvem sua identidade. Quando predominam as formas de vida pós-tradicionais, essa dor tem que ser considerada como individualização e não como alienação. No mundo da vida amplamente racionalizado, a coisificação só pode ser medida utilizando como critério as condições de socialização comunicativa em geral e não uma evocação nostálgica, muitas vezes romanticamente idealizada do passado a partir das formas de vida pré-modernas (HABERMAS, 1987, p. 483).

As concepções de Marx, portanto, estariam comprometidas pela temporalidade, pela forma como não se adequam à complexidade das modificações da sociedade, por exemplo, em função da necessidade de constante manutenção da legitimidade do Estado,

prerrogativa para os governos em sistemas políticos democráticos. A sociedade moderna conjuga aspectos de uma sociedade capitalista avançada com aspectos de uma sociedade industrial. Como se tratam de questões intrínsecas, mudanças na forma de conceber o Estado implicam também num remanejamento da própria ideia de classe, discussão que ocupa papel relevante na pesquisa sociológica contemporânea. As interpretações são múltiplas e vão desde as que corroboram o esquema proposto por Marx até as que negam peremptoriamente a existência de classes. Nesse intervalo estão os autores que pensam classes sociais como fenômeno complexo já não apenas calcados nas relações de produção capitalista, mas em outras formas de poder, atribuindo bastante relevância, por exemplo, ao poder simbólico.

Habermas também critica que Marx não explicita a vinculação entre trabalho e interação, mas que este as conecta no conceito de práxis social e, assim, engloba na ação instrumental a comunicativa, à qual Habermas enfatiza. Para o autor, o enfraquecimento das lutas sociais é fator permanente no capitalismo desenvolvido e a luta de classes passa a ocorrer também no âmbito da comunicação, da linguagem e suas correlações com a construção de identidades coletivas.

Escrevendo no início dos anos de 1980 acerca de suas observações das sociedades ocidentais da época, Habermas (1988) notou desvios nos padrões de conflito. O autor detectou que os questionamentos já não se encerravam no âmbito da reprodução material, nem mesmo se desenvolviam a partir das mesmas instituições de outrora (partidos políticos, associações, etc). Sobre a natureza contemporânea das diferentes subversões e reivindicações, o autor escreveu:

> Os novos conflitos surgem antes em âmbitos da reprodução cultural, da integração social e da socialização; desenvolvem-se em formas de protesto subinstitucionais, em todo caso extra-parlamentares; e no déficit subjacente se reflete uma coisificação dos âmbitos de ação estruturados comunicativamente, ao qual não se pode fazer frente através dos meios dinheiro e poder (HABERMAS, 1988, p. 576)

Para o autor, nas fendas entre sistema e mundo da vida se instala, nas sociedades avançadas, uma nova dinâmica social, dotada de potencialidades emancipatórias, novos métodos e sentidos para os movimentos de protesto e resistência:

> Não se trata primariamente de compensações que o Estado social possa outorgar, mas sim da defesa e restituição de formas de vida em perigo ou da implementação de formas de vida reformadas. Em suma, novos conflitos não surgem em torno de problemas de distribuição, mas sim em torno de questões suscitadas por uma gramática das formas de vida (HABERMAS, 1988, p. 576).

Assim, o autor identifica uma nova forma de organização social, que não se estabelece apenas em função de fatores como renda ou posição na cadeia produtiva, mas em torno de necessidades, interesses e ideais comuns. Movimentos reivindicatórios formados por

indivíduos que, em torno de suas causas, ampliam também o conceito de comunidade, que já não se prende à localização geográfica.

Mais que classes, o que está em jogo é a formação de identidades coletivas a partir das quais passam a funcionar as pressões sobre o Estado, uma revitalização da esfera pública e da sociedade civil. São movimentos ecológicos, de gênero, etnicorraciais, minorias em geral, etc; movimentos que, em última instância, requerem a redefinição dos processos do Estado moderno. Já nessa concepção, Bourdieu (1998) propõe que:

> A classe social não se define por uma propriedade (ainda que se trate da mais determinante como o volume e a estrutura do capital) nem por uma soma de propriedades (propriedade de sexo, de idade, de origem social ou étnica-proporção de brancos e negros, autóctones e emigrados, etc. – de ingressos, de nível de instrução, etc.) nem muito menos por uma cadeia de propriedades ordenadas a partir de uma propriedade fundamental (a posição nas relações de produção) em uma relação de causa e efeito, de condicionante a condicionado, senão pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes, que conferem seu próprio valor a cada uma delas e aos efeitos que exerce sobre as práticas (BOURDIEU, 1998, p.104).

A reflexão bourdieusiana instaura novamente na pauta das questões sociológicas a premissa de que a força motriz da realidade social se concentra nas interações e conflitos entre as diferentes classes sociais. Bourdieu restabelece a reflexão sobre a legitimação da desigualdade social, mas o faz a partir de uma estrutura pluralizada para o conceito de classe. Em Bourdieu (1998), o fenômeno classe social passa a ser observado como um conjunto de agentes que se situam em condições homogêneas de existência e que, diante de estruturas e dilemas semelhantes, se organizam para formular e desenvolver dispositivos comuns a fim de provocar no curso da vida social movimentações, conforme seus interesses.

O autor relaciona posição, condição e disposição de classe e, a partir dessas distinções, produz o conceito de *habitus*, que serve para designar o sistema de arranjos corporais e cognitivos, de "estruturas estruturantes e estruturadas", comuns a um grupo social. Do pensamento de Marx, o autor mantém a ideia de que esta estrutura é perpassada por relações de poder e dominação, ou seja, permanecem aí as questões em torno da legitimação da exploração social, que para ele assumem um caráter principalmente simbólico.

São essas estruturas, acionadas sob a forma de disposições corporais, mentais ou cognitivas, que explicam as resistências às mudanças. O *habitus* confere uma dimensão criativa a essas disposições e admite situar-se no mundo social, ajustar-se às suas transformações e projetar-se no futuro. Funciona como mecanismo organizador das práticas e das percepções sobre tais práticas. O *habitus* projeta nos indivíduos os desígnios da ordem social, subjetivando a objetividade das estruturas sociais, ou seja, o *habitus* se estabelece entre

a ordem social e as práticas dos sujeitos e assim naturaliza aquilo que fora socialmente construído e sedimentado.

Para Bourdieu (1998), portanto, trata-se de um ciclo no qual as estruturas sociais são manifestas nas atitudes dos sujeitos que as compõem, e, por meio desta expressão, se consolidam, legitimando a ordem social. O autor defende que diferentes *habitus* resultam de condições objetivas, que são materiais e simbólicas. A dimensão simbólica da realidade social é criada e recriada a partir de ações práticas dos indivíduos e agentes que constituem a sociedade. Nesse prisma, o autor discute uma estrutura social de dominação que, ao sistematizar as práticas e percepções sociais, atua em todas as dimensões, interpelando os diversos agentes e definindo-os nas relações que desenvolvem entre si, de tal modo que as ações sociais mobilizadas pelo *habitus* são travadas como um acordo tácito e também generalizado, a respeito dos regulamentos que definem a dinâmica social.

Para o autor, os indivíduos não se resumem à posição de classe. Ao tratar da cultura e da tradição, Bourdieu destaca que o pertencimento a uma classe social, revelado na condição do *habitus* de classe, que pode se contrapor ao *habitus* familiar, é passível de certas disposições mais gerais, que tenderiam a ser compartilhadas pelos membros da classe, mas dificilmente seriam assimiladas na sua totalidade, uma vez que existem graus variáveis de interdependência social e afetiva entre os membros de uma sociedade.

Há, portanto, uma diferença fulcral do pensamento de Marx, que fazia do *Homo Faber* seu modelo analítico, ou seja, sugeria que o ser humano se realiza como tal por meio do trabalho e da produção. Apesar de não desconsiderar em seus estudos essa instância das relações humanas, Bourdieu atém-se mais definitivamente sobre a ideia de *Homo Aesteticus*, ao refletir sobre o homem como ser social que produz sua realidade a partir das relações que desenvolve em universos simbólicos. Bourdieu, portanto, desloca fundamentalmente a questão e enxerga a realidade enquanto representação.

> É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a 'domesticação dos dominados'(BOURDIEU, 2002, p. 11).

Segundo Bourdieu, o ambiente social das interações entre agentes constitutivos de uma sociedade configura-se como representação abstrata organizada a partir do consenso ao redor de lógicas simbólicas. Estruturas de natureza simbólica guiam e delimitam as relações sociais, fundando os princípios de distanciamento e aproximação entre os agentes no contexto

da sociedade moderna (BOURDIEU, 1998, p.494). Tais representações da realidade social, embora tenham origens na luta entre classes sociais, são organizadas em arranjos mais complexos.

Refletindo sobre a realidade em termos de representação simbólica, Bourdieu percebe um atrelamento entre os organismos sociais e as estruturas mentais dos agentes em um processo a partir do qual a realidade se faz corpo. Isso significa que as classes sociais, situadas na estrutura econômica e social, representam esta realidade em termos simbólicos e toda sua ótica fica sujeita a essa representação.

Partindo do pensamento marxiano, Bourdieu reconstrói a noção de luta de classes enquanto princípio dinâmico da realidade social. Mais adiante, ao tratar sobre as representações sociais, este trabalho volta às concepções de Bourdieu, a fim de aprofundar as correlações entre a produção do autor e as representações simbólicas no âmbito dos meios de comunicação.

1.3 Direitos e desigualdades, um debate acerca das liberdades

A partir das definições que pressupõem que exista, nos conflitos de classes, uma complexidade que perpassa as questões de produção do modelo capitalista, mas também as extrapolam, passa-se, então, a uma compreensão mais ampla do que seja a pobreza. Sen (2001), que recebeu o prêmio Nobel de Economia em 1998 em função de sua atuação acerca do combate à miséria no mundo, identifica a pobreza como insuficiência de liberdade e privação de liberdade de escolha.

Para o autor, as necessidades humanas devem ser avaliadas de forma a respeitar a diversidade, ou seja, as necessidades e prioridades são diferenciadas, como também o são os grupos e indivíduos. O que assume relevância para atribuição da qualidade de vida de uma pessoa é essencialmente plural, sendo um grave erro ético e moral a determinação do que seja a pobreza apenas pelo viés econômico, e, mesmo nesse recorte, desconsiderando a diversidade humana.

> Diferenças de idade, sexo, talentos especiais, incapacidade, propensão a doenças etc. podem fazer com que duas pessoas tenham oportunidades de qualidade de vida muito divergentes mesmo quando ambas compartilham exatamente o mesmo pacote de mercadorias. A diversidade humana figura entre as dificuldades que limitam a serventia das comparações de renda real para julgar as vantagens respectivas de pessoas diferentes (SEN, 2000, p. 90).

A concepção de Sen (2000) em muito se aproxima das proposições de Marshall (1967), que associa diferentes gerações de direitos – civis, políticos e sociais – à cidadania. A conhecida sequência no desenvolvimento histórico dos direitos nos reporta à ideia da existência de uma gradação de conquistas para uma também gradativa construção de cidadania.

> Sem violentar demasiadamente a precisão histórica, podemos designar o período formativo de cada um a um século distinto - os direitos civis, no século XVIII; os políticos, no XIX; e os sociais no século XX. Como é natural, estes períodos deverão ser tratados com uma razoável elasticidade, e há certo solapamento evidente, sobretudo entre os dois últimos (MARSHALL, 1967, p. 65).

Historicamente, a cidadania inaugura a percepção do indivíduo, ou cidadão, enquanto unidade política. Método fundamental de inclusão social, tal conceito verifica o homem e sua condição no mundo de forma plena na sociedade, mas também desvinculada das instituições, ou seja, um sujeito de direitos. A inspiração comum a todas essas tradições está nos direitos naturais que, enquanto naturais, eram anteriores à instituição do poder civil e, por isso, deveriam ser reconhecidos e protegidos por este poder.

A antropóloga Perlman (2005) define a existência de uma nova exclusão social, que se soma ao que ela chama de pseudocidadania e à privação de oportunidades para capacitação e conquista de habilidades. Associados, esses elementos compõem uma nova marginalidade, não necessariamente vinculada aos critérios de classificação de renda utilizada pelos organismos internacionais, mas a qual estão invariavelmente expostos os chamados favelados. Ou seja, o perfil do "novo marginal" consiste em um habitante de metrópole que teve acesso ao aparato público de educação formal, faz uso de serviços urbanos essenciais, tem relativa capacidade de consumo, mas é desprovido de direitos relevantes e possui reduzida liberdade de escolha.

> O conceito de privação, ao levar em consideração várias influências e circunstâncias (além da baixa renda), pode *resultar* em uma condição de pobreza. Isso é percebido diariamente nas favelas, onde o forte estigma por ser morador de um "não-lugar" confere baixo *status*, exclusão, mau tratamento, e zombaria, independentemente da riqueza, condição de vida ou renda da pessoa (PERLMAN, 2005, p. 15).

A liberdade a qual se refere Sen (2000) também caminha nesse sentido. Denota um ser humano inserido em sistemas, mas dotado de direitos para além dessa esfera. Por exemplo, muito mais que um instrumento do mercado, ou seja, liberdade de consumo e renda, trata-se de um princípio importante na definição da essência do sujeito. O autor destaca a liberdade para além de sua instrumentalidade, mas como principal fim e principal meio do desenvolvimento. Enquanto fim, a liberdade corresponde ao seu papel constitutivo, que está vinculado às liberdades concretas. Nesse âmbito estão, por exemplo, a possibilidade de

superação de problemas como fome, subnutrição, doenças, etc, além de esforços voltados para a educação dos povos, a liberdade de expressão e participação política.

Sen (2000) explica que liberdades substantivas devem ser avaliadas como importantes independentemente do interesse individual em exercê-las ou não, pois integram o enriquecimento da vida humana, e complementa que as liberdades instrumentais, em contraposição, são significativas não em si mesmas, mas a partir da contribuição eficaz em prol da promoção de outros tipos de liberdades:

> O papel instrumental da liberdade concerne ao modo como diferentes tipos de direitos, oportunidades e intitulamentos contribuem para expansão da liberdade humana em geral e, assim, para a promoção do desenvolvimento. A eficácia da liberdade como instrumento reside no fato de que diferentes tipos de liberdade apresentam inter-relação entre si, e um tipo de liberdade pode contribuir imensamente para promover liberdades de outros tipos (SEN, 2000, p. 53-54)

O autor também apresenta as configurações das liberdades instrumentais e como elas atuam para a constituição da liberdade global de uma pessoa. Sen (2000) trata de cinco tipos distintos de liberdades nesse ponto de vista instrumental. São as liberdades políticas, as facilidades econômicas, as oportunidades sociais, as garantias de transparência e a segurança protetora. Nas liberdades políticas, em que estão inclusos os direitos políticos e civis amplamente associados às democracias, encontram-se os direitos dos indivíduos escolherem governantes, de participarem de partidos políticos, o controle social que podem exercer para fiscalizar e criticar seus representantes políticos, a possibilidade de expressão sem censura etc.

As facilidades econômicas referem-se às oportunidades de consumo, produção e troca de bens; as oportunidades sociais dizem respeito ao acesso a serviços públicos como sistemas de educação, saúde, segurança etc. São oportunidades diretamente vinculadas à qualidade de vida individual, mas também representativas do grau de integração na vida política e econômica. Sen (2000) relata, por exemplo, que a participação política de uma pessoa analfabeta é reduzida quando comparada às mesmas possibilidades de um indivíduo capaz de ler e escrever.

Já as garantias de transparência representam os vínculos de confiança que as pessoas constroem entre si quando inseridas em uma comunidade, em outras palavras, trata-se do capital social. Esses laços alargam a liberdade das pessoas de se relacionarem em contextos de veracidade e transparência. Sobre a segurança protetora, o autor abarca uma rede de segurança social que integra ações que procuram impedir que as camadas mais pobres da população alcancem os limites da pobreza absoluta. Dessa esfera fazem parte os programas de transferência de renda e medidas emergenciais voltadas aos grupos economicamente mais vulneráveis.

Para Sen, “ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento” (2000, p. 33). Tal potencialidade concerne à situação de agente, condição que um indivíduo exerce quando se torna partícipe das ações que provocam mudanças econômicas, sociais e políticas, ou seja, quando se efetiva sua participação na sociedade. A concepção aqui difere da lógica utilitarista, baseada no bem-estar individual. A condição de agente está ligada à busca de metas e valores que podem ou não estar diretamente vinculados ao bem-estar pessoal.

Esta ação individual é de suma importância para o combate às diferentes formas de privação de liberdade, que também podem implicar em exclusões. Contudo, está diretamente associada às oportunidades sociais, políticas e econômicas disponíveis. Sen (2000) defende que, com possibilidades sociais favoráveis, as pessoas podem modificar a rota de suas vidas. Isso porque, expostas a liberdades concretas, as pessoas podem criar oportunidades e alcançar níveis aceitáveis de qualidade de vida. Assim, ao invés de beneficiários passivos, coisificados, os sujeitos tornam-se ativos do processo de desenvolvimento, que “consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (SEN, 2000, p. 10).

A partir dessa análise, percebe-se, portanto, a correlação existente entre a condição de agente e as disposições econômicas, políticas e sociais em vigência numa sociedade. As chances dos indivíduos exercerem participação ativa na sociedade são tanto maiores quanto forem inclusivas e abertas as disposições institucionais. E quanto maior for a quantidade de pessoas nessa condição de agentes, ou seja, dotadas das diferentes liberdades mencionadas, melhores e mais eficazes serão as disposições institucionais existentes. Na sequência, vamos procurar sistematizar as concepções dos estudos sociológicos desenvolvidos em torno da temática pobreza, a fim de compreender a trajetória conceitual que conduz às atuais representações desse grupo.

1.4 Um conceito variável no tempo e no espaço: considerações do viés sociológico

O meio acadêmico reconhece a multidimensionalidade do fenômeno pobreza, o que fica explícito na quantidade de vertentes por meio das quais a questão vem sendo abordada em diferentes áreas das Ciências Sociais. Nesse campo teórico, os estudos tratam da realidade propriamente dita e das reflexões e representações que se fazem acerca dessa

realidade. Dessa forma, os estudos consideram tanto a fatalidade da pobreza quanto suas diferentes representações, definições simbólicas que são realizadas por pobres e não-pobres.

Assim como ao longo da história modificam-se as configurações da pobreza e a intensidade com que esta se manifesta na vida dos sujeitos que se encontram nessa condição social, também são alteradas as representações correspondentes a essa realidade. A mesma pobreza e os mesmos pobres podem ser representados de formas diferentes, de acordo com o ser social daqueles que os representem ou as motivações das estruturas de representação, nesse caso pensando sobre as diferentes intencionalidades com que são produzidas as representações midiáticas.

Os estudiosos já responderam de muitas formas à questão da pobreza. Por princípio, a pobreza é reconhecida pela destituição material, ainda que esta não seja sua única face. No Brasil, essa representação tem origem no período colonial, quando a desvalorização do homem livre pobre, este quase sem vantagens mesmo se comparado ao escravo, inaugura as concepções sociais que seriam construídas sobre o significado de ser pobre. Porém, muitos são os pobres e igualmente variadas são as pobrezas, seja do ponto de vista histórico, social ou cultural.

Com o tempo e em contextos diferentes, modifica-se o papel principal da imagem do pobre e a ordem dos valores em que isso se insere. Ao propor uma digressão sobre a presença do pobre na literatura europeia e suas correlações com a realidade, Geremek (1995, p.7) destaca que ao longo do tempo modifica-se a avaliação ética e estética dessa personagem. Enquanto na idade média a pobreza foi determinada por um olhar divino, na modernidade ela se converte em situação humilhante, uma denotação de incapacidade perante as forças do mercado. A situação degradante a que são submetidos os chamados pobres ao serem categorizados pela falta remete à questão social tal como tratada em Arendt (1995), ou seja, permeada por uma força que desumaniza.

> Questão social que poderíamos, melhor e mais simplesmente, denominar de aguda miséria, cuja ignomínia consiste em sua força desumanizadora; a pobreza é abjeta, porque submete os homens ao império absoluto de seus corpos, isto é, ao império absoluto da necessidade, como todos os homens a conhecem a partir de sua experiência mais íntima independente de todas as especulações (ARENDT, 1995, p. 48).

Vista sob essa ótica, a categoria pobre remove da condição humana suas múltiplas possibilidades de ser. Circunstanciadas numa fórmula estanque, a representação do pobre e da pobreza parecem constituir-se enquanto carência e demanda social difusa (ANDRADE, 1989, p.111), a fim de servir como exemplo para que seja um lugar indesejável na ordem social.

Esse processo incorre em implicações diversas, considerando os significados políticos que compõem a ideia de pobreza.

Ela pode significar, por exemplo, carência, mecanismo eleitoral, fragilidade organizacional ou mesmo crime. A cada um desses significados correspondem complexos institucionais específicos. Esses complexos, consolidados e superpostos, fixam os pobres em sua condição, de tal forma que os pobres eles mesmos reproduzem, como num jogo de espelhos, as condições institucionais de sua existência (ANDRADE, 1989, p. 112). Assim, a pobreza concretiza suas molduras, classificações, constantes reinvenções da subalternidade e seus alcances distintos, observados de forma impotente e naturalizada não apenas pelos próprios, mas por toda sociedade.

Vários autores das Ciências Sociais buscaram compreender as formas assumidas pelas categorias pobre e pobreza. Efetivar um diálogo com essas produções (VALLADARES, 1991; SARTI, 2003; SPRANDEL, 2004) é importante para situar tais questões, sobretudo no campo da produção intelectual brasileira. Uma das explanações mais importantes desse contexto pode ser encontrada no estudo de Valladares (1991), que tratou das representações da pobreza urbana no Brasil no último século, com vias à elaboração de uma síntese histórica sobre os enfoques e deslocamentos da representação da pobreza.

A obra reconstrói e narra o roteiro das mutações que envolveram a percepção da categoria pobre, bem como a carga de interesses políticos e econômicos que fizeram parte desse quadro. Para Valladares (1991), é no século XIX que a questão da pobreza realmente insurge aos olhos da elite do país, isso no momento de transição para uma ordem capitalista, o que faz com que os desempregados e assalariados ganhassem relevância, ainda que estritamente no contexto da lógica de produção.

A autora também demonstra que com o regime republicano, na virada do século, tem início uma acepção de pobreza vinculada às práticas higienistas. Nessa lógica, o cortiço, então unidade habitacional padrão das classes baixas, ganha contornos de insalubridade, periculosidade, e as populações pobres, seus habitantes, passam a ser alvos da medicina higienista que desde então os representa como “classes perigosas”. Essa noção da periculosidade atribuída aos grupos empobrecidos consolida-se com as revoltas populares que ocorrem no fim do século XIX e início do século XX, sendo a mais conhecida, a Revolta da Vacina em 1904 (VALLADARES, 1991, p. 32).

A isso se somam as que as obrigações morais instituídas pela recente formação do assalariamento e constituição formal do mundo do trabalho instauraram também uma dicotomia entre a população integrada e os desocupados, também chamados vadios ou pobres.

A autora observa que, a essa altura, a condição de pobreza era imputada aos não trabalhadores, ou seja, aos indivíduos tidos como improdutivos, inúteis à nova ordem capitalista. Ela acrescenta que essa visão do pobre se modifica substancialmente nas décadas de 1950-60, quando os pobres, expulsos dos centros das cidades, ou seja, literalmente marginalizados, migram do cortiço para a favela e da vadiagem para o subemprego (VALLADARES, 1991, p. 45).

Comparada à virada do século XX, percebe-se que a noção de pobreza de meados do século já começava a mudar com a relativização da concepção de que a pobreza fosse responsabilidade individual. Ainda de forma elementar, as análises sociológicas passam a apontar determinantes externos ao indivíduo que o conduzem à condição de pobreza, cabendo muito mais à sociedade que a ele próprio a responsabilidade pela situação de pobreza na qual está imerso (VALLADARES, 1991, p. 99). Tal avaliação está calcada em estudos que, observando o comportamento da economia capitalista, destacaram a insuficiência do sistema econômico para incorporar ao mercado de trabalho toda a população, de modo que essa incapacidade de agregar a todos em torno do processo produtivo relega aos pobres a condição de excluídos e marginalizados.

A pobreza, então, seria decorrente da expansão dos excedentes populacionais, dada a existência de grupos marginais desprovidos de trabalho formal. Ou seja, a pobreza é entendida como forma de exclusão, o não pertencimento à classe trabalhadora que carregava consigo o projeto de modernidade social. Para Lavinas (2002), nessa dualidade entre força e marginalidade é que está embasado o debate sobre pobreza no Brasil e América Latina até a década de 1970. Para essa matriz teórica que estabelece uma ligação entre pobreza e a posição no mercado de trabalho, pobre é o indivíduo que está obrigado ao mercado informal, representado como um setor atrasado e alheio à modernidade econômica e produtiva do segmento formal. A cultura dos pobres seria, portanto, uma incapacidade de adoção dos novos valores urbanos e industriais das sociedades capitalistas desenvolvidas.

Nos anos 1960, passa a ser adotada outra terminologia e um caráter profundamente técnico norteia a discussão. Sob influência dos organismos internacionais que elaboram e exportam políticas assistenciais, passa a ser inserida, e no centro desse debate, a variável renda, o que fez com que a pobreza fosse encarada como situação de carência, condição em que as necessidades biológicas e sociais do indivíduo se encontram abaixo de um índice mínimo.

Esse princípio permitiu classificar grupos no interior da população pobre, grupos esses que se estabeleciam em função de sua localização perante a imaginária linha da pobreza

(VALLADARES, 1991, p.100). Foi nessa época que, deslocada para o campo da Economia, a categoria pobreza tornou-se, então, subordinada à atividade do consumo, sendo a participação de um indivíduo no mercado, também enquanto consumidor, o fator decisivo para sua localização na pirâmide social.

Nas décadas seguintes, ainda segundo Valladares (1991), outro elemento entra em cena, agora conduzindo a questão também para o âmbito geográfico, ou, mais precisamente, geopolítico, com a inserção de uma unidade espacial intrincada aos pobres e à pobreza. Trata-se da periferia, conceito utilizado para designar o afastamento compulsório dos pobres em relação à centralidade urbana. Segundo Lavinas (2002), a pobreza passa a figurar como questão social quando do surgimento das grandes cidades, em função da demanda por interferências do setor público voltadas a uma regulação, uma correção mínima dos complexos desajustes que conduzem às necessidades de assistência.

Concordando com Santos, tem-se que historicamente a cidade é dividida de modo que os pobres só têm acesso a determinados espaços desde que na condição de força de trabalho. O autor trata sobre a existência de cidadãos de diversas ordens ou classes, alguns desses obrigados a formar, às margens da cidade, o que ele chama de "cidade local" (SANTOS, 1993, p. 112). São expropriados do centro da cidade, das regiões nobres, e transferidos para espaços distantes onde se estabelecem em comunidade.

> Para muitos, a rede urbana existente e a rede de serviços correspondente são apenas reais para os outros. Por isso são cidadãos diminuídos, incompletos […] Morar na periferia é se condenar duas vezes à pobreza. À pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modelo territorial. Este, afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar (SANTOS, 1993, p. 113).

Na década de 1970, influenciadas pelo Marxismo, as Ciências Sociais brasileiras passam a situar os pobres a partir de seu lugar no processo de produção e como sujeitos políticos, "agentes da transformação social, a partir da noção de classe" (SARTI, 2003, p. 37). Quando os estudiosos detectavam, por exemplo, a inoperância de trabalhadores em processos reivindicatórios, atribuíam aos pobres características como alienação e falta de reflexão. Definidos pela carência, portanto, os pobres foram pensados como se sua identidade social fosse ou devesse ser constituída exclusivamente com base na determinação de classe, ou, ainda, como se todas as atitudes das classes trabalhadoras fossem ou devessem ser motivadas pelo interesse e busca da satisfação de necessidades materiais (SARTI, 2003, p. 39).

Também nessa década nascem os movimentos sociais urbanos, o que conduziu à frequente associação entre pobres/pobreza e a ideia de cidadania. As penúrias impostas à periferia originaram movimentos reivindicatórios e lutas por direitos sociais. Nesse prisma,

Sarti (2003) demonstra que a representação dos pobres continuou a ser feita de forma negativa, percorrendo um caminho que vai da falta de consciência de classe à falta de direitos de cidadania.

Os anos 80, segundo Valladares (1991), foram de retrocesso para a representação dos pobres, uma vez que o crescimento da violência urbana reinstalou no imaginário social a desconfiança perante o morador da periferia como potencial agente de criminalidade. Tal qual na transição do século anterior, o pobre volta à condição de suspeito.

Na antropologia política, Sprandel (2004) aponta que no Brasil a preocupação com a pobreza é recente, tornando-se temática central da ação política e de uma reflexão teórica consolidada apenas a partir da década de 1980. A autora analisa, ainda, que somente na década de 1990, em meio à Campanha de Combate à Fome, Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, foi que a pobreza alcançou a centralidade das medidas e discursos governamentais.

Para Sprandel (2004), é também dessa época a definitiva consagração das estatísticas como parâmetros para os estudos que envolvem a pobreza, consolidada como temática do campo da economia. Assim, as reflexões sobre a pobreza passam a se embasar na abstração dos números e não no âmbito dos sujeitos envolvidos nem tampouco da realidade social concreta.

Nesse ponto, Sprandel (2004) critica o posicionamento dos organismos internacionais, que, conforme a autora, difundiram um discurso que expõe a pobreza e os pobres de maneira naturalizada, como um dado da realidade, antigo e generalizado. Atualmente esse discurso se modificou substancialmente, uma vez que sugere o empoderamento dos pobres (*empowerment*) e caminha para uma suposta democratização, a partir da afirmativa que os anseios populares precisam ser ouvidos (SPRANDEL, 2004). A autora, contudo, desconfia dos objetivos e reais efeitos dessa política de *empowerment*, tal qual se desenvolve no âmbito das estratégias dos organismos internacionais.

1.5 Empoderamento e Subalternidade

O conceito de empoderamento data da década de 1970, originado no contexto dos movimentos minoritários. Dessa origem até os dias atuais, o termo tem sido empregado com múltiplos significados, alguns deles até mesmo contraditórios entre si. Em inglês, *empowerment* significa oferecer poder a alguém para que este se torne capaz de agir sem a necessidade de pedir permissão a outrem. Ou seja, há nessa acepção um caráter passivo e

estanque, na medida em que indivíduos sem poder aguardam a transferência desse poder, tal qual ocorre com as políticas de transferência de renda ou demais estratégias dos organismos internacionais de combate à pobreza.

Vemos em Valoura (2006) que Paulo Freire atribui à expressão um valor oposto, no qual empoderamento torna-se ação, um processo ativo permeado pela busca. Um movimento endógeno, que ocorre de dentro para fora, e não como ação alheia e externa. Tem-se empoderamento como um processo de caráter transformador, pois os empoderados é que realizam ações e modificações que os conduzem à conquista de seus objetivos. Nessa perspectiva, o empoderamento resulta da atividade, uma conquista daqueles que, por si só, constroem condições de decisão e liberdade de escolha, ou seja, alcançam poder. Poder aqui é observado enquanto relação social, que pode significar tanto a conquista de uma forma de dominação como de emancipação.

Essa definição de empoderamento enquanto processo ativo, portanto, se aproxima da noção freireana de autonomia. "É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o espaço antes habitado por sua dependência. Sua autonomia que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida" (Freire, 2002, p. 58). Refere-se à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito (HOROCHOVSKI e MEIRELLES, 2007, p.486).

Os autores explicam que empoderamento é o processo por meio do qual as pessoas impetram recursos que as possibilitam argumentar, resistir, decidir. Porém, os autores questionam se, dadas as condições de desvantagem econômica e social, bem como a falta de acesso aos direitos civis, os indivíduos e grupos que demandam empoderamento podem de fato alcançar sozinhos uma organização eficaz. A questão proposta por Horochovski e Meirelles (2007) também nos parece pertinente neste trabalho, pois ao discutir a presença do pobre e dos relatos sobre a pobreza na televisão, nos deparamos com uma intervenção externa, ou seja, pessoas e instituições que não vivenciam a pobreza passam a retratá-la em meios de comunicação aos quais as pessoas em situação de pobreza não teriam acesso por outra via.

Como veremos no próximo capítulo, a representação midiática consiste em um dos principais espaços de construção do imaginário coletivo e da consolidação de identidades e paradigmas. Portanto, o acesso a uma representação qualificada nesses meios pode ser uma importante estratégia de empoderamento. Contudo, esta se dá pela via da interferência externa, como também ocorre com os projetos de combate à exclusão, promoção de direitos de cidadania e outros mecanismos que tem a finalidade de oferecer a indivíduos pobres

condições para transformar as relações de poder, inclusive as simbólicas, no meio em que estão inseridos.

1.5.1 Teoria Pós-Colonialista e Estudos Culturais Latino-Americanos

Tal questão conduz a um importante debate realizado por Spivak (2010): pode o subalterno falar? Ou seja, é possível às pessoas em situação de subalternidade desenvolver seu próprio discurso e emancipação? Os estudos de Spivak (2010) estão alinhados à teoria pós-colonialista, "um conjunto de práticas e discursos que desconstroem a narrativa colonial como foi escrita pelo colonizador, e tenta substitui-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado" (SANTOS, 2002, p. 13).

Tal questionamento nos conduz, primeiramente, à necessidade de melhor definir o que seja essa categoria, os subalternos. Para Gramsci (*apud* Bhabha, 1998), "o subalterno não é simplesmente um grupo oprimido, mas alguém sem autonomia e sujeito à influência ou hegemonia de outro grupo social, não possuindo sua própria posição hegemônica" (p. 97).

> Os estudos do subalterno são sobre o poder, sobre quem o tem e quem não o tem, quem está ganhando o poder e quem o está perdendo. O poder está relacionado com a representação: que representações têm autoridade cognitiva ou asseguram hegemonia, quais as que não têm autoridade e não são hegemônicas (BEVERLEY, 2004, p. 1).

Para Spivak (2010), "subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é" (SPIVAK, 2010, p. 27). Ou seja, subalternidade é a condição do silêncio. A autora defende que ninguém em condições de subalternidade se empodera sozinho, assim como ninguém aprende ou ensina sozinho na concepção freireana de educação, na Pedagogia da Autonomia (Freire, 2002).

No contexto dessa tensão que diverge em relação ao papel da Sociedade Civil no empoderamento de grupos subalternos, há duas linhas de atuação. Os que acreditam na necessidade de concentração na prestação de serviços, a fim de garantir os direitos de cidadania, e os que preconizam sua mobilização social. Para Gohn (2004), ações voltadas para o empoderamento não se restringem ao auxílio de grupos subalternos ou a garantia de sua sobrevivência. É preciso que tais ações tenham a "capacidade de gerar processos de desenvolvimento autossustentável com a mediação de agentes externos – os novos educadores sociais – atores fundamentais na organização e o desenvolvimento de projetos" (Gohn, 2004, p. 23).

A sociedade civil deve constituir-se como mediadora desse processo de empoderamento. E medidas eficazes nesse sentido vão além da assistência social e agem pelo

viés da mobilização social, ou seja, formação de movimentos, identidades e redes de atuação que procuram influenciar e modificar estruturas que as prescindem. Essas redes, porém, antes se originam no imaginário, na necessária desconstrução de discursos marginalizantes arraigados ao pensamento humano, tanto dos que pretendem dominar quanto dos que se encontram na condição de subalternos, já que a representação do subalterno está atravessada por uma hierarquia opressora.

Cada concepção ideológica está atrelada a uma formação discursiva. Na formação ideológica reside a imposição do pensamento e é a formação discursiva que impõe o que dizer, fazendo predominar o discurso do dominador, que se vale da linguagem para persuadir grupos menos favorecidos de modo a aderirem à sua ideologia. Portanto, percebe-se que, nessa perspectiva, o empoderamento está necessariamente vinculado a estratégias discursivas.

Segundo Said, "a Europa criou e conferiu a ideia da identidade europeia como superior em comparação com a de outros povos e outras culturas" (*apud* Bonnici, 1998, p. 18) e o fez por meio não apenas de poder econômico, mas também pela disseminação dos discursos de superioridade calcados em valores simbólicos. Para Spivak (2010), por exemplo, um dos mecanismos para essa desconstrução é a revisão da historiografia da Índia Colonial, já que, "sem permissão para narrar", os sujeitos marginalizados, bem como sua história, foram definidos por interesses econômicos e políticos de uma elite alheia e incapaz de representar as verdadeiras condições históricas de vida e luta daquele povo. Assim, o empoderamento daqueles que se encontram marginalizados perpassa a conquista da possibilidade de falar, de se fazerem sujeitos da história e de se autorrepresentarem no cotidiano.

Em que pese o fato do sujeito subalterno, em Spivak (2010, p. 101), não existir enquanto categoria dotada de voz própria e, por isso, não poder ser ouvido no discurso dominante e não possuir nenhum espaço a partir do qual possa falar, outros autores da teoria pós-colonialista admitem que existe uma tentativa de conferir fala ao outro. Essa subversão que intenta dar voz ao subalterno se baseia em alternativas guiadas pelo viés do resgate de subjetividade (BONNICCI, 1998, p. 33), como fica claro no relato que posteriormente será feito acerca das representações do pobre na literatura e no cinema.

Como também fazia o terceiro-mundismo, o pós-colonialismo reafirma o papel preponderante do periférico como categoria para compreensão do mundo e dos indivíduos, mas o faz de maneira muito mais teoricamente sedimentada. O periférico na História e a própria História periférica são analisadas numa perspectiva de descolonização. Os estudos pós-coloniais inserem novamente no cerne da história mundial debates como representação e diferença. Acerca desse relato da diferença, Boaventura Santos argumenta: "temos o direito

de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e que temos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos inferioriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p. 458).

Diferentemente da historiografia tradicional, a teoria pós-colonialista reivindica uma representação direta da periferia. Contestando a própria noção de representação, nos estudos Pós-coloniais, é a voz do subalterno que está em questão. A reescritura periférica da História, a desconstrução do Ocidente estabelecida no *locus* dos estudos pós-coloniais, portanto, funciona com base na crítica à hegemonia ocidental e no descentramento, ou seja, um reposicionamento do cânone cultural predominante. No caso da América Latina, a teoria pós-colonial apresenta-se, principalmente, vinculada ao desenvolvimento regional, além de ser um instrumental auxiliar relevante aos Estudos Culturais e à Teoria da Comunicação.

Assim como nos Estudos Pós-coloniais, nos Estudos Culturais latino-americanos também está inserida uma teoria da representação que obrigatoriamente deve considerar a questão da subalternidade. Contudo, outras variáveis também se inserem de modo relevante, a exemplo da diversidade e hibridização da comunicação e da cultura, aspectos centrais segundo a observação que Canclini (1995) estabelece sobre as cidades na contemporaneidade.

> As grandes cidades, dilaceradas pelo crescimento errático e por um multiculturalismo conflitante, são o cenário em que melhor se manifesta o declínio das metanarrativas históricas, das utopias que imaginaram um desenvolvimento humano ascendente e coeso através do tempo. Mesmo nas cidades carregadas de signos do passado, como a capital mexicana, o encolhimento do presente e a perplexidade diante do devir incontrolável reduzem as experiências temporais e privilegiam as conexões simultâneas no espaço (CANCLINI, 1995, p. 130).

As condições da modernização latino-americana no fim do século XX tornam-se o foco de interesse dos teóricos latino-americanos, buscando compreender o ser periférico, o caráter nacional das periferias e as implicações dos dois primeiros à globalização e ao sentimento de dependência. Os Estudos Culturais Latino-Americanos fazem convergente um instrumental teórico que procura revelar a contemporaneidade de modo a desmistificar e des-hierarquizar. Isso no sentido de constituir uma política da diferença que desafie a hegemonia do norte ocidental e estabeleça alternativas para a costumeira imitação do padrão cultural dominante. Os Estudos Culturais parecem acreditar que nesse ponto reside a possibilidade de garantir voz a sujeitos anteriormente privados desse direito.

Ao repensar a subalternidade e as relações que esse conceito estabelece junto às identidades nacionais e às políticas para o desenvolvimento, os Estudos Culturais Latino-Americanos o fazem a partir do binômio centro-periferia. No debate pós-moderno e na atual

teoria latino-americana, encontra-se a crise da centralidade no Ocidente, um reposicionamento dos discursos sobre identidade e diferença cultural, um descentramento, que conduz à celebração da diferença, por vezes de modo passível de uma apropriação proveitosa ao neoliberalismo e seus mecanismos de manutenção de hegemonia.

1.6 Centro-Periferia, a geografia do poder refletida na TV

Para Theodoro (2002), a chamada Teoria da Dependência recolocou sob novas bases toda essa problemática. Segundo tal abordagem estruturalista, o subdesenvolvimento não seria apenas um problema de relação entre centro e periferia, mas referia-se principalmente às relações entre as classes sociais coexistentes no país. Segundo Kowarick (1977, p. 65), "é uma teoria que abrange fatores macroestruturais, tanto políticos e econômicos, como sociológicos e culturais, a partir dos quais se analisa a trajetória histórica das sociedades periféricas tendo em vista suas relações com os países centrais".

A concepção de marginalidade urbana é retomada pelos teóricos da Dependência para explicar a pobreza e a miséria nas grandes cidades. O subemprego, tido como um dos principais elementos que constituem uma economia subdesenvolvida, estaria associado à marginalidade e seria visto não mais como um fenômeno passageiro. Ao contrário, seria o produto mais imediato e duradouro do processo de modernização a partir da industrialização (Theodoro, 2002).

O subdesenvolvimento seria a essência do crescimento econômico dependente; e a marginalidade urbana, sua mais visível expressão. O subemprego como resultado último desse processo "vicioso" – como a própria marginalidade e o subdesenvolvimento – só encontraria uma reversão se houvesse perspectivas de mudanças estruturais na sociedade. Para o autor, a principal contribuição desse enfoque da dependência-marginalidade parece residir na contextualização do subdesenvolvimento dentro de um arcabouço explicativo mais amplo, no qual dimensão econômica figura como importante, mas não única. Questões vinculadas à conformação social, à formação histórica e mesmo cultural apareciam como constitutivos.

A fronteira entre o subdesenvolvimento e o desenvolvimento não poderia ser transposta apenas pela adoção de um conjunto de políticas tecnicamente adequadas. A situação passaria a ser analisada em sua abrangência, de modo estrutural. Introduziu-se, desse modo, uma perspectiva histórica e social que ultrapassava a visão técnica e economicista do problema do subdesenvolvimento.

Para Quijano (apud Maiolino e Mancebo, 2005), a palavra marginalidade foi introduzida como referência a problemas originários do processo de urbanização que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, uma consequência da instalação de núcleos de populações na periferia do corpo urbano tradicional da maior parte das cidades latinoamericanas. Tais povoamentos se estabeleceram nas bordas ou *margens* do corpo urbano tradicional das cidades, gerando a denominação "bairros marginais" e, por consequência, "populações marginais". Assim, para Maiolino e Mancebo, Quijano define não apenas a origem do termo *marginal*, como também sua vinculação ao rápido e desigual crescimento das grandes cidades, que ocorre principalmente a partir da década de 1950. Em geral, a teoria da marginalidade pretendia explicar a existência de uma parcela de trabalhadores urbanos que, na América Latina, não se integrava aos setores modernos da economia. Tratava-se dos trabalhadores autônomos, ambulantes, prestadores de serviços, atividades domésticas. Em suma, uma massa marginal ou uma mão-de-obra marginalizada.

Para Kowarick (apud LAVINAS, 2002), a marginalidade é reconhecida como inerente ao sistema capitalista e, sobretudo, às sociedades dependentes. Tal matriz vai permanecer até meados da década de 70. Nela, os pobres são aqueles que permanecem no mercado informal, onde predominam os setores tradicionais e atrasados, à margem do setor moderno da economia e que, por isso mesmo, não conseguem romper com a cultura da pobreza e adotar os novos valores urbanos-industriais das sociedades capitalistas desenvolvidas.

Oliveira (apud Lavinas 2002) critica essa posição demonstrando que a exclusão não era dada pela forma inadequada, disfuncional da integração produtiva dos trabalhadores, mas pela sua exclusão dos "ganhos da produção", dos frutos do crescimento econômico: "a expansão capitalista da economia brasileira aprofundou no pós-64 a exclusão que já era uma característica que vinha se firmando sobre as outras e, mais que isso, tornou a exclusão um elemento vital de seu dinamismo" (p. 42). O foco das análises residia sobre os "espaços de pobreza", periferias, favelas, e como se estruturavam em face do capitalismo, decorrentes da rápida urbanização. Com a intensificação da urbanização, espaços distintos começam a ser criados, identificando seus moradores de formas opostas, divididos entre os bairros de classes baixa, média e alta.

Com o crescimento da população e a falta de planejamento das cidades ocorre um grave problema: a segregação, tanto espacial (distância entre moradias de diferentes grupos) como social (distância de condições no que diz respeito ao acesso, elaboração e execução de políticas públicas). A primeira está relacionada à valorização excessiva dos imóveis que

dispõem dos serviços básicos, como asfalto, saneamento básico e transporte, e uma localização estratégica que facilita o acesso ao trabalho, comércio e lazer, além, ainda, da construção dos conjuntos habitacionais na periferia. A segunda diz respeito à dificuldade de alguns grupos têm para conseguir serviços de melhor qualidade, como escolas, médicos, emprego, cultura e lazer. As duas formas de segregação são extremamente ligadas e concentradas nos grupos com menores rendas.

A segregação no Brasil está relacionada às condições econômicas. Desde o período colonial é pregado o bem estar dos ricos em detrimento dos pobres. A distância espacial era um meio de distinguir os moradores da Casa Grande e da Senzala. Os principais responsáveis por estes espaços com características geográficas, econômicas e estéticas diferenciados são o Estado e a iniciativa privada. Eles são representados pelo capital imobiliário, construção civil e o estoque de terras urbanas. Os investimentos públicos e privados se concentram em determinadas áreas, valorizando-as ao disponibilizar saneamento básico, asfalto, transporte e segurança, enquanto a área periférica, como os cortiços, os bairros distantes do centro e os conjuntos habitacionais, são esquecidos. Os primeiros espaços citados são reservados para a elite e leva os que não possuem recursos financeiros à periferia.

O Estado é responsável pelo planejamento urbano, isto é, a maneira como o espaço é constituído. Essa organização, na maioria das vezes, não é devidamente adequada a toda sociedade. Ele agrupa as atividades, tanto comerciais como sociais, em determinado local, colocando a elite a sua volta e apartando os que possuem menores rendas. Assim, sob influência das classes dominantes, o Estado acaba por garantir os privilégios que exigem um espaço particular e acabam por inviabilizar um planejamento democrático e igualitário (MARICATO, 2002). Ao mencionar um bairro, os seus moradores são automaticamente relacionados a essa separação. Eles recebem um rótulo: se morarem próximos ao centro e das atividades comerciais e sociais são bem sucedidos, cidadãos dignos de respeito; se morarem na periferia são rotulados como pobres, violentos ou sujos e muitas vezes não são tratados como cidadãos nem mesmo por autoridades, como a polícia por exemplo, e pela sociedade de modo geral.

Essa noção de centralidade, contudo, foi modificada pelo advento dos condomínios fechados de alto padrão. Mesmo distantes dos centros urbanos, não são considerados periferia. Periferia não é um conceito geográfico, mas socioeconômico e político: periferia é onde estão os pobres. De acordo com Laclau (*apud* Hall 2000, p. 16), “as sociedades modernas não possuem mais nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único, a resistência das periferias ajudou a criar uma pluralidade de centros de

poder". De acordo com Escosteguy (2001), em Canclini, a nova leitura dessas relações dicotômicas se desenvolve por meio de um referencial teórico que considera um panorama cultural globalizado e multicultural, mas que também limita fortemente o discurso da periferia nos discursos midiáticos das metrópoles. Essa nova noção é a de heterogeneidade, de hibridismo e de compreensão dialética da diferença que se opõe à ideia de uma identidade integral, originária e unificada.

Se existe uma crise de centralidade na cultura contemporânea, Prysthon (2003) explica que há uma mudança na própria ideia de periferia. Para entender esse novo discurso do periférico no contemporâneo, a autora retoma quatro indícios: a noção de entrelugar, as culturas híbridas, a constituição das diferenças periféricas e a consolidação das diferenças culturais periféricas. Bhabha (1998) define entrelugar como o ponto que está precisamente nas fronteiras entre o centro e a periferia, o hegemônico e o subalterno, e que, simultaneamente, articula as temporalidades e as espacialidades do contemporâneo.

A principal marca dessas fronteiras é o confronto do presente com o passado, da modernização com a tradição. A dualidade margens/centro sempre foi um dos principais componentes da identidade periférica e um problema para o pensamento pós-moderno, que se beneficiou com uma interpretação da identidade periférica baseada no hibridismo. Para Prysthon (2003), Canclini dimensiona o híbrido como dominante mais básico e geral da cultura latino-americana contemporânea. O multiculturalismo é a representação dos conceitos de entrelugar e hibridismo. O elemento multicultural pode ser definido como o momento em que a cultura periférica não apenas passa a ser percebida pela cultura central, como passa a ser consumida. As margens se tornam centro, e o centro, as margens.

> As identidades têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões "quem nós somos" ou "de onde viemos", mas muito mais com as questões "quem nós podemos nos tornar", "como nós temos sido representados" e "como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios" (HALL, 2000, p. 109).

O entrelugar é um espaço de diálogo entre culturas e cidadãos na tentativa de rearticular a relação entre sujeito e práticas discursivas. Para pensar a construção das identidades da classe média e da periferia, e mesmo suas relações com a cidadania, podemos retomar as reflexões de Woodward (2000), quando diz que a identidade é relacional, está vinculada a condições sociais e materiais e envolve a análise dos sistemas classificatórios que mostram como as relações são organizadas e divididas. Há uma política de identidades que serve para "afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo

oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política" (WOODWARD, 2000, p. 34).

Conforme o autor, dentro da produção social, a identidade parece ser uma positividade (aquilo que sou) uma característica independente, um fato autônomo. Nessa percepção ela só tem uma referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. Na mesma linha de raciocínio, a diferença é aquilo que o outro é. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, desta forma, concebida como autorreferenciada (p. 74). Sendo assim, como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Sendo ambas inseparáveis.

Mas o autor alerta que tanto a identidade quanto a diferença são criaturas da linguagem e, por isso, instituídas cultural e socialmente. Isso as torna maleáveis e marcadas pela indeterminação e instabilidade por causa do próprio caráter vacilante da linguagem. Mas apesar disso, elas ainda, carregam o poder de definir. A identidade e a diferença têm que ser representadas, pois somente a partir da representação estes adquirem sentido: "é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade" (WOODWARD, 2000, p. 91).

2 DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL À REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA

Para compreender a relevância do pensamento construído em torno dos pobres e da pobreza, e cristalizado nos diferentes âmbitos da sociedade, nos valemos do aporte teórico e metodológico da Teoria das Representações Sociais (RS), que tem em Moscovici (1994) um de seus principais autores. As RS discutem a dinâmica do pensamento social em sua diversidade com base em dois *locus*: o universo consensual, constituído na conversação informal, no cotidiano; e o universo reificado, que é elaborado no meio científico.

As RS definem e produzem conhecimentos sociais que localizam o indivíduo e, situando-o, determinam sua identidade social, seu modo de estar no mundo. A referida teoria abarca o fenômeno, sobretudo urbano, por meio do qual o homem em sociedade exprime sua inclinação pela apropriação de conceitos e afirmações – acerca de qualquer objeto social ou natural – produzidos e transmitidos pelos contatos sociais com fins de interação entre pessoas e grupos.

A esse processo de transmissão de conteúdo simbólico, Moscovici (1994) denomina "arte da conversação". O autor complementa que as RS são provenientes de "um corpo de conhecimentos produzidos espontaneamente pelos membros de um grupo e fundado na tradição e no consenso" (Moscovici, 1994, p. 543). As representações sociais organizam um saber prático acerca de questões interpessoais e participam da construção coletiva que varia de acordo com a sociedade, os sistemas de poder e as ideologias, ou seja, um processo que não ocorre de modo particularizado, mas coletivamente.

A Teoria das Representações Sociais é aqui utilizada como suporte para o entendimento do significado e das determinações acerca da pobreza no mundo contemporâneo. Jodelet estabelece que se trata de uma "forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (1999, p. 36). Nesse prisma, a Representação Social vincula um sujeito a um objeto, encontra-se em uma relação de simbolização e de interpretação sobre seu sentido psicossocial.

Ela investiga os modos com que os grupos e indivíduos se apropriam do universo reificado e coligam esse significado ao cotidiano. Sá (1993) define que esse processo ocorre de duas formas distintas: ancoragem e objetivação. Na ancoragem, há uma relação de referência na qual o objeto se adéqua a um paradigma já existente e a ele se reajusta. A ancoragem facilita a interpretação e formação de opinião, na medida em que permite a compreensão de intenções ocultas. Ela é sempre munida de juízo de valor, já que toda

categorização perpassa a subjetividade. Já a objetivação é o processo por meio do qual um objeto abstrato ganha materialidade, um conceito é reproduzido em imagem.

Abric (2001) trata das representações sociais como visões de mundo a partir das quais grupos e indivíduos atribuem sentido às suas práticas e compreendem a realidade, calcados em sistemas próprios de referências. As representações sociais não podem ser resumidas a reproduções, mas construções compartilhadas em sociedade. O representar sugere, portanto, a concepção de um sujeito ativo, ao mesmo tempo produto e produtor da sociedade da qual participa. Em Abric (2000) têm-se a proposta de uma abordagem estrutural das representações sociais, na qual elas estão dispostas em um sistema duplo, a saber, o núcleo central e o sistema periférico.

Sá (1993) mostra que o núcleo central é vinculado ao sistema de valores, crenças e memórias sociais daquele grupo. É ancorado nas tradições e heranças sociais, de modo que se torna estável, resistente a modificações e pouco influenciável pelo contexto imediato. Quanto ao sistema periférico, este possibilita a integração da representação social ao contexto social imediato. Mais maleável que o núcleo central, o sistema periférico se associa às vivências individuais dos sujeitos e compreende a heterogeneidade e contradições existentes.

As representações sociais se originam no universo consensual. Porém, tais representações também podem penetrar o universo reificado. Diferentes representações da pobreza e dos pobres também acarretam atitudes e valores igualmente variáveis, o que nos leva a um predicado essencial das representações sociais, qual seja: elas expressam não apenas atributos do que é representado, mas também envolvem a subjetividade de quem estabelece esse julgamento valorativo, características do sujeito que o representa (MOSCOVICI, 1978, p. 27).

As formas de representação acerca dos pobres e de sua condição social exercem impactos diretos sobre o processo ininterrupto de construção e reconstrução da identidade desses sujeitos, isto é, influências sobre o que eles se tornam (SARTI, 2003, p. 18) e os papeis que desempenham enquanto cidadãos no contexto social. A título de exemplificação, vejamos brevemente alguns mecanismos discursivos utilizados ora para consolidar, ora para desconstruir as representações sociais e, ainda, suas influências na formação de identidades coletivas.

2.1 O pobre na literatura e no cinema

Para Cerqueira, “a pobreza não é apenas uma palavra destinada a designar; é o lugar de confinamento do pobre" (2010, p. 23). Dessa forma, a autora mostra que códigos moralmente compartilhados estabelecem um roteiro do que seja aceitável e não aceitável no comportamento daqueles aos quais a sociedade classifica nessa categoria, os pobres. Muito disso pode ser observado, por exemplo, na literatura e no cinema, que, cronologicamente, precedem a televisão enquanto espaço de transmissão e consolidação de valores simbólicos.

Cerqueira (2010) apresenta um retrato do pobre que está na literatura, na mídia, no quadro político dos programas assistenciais. De quem muito se fala, mas retira-se a liberdade de falar por si só. Exposto às intervenções externas, como quem, substantivado na própria carência, não seja capaz sequer de determinar a si mesmo, de observar o mundo e compreender sua condição. Assim, a socióloga traça também um roteiro da dinâmica de dominação política e social engendrada pelo viés simbólico.

Cerqueira recorre a personagens literários e cinematográficos que lhe servem de aporte para demonstrar que, acerca da referida categoria, são pré-concebidos valores e definições que, como já mencionado, não se encerram na delimitação de uma faixa de renda, mas encontram-se, sobretudo, no âmbito das aparências e comportamentos. Para essa análise, a autora elege Carlitos, de Charles Chaplin; Gabriela, de Jorge Amado e Macabea, de Clarice Lispector. Para compreender as possibilidades de representação da pobreza a partir desses códigos discursivos, este trabalho detém-se um pouco mais sobre os significados que emitidos por tais personagens e outras obras que retratam o tema.

“A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham.”, lê-se na epígrafe do livro A hora da estrela, de Clarice Lispector (2007), acerca de Macabéa, personagem nordestina e imigrante, que vive sob a égide da pobreza, essa que integra as cidades e, de tão comum, já não sensibiliza; pobreza que não choca ninguém, que invisibiliza sujeitos. Tal naturalização fica ainda mais aparente quando observadas, ainda que brevemente, obras como *O Cortiço*, de Aloizio Azevedo, e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

Em sua obra mais célebre, Lima Barreto, um dos mais críticos autores brasileiros, estabelece a partir do herói satirizado, Policarpo Quaresma, uma densa crítica à desigualdade social no país. O personagem idealista, mesmo sendo um homem rico, passa a observar, com assombro, a realidade de desigualdade social que o cerca. Acerca do que se vê nos subúrbios, o protagonista usa adjetivos como pobres, feios e desleixados (BARRETO, 2005, p.87).

> Casas que mal dariam para uma pequena família são divididas, subdivididas e os minúsculos aposentos assim obtidos são alugados à população miserável da cidade. Não se pode imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas que da gente que habita tais caixinhas (BARRETO, 2005, p. 88).

Policarpo julgava que tamanha pobreza tratava-se apenas de um desajuste social que poderia ser corrigido facilmente assim que a classe política tomasse conhecimento daqueles problemas. Convicto dessa premissa ingênua, o personagem procura as autoridades para resolver a pobreza de camponeses sem terra e se espanta com a recusa do político, que o faz sob a alegação de aquela era apenas uma classe de "vadios" (BARRETO, 2005, p.168).

Essa forma de referir-se aos pobres enquanto vadios e seus sinônimos é recorrente na literatura brasileira dos séculos XIX e XX, o que coaduna com Rufino Santos (2004) quando este expõe a relação de desqualificação ou mesmo inutilidade atribuída ao pobre em função de sua posição no mercado de trabalho, ou seja, o desemprego ou subemprego, nesse prisma tido como escolha, não como condição socialmente imposta, transferiam aos pobres uma conotação de vadiagem, inutilidade. Como sugere Wieviorka (1992), há uma divisão de trabalhos entre grupos sociais e étnicos que indica destinos sociais e políticos: um grupo voltado à inserção social e reconhecimento; outro para as diversas exclusões possíveis.

Ainda em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, essa correlação étnica também aparece, revelando que o preconceito das classes altas e médias contra o negro, figura também associado à pobreza. Em função da dinâmica histórica que constituiu o povo brasileiro, os negros, na condição de escravos, e posteriormente de escravos libertos, mas alijados do direito à terra, educação e respeito, tornaram-se uma população empobrecida, marginalizada, o que, ainda hoje, se reflete nos níveis de intersecção entre negritude e pobreza.

> No Brasil, como se sabe, aconteceu uma Abolição da Escravatura sem direito ao trabalho, sem reforma agrária e sem uma estrutura político-partidária que reorientasse os conflitos. A mesma matriz social da Colônia reeditou-se no Império, reforçando a segregação, as barreiras sociais (SODRÉ, 1998. p. 29).

Apesar dos mitos de cordialidade e democracia racial, o Brasil é um país profundamente marcado pelo racismo. Muito peculiar, o racismo nacional é não-declarado, velado, mas muito perceptível quando analisados, por exemplo, os padrões de beleza, os estereótipos de capacidade e caráter e, como nos importa discutir nesse trabalho, os espaços de representação, como são os meios de comunicação de massa.

> O intenso debate transnacional, em torno da categoria raça, situa-se no interior de um momento histórico, o pós-Segunda Guerra Mundial, no qual o modo de olhar, refletir e conceber a questão social passou a sofrer profundas transformações por influência marcante dos movimentos sociais identitários, no caso específico as várias organizações, em diferentes partes do globo, que lutavam e lutam contra o racismo. Tal influência, no fundamental, pode ser resumida à denúncia pública e às

> lutas sociais contra a discriminação racial e o racismo enquanto fatores geradores de desigualdades sociais (SILVÉRIO, 2003. p. 57).

No livro de Lima Barreto, essa questão do preconceito racial aparece associada ao preconceito de classe também contra os valores culturais e gostos atribuídos aos chamados pobres. O personagem Ricardo Coração dos Outros, já famoso nas periferias da cidade como cantor e violonista, passa a desejar um público mais "nobre", a elite daquela sociedade, mas ao saber do sucesso de um negro que se tornou famoso por também tocar violão nos subúrbios, Ricardo perde o ânimo do seu sonho de tocar para as classes mais abastadas.

O receio do personagem se fundamenta no fato de que, para aquela elite branca, o violão seria desqualificado, inferiorizado em função de ser tocado com maestria por um negro. Eis uma dura crítica de Barreto à hipocrisia das classes médias e alta ao resistir uma manifestação cultural pelo simples fato de que ela seja vinculada ao gosto popular e às figuras do povo.

Outra obra literária brasileira de grande repercussão e que toca nos temas sobre pobreza e representação dos pobres é *O Cortiço*. A história se passa na periferia do Rio de Janeiro, mais precisamente o bairro Botafogo, no fim do século XIX. Ao retratar a vida em uma comunidade popular da época, a imagem difundida no livro de Aloizio Azevedo (1995) é a da barbárie, do caos que assume contornos como violência, sujeira, desonestidade e imoralidade.

> As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas [...] ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se (AZEVEDO, 1995, p. 17).

Uma comparação entre as personagens Paula e Bombinha nos permite perceber melhor a diferente atribuição de sentidos e valores por meio da qual o autor apresenta as representações do popular (Paula) e do erudito (Pombinha).

> Seguia-se a Paula, uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes de que só ela dispunha para benzer erisipelas e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias. Era extremamente feia, grossa, triste, com olhos desvairados, dentes cortados à navalha, formando ponta, como dentes de cão, cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade. Chamavam-lhe "Bruxa" (...) A filha era a flor do cortiço. Chamavam- lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família (AZEVEDO, 1995, p. 20).

Confrontando o biotipo negro e popular ao padrão europeu, cria-se, entre as duas personagens, uma relação de superioridade de Pombinha, corroborada pela aceitação social desses valores. Pombinha era loira, branca, portanto, bonita. Quanto à Paula, "feia, grossa e

triste", além de feiticeira, enquanto Pombinha era considerada a "flor do cortiço". Nota-se que ambas tinham a insuficiência financeira que lhes obrigava a morar no cortiço. Portanto, a inferioridade de Paula em relação à Pombinha não se dá em termos monetários, mas simbólicos.

O que coloca Paula numa condição de subalternidade não é nesse momento apenas a pobreza, mas a aparência da pobreza, que é um outro aspecto interessante dessas representações. Para ser valorado, ou aceito, o pobre deve buscar, nos hábitos das elites, estratégias de distinção capazes de disfarçar a condição natural, ou naturalizada, de pobreza. A educação formal, por exemplo, não é um dos valores tidos como comuns aos pobres. A pouca ou nenhuma escolaridade é que compõe o estereótipo dessa classe. É, portanto, a escolarização um dos elementos que oferecem ao indivíduo pobre a condição de melhor trânsito social com a possibilidade de não incorrer na repulsa das classes médias e alta.

Voltando à Cerqueira (2010), vemos nas personagens analisadas uma pulsão criativa que desobedece à caracterização habitual dos que vivem sob as auguras da escassez. Carlitos, de Charles Chaplin; Gabriela, de Jorge Amado; e Macabéa, de Clarice Lispector, têm em comum não apenas as privações e os estigmas a que estão sujeitos os pobres. Os três personagens, cada um a sua maneira, desconstroem aspectos consensuais acerca da existência em meio à pobreza.

A alegria e inteligência de Carlitos, a sensualidade e beleza de Gabriela, bem como a introversão de Macabéa e sua recusa por inserir-se nos disfarces que se lhes propõem aos pobres. Estes são aspectos que tipificam a possibilidade de uma desobediência plural dos padrões socialmente designados para os pobres, uma pulsão criativa para além do que lhes fora imposto. "Todos os personagens analisados são atravessados por um fluxo de vida insuperável, uma desobediência sem limites; eles desconhecem qualquer enquadramento soberano" (CERQUEIRA, 2010, p. 40).

> A reescrita tornou-se uma prática discursiva pós-colonial através da qual, e aproveitando-se de lacunas, silêncios [...] dos textos 'canônicos', surge um novo texto que subverte as bases literárias, os valores e os pressupostos históricos do primeiro. (BONNICI, 2005, p. 48).

Para além da pressão da insuficiência econômica, tais personagens almejam e buscam o bem-viver. Eles não se restringem ao estranhamento ou à invisibilidade que lhe são dirigidas. Em detrimento da função social de subalternidade que lhes é atribuída e do sofrimento real que perpassa a vida, eles protagonizam suas histórias e vão além dos dramas e carências materiais. A partir desse recorte, a autora questiona a representação vigente acerca dos pobres e sua condição de subtração.

A teoria pós-colonial também é muito presente na literatura. Nesse campo, percebe-se que a análise costuma basear-se em elementos como violência, ataque, invasão, domínio e supremacia ocidental do Outro-Dominante, ou seja, do colonizador. Mas também revela essa abordagem que prioriza identidades, resistência, contra-argumentação e subversão do outro nativo/colonizado (BONNICCI, 2005, p. 45).

Cerqueira (2010) argumenta que os personagens escolhidos representam a potência humana que não se apaga mesmo em face das marcas provocadas pela ausência do que é necessário para viver. O que lhes falta é considerado o contexto de formação, e, portanto, um dos aspectos constitutivos do ser, mas não o único. Eles sobrepujam a escassez e, apesar de pobres, se apresentam livres, sonhadores e belos, uma subversão se comparada à representação padrão com que o mundo os classifica.

Eles expõem singularidades, que se contrapõem à situação de pobreza. Carlitos não tem medo do fracasso social nem pensa a vida como tragédia, mas como uma constante e criativa adaptação, dotada de estratégias autônomas; a beleza de Gabriela, distante dos padrões europeus, agride as mensagens estéticas construídas sobre a pobreza. Já Macabéa desafia a lógica da representação e torna-se alvo de uma depreciação moral que a enfurna em sua invisibilidade. Esse princípio de aspiração e potência rompe a ordem hierárquica que submete a vida dos personagens. A iniciativa neutraliza a suposta impotência que lhes afligiria e reduz as proporções do problema da infinita insuficiência, isso por meio das alternativas criativas que desenvolvem para de certa forma burlar os insustentáveis padrões de vida estabelecidos.

É nesse sentido que Cerqueira (2010) desloca a questão da literatura e do cinema para a vida real. Ela aponta que o caminho que conduz à integração do pobre, na perspectiva do desenvolvimento econômico, mas também do reconhecimento, perpassa a importância de sua pulsão desejante. “Somente uma ética criadora é capaz de quebrar a modelagem do sujeito, torná-lo inventor, autônomo, apto a criar novas sensações, modos de agir, pensar, experimentar o próprio corpo, intensificando e explorando todas as suas possibilidades" (CERQUEIRA, 2010, p. 150). Nesse aspecto baseia-se a discussão sobre pobreza e liberdades já realizada neste trabalho.

2.2 Representação no processo de construção identitária

No Brasil, desde os tempos de escravidão que os pobres são representados pelas elites e pelos governantes como um problema significativo. Na Europa, tal representação

conduziu, a partir do século XIX, a uma gestão filantrópica da pobreza urbana e de seus sujeitos, mas também a uma linha de raciocínio que trata essa questão social como caso de polícia (VALLADARES, 1991, p. 86). Essas atitudes são calcadas em construções simbólicas, representações sobre o estado de pobreza e dos sujeitos que se encontram nessa condição social.

É certo que houve, ao longo da história, muitas transformações na forma de representar os pobres, mas esse temor permanece quase que inalterado. Trata-se de um sentimento fortemente arraigado à sociedade brasileira, sobretudo às parcelas não atingidas pela pobreza. Nessas esferas sociais, é recorrente que pobres e miseráveis sejam caracterizados como perigosos, violentos ou dotados de alguma hostilidade. Esse fato contribui para o estabelecimento e consolidação, no imaginário coletivo, de uma forte conexão entre pobreza, violência e criminalidade (TELLES, 1990, p.37)

Em Ramos e Paiva (2007), vemos que as estruturas midiáticas contribuem sobremodo para a consolidação desses estigmas. Tratando da dinâmica telejornalística, as autoras relatam que são utilizados estereótipos na cobertura das favelas e periferias, seja pela visão criminalizante da pobreza, operacionalizada pela mídia a partir, por exemplo, de constante campanha pela ampliação da repressão, seja, como sugere Silva (2007) pelo discurso da carência.

> Tradicionalmente, trata-se a carência entre os setores populares como algo substantivo, como se este fosse o atributo fundamental de suas vidas. Óbvio que existem demandas estruturais nos bairros nos quais se concentram os mais pobres: vagas nas escolas, postos de saúde, problemas de transporte e saneamento, além de limites concretos de renda e emprego. Os moradores da favela vivem em uma comunidade com necessidades específicas. Ao substantivar a carência, esses moradores deixam se der reconhecidos em sua condição cidadã, subjetividade, autonomia e capacidade de criar a própria estrutura de vida com dignidade (SILVA, 2007, p.94).

A pobreza é constantemente arrazoada pelos não-pobres, narrada por vozes que só a conhecem de forma distante e já cercada de outras representações. Disso decorre que os pobres tendem a ser pensados não em sua positividade concreta, ou seja, o que de fato são, mas em termos do que não têm, considerando aspectos materiais e simbólicos. Pelo prisma da falta e mediante olhares distantes, a representação do pobre tende a ser a do não-sujeito, observados como seres passivos, não atuantes sobre a realidade que os cerca.

Essas questões exercem significativas influências sobre o processo de constituição da identidade desses indivíduos e suas coletividades. “O pobre urbano se produz a partir de vários campos constitutivos de sua condição social (cultural, psicológica, ideológica, histórica, etc.) e não somente pelas categorias econômicas que determinam sua pobreza”

(CARVALHO e LANIADO, 1992, p. 28). Para tais autores, a pobreza "constitui um espaço social de produção de identidades coletivas, de atores e de comportamentos" (Idem, p. 25).

Para Sarti (2003), o processo de produção de identidades sociais indica a "importância do contraste para demarcar fronteiras sociais" (p. 89), que existem em relação ao outro, de modo que constituem, obrigatoriamente, um aspecto relacional. A produção de identidades é pensada, então, como processo que se realiza a partir do próprio sujeito, disposto de determinada forma em relação a um outro.

Outra reflexão necessária diz respeito ao modo como esse "outro" se posiciona perante o sujeito representado. A maneira como as pessoas e estruturas formadoras de uma sociedade colocam-se em relação aos segmentos subalternos gera relevante impacto sobre as próprias condições materiais de vida dos integrantes desses segmentos, o que se estabelece como um dos principais campos de produção de suas identidades.

Por outro lado, como a subordinação desses segmentos não se restringe ao campo econômico, tem-se que os valores, os modos de pensar e agir dos outros em relação aos indivíduos dos segmentos sociais nessa condição de subalternidade tendem a ganhar uma dimensão maior na constituição de suas identidades do que ocorre no caso de indivíduos que tenham outra posição na sociedade. Disso decorre que o olhar do representado acerca da representação que recebe do "outro" também se torna um importante elemento na constituição da identidade.

A representação desse olhar exerce fundamental papel na constituição de suas identidades, visto que funciona como uma oportunidade de afirmação, apesar da pobreza (SARTI, 2003, p. 68). Ainda para esta autora, também reside nesse princípio a explicação para a postura defensiva que muitos nessa condição social assumem perante as outras classes, bem como o fato de que, entre os pobres, o trabalho adquire o sentido de instrumento fundamental de "afirmação de si em face do olhar dos outros" (Idem, p.68).

O fato das pessoas pobres serem pré-julgadas no imaginário social como "vagabundos", "desempregados", "marginais", mantém esses sujeitos distantes da condição de cidadãos, o que confirma a relação do trabalho como artifício de concessão de valor social. Nisso percebe-se que a categoria trabalho permanece associada à proposta de inclusão por meio da afirmação das identidades dos grupos minoritários.

> Apenas através da categoria do 'trabalho' é possível se assegurar a identidade, auto-estima e reconhecimento social. Nesse sentido, o desempenho diferencial no trabalho tem que se referir a um indivíduo e só pode ser conquistado por ele próprio. Apenas quando essas precondições estão dadas pode o indivíduo obter sua identidade pessoal e social de forma completa (SOUZA, 2003, p. 169).

Para Fraser (2003), o reconhecimento não pode ser observado apenas como questão intersubjetiva, mas deve ser visto como questão mais ampla e garantidora de justiça e paridade argumentativa entre os membros da sociedade.

> Entender o reconhecimento como uma questão de status significa examinar os padrões institucionalizados de valoração cultural em função de seus efeitos sobre a posição relativa dos atores sociais. Se e quando tais padrões constituem os atores como parceiros, capazes de participar como iguais, com os outros membros, na vida social, aí nós podemos falar de reconhecimento recíproco e igualdade de status. Quando, ao contrário, os padrões institucionalizados de valoração cultural constituem alguns atores como inferiores, excluídos, completamente "os outros" ou simplesmente invisíveis, ou seja, como menos do que parceiros integrais na interação social, então nós podemos falar de não reconhecimento e subordinação de status (FRASER, 2007, p. 108).

Vejamos, por exemplo, algumas das estratégias de manutenção das ideologias dominantes e condições de subalternidade. Assunto pouco discutido no passado, atualmente, várias pesquisas detectam e analisam o que a vivência de muitos brasileiros já comprova há anos: a ausência sistemática da população negra – e indígena – nos espaços de poder e representação positiva. Essa nova experiência acadêmica, tão rica para os quadros da ciência e mesmo para sua contestação, pode-se acoplar ao que Santos (2006) chamou de *Sociologia das Ausências*, assim definida:

> Na sociologia das ausências, essa multiplicação e diversificação ocorre pela via da ecologia dos saberes, dos tempos, das diferenças, das escalas e das produções, (...) na sociologia das ausências o que é ativamente produzido como não existente está disponível aqui e agora, ainda que silenciado, marginalizado ou desqualificado (SANTOS, 2006, p. 30).

Jaccoud e Beghin (2002), para quem a exclusão "fortalece as características hierárquicas e autoritárias da sociedade e aprofunda o processo de fratura social que marca o Brasil contemporâneo", também percebem que,

> de um lado, a permanência das desigualdades raciais naturaliza a participação diferenciada de brancos e negros nos vários espaços da vida social, reforçando a estigmatização sofrida pelos negros, inibindo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e impedindo o usufruto da cidadania. De outro lado, o processo de exclusão vivido pela população negra compromete a evolução democrática do País e a construção de uma sociedade justa e coesa (JACCOUD e BEGHIN, 2002, p. 66).

Trata-se, então, da elitização programada ou, no mínimo, consentida, cuja manutenção se dá por meio de uma complexa rede de mecanismos de exclusão que atuam em diferentes espaços de poder. Para Sodré, "falar de elite é designar os grupos e as instituições com acesso diferenciado a mecanismos geradores de poder, tais como renda, emprego, educação e força repressiva" (1998, p.24). Referindo-se à normalização do comportamento racista e, sobretudo, ao papel da mídia nesse contexto, o autor acrescenta que

> da influência interativa entre elites de diferentes ordens – grupos de alta renda, ministérios, organizações de trabalho, intelectuais e meios de comunicação de massa – resultam os padrões cognitivos e políticos que orientam os componentes da ação social e do julgamento ético presentes no comportamento racista (SODRÉ, 1998, p. 24).

Esse aspecto que se observa em relação à estigmatização dos negros a partir das representações e ausências de representações, pode-se também ser ampliado aos demais grupos em condição de subalternidade. Para Abric (2000, p. 28), representações sociais são "um guia para nossas ações e orientam nossas condutas e relações sociais". Segundo Sawaia (1999), uma representação social generalizante e enraizada em preconceitos desencadeia o sofrimento étnico-político:

> Esses sofrimentos abrangem as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade (...) Retrata a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade (SAWAIA, 1999, p.104).

Disso decorre a importância de considerar os estigmas e representações depreciativas que são recorrentes em relação a determinados grupos sociais. Assim, faz-se necessária uma reflexão também acerca da cidadania. Na categoria cidadão, além de direitos básicos como viver, alimentar-se, ir e vir, devem estar inclusos o poder de reivindicar e ser ouvido, ser respeitado em suas posições. A cidadania deve permitir a fruição com saúde e qualidade de vida. É aqui entendida como um leque de direitos que dizem respeito tanto às liberdades básicas, à proteção patrimonial, até o direito a uma vida plena sentimento de pertencimento e inclusão, onde se insere a anterior discussão que realizamos sobre identidade.

A cidadania é também construída por processos educativos/pedagógicos, conectados com a dinâmica da formação de subjetividades individuais e coletivas, no sentido de qualificar as relações sociais. Para Santos (1994), assumir o princípio de comunidade de Rousseau pode contribuir de uma forma significativa, na constituição de novas energias emancipatórias, geradoras possíveis de relação horizontal entre os cidadãos, de participação e solidariedade concretas na formulação da vontade geral. E nessa afirmação da identidade cultural cria-se o espaço para a construção da cidadania.

No escopo analítico deste trabalho, nos interessa discutir as representações acerca da pobreza e dos indivíduos identificados como pobres. Portanto, dando continuidade à discussão teórica no âmbito dessa representação, procura-se compreender também a relevância da representação midiática que, na contemporaneidade, parece se tornar

protagonista entre os espaços públicos de difusão de ideias, conforme será trabalhado no próximo tópico.

2.3 Representação midiática: o deslocamento da esfera pública

Se, como vimos, a representação é um campo de formação de identidades e opiniões, na contemporaneidade existe um novo espaço para construção e consolidação desses enunciados. É o que Habermas chamou de mudança estrutural da esfera pública burguesa, um fenômeno por meio do qual os meios de comunicação assumem papel preponderante na mediação das relações sociais. Segundo Habermas (2003), a opinião pública e a esfera pública burguesa surgem nos burgos, a partir da troca de mercadorias e da troca de informações que têm início com o capitalismo financeiro e mercantil e do surgimento da imprensa de forma mais sistematizada nos primeiros correios.

Inicialmente, a esfera pública burguesa pode ser compreendida como grupo de pessoas privadas reunidas em um âmbito público no sentido de reivindicar sua liberdade econômica e, ainda, investir contra o princípio de dominação vigente. Em Habermas, o mecanismo por meio do qual se operacionalizam tais reivindicações é a racionalidade instrumental, ou seja, discutir as relações de poder não mais de modo imbricado à superioridade do nobre, hereditariamente garantida, mas a partir da argumentação submetida à opinião pública. O autor entendia que as relações nesse espaço seriam mediadas pela expressão e ação comunicativa; mediação essa que favoreceria uma consciência coletiva capaz de possibilitar a existência solidária, não coercitiva, libertadora e igualitária entre os homens.

Habermas trata de um contexto reduzido às tensões e negociações estabelecidas entre Estado e Sociedade Civil, num cenário marcado pelo Absolutismo e pela busca das liberdades individuais dos burgueses. É importante pontuar que o autor percebe a formação da esfera pública burguesa como instância mantenedora dos interesses coletivos, mas cuja participação era restritiva. À essa esfera pública enquanto espaço de difusão de ideias e mobilização frente aos poderes da aristocracia estavam integrados apenas os cidadãos que possuíam propriedades e esclarecimento, ou seja, os burgueses.

Ao destacar que essa primeira abordagem habermasiana da esfera pública desconsidera os pobres, as mulheres, os analfabetos e as minorias étnicas, além de não reconhecer as esferas públicas alternativas, corrobora-se uma das premissas dos estudos pós-

coloniais. Dessa gênese também se pode compreender melhor o fato de que tal ambiente tenha se tornado sujeito aos interesses dessa classe.

Contudo, o que se configura como mais relevante nesse ponto do trabalho é perceber que a inserção dos meios de comunicação na sociedade modifica o funcionamento dessa esfera pública em questão. A crítica burguesa migra dos espaços públicos e da literatura para as colunas de jornal e essa nova ambiência discursiva se consolida como espaço de representação.

No século XX, a chegada de novas mídias, a exemplo do rádio, do cinema e da televisão, inaugura a possibilidade de obter audiências massivas, de modo que a esfera pública se expande, mas perde vitalidade e muito do seu caráter público se modifica em função de interesses particulares que se articulam em torno do jornalismo, da publicidade e de seus públicos. Ao invés de ver a imprensa como mediadora da opinião pública, esse público passa a receptor de uma opinião construída na mídia e por ela difundida.

Ainda no pensamento de Habermas (1981), mas agora na teoria do agir comunicativo, a noção dos meios de comunicação exclusivamente como instrumentos reprodutores da ordem social dá lugar para o reconhecimento de uma ambiguidade no papel social desses veículos, outrora vistos como agentes de manipulação alheios à participação democrática. Habermas enaltece as possibilidades que esses meios inauguram ao disponibilizar conteúdos a vários contextos e considera que a mensagem conduzida pela mídia possa produzir um processo reflexivo crítico por parte da audiência.

Ao revisar o conceito, Habermas (1997) construiu uma tipologia da esfera pública, classificando-a em três grupos, um deles especificamente reservado à imprensa. O autor passa a atribuir à mídia o papel de esfera pública abstrata. Habermas (1997) caracteriza essa função com base na habilidade midiática de conectar públicos diversos e geograficamente distantes. Ele reconhece que a agenda da mídia e suas programações são definidas por critérios arraigados a atores institucionais dotados de muito poder, de modo que, em linhas gerais, permanecem inacessíveis a atores coletivos que não transitam pelo sistema político ou pelas grandes instituições de poder.

Contudo, o autor admite que, mediante as crises sociais (ou mesmo as crises da própria mídia, tendo em vista a busca de muitos veículos para superar a redução de seu alcance e poder de influência, conforme será tratado nesse trabalho), a esfera pública pode chegar a atuar mais crítica e ativamente e, diante das dificuldades estruturais, transformar o fluxo de comunicação e poder por meio da ação da sociedade civil. Desse modo, tem-se que, seja para a difusão de uma opinião pública, seja para a construção de uma opinião própria, os

meios de comunicação são dotados da habilidade de influenciar a partir de seus discursos, o que coloca os meios de comunicação na posição de sujeito privilegiado na emissão de representações, versões que contam e recontam o mundo sob a(s) ótica(s) que se fizer(em) mais condizente(s) com seus interesses e o dos outros sujeitos aos quais as empresas de comunicação estão vinculadas.

Thompson (2001) também aborda alguns aspectos que confirmam a relevância dos espaços midiáticos na construção e difusão dos enunciados e das ideologias que os sustentam. Ao tratar da nova ancoragem da tradição, o autor demonstra que o acesso aos meios de comunicação e os tipos de interação que deles emanam - mediada e quase-interação mediada - dão lugar a um processo mais reflexivo de formação do *self*, essa narrativa que o sujeito constrói de si mesmo a partir dos materiais simbólicos, conteúdos e experiências que vivencia.

> O declínio da autoridade tradicional e dos fundamentos tradicionais da ação não significa a morte da tradição, mas antes sinais de mudança na sua natureza e no seu papel, à medida que os indivíduos confiam mais e mais nas tradições mediadas e separadas de contextos compartilhados (THOMPSON, 2001, p. 166).

Em Martín-Barbero, isso também se confirma. Para ele, "a comunicação é percebida como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e esperanças" (2003, p. 63).

Champagne (1998), ao retratar a visão dos meios de comunicação sobre os pobres na França, detecta o que ele chama de mal-estares. Tais sujeitos e realidades "sofrem inevitavelmente um certo número de deformações a partir do momento em que são tratados pela mídia" (p. 63). Disso decorre a inevitável correlação entre representação e ideologia. Para Althusser (*apud* Ashcroft *et al,* 1998), ideologia é um conjunto ou sistema de ideias que explica o mecanismo pelo qual são produzidas as relações de desigualdades sociais. Por isso, não deve ser entendida apenas como um conjunto de ideias impostas, mas sim de que forma estas ideias veiculam como reprodutoras de teorias, conceitos (Idem, p. 220).

Para Thompson (2001), que estuda a mídia no contexto da modernidade, ideologia é o uso das formas simbólicas para criar ou manter relações de dominação. Ele defende que o rompimento com a ideologia dominante é possível, sendo uma alternativa para isso o estudo de como as formas simbólicas dialogam com as relações de poder em questão. Ou seja, de que maneira o sentido das mensagens em jogo serve para estabelecer ou reforçar relações de domínio.

A mediação das formas simbólicas, porém, também podem modificar a experiência do indivíduo no mundo mediante o conhecimento de realidades outras que não seriam possíveis apenas na perspectiva da interação face a face, experiências que, via de regra, o sujeito utiliza não para se ausentar dos sistemas que integra, mas para reorganizar ou deslocar sua participação, um desenraizamento, segundo Thompson.

> À medida que as tradições se tornam crescentemente interligadas com os meios de comunicação, elas são gradualmente desenraizadas dos lugares particulares e se tornam dependentes de uma forma de interação não mais face a face. Tradições que se desenraizam deste jeito são mais facilmente adaptadas, transformadas ou codificadas por indivíduos que têm acesso aos meios de produção e distribuição de formas simbólicas mediadas. Mas as tradições que até certo ponto se tornaram mediadas não podem permanecer à deriva, em livre flutuação. Para terem vida longa, elas têm que ser reimplantadas em contextos práticos da vida cotidiana. Do contrário irão gradualmente perdendo importância (THOMPSON, 2001, p. 174).

A mídia ocupa um lugar específico e central na produção simbólica das sociedades contemporâneas, provendo material para que cada indivíduo construa sua própria identidade e se articule no diálogo com outras individualidades. Dentre os veículos midiáticos, a televisão foi escolhida para compor o escopo analítico dessa pesquisa por sua ampla capilaridade, sendo o meio de comunicação mais difundido entre os brasileiros, e mesmo por agregar elementos discursivos – imagem, som e complexos processos de produção e montagem – que pudessem evidenciar de forma mais ampla a natureza da construção e a difusão das representações a serem estudadas.

3 TELEVISÃO: IMAGEM E PODER

A TV Tupi-Difusora foi a primeira emissora da televisão brasileira, com início em 18 de setembro de 1950. Interessado no empreendimento e vislumbrando as dimensões de crescimento daquele novo espaço de comunicação, Assis Chateaubriand, dono da rede dos Diários e Emissoras Associados, instala 200 aparelhos em diversos pontos da cidade de São Paulo.

A televisão brasileira nasceu num momento em que o rádio atingia praticamente todo o território nacional. Mattos (1990) explica que, ao contrário da televisão norte-americana, cujo desenvolvimento apoiou-se na indústria cinematográfica, a TV brasileira recebeu forte influência do rádio, à época o mais popular veículo de comunicação no país. Inicialmente, a Televisão utilizou o mesmo formato de programação do rádio e até mesmo as estruturas e os profissionais.

A chegada da TV no Brasil ocorre em meio a um projeto de integração nacional, iniciado ainda na década de 1930, mas que alcançou resultados maiores a partir da implementação desse meio de comunicação. Em 1965, nasceu a Rede Globo, ainda hoje a maior rede de Televisão do Brasil e uma das maiores do mundo. Vários autores descrevem a importante atuação dessa organização, sobretudo sua participação nos governos militares, para o sucesso da construção de um modelo de identidade e cultura nacional.

A princípio, como demonstra Kehl (1986), a inauguração da TV Globo não representou significativa ameaça às emissoras que já existiam. Ocorre, porém, que o governo militar forneceu a estrutura para o desenvolvimento da televisão no Brasil e a Globo se preparou para assumir essa parceria com o regime, tornando-se sua maior aliada e beneficiária.

> O conglomerado Roberto Marinho configura-se, evidentemente, como ‘grande empresa’ nesse período. E de maneira análoga ao que se processa entre os setores da classe dominante, a Rede Globo assume situação de monopólio, enquanto emissoras mais ‘artesanais’ se esfalecem (...) Delineia-se a estratégia governamental, a qual, sob o pano de fundo de uma política econômica desenvolvimentista, implanta sofisticados aparelhos ideológicos e repressivos (ROMEIRO apud KEHL, 1986, p. 178).

Kehl (1986) expõe que, àquela época, o esforço governamental para a formação e fortalecimento de uma ou mais redes de televisão também resultou na Rede Embratel e nas discussões para reformulação do Código de Telecomunicações. Ela acrescenta a relevância de

aspectos técnicos que, somados a uma representação simbólica, fizeram da Rede Globo o maior expoente da TV brasileira:

> A cor, sem dúvida, contribuiu para a glamurização da imagem de um país que, na década de 60, era representado na música, no cinema e na produção cultural em geral como miserável e subordinado. A estética brilhante e *clean* da publicidade e do 'padrão-Globo-de-qualidade' foi se tornando hegemônica e inviabilizou em poucos anos a estética do cinema novo e do CPC (KEHL, 1986, p. 202).

No início, o público do novo veículo de comunicação era reduzido. Isso pelo preço dos aparelhos e pela necessidade de grandes investimentos para instalação das redes. Durante muitos anos, a televisão foi um artigo de luxo, acessível a poucos. Os televisores eram fabricados no exterior e por isso possuíam um alto custo. Nos primeiros anos, um televisor custar três vezes mais do que a mais sofisticada radiola do mercado e um pouco menos que um carro (Priolli, 1985). Só quando os aparelhos passaram a ser feitos no Brasil, em 1951, os preços baixaram e um número maior de consumidores pode adquiri-lo. Antes disso, como a televisão não atingia a um grande público, também não era atraente aos anunciantes.

Porém, as agências de publicidade estrangeiras, instaladas no Brasil, já traziam de seus países de origem a experiência com o poder deste novo veículo de comunicação e logo fizeram da televisão brasileira um veículo publicitário. Durante os primeiros vinte anos da TV brasileira, os programas tinham os nomes dos patrocinadores. Os anunciantes passaram a decidir até mesmo o conteúdo dos programas que patrocinavam, além de contratarem diretamente os artistas e produtores. As emissoras tinham como atribuição oferecer os equipamentos, as instalações físicas e o trabalho técnico de transmitir os programas (PRIOLLI, 1985).

Dessa forma, a televisão se popularizou muito rapidamente e tornou-se o principal canal de veiculação de propagandas. A participação das verbas em outros meios foi reduzida, da mesma forma como também caiu a participação nacional nesse segmento. Houve uma progressiva desnacionalização das agências a partir de meados da década de 1960. Na década de 1980, entre os 20 maiores anunciantes para televisão, apenas cinco trabalhavam com agências nacionais. A maioria das agências que atuavam nesse mercado era norte-americana e algumas eram inglesas. Para Moura (1995), essa presença multinacional é carregada de intencionalidades e integra a história de um projeto de poder:

> O sistema de poder americano crescera a ponto de englobar a totalidade do mundo capitalista. A compatibilização de interesses seria diversa; e distinta seria também a mensagem de aglutinação do novo sistema: a 'colaboração hemisférica' começou a ceder terreno à 'defesa da civilização ocidental' e 'ao mundo livre'. Mudou a mensagem, mas o *know-how* dos EUA permaneceu e se incorporou às atividades das novas agências encarregadas de continuar – em menor escala – o trabalho. Agora,

> porém, parcelas da população e segmentos do Estado brasileiro já tinham assimilado o 'americanismo' como modo de vida e instrumento de 'modernização do país' (MOURA, 1995, p. 88 e 89).

Difundida e com a velocidade dos avanços das tecnologias, que permitiram a transmissão de acontecimentos mundiais, a televisão torna-se a principal janela por meio da qual as pessoas observam o mundo. Por meio dela, os espectadores assistiram, por exemplo, os horrores das guerras, a queda do Muro de Berlim, as maravilhas dos eletrodomésticos e, claro, do *american way of life.* Tudo isso transforma a TV em parte indispensável da vida das pessoas. Ela ganha um espaço privilegiado nas casas em que se insere, tornando-se fonte de informação e entretenimento.

A linguagem cria, mais do que reflete a realidade, principalmente por meio da mídia. Ela requalifica a vida social a partir do discurso, em função da tecnologia e do mercado (Sodré, 2003). Conforme assinala Thompson (2001), as relações entre os indivíduos são alteradas pela informação e conteúdo simbólico trazidos pela mídia. Criam-se novas formas de ação e interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e do indivíduo com o outro e consigo. Os significados produzidos pelas representações da mídia intermediam as interpretações que as pessoas constroem acerca de suas experiências; os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e falar.

Bourdieu acrescenta à discussão o quesito alcance, considerando que "a televisão pode reunir em uma noite diante do jornal das 20 horas mais pessoas do que todos os jornais franceses da manhã e da noite reunidos. Se a informação fornecida por tal meio se torna uma informação sem aspereza, homogeneizada, veem-se os efeitos políticos e culturais que podem resultar disso" (1996, p. 62).

A imagem televisiva é formada por três milhões de pontos luminosos por segundo, mas o espectador só pode perceber algumas centenas deles. Para Ramonet (2001), a velocidade dessas imagens é o que mais seduz os espectadores. "Elas fixam o olhar, pelo seu ritmo ofegante e pelo piscar da luz (...) Esta velocidade constitui, portanto, um meio de tornar cativo o olhar e de provocar um efeito de hipnose (Idem, p. 55).

Estamos diariamente submetidos a uma pressão visual. Na contemporaneidade, informação e cultura têm um tratamento predominantemente imagético, realçando valores como a instantaneidade e o efêmero. Nossa memória, da mesma forma, torna-se volátil e fragmentada, sedenta por novidades breves e brilhantes, envoltas no papel celofane da

televisão, o espelho que reflete realidades recriadas a partir de um sistema próprio de regras, do qual partilham emissores e receptores.

Para Casetti e Chio (1999, p. 263, apud BECKER, 2009, p. 96), a televisão "possui uma linguagem propriamente dita, que recria a realidade a partir de critérios funcionais associados às características técnicas e linguísticas do aparato, à intencionalidade comunicativa do emissor e ao contexto cultural". A TV nos oferece uma produção contínua de visibilidade e de imagens, que funcionam para o sujeito como oferta incessante de objetos para o desejo, e até uma suposição de conhecimento sobre esse desejo.

Os dispositivos tecnológicos de imagem constituem nosso imaginário, nos oferecem parâmetros estéticos, reorganizam a experiência no mundo, a emoção e a sensibilidade. Funcionam como próteses dos nossos sentidos, agora artificialmente modelados e desligados do 'outro'. Nas sociedades de massa, a televisão faz-se o 'outro' ao qual se referem Bucci e Kehl (2004), o que condiz com a noção de espetáculo encontrada em Kellner (2006), que o define como um conjunto de mecanismos orientados para a persuasão ideológica e econômica embasada no lazer e no entretenimento irrefletido que visam à alienação e passividade do público.

Receptivo às imagens, o público estaria também aberto ao recebimento dos enunciados a elas vinculados. Deste modo, segundo Kehl (2004, p. 13), "o gozo e a satisfação se tornaram imperativos sociais e morais". A Televisão se formata também como meio de produção de sentido que prescinde o pensamento, um espelho no qual, em alguma medida, julgamos ver refletida nossa imagem, a do outro e a do mundo que nos cerca.

Kellner (2006) ressalta, contudo, que a cultura da mídia não é determinante sobre o indivíduo, até mesmo porque isso seria ignorar as capacidades cognitivas, os filtros interpretativos que os indivíduos adquirem ou mesmo as outras influências que recebem ao longo da vida. De acordo com Thompson (2007), a valorização do papel da televisão na socialização tem gerado entendimentos equivocados, sobre os quais esclarece:

> Dizer que a apropriação das mensagens da mídia se tornou um meio de autoformação no mundo moderno não é dizer que é o único meio: claramente não é. Há muitas outras formas de interação social, como a existentes entre pais e filhos, entre professores e alunos, entre pares, que continuarão a desempenhar um papel fundamental na formação pessoal e social. Os primeiros processos de socialização na família e na escola são, de muitas maneiras, decisivos para subseqüente desenvolvimento do indivíduo e de sua autoconsciência (THOMPSON, 2007, p. 46).

Conforme Kellner, ao passo em que a mídia tenta angariar, junto a seu público, adeptos dos modelos hegemônicos (de consumo, de pensamento, de comportamento, etc), "o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu

próprio modo de apropriar-se" (2001, p.11). Assim, resistência e passividade andam de mãos dadas. O entendimento de que é possível haver "resistência" às mensagens midiáticas está relacionado com o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, adotado pelos estudos culturais e fundamentais para seu desenvolvimento.

> A hegemonia nos permite pensar a dominação como um processo entre sujeitos onde o dominador intenta não esmagar, mas seduzir o dominado, e o dominado entra no jogo porque parte dos seus próprios interesses [...].Essa dominação tem que ser refeita continuamente, tanto pelo lado do dominador como pelo do dominado (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 99).

Como já destacava Habermas (2003), o desenvolvimento da mídia é parte integral da formação das sociedades modernas. Segundo o autor, a circulação de matérias impressas, nos primórdios da Europa Moderna, teve um papel crucial na transição do absolutismo para os regimes liberais e democráticos, e a articulação da opinião pública, por meio da mídia, foi de vital importância para a vida democrática. No entanto, com a apropriação capitalista dos meios de comunicação, os objetivos comerciais impediram o debate crítico-racional na mídia, como espaço para a esfera pública.

Passa-se do interesse público ao interesse comercial, à busca pelo lucro, ou, mais indiretamente, na defesa dos valores morais e sociais que condizem com as camadas economicamente privilegiadas, em detrimento de uma população que, sob esse prisma, pode ser mal representada e arbitrariamente associada a qualquer tipo de demérito.

Como anteriormente discutido, nesse processo em que se interceptam várias intencionalidades dos emissores, o receptor das mensagens televisivas, embora sujeito e, portanto, ativo no nível da cognição – e quiçá da capacidade de reflexão crítica – se torna suscetível a diversas influências a partir dos conteúdos emitidos. Uma dessas possíveis influências, a que nos importa discutir nesse trabalho, diz respeito às representações televisivas acerca da pobreza.

Sendo a Televisão um espaço discursivo, de difusão de ideias, pode-se supor que a partir da caracterização que ela realiza em relação ao pobre e às favelas ou periferias, se constroem definições e conceitos que, interiorizados pelos indivíduos, passam a compor o imaginário social, o tecido simbólico de que se constituem os paradigmas da sociedade.

De acordo com Charaudeau (2009, p. 17), a mídia atua de modo paradoxal. Ao mesmo tempo em que pretende se definir contra o poder e a manipulação, assume discursos manipuladores por estar a serviço de um aparelho ideológico e em função do interesse de classes sociais beneficiadas com a manutenção da ordem atual. Dessa forma, para Sodré, se cristalizam conceitos e observações generalizantes, naturalizadas em estereotipias, reforçadas

pela mídia, por exemplo, quando "o receptor percebe a imagem da TV como algo de 'natural' no interior de sua casa" (1977, p. 59).

As emissoras de televisão, por vezes, se preocupam em oferecer a sensação de que os conteúdos veiculados refletem a realidade. Essa é a tônica do discurso jornalístico, que se vale de diversos mecanismos próprios e de toda uma estrutura e formatos apropriados para a transmissão dessa suposta fidedignidade. Sinais dessa tentativa de ocultamento dos processos produtivos e naturalização do conteúdo televisivo como parte do "mundo da vida" também são encontrados nas narrativas ficcionais.

> A televisão possui uma linguagem propriamente dita, que recria a realidade a partir de critérios funcionais associados às características técnicas e linguísticas do aparato, à intencionalidade comunicativa do emissor e ao contexto cultural (CASETTI e CHIO, 1999, p. 263, apud BECKER, 2009, p. 96).

A constante recriação das realidades no ambiente televisivo é velada, pois parece ser exatamente essa aproximação com o que está além da tela que confere ao conteúdo televisivo a capacidade de transitar no imaginário social, tornando-se um espaço de formação. Desde que chegou à sociedade brasileira, a televisão se configura como importante vetor dessas representações e participa ativamente tanto na manutenção quanto nas transformações de diferentes aspectos da cultura e dos conceitos que norteiam a conduta e o pensamento do brasileiro, podendo estabelecer o jornalismo como um dos principais campos em que ocorre esse processo. "O mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microorganismos" (BOURDIEU, 1996, p.53).

Os significados produzidos pelas representações da mídia intermediam as interpretações que as pessoas constroem acerca de suas experiências; os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e falar (THOMPSON, 2001). O presente trabalho parte dessa inquietação vinculada à hipótese da *Agenda Setting*, por meio da qual é possível pensar que as representações da televisão acerca das comunidades populares e dos sujeitos que as integram podem exercer influências sobre as formas como esses sujeitos e espaços são designados perante a sociedade e até mesmo sobre a caracterização que tal indivíduo faz de si mesmo e do ambiente que o cerca.

> A Teoria da Agenda demonstra que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social é fornecida predominantemente pelos meios de comunicação de massa. A imprensa não diz às pessoas o que elas devem pensar, mas sobre que temas devem pensar, o que também mostra uma forma de controle (TEMER e NERY, 2010, p. 72).

Para além dessa confluência com a teoria do Agendamento, porém, o trabalho também tem como premissa a percepção de que tal representação não é estática, mas vem se modificando significativamente ao longo do tempo, também em função de fatores que são externos à mídia, como a existência de grupos que militam em prol do acesso ao processo de produção midiática e passam a reivindicar autorrepresentação nas mídias, no sentido de garantir uma imagem positivada e o reconhecimento da legitimidade das suas demandas.

3.1 Pobreza na Televisão: a mesma realidade, olhares dicotômicos

Hamburger relata que as mídias tradicionais perceberam nessas reivindicações um importante nicho que vem sendo fortemente trabalhado. "A partir dos anos 90, diversas realizações televisivas e cinematográficas desencadearam uma sucessão de proposições que reelaboraram o lugar das periferias e favelas no universo virtual do que é visível, *locus* privilegiado da sociedade contemporânea" (HAMBURGER, 2007, p. 16). Na programação da última década da Rede Globo, maior emissora comercial da televisão brasileira, são encontrados vários exemplos, entre séries e quadros: Cidades dos Homens, Minha Periferia, Antônia, Central de Periferia, Brasil Legal etc.

A pobreza relatada nas novelas já não é a mesma, nem tampouco parece ser a mesma a favela que se vê em um programa como "Central de Periferia", "Minha Periferia", "Cidade dos Homens" ou "Antônia", quando comparada à forma como historicamente esses espaços foram e são, no discurso telejornalístico, vinculados exclusivamente à criminalidade e à violência.

Ainda que de forma claramente segmentada, a televisão passou a representar o pobre e seus espaços de convivência de maneira mais positiva e múltipla, superando parte da homogeneização preconceituosa e estigmatizante decorrente da explanação telejornalística em torno dessas pessoas e lugares. O jornal que mostra os índices de violência na favela, as pessoas que moram em áreas de risco, os vícios e crimes da população favelada, seu desemprego e outras mazelas já não é a única parcela da programação em que essas classes sociais aparecem na TV.

Agora elas também são apresentadas fora de situações limítrofes e chocantes. Para além das tragédias e da vulnerabilidade dessas comunidades, estão na televisão o sorriso, a graça, a diversão, a beleza. Há programas claramente voltados para demonstrar quantos bons sentimentos e práticas permeiam esses lugares antes retratados apenas como sujos, inóspitos, carentes e violentos.

Além de aprofundar-se teórica e empiricamente no detalhamento dessa dicotomia discursiva que parece dividir a mesma realidade em duas, visivelmente opostas, este trabalho também almeja correlacionar os fatores que instauram tais mudanças, com base em justificativas políticas e sociais, mas também econômicas, uma vez que representações positivas das comunidades populares passam a existir na Televisão a partir do momento em que ocorre a ascensão das classes C, D e E em termos de consumo.

O interesse por estudar as representações televisivas em torno da pobreza parte do desejo de compreender de forma metodologicamente sedimentada a existência e motivações dos dicotômicos discursos midiáticos em relação a esse segmento social e, ainda, sua possível vinculação às leituras de mundo dos sujeitos representados a partir desses enunciados discrepantes.

3.2 Uma nova imagem e seus porquês

Mattos (1990), ao traçar um perfil da televisão brasileira ao longo da história, trata dos períodos do desenvolvimento do referido veículo de comunicação no país. Observando principalmente a quantidade de público que tinha acesso a essa programação, ele, com bases em outros autores, trabalha com a existência de quatro fases distintas:

> Priolli apresenta o desenvolvimento da TV estabelecendo um paralelo entre a evolução e nível de sua programação e o tipo de avanço tecnológico que condicionou o desenvolvimento do País, incluindo seus aspectos políticos e sociais. De acordo com o trabalho de Priolli, o comportamento histórico da televisão brasileira por ser identificado através de suas produções e tipos de programação. Segundo o autor, na década de 50, a TV foi elitista. Na década de 60 ela competiu por audiência. Na de 70 ela se modernizou tecnologicamente, embora adotando uma postura de servilismo ao regime militar. Na década de 80 ela se expandiu: abertura de mais duas redes, início das produções independentes para TV e o "boom" do videocassete (MATTOS, 1990, p. 29).

Desses períodos apresentados por Mattos, duas categorias antagônicas podem ser tomadas emprestadas por esse trabalho, embora com um sentido diferente. Ao tratar de uma fase elitista e de uma fase populista, referimo-nos não mais à quantidade de público, mas ao conteúdo da programação televisiva e seu interesse, antes por representar o glamour e as belezas de uma classe financeiramente privilegiada, e, mais recentemente, por diversificar esse olhar e se aproximar de uma realidade majoritária na população brasileira.

Por muito tempo, a televisão retratou a sociedade apenas pelo prisma das classes altas. Exemplo disso são as novelas com seus enredos cheios de personagens ricos, mansões, viagens internacionais. Nessas histórias, atores brancos desempenhavam papeis de proprietários e diretores de grandes empresas, fazendeiros, milionários sem profissão, sempre

detentores de fortunas. Aos pobres, em geral, restavam os personagens secundários de empregados dessas famílias ou aqueles papeis de relativo destaque nos quais o(a) personagem alcançaria ascensão social, seja pela via do casamento ou do trabalho.

Atualmente, as novelas vêm modificando esse cenário. Em 2004, uma atriz negra, Thaís Araújo, protagonizou a novela *Da cor do pecado*, representando uma moça pobre do Maranhão. Em 2008, a favela carioca torna-se o principal cenário da novela *Duas Caras*, que mostrou o convívio entre os moradores da *Portelinha.* O número de personagens pobres na teledramaturgia vem crescendo. Em *Avenida Brasil*, novela exibida pela Rede Globo às 21h, horário nobre, dos 40 personagens, 28 são pobres. Isso representa 93% do enredo, uma marca significativa se comparada, por exemplo, à novela O Clone (2002), na qual apenas 38% dos personagens não eram ricos ou da classe média alta (17 de 44). Em entrevista à Revista Veja[5], o roteirista João Emanuel Carneiro, autor da novela *Avenida Brasil*, enumera alguns dos motivos dessa transição:

> A vida dos bem-nascidos perdeu, sim, muito de sua aura sexy. Nas pesquisas com os espectadores e nas conversas nas ruas, percebo que aquele velho desejo aspiracional de se transportar, por meio da ficção, para a realidade inalcançável dos reis, princesas e magnatas já não é tão forte. Cadê o deslumbre com os palácios das duquesas, as ilhas fantásticas na Grécia, os vestidos de Grace Kelly, os Onassis? Não se cultua mais nada disso. A elite tradicional se fechou na discrição e no acanhamento. Além do mais, ter carro do ano, comer salmão defumado ou beber espumante já não são coisas tão fora da realidade da maioria das pessoas. Aqui as coisas são agravadas por outro fenômeno que procuro mostrar em Avenida Brasil. Antigamente, a elite se impunha como referência não só por seu dinheiro, mas por ser vista como superior em matéria de comportamento e cultura. Hoje, essa noção está falida (...) O rico passou a ocupar o lugar do caricato no imaginário das pessoas. Arrisco-me a dizer que, na base disso, está o fato de que bagagem cultural e sucesso material já não são vistos como complementares. Se o único valor que importa é o triunfo financeiro, tudo acaba se igualando. Ainda que as pessoas ganhem dinheiro, sua cultura e sua escolaridade permanecem precárias (Veja, 2012).

Se é pelo viés da perda de audiência que as emissoras têm procurado tornar mais visíveis na televisão a periferia e as populações pobres, não se pode ignorar o fato de que maioria dos programas da Globo que tentam trazer a periferia como protagonista são realizados por pessoas da classe média intelectual. Essa valorização do periférico, essa retomada de valores das favelas com a inserção das margens no centro vem sendo feita sob a ótica da elite. A tentativa de revelar uma visão diferente da periferia, mostrando que lá, além da criminalidade, existem moradores que trabalham, vivem conflitos amorosos, sonham e lutam por uma vida melhor, se faz necessária na TV por uma questão de consumo.

[5] Entrevista publicada nas páginas amarelas da Revista Veja, em 01/07/2012.

Desde o surgimento da televisão, a periferia ficou à margem, com uma baixa representação, ou sendo mostrada de maneira romantizada, estereotipada, nos relatos ficcionais, ou, ainda, relegada ao universo da criminalidade no discurso telejornalístico. Apenas quando passaram a consumir mais fartamente produtos midiáticos e ganharam destaque ao se mobilizarem pela diversificação de conteúdos, os moradores das periferias ocuparam outros cenários, como as séries e os programas. Significativa parte dessas produções foi desenvolvida por empresas que firmaram parcerias com a Globo. Elas contribuíram para uma multiplicidade das formas de identificação e de condução narrativa das periferias nos produtos midiáticos. Outras preservaram a estigmatização a que as pessoas marginalizadas normalmente estão submetidas.

Desde os anos 1990, o peso da concorrência assola o império da Rede Globo. Essa nova conjuntura do mercado modificou o campo de produção televisiva no país. Dois modelos foram confrontados: de um lado, o paradigma da Rede Globo de Televisão com sua edição e acabamento meticuloso; do outro, a popularização com o tempo real, o improviso, a falha e um estilo mais plural e popular (HAMBURGER, 2003, p. 40). Em resposta a uma demanda do mercado, a Rede Globo seguiu esse movimento pela diversificação de conteúdos. A iniciativa de veicular, na televisão, atrações que dessem visibilidade prioritariamente às populações economicamente menos favorecidas, nasceu nesse contexto, quando a periferia nacional já havia se transformado, no cinema, em um cânone do espetáculo cultural

Para angariar essa fatia da audiência, a Globo precisou se adaptar. Profissionais de produtoras levaram para a emissora outras experiências com moradores de subúrbios, experiências provenientes do cinema, de trabalhos anteriores que envolviam essas populações. Assim como nos filmes nacionais, as coproduções da Globo se inspiraram nos temas e na linguagem dos documentários. O trabalho com não atores, a ausência de marcações e a câmera mais livre colocam tais produções sob influência do documentário. Não foi a partir disso, porém, que a periferia começou a ser vista na Globo. Ela sempre esteve por lá, embora ocupando papéis secundários. A mudança, portanto, está no âmbito dessa aparição, que passou a ganhar outros contornos e maior visibilidade.

Sobretudo por meio do cinema nacional, vem sendo sistematicamente instituída uma espécie de cânone do subalterno nas artes do país. Especialmente a partir da segunda metade dos anos 90, ficou notória a necessidade de inserção das várias subalternidades brasileiras no centro do debate cultural. Como se, finalmente, as diferenças pudessem ser devidamente reconhecidas e valorizadas; uma necessidade de afirmar positivamente o papel das margens na constituição da cultura brasileira. Porém, não se pode ignorar que essa

valorização do subalterno, essa retomada de valores da tradição "popular", essa inserção da periferia no centro, que tudo isso vem sendo elaborado, articulado e levado a cabo pela elite, no "centro" em seu conceito clássico. E chegamos à contradição da instituição desse cânone do subalterno: ele também é fruto de um movimento do mercado cultural e do crescente interesse das elites pelo exótico. O mesmo princípio que leva estrangeiros a fazerem turismo nas favelas brasileiras. O multiculturalismo, como fenômeno ligado à disseminação em massa das culturas locais, não pode ser observado com ingenuidade: mais do que iniciativas independentes nacionais e populares ou do que uma utópica rearticulação do local em escala global, ele também é um jogo de interesses recíprocos por parte de empresas, grupos políticos e indivíduos.

No cinema esse discurso já é canônico, mas na televisão ainda é uma perspectiva mais isolada. Na história entre os pobres e a televisão, dois tipos representações têm destaque. Se, nos programas jornalísticos, a periferia é o lugar de criminalidade, essa mesma periferia, é na dramaturgia, tida como lugar de favelado padrão. A televisão, a praça pública moderna, produz um discurso contraditório, que, de um lado, celebra a periferia e, de outro, retrocede com um discurso de criminalização nos telejornais.

No mesmo ano de estreia do *Central da Periferia*, a Rede Globo exibiu outras coproduções com o olhar focado a esse mesmo espaço social: *Antônia*, *Falcão – Meninos do Tráfico e Minha Periferia*. Pouco tempo antes, apresentou *Palace II e Carandiru - Outras Histórias*. Em algumas dessas produções, como *Minha Periferia*, *Antônia* e *Central da Periferia*, a representação predominante não é mais um favelado tão romantizado como o que é mostrado em telenovelas, mas é um pobre criativo e feliz que sonha em mudar de vida. Desde 2006, novos programas em parceria com produtoras foram veiculados, como os quadros do Fantástico *Central da Periferia: Minha periferia é o mundo*, *Lan-house* e a série *Ó Paí Ó*.

Entretanto, essas coproduções que se constituem com uma participação mais ativa dos agentes culturais da periferia, ainda são representadas na TV como produtos que vêm de fora, parte de um conceito compreendido sob o signo da diferença, como se centro e periferia fossem termos isolados, incomunicáveis entre si (PRYSTHON e CARRERO, 2002). E é também a partir do centro que é realizada a direção dessas produções que mostram a periferia. É uma produção desenvolvida pela elite e realizada na periferia. Mas realizada para quem? Para a própria periferia? Ou seria também para a classe média, que costuma ser o público prioritário da TV Globo?

Essa aparição dos moradores das periferias habitacionais brasileiras, que, de acordo com pesquisas estatísticas, são maioria no Brasil, não é bem vista por pessoas da classe média intelectual. É comum ouvir críticas de que os programas, com os rostos da periferia constituem-se por uma estética do grotesco. Para Sodré e Paiva, preponderam dois padrões de programação: "O 'de qualidade', ou seja, esteticamente *clean*, bem comportado em termos morais e visuais, e o do grotesco, em que se desenvolvem as estratégias mais agressivas pela hegemonia de audiência" (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 130).

A cultura – e também a cidadania – são arenas de conflitos e ambientes estratégicos de debate pelo poder. Assim, a arte e seu consumo cumprem uma função social de legitimação das diferenças. Nesse contexto, as elites hegemônicas tentam impor papéis culturais para toda sociedade. A elite almeja levar cultura para a periferia, como se para além do universo da classe média escolarizada não houvesse produção. Mas essa ideia de inclusão cultural já não condiz com a contemporaneidade, porque as favelas têm ditado grandes sucessos, não havendo distinção evidente entre cultura do centro e cultura da periferia. As classes economicamente favorecidas partiam, geralmente, da posição de incluídas e não entendiam que o que não falta para a periferia é cultura, que, aliás, é largamente consumida por pessoas de outras classes sociais. Essa noção da cultura criada no centro é repercutida nos veículos de comunicação que, em sua grande maioria, preservam e consolidam os valores da elite.

> A hegemonia nos permite pensar a dominação como um processo entre sujeitos onde o dominador intenta não esmagar, mas seduzir o dominado, e o dominado entra no jogo porque parte dos seus próprios interesses está dita pelo discurso do dominador. E, segundo elementos que nos traz Gramsci com o conceito de hegemonia, é que essa dominação tem que ser refeita continuamente, tanto pelo lado do dominador quanto pelo lado do dominado (MARTÍN-BARBERO apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 99).

O aporte gramsciano oferece uma outra conotação para a ideia da Escola de Frankfurt acerca da apropriação e destruição da cultura. Os pesquisadores dos estudos culturais apontam possibilidades de resistência. Essa noção se afasta da ideia da periferia como classe dominada e sem poderes. Ela se refere à necessidade de hegemônicos e não-hegemônicos dialogarem permanentemente com seus contrários. Segundo os estudos culturais, os meios de comunicação influenciam, mas também são influenciados pelo contexto social. Gramsci avança ao explicar que entre a concepção de mundo compartilhada pelas classes populares, "impostas pela burguesia", e sua prática social de classes exploradas existe uma contradição, já que sua condição objetiva a leva constantemente a questionar a hegemonia das classes dominantes, ameaçando superá-la.

Em um slogan, a emissora Globo dizia "a gente se vê por aqui". Como se não houvesse distinções de raça, classe e gênero, a emissora finge representar adequadamente os diversos setores da sociedade. Se a Globo dissesse que lá não há vez e voz para negros, moradores de favela, *gays*, índios e outros grupos, provocaria ainda mais resistência. Nesse cenário de disputas, as coproduções aparecem como meios em que o protagonismo das periferias é possível. São espaços abertos pela emissora como lugar de negociação política com a periferia. Esse grupo passa a reivindicar que deixe de ser apenas o objeto cuja imagem explorada será comercializada como produto para a curiosidade da elite e da classe média histórica. A periferia quer se ver na TV e passa a exigir isso, agora com poder para negociar, a capacidade de consumo.

Conforme Kellner (2001, p. 64), "a produção da mídia está, portanto, intimamente imbricada em relações de poder e serve para reproduzir os interesses das forças sociais poderosas, promovendo a dominação ou dando aos indivíduos força para a resistência e luta". Para Hamburger (2005), principalmente no período entre 1970 e 1980, época de consolidação da indústria televisiva e do mercado de consumo no Brasil, a pobreza brasileira foi encoberta. Naquela década, os cenários urbanos de pobreza pouco apareciam na mídia televisiva:

> Bairros pobres e seus habitantes não tinham lugar na ficção ou em noticiários que se fixavam nos grandes acontecimentos protagonizados por personalidades notórias. A formalidade do assunto repercutia no estilo *clean* das imagens fixas, sem tremor, editadas de maneira limpa e convencional. Negros pouco apareciam, seja na ficção, seja nos noticiários. O Brasil que aparecia na TV era pacífico. A imagem oficial privilegiava cenários ricos, povoados de bens de consumo (HAMBURGER, 2005, p. 198).

Além das áreas urbanas pobres não terem lugar na TV, o cidadão comum também pouco aparecia. A invisibilidade era quebrada por uma ou outra produção, motivada pela vontade política de seus diretores. No período entre 1970 e 1980, uma geração de cineastas e dramaturgos migrou para a TV, tentando romper a invisibilidade e retratar "o homem do povo". No início dos anos 2000, as áreas pobres urbanas continuaram a ser tema de produções televisivas, mas o enfoque continuou na violência. De 2002 a 2004, a *Rede Record*[6] exibiu *Turma do Gueto*, um seriado mostrando a vida na periferia de São Paulo, tendo como idealizador e protagonista o então pagodeiro José de Paula Neto, o Netinho. Apesar de o elenco, inexperiente, ter sofrido críticas, chegou a bons índices de audiência e se destacou por

[6] A *Record* continuou apostando na temática violência e periferia urbana, tendo produzindo, em 2009, *A Lei e o Crime*. No seriado, o personagem Nando, um assalariado de camada popular, comete um crime e se esconde em uma favela, onde acaba assumindo o controle do tráfico de drogas. A emissora anunciou uma segunda temporada para 2011 e a transformação da série em filme.

ter sido o primeiro seriado estrelado majoritariamente por atores negros na história da televisão brasileira. O foco do seriado, no entanto, não se diferenciou. Como em *Turma do Gueto*, a violência das áreas pobres se tornou a tônica de muitas produções não só televisivas, como também cinematográficas, fazendo uma superexposição negativa dos moradores de periferia.

A violência e a denúncia de crimes se tornou quase um gênero jornalístico, o que poderia ser interessante se essas imagens não fossem frequentemente descontextualizadas. A violência retratada desconexa, sem relação com a economia, as injustiças sociais, e apresentada de forma espetacular, sensacionalista, um folhetim televisivo e teleshow da realidade que pode ser consumido com extremo prazer (BENTES, 2003, p. 1).

Em contrapartida a essa espetacularização da violência das periferias, surgiram produções que experimentaram novos modos de representar a realidade dos moradores de áreas pobres, como faz notar Zanetti (2008), que enfatiza a adoção de "um discurso positivo, associado às ideias de abundância e diversidade cultural, espírito comunitário, criatividade, solidariedade, etc., em oposição à violência, desigualdade, criminalidade, exclusão, etc." (ZANETTI, 2008, p. 1).

E esse discurso positivo pode ser observado em uma produção tematizando justamente os jovens de periferia. Em 2002, a *TV Globo* passou a exibir a série *Cidade dos Homens*[7], um subproduto do filme *Cidade de Deus*, enfocando os dilemas de dois adolescentes nascidos e criados numa favela do Rio de Janeiro. A série, que ficou conhecida por marcar uma mudança na forma como a mídia representava os moradores de periferia, teve a marca de Regina Casé, que fez sua estreia como autora e diretora de TV, assinando três episódios. *Cidade dos Homens* também se destacou porque todo o elenco – inclusive os jovens protagonistas Darlan Cunha e Douglas Silva – era de atores das periferias do Rio de Janeiro, formados nos grupos *Nós do Morro* e *Nós do Cinema*. Para Rocha (2006, p. 9), havia na série uma disposição em "despertar para o fato de que há humanidade nesses lugares, pessoas comuns e vida em comunidade, crianças e sua ingenuidade e não apenas a 'lei do tráfico', a violência e a criminalidade".

O mesmo sentido estava presente no seriado *Antônia*, exibido pela *TV Globo* em 2006 e 2007. Os episódios, mostrando os dilemas de um grupo de *rap* formado por mulheres

[7] Para a realização da série, exibida entre 2002 e 2005, a emissora se uniu pela primeira vez a uma produtora independente. Os episódios foram produzidos pelo núcleo do diretor da *Globo*, Guel Arraes, e a *O2 Filmes*, que tem como sócio o cineasta Fernando Meirelles.

da periferia, foram, segundo entrevista da diretora Tata Amaral à *Folha de S. Paulo*, uma oportunidade de falar dos meios periféricos de uma "forma iluminada e positiva, com quatro mulheres negras no elenco" (MATTOS, 2006). *Antônia* também chamou a atenção por mostrar heroínas negras, entre elas, a *rapper* Negra Li, nascida e criada em Vila Brasilândia, periferia paulistana, onde foram gravados os episódios. Pode-se dizer que foi uma tentativa de romper com a "branquitude normativa" (OLIVEIRA, 2009), que destina aos negros e às negras papéis estereotipados, especialmente nas telenovelas: "O problema é na abordagem passiva, desumanizada e dependente do branco, que geralmente cabe a esses personagens soltos na trama, sem família ou história" (OLIVEIRA, 2009, p. 29).

Central da Periferia e *Minha Periferia*, que chegaram à TV em 2006, comandados pela apresentadora Regina Casé, também tentaram apresentar as periferias de uma maneira diferenciada, dissociando essas comunidades da violência. As produções não se concentraram nos "baixos" da vida na favela, mas enalteceram o lado humano desses lugares. Com o surgimento de produções como as de Regina Casé, em 2006, houve, na televisão brasileira, a emergência de dois discursos sobre os meios periféricos. De um lado, atrações afirmativas como *Central da Periferia*, de outro, a realidade dura da violência e do tráfico de drogas, revelada em imagens como as do documentário *Falcão, Meninos no Tráfico*, produzido pelo *rapper* MV Bill e o produtor Celso Athayde, ambos oriundos da periferia, ligados ao movimento *hip-hop* e à Central Única das Favelas (CUFA).

O documentário gerou grande repercussão ao mostrar o envolvimento de jovens de comunidades pobres do país com o tráfico de drogas. Além de produzido por não cineastas da periferia, no documentário só foram exibidas imagens e narrativas da própria periferia, em especial, dos jovens envolvidos com o tráfico, embora a edição tenha sido da equipe do *Fantástico*. O embate entre os dois produtos ficou claro. São duas versões da realidade, dois discursos televisivos que se chocam. Nos dois anos seguintes, Casé continuou a retratar as periferias. Em *Central da Periferia*, *Minha Periferia é o Mundo*, a apresentadora mostrou, no *Fantástico*, favelas de diversas partes do mundo, com destaque para a cultura de seus moradores. Em *Central da Periferia: Lan-House*, a apresentadora debateu a digitalização das periferias, sendo as *lan-houses* o retrato da efervescência com que essas comunidades aderem às inovações tecnológicas.

Embora a mídia tenha investido em abordagens diferenciadas sobre as comunidades pobres, desenvolvendo experiências não focadas na violência, os debates em torno das representações da periferia não cessaram. Para Bentes, são louváveis produções como *Central da Periferia* e *Antônia*, que apresentam uma visão menos estereotipada da vida

nas comunidades, mas outras propostas focam no "pobre criativo e feliz", esquecendo-se de problematizar temas como o racismo, o preconceito e a desigualdade social. Em entrevista ao jornal *Brasil de Fato*, ela afirma:

> Admiro as propostas sempre à frente e ousadas de um Hermano Vianna na Globo, que faz antropologia urbana no Central da Periferia, ou a Tata Amaral, que vem do cinema dar sua contribuição a uma visão menos estereotipada da vida na periferia paulista, em Antônia. O perigo é transformar pobreza em folclore ou em gênero cultural, naturalizar isso, achar que 'puxa, é legal ser pobre'. Aceitar essa domesticação do racismo, do preconceito, da desigualdade e criar o pobre criativo e feliz, mas fora da universidade, sem disputar emprego com os garotos de classe média (BENTES apud MELO, 2007).

Em seus estudos, Hamburger (2005, 2007) tem refletido sobre as representações midiáticas dos moradores de periferia e especialmente o envolvimento dos moradores de áreas pobres nas produções que tematizam seu cotidiano. Para ela, "não só a maneira de representar a favela mudou como as relações entre quem produz, quem é representado e quem processa a representação também" (HAMBURGER, 2005, p. 209). A autora afirma que as favelas não são mais representadas de forma alegórica como no Cinema Novo e as relações mudaram porque, em muitas produções, os próprios moradores de periferia participam como atores ou compondo o roteiro ou a trilha sonora.

De acordo com a pesquisadora, os moradores de áreas pobres ainda discordam de muitas abordagens da periferia divulgadas em produções cinematográficas e televisivas. Haveria uma desconfiança de que essas produções, a despeito de terem rompido com o silêncio e a invisibilidade dos moradores de áreas pobres, ao invés de incluí-los, associariam mais uma vez a imagem deles com a criminalidade. Diante dessa situação, os moradores de periferia estariam buscando, cada vez mais, lançarem-se como protagonistas, retratando eles próprios a realidade das comunidades pobres: "Sujeitos descontentes com a maneira como usualmente sua imagem aparece no cinema e na televisão se lançaram, seja como atores, autores, músicos ou videomakers, no fazer audiovisual alternativo" (HAMBURGER, 2007).

Essa investida em trabalhos autorais colocaria em xeque também a legitimidade de produtores que retratam as áreas pobres já que, para a pesquisadora, os moradores de comunidades "questionam a autoridade dos diretores não oriundos da periferia para tratar do assunto" (HAMBURGER, 2007). Essa demanda, como faz notar Zanetti, pode ser entendida como o direito à 'autorrepresentação', a possibilidade dos indivíduos e coletivos da periferia exercerem maior controle sobre suas próprias representações, de modo a refutar aquelas consideradas insatisfatórias, como os estereótipos e as distorções (ZANETTI, 2008, p. 7).

Como no cinema, algumas produções televisivas captaram esse desejo dos moradores de periferia, especialmente dos jovens, de exercerem um controle maior sobre suas

próprias representações. Em 2008, a *TV Cultura* passou a exibir *Manos e Minas*[8], um programa que se aproxima das atrações comandadas por Regina Casé. Segundo o *site* do programa, "o jovem de periferia encontra no *Manos e Minas* o seu universo com tudo que tem de bom, sem fechar os olhos para as dificuldades". O programa também traz reportagens ligadas às manifestações culturais das periferias paulistanas. Além da *TV Cultura*, o *Canal Futura*, emissora fechada e de cunho educativo, mantida por organizações privadas, entre elas, a *TV Globo*, também se abriu a experiências protagonizadas pelos jovens de periferia. Em 2008, lançou a série *Crônicas Urbanas*, mostrando o cotidiano de periferias de três metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Contudo, o que se nota, majoritariamente, é que, diante de uma demanda de mercado, as redes de televisão procuram se aproximar da periferia, mas sem perder o controle do processo de produção e mantendo o domínio sobre que tipo de olhar é permitido lançar sobre esses espaços. Portanto, trata-se de uma proximidade relativa e de uma visibilidade negociada. Embora com particularidades, o programa *Esquenta!*, cuja análise segue no próximo capítulo, também se insere nesse contexto.

[8] Apresentado no primeiro ano pelo *rapper Rappin Hood*, em seguida pelo *rapper* Thaíde, e posteriormente pelo *rapper* Max B., o programa é gravado no Teatro Franco Zampari, em São Paulo, onde artistas das comunidades, especialmente ligados ao *hip-hop*, apresentam-se.

4 PROGRAMA *ESQUENTA!*: CONTINUIDADE E RUPTURAS NO CURSO DA REPRESENTAÇÃO DOS POBRES NA TELEVISÃO

Como fora exposto no capítulo anterior, o Programa *Esquenta!* integra a história de um grupo já consolidado na televisão brasileira, um grupo cujos projetos na mídia têm se voltado para a tentativa de um olhar diversificado sobre a realidade das periferias. Desde 1990, a apresentadora Regina Casé, assessorada pelo antropólogo Hermano Vianna e pelo núcleo do diretor Guel Arraes, vêm desenvolvendo narrativas que inserem a periferia e o pobre nos relatos midiáticos, para além do discurso criminalizante. O objetivo deste capítulo é reconhecer, por meio da análise do discurso do programa *Esquenta!*, a partir de que elementos essa narrativa em especial procura positivar a imagem dos moradores da periferia, além de explicitar as estratégias utilizadas e os resultados alcançados no âmbito da construção de outros sentidos. Concomitantemente, o trabalho avalia as impressões que esse produto midiático gera sobre seu público, a partir de um estudo de recepção e da análise de entrevistas realizadas com jovens moradores da periferia.

Filha de Geraldo Casé, famoso diretor da TV Globo, Regina cresceu em meio a estúdios e roteiros e desenvolveu desde cedo habilidades para lidar com o público. Atuou em grupos de teatro e filmes do Cinema Novo, tanto dentro como fora da tela. A primeira experiência na televisão foi o programa Guerra dos Sexos, em 1983, seguida por outros programas humorísticos, como o TV Pirata. Em 1991, estreou o Programa Legal, dirigido por Guel Arraes. O programa idealizado pela própria Regina, em parceria com o antropólogo Hermano Vianna, misturava os gêneros documentário, ficção e humor.

Em 1995, passou ao comando do Brasil Legal, programa em que viajava o país mostrando a diversidade cultural brasileira. Em geral, os lugares visitados eram desconhecidos, o que conferia um caráter documental ao programa. Depois de três anos no ar, o Brasil Legal foi substituído pelo Muvuca, também produzido pelo núcleo Guel Arraes. O programa era uma mistura de entrevistas e grandes reportagens. Mesclava histórias de famosos e anônimos, colocando-os em pé de igualdade.

Mais tarde, já firmada como uma apresentadora popular devido à forma despojada e informal com que conduzia os programas e, principalmente, por causa do carisma e da naturalidade com que se misturava ao povo, Regina passou a dedicar-se a vários programas educativos no Canal Futura. Em 2002, estreou como roteirista no seriado *Cidade dos Homens*.

Só em 2006, Regina voltou à TV Globo, então apresentando o Central da Periferia, programa em que percorria as periferias do país revelando curiosidades, moda, hábitos, gírias e músicas que construíam a identidade de cada um desses lugares e de seus moradores. Posteriormente, o programa transformou-se no quadro Minha Periferia, veiculado no Fantástico. O quadro aprimorou a essência do programa e levou a apresentadora para fora do país, apresentando as periferias africanas.

O carisma e a sensibilidade com que conduz os programas, sobretudo no contato com os anônimos, lhe concederam os títulos de popular e amiga da periferia, algo que a Rede Globo há muito reconhece e aproveita. Porém, em uma entrevista recente, a apresentadora declarou que seu trabalho tem como objetivo principal "aproximar o Brasil que come do Brasil que tem fome", uma fala que desconsidera as amarras estruturais impostas pela hegemonia da emissora a que se vincula. Para desvelar os diferentes discursos e estratégias presentes nesse produto midiático, bem como a(s) forma(s) com que tais construções e suas intenções são interpretadas e reelaboradas pelo público, esse trabalho apresenta uma pesquisa de campo que envolve duas etapas: análise discursiva e estudo de recepção, como fica melhor detalhado nos próximos tópicos.

4.1. Metodologia

No caminho metodológico adotado, o primeiro passo para a produção deste trabalho consistiu na revisão de bibliografia especializada com vistas à compreensão do contexto teórico em que o tema se insere no âmbito da produção científica. Esses conhecimentos foram um dos pilares em que se embasaram as análises sobre o objeto da pesquisa, o primeiro mês da primeira temporada do programa *Esquenta!*, veiculado na Rede Globo de Televisão durante os três primeiros meses de 2011.

A análise foi realizada sob dois pontos de vista essenciais à compreensão da inserção social da mídia: o conteúdo, avaliação que permite entender melhor o processo produtivo do programa e suas intenções enquanto produto midiático; e a recepção, etapa capaz de aprofundar o entendimento acerca dos efeitos dos produtos televisivos sobre os indivíduos e seus grupos sociais. Essas duas perspectivas analíticas, uniram-se num processo de ampla apreciação que objetivou conhecer as estratégias discursivas que guiam a construção de sentido nesse programa, bem como perscrutar as relações entre o *Esquenta!* e seu público, no sentido de compreender se as pessoas de baixa renda se sentem ou não representadas ou

mesmo se se identificam ou não com a maneira como o programa apresenta as classes e os espaços populares.

Para cada um desses objetivos, foram utilizados instrumentos específicos e as etapas realizadas em uma cronologia coerente com a premissa de enfatizar a opinião do público em relação ao programa. Primeiro foram realizadas as gravações dos programas, arquivos salvos da internet, à época disponíveis em um site oficial mantido pela própria emissora. Depois foram selecionadas as pessoas a serem entrevistadas, com base nos critérios pré-estabelecidos no projeto de pesquisa.

Compuseram o referido grupo vinte jovens de baixa renda (até 1,5 salário *per capita*[9]), residentes em um mesmo bairro periférico da capital. Optou-se por essa faixa de renda a fim de incluir nas análises não apenas a pobreza mais espessa, caracterizada pela extrema falta, como também a chamada nova classe média, que, apesar da ascensão social e conquista de melhores condições financeiras, ainda sofre uma série de preconceitos por pertencer aos espaços periféricos e por não compartilhar dos mesmos valores culturais da elite clássica. A opção também se deve ao fato de que, dessa maneira, é possível inserir na pesquisa uma maior pluralidade de vivências e opiniões das pessoas que integram as comunidades periféricas.

Realizada de maneira aberta e semi-estruturada, a entrevista teve como enfoques a percepção do(s) tipo(s) de relação que esses jovens estabelecem com os programas e conteúdos midiáticos que retratam o grupo social do qual se autoclassificam como pertencentes e que fatores determinam essa relação. Alguns dos aspectos analisados foram: se há elementos de empatia que cativam a audiência e/ou fatores que causam repulsa e afastam daquela programação; se percebem a dicotomia interna do discurso televisivo; se o posicionamento é ou não favorável àquelas abordagens midiáticas; se sentem ou não representados por tais programas; se a participação em outros espaços de formação influencia nas questões anteriores.

Para oferecer as condições necessárias à averiguação da última hipótese citada, o grupo foi composto por dez jovens que participam de algum movimento social, cultural e/ou religioso e outros dez que não participam, vinculados apenas ao mercado de trabalho. Houve também um recorte equânime de gênero, a fim de estabelecer possíveis relações comparativas por meio desse viés.

---

[9] Esse é o critério adotado pelo programa Universidade Para Todos, o ProUni, do Governo Federal para distribuição de bolsas integrais em universidades particulares. Com as parciais, o programa beneficia quem tem renda familiar *per capita* de até 3 salários mínimos.

Optou-se por selecionar pessoas jovens, de 18 a 24 anos, segundo o critério do IBGE, tanto porque são o principal público-alvo dos programas de entretenimento, quanto pela facilidade de acesso, uma vez que, em geral, nesta faixa etária as pessoas possuem menos afazeres e responsabilidades que na idade adulta. Também por esse motivo são mais ligadas à programação televisiva e/ou têm mais disponibilidade de tempo para atividades em outras áreas de formação.

A opção de selecionar um único bairro deve-se ao fato de isso viabilizar mais facilmente as visitas aos indivíduos pesquisados e, ainda, pelas proximidades das vivências, uma vez que a questão geográfica faz crer que os entrevistados devem possuir características e cenários comuns. O bairro Jardim Novo Mundo, em Goiânia, Goiás, foi escolhido por se tratar de uma região periférica constantemente presente nos noticiários policiais locais e, em função disso, ser explicitamente estigmatizado no cenário regional.

Também foi fator relevante para a escolha a facilidade de acesso que a equipe de pesquisa encontraria no referido bairro, em função de uma vivência pessoal, já que a pesquisadora residiu nesse bairro durante toda a infância e parte da adolescência. Para selecionar os entrevistados conforme os critérios da amostragem da pesquisa, também houve a colaboração da Central Única das Favelas (Cufa-GO) e do Centro de Referência da Juventude (CRJ), que realizam atividades esportivas e culturais na região e cederam dados cadastrais dos jovens que integram tais projetos.

Nessa etapa, houve coleta de dados e opiniões por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas presencialmente nas casas e/ou locais de trabalho dos entrevistados. O roteiro inicial das perguntas é abaixo descrito e, no ato das entrevistas, como permite a metodologia adotada, foi acrescido de possíveis desdobramentos.

- Como você se considera em relação à divisão de classe social?
- Você já apareceu na televisão? Em que situação(ções)?
- Você conhece pessoas que já apareceram na televisão? Em que situação(ções)?
- Você gostaria de aparecer na televisão? Por quê?
- Na sua opinião, quais as principais características da(s) forma(s) como as pessoas de classes populares e os bairros periféricos são mostrados na televisão?
- O programa *Esquenta!* também segue esse(s) padrões? Se não, em que ele se diferencia?
- Você e sua família assistiram ao programa quando foi originalmente transmitido pela Rede Globo nas tardes de domingo dos 3 primeiros meses desse ano?
- Você considera que seja um bom programa? Por quê?

O conteúdo dessas respostas integra e muitas vezes embasa as análises de conteúdo realizadas acerca do programa. Porém, não foram elementos suficientes para o alcance dos objetivos relativos à compreensão da opinião do público sobre o programa. Desse modo, quatro pessoas – dois homens e duas mulheres – os que demonstraram mais interesse e disponibilidade de tempo para participar da pesquisa, foram selecionados para um estudo de recepção. Em suas residências, e sob observação da pesquisadora, cada jovem participante da pesquisa recebeu a solicitação de que acompanhasse em DVD (aparelho fornecido pela pesquisadora, sempre que necessário) uma das edições do programa *Esquenta!*, originalmente veiculadas pela Rede Globo de Televisão no primeiro mês de 2011.

A emissora foi escolhida por se tratar da rede de maior audiência e história no país, bem como por ser pioneira na exploração desse nicho de mercado que produz conteúdos voltados diretamente às populações de comunidades populares. A análise ficou restrita às quatro primeiras edições, por considerar-se a amostra suficiente aos intentos desta pesquisa. A fim de possibilitar a coleta de uma natureza de dados não apreensíveis durante entrevistas ou questionários, a saber, as reações sensoriais e a linguagem corporal do indivíduo pesquisado, perante o conteúdo analisado, os participantes foram observados durante o momento em que assistiam ao episódio do programa. Nesse processo, foram anotadas suas falas espontâneas e a partir delas – quando se julgou necessário – foram realizados novos questionamentos, igualmente anotados e analisados.

Posterior aos acompanhamentos de recepção midiática, foi produzida uma análise de discurso da programação televisiva selecionada para integrar o escopo analítico do trabalho, com base em categorias estabelecidas em concordância com os aspectos que recebem destaque na observação do programa e, principalmente, nas opiniões colhidas na pesquisa de campo. Para isso, foi realizada a transcrição dos programas, da seguinte forma: áudio, vídeo e palavra-chave. Essa última, uma maneira de classificar o conteúdo em categorias de análise. Foram elementos discutidos ao longo dos programas analisados:

Ascensão social;

Comunidade;

Consumo;

Culinária Popular;

Discriminação/ Preconceito;

Diversidade;

Manifestações culturais;

Padrões estéticos;

Pertencimento;
Periferia;
Política;
Raça/Cor/Etnia;
Solidariedade;
Violência/Criminalidade.

4.2 Análises: construção e recepção de sentidos

À análise de discurso, realizada com base em Orlandi (2005) e pesquisadores da linha francesa, soma-se a análise interpretativa do programa, que traduzem os conceitos que norteiam a produção acerca do que seja popular e refletem uma imagem ora positiva e reposicionada, ora caricata, do que sejam os pobres, seus gostos e vivências. Nesse processo, para além da perspectiva teórica, há uma análise empírica, que se debruça sobre as interpretações dos espectadores do programa. Com o objetivo de garantir que seja preservada a privacidade dos sujeitos da pesquisa, os nomes reais de cada entrevistado foram substituídos por identidades fictícias. Os depoimentos citados nessa análise foram reproduzidos fielmente, conforme a fala coloquial gravada pela pesquisadora.

No episódio de estreia, o programa começa com uma música chamada *Samba da Regina*, feito especialmente para a abertura. Ao som desse samba, em forma de animação gráfica, Regina Casé aparece nos espaços populares, representações de favelas e ruas. A palavra ‘popular’ surge em caracteres coloridos, que se seguem a animações de bonecos simulando escola de samba, cozinha, favela. Surgem os caracteres do nome do programa e passa a ser exibido o cenário em plano geral. Cortes fortes: rosa, amarelo, vermelho, azul e verde; misturadas em um cenário amplo, que contempla vários palcos cercados por uma plateia.

No centro do palco principal, uma escola de samba com guarda-chuvas dourados que se abrem e de onde surge a apresentadora: Parda, cabelos pretos, sorridente, a Regina Casé de sempre. Ela usa sandália bicolor de salto alto, veste uma calça *legging* e uma bata com estampa brilhante que imita pele de zebra, combinando com as fichas que estão em suas mãos. O visual de Regina não se parece com o das demais apresentadoras de TV, tampouco sua figura se adequa aos padrões estéticos que imperam no mundo da moda e da televisão. Ela parece não se importar com isso e sentir-se bem à vontade em meio aos convidados, que aparecem em flashes enquanto continua o samba.

Gilberto Gil e Arlindo Cruz cantam a música de abertura do programa. Flashes da apresentadora dançando, cumprimentando os convidados e a plateia. Imagens também da plateia, onde se vê pessoas negras e brancas, velhos e jovens. No palco, crianças sambam. A transição das imagens é rápida, com muitos cortes secos em uma velocidade que confere às cenas um ritmo festivo e intencionalmente caótico. Aparecem caracteres da letra da música, que àquela altura estava sendo apresentada ao público. Regina fala:

> A partir de agora, quando você ouvir esse samba maravilhoso, se você estiver em casa, corre para a televisão. Se estiver na rua, corre, sei lá, vai para uma loja de eletrodomésticos, se estiver no shopping. Se estiver na praia, vai para a barraca, vai para o quiosque. Se tiver sozinho, se o celular for fraquinho, não pegar, fica na aba de um colega seu que tenha um celular que tenha televisão. Porque quando você ouvir esse samba sensacional do Arlindo e do Gil, corre porque vai começar o *Esquenta!* (ANEXOS, p. 128).

A linguagem possui uma relação com a exterioridade, com as condições nas quais são produzidos os discursos. Essas relações intervêm sobre a textualidade, sendo para a Análise do Discurso uma importante fonte de informação analítica, o interdiscurso. Os enunciados não são pertencentes unicamente a quem os proferem. O discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. Assim, evoca-se uma memória discursiva desses sentidos já socialmente legitimados que são ativados no intradiscurso e reverberam no interdiscurso, um espaço de negociação, de conflitos e regularização. Conforme Gregolin (1995, p. 13), "empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico".

A trajetória televisiva que conduz Regina Casé e seus colaboradores até o *Esquenta!*, ainda que seja um elemento externo à linguagem do programa, também faz parte da sua composição, da ideologia e mesmo dos sujeitos envolvidos. As experiências anteriores, suas motivações e resultados integram as escolhas discursivas adotadas na construção desse produto midiático. O uso dessa trajetória que contempla diversos programas conduzidos por Regina Casé a partir de uma proximidade com as populações da periferia é recorrente porque, no âmbito das representações, serve para autorizá-la a falar para e em nome desse público.

No site oficial do programa[10], a imagem que essa trajetória constrói acerca da apresentadora é definida da seguinte forma: "consagrada por sua versatilidade como apresentadora, atriz e humorista, Regina Casé está à frente do *Esquenta!*, desde 2011. A

[10] Disponível em http://tvg.globo.com/programas/*Esquenta!*/regina-case/index.html

comunicadora transita com maestria pelos mais diferentes meios, do popular ao intelectual. A identificação com a periferia é sua marca registrada". O referido enunciado endossa o que é recorrente no programa, que carrega esse mesmo argumento até mesmo na música de abertura, um samba escrito e interpretado por Arlindo Cruz e Gilberto Gil: "Alô Regina, é tão gente fina que sabe chegar em qualquer esquina. Tá na cobertura, na laje ela está. É quem domina. Porque tem a sina de ser popular" (Anexos, p. 128).

Essa imagem perpassa todo o programa, como também fica explícito nesse fragmento da fala de Regina antes de anunciar como atração musical em seu programa o cantor Zeca Pagodinho: "Eu tava em casa e falaram: entregaram essa encomenda aqui. Aí eu abri e era o CD do Zeca, escrito prova de amor. Aí eu tirei o CD pra ouvir. No fundo tava escrito: esse CD é dedicado à Regina Casé, que é **gente da gente**. Eu tava sozinha quase fiquei maluca, fui lá embaixo **mostrei pro porteiro**" (ANEXOS, p.142).

Ainda no programa de estreia, Regina conta sobre como fez amizade com um pedreiro que trabalha nas proximidades da casa dela, no Leblon. No relato, ela enfatiza os laços afetivos que a unem a cada convidado famoso que está no palco, a importância de estar aberta a fazer amizades e a manter a simplicidade com a qual as crianças cultivam essas relações:

> Esse programa é bem família né? Um almoço de família. Eu quero que vocês saibam que essa é a minha família, família do Zeca, família do Arlindo, família do Leandro, a família de geral que tá aqui hoje. Muitos eu vi crescer, muitos eu peguei no colo, porque família não é só aquela que a gente nasce não é família biológica. A família a sua verdadeira família são as pessoas que a gente vai achando pelo caminho, e eu tenho uma família enorme. Eu só tô aqui hoje começando um programa novo depois de muita brabeira, sacudindo a poeira, dando a volta por cima, porque eu tenho em vocês uma família. E eu vou dizer. Muita gente que tá aqui eu encontrei no meio da rua, eu encontrei num samba, eu encontrei por acaso. Quando a gente é pequenininho, quando a gente é criança é muito mais fácil, você joga uma bola, o cara manda de volta. Você tá cavando um buraco, o cara te ajuda. Você faz um amigo. E quando a gente cresce a gente perde a manha de fazer isso. A gente anda na rua tão batido assim, sabe? Sem olhar pra ninguém. Todo mundo é um perigo. Você tem medo. Tá o tempo todo na atividade. Achando que o cara que tá...que o outro é teu inimigo. Cara, o que a gente perde com isso é demais (ANEXOS, p. 157).

No modo como se expressa coloquialmente e utilizando gírias, Regina traz elementos de linguagem que a identificam com o público das periferias. Por consequência, o *Esquenta!* já nasceu tomando emprestada essa marca. Acerca do programa, a entrevistada Aline proferiu o seguinte julgamento: "Ele diferencia porque mostra, por exemplo, a qualidade dos pobres, dos pretos, dos excluídos. Ela mostra a raiz do povão. E ela é chegada nisso, parece que, apesar dela ser muito culta e viajada, ela se identifica com o povão. Mostra o que eles têm de melhor. Nunca fala o que tem de ruim".

Já a espectadora Eliane se confunde, julgando que Regina tenha tido um passado de pobreza, e que por isso seria defensora dos pobres na TV. “Ela veio de uma classe baixa. Ela defende os pobres, por que a maioria, tipo né? A maioria do pessoal que ela entrevista é tudo pobre, de periferia, das favela, daqueles Rio de Janeiro, São Paulo, sei lá. Ela defende os pobre”. Regina dá sequência ao programa relatando como conheceu o pedreiro Edilson, discurso que reforça a imagem de que na vida real também é amiga da periferia.

> Eu moro numa casa, numa rua **bem metida** no Leblon. Em frente da minha casa tem uma obra. Nessa obra, todo dia que eu tava saindo pra trabalhar, tinha um monte de operários. Mas tinha um cara que às vezes tava no 2º, no 3º andar, que olhava pra mim e fazia assim ó (gesto de Regina e risos da plateia). Aí no outro dia de manhã eu ia sair. Tinha um monte de cara, porque de capacete fica parecido. Aí eu tava saindo o cara fazia assim pra mim ó (gesto de Regina e risos da plateia). Aí teve um dia, já tinha passado o maior tempão, que eu saio e olho lá em cima. Tem um cara, que tava todo branco, sujo. Não sei. Era gesso? Que que era aquilo que ele tava fazendo que ele tava todo assim pintado de branco. A mão toda branca, suadão. Ele abriu o maior sorriso, eu abri o maior sorriso. Chega aqui Edilson (ANEXOS, p. 158).

Nesse fragmento, é interessante notar que a apresentadora utiliza uma expressão depreciativa ao referir-se à rua onde mora no Leblon e que ela passa rapidamente por essa informação, como que para não evidenciar o abismo que existe entre sua própria condição socioeconômica e a do novo amigo ou mesmo do público do programa. Porém, esse fator foi perceptível e de certa forma incômodo para a entrevistada Maria, que, durante o estudo de recepção, enquanto passava a cena, mencionou, rindo: “Rua metida?! Eu é que queria morar nessa rua metida. Do jeito que ela fala parece que nem gosta”.

Na sequência, a apresentadora chama para o palco o pedreiro Edilson. Ele é negro e está em trajes normais, que não caracterizam sua profissão. Dialogando com Regina, ele é tratado em sua individualidade, como qualquer cidadão. Porém, sua fala dura cerca de 30 segundos, menos que o tempo que Regina utilizou para apresentar a história e chamá-lo ao palco. Isso pode denotar que, no modelo do programa, há muito mais interesse no ato de conferir fala a um popular anônimo do que realmente em oferecer-lhe espaço para exposição de opiniões.

Contudo, essa questão não foi apontada por nenhum dos receptores. A entrevistada Célia, ao contrário, quando assistia ao programa, elogiou a presença do convidado: “Uma das coisas que mais gosto nos programas da Regina é que ela mostra os pobre e deixa eles falar. Esse cara aí, por exemplo, deve ter ficado famoso na comunidade dele”. A fala da entrevistada foi proferida assim que o convidado disse a primeira palavra no palco. Ou seja, parecia não ser importante o que ele iria dizer ou quanto tempo duraria sua participação. Só o fato de ter voz, depois de ser anunciado de maneira positiva já foi

suficiente para causar naquela espectadora uma empatia com a estratégia adotada pelo programa.

O conteúdo da conversa ressaltou as qualidades de Edilson como uma pessoa de bem com a vida, que procura fazer amizade com todos a sua volta, sem qualquer distinção. “Qualquer um que passar ali eu dou bom dia. Eu trato todo mundo igual **como se fosse igual a mim** também. Tendo dinheiro a mais pra mim não importa, não. Pessoa normal” (ANEXOS, p. 158). Na expressão grifada, Edilson apresenta uma possível contradição. Se ele diz que trata a todos como se fossem iguais a ele, talvez as frestas da linguagem tenham permitido passar uma parte da opinião que o sujeito da fala tentou ignorar. Será mesmo que ele julga que todos são iguais ou apenas procura agir como se fosse igual? Pode, é claro, ter sido um lapso no uso da linguagem, mas também é possível que esse lapso desvele o sentimento de inferioridade, subalternidade que as relações sociais imprimem sobre os pobres em relação aos ricos, sobre os anônimos em relação aos famosos.

O programa, que é gravado, encontra no processo de edição a possibilidade de formatar cuidadosamente a mensagem que se quer transmitir. Ao optar por essa fala de Edilson, o discurso escolhe abordar o cânone da subalternidade por uma outra via. Se é comum a mensagem de que é preciso tratar bem as pessoas, independentemente de serem pobres, dessa vez o mesmo discurso é emitido a partir de outro ponto de fala, um homem negro, que trabalha como pedreiro e não vê restrições que o impeçam de procurar ser amigo de uma artista famosa. A normalidade com que Edilson enxerga sua atitude de conhecer e abraçar Regina Casé só é transmitida na TV por ser considerada pelos demais como algo pitoresco, inusitado.

A apresentadora pede que Edilson dê “aquele sorriso”, uma frase que ganha a conotação de que ela já conhece o sorriso do rapaz e o admira por esse motivo. Nesse momento, é como se Edilson, por ser um trabalhador pobre, negro e morador de favela, pudesse representar todo o povo que vive em condições semelhantes. E ao construir essa representação, o programa opta por fazê-la de maneira a ressaltar sua positividade, como fica explícito pelo fato da cena seguir-se à fala do ex-presidente Lula, associando os dois contextos.

> Lula: Eu acho, Regina, que é o seguinte. É melhor a gente **ser bom**. Custa menos pra gente ser bom. Custa menos pra gente **rir.** Custa menos pra gente **ser alegre**. Custa menos pra gente **fazer carinho nas pessoas. Pegar na mão das pessoas, afagar as pessoas**. É assim que eu aprendi a viver, sabe? É mais gostoso. Eu aprendi isso na vida, na sobrevivência (ANEXOS, p. 158).

As palavras acima grifadas expressam valores positivos que o programa quer ressaltar como possíveis e existentes nos cenários periféricos. A bondade, a fraternidade, a afetividade e a capacidade de sobreviver nesses cenários tidos como adversos, como se naturalmente contrários a tudo isso. Por alguns instantes, Edilson é heroicizado e tido como exemplo, simplesmente por sobreviver e manter-se alegre. As imagens que se seguem revelam também a intenção de congratular sua condição de trabalhador, novamente um ícone dos demais que ao assistirem ao programa se identificarem com sua condição.

Edilson, então, aparece na obra em que trabalha. Vestindo um uniforme cinza e capacete azul escuro, com o mesmo sorriso que apresentou no palco, o pedreiro agora arremessa tijolos. Ao fundo, uma música de Zeca Pagodinho, já cantada no mesmo programa: "Então, por que que essa gente que tem não aprende a lição? Com esse povo que nada tem, mas tem bom coração". Nesse desfecho da participação de Edilson, fica ainda mais claro o papel por ele desempenhado, construído ao mesmo tempo como um exemplo para os pobres e para os ricos. É a ideia recorrente de que os ricos têm o que aprender com os pobres e que precisam se espelhar na capacidade que têm de superar adversidades. Em meio a um programa que busca um reposicionamento da figura dos pobres, vários cânones da elite perduram.

Na sequência do programa, logo depois do clipe com imagens do pedreiro, é veiculado outro trecho da entrevista com o ex-presidente Lula, que recebeu a apresentadora fora do estúdio, vinculando-o à figura de trabalhador, ao evocar seu passado enquanto líder sindical.

> Regina: Quem trabalha mais, presidente ou metalúrgico?
> Lula: Ah, presidente.
> Regina: Bem mais, né?
> Lula: Ah, quando eu era metalúrgico, eu entrava 15 para às 8 para trabalhar. Saía às 6h da tarde. Depois a noite era minha, o sábado e domingo era meu. Tal. Na presidência, você não tem horário pra entrar, horário pra sair. Você não tem domingo. Toda hora as pessoas acham que você tá disponível (ANEXOS, p. 159).

Ainda nessa sequência, cheia de cortes abruptos, o programa volta para o estúdio, agora com a fala do cantor e ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, que torna ainda mais explícita a intenção de aproximar a figura do presidente à dos demais trabalhadores. "A diferença do presidente Lula em relação a presidentes anteriores é que ele tem a alma do trabalhador. É um homem que gosta de trabalhar" (ANEXOS, p. 159). O programa, que reconhece a popularidade do ex-presidente, sobretudo perante o público das periferias, utiliza-se dessa intercalação de falas como estratégia para equiparar as imagens, homenageando as pessoas a partir de uma elegia ao trabalho. Desde o pobre que trabalha sorrindo até o retirante

nordestino e ex-metalúrgico que chegou à presidência da República. É pelo viés do trabalho que se dá essa representação positiva, da mesma forma como por vezes se dava a representação negativa, por exemplo na literatura, conforme mencionado no capítulo 2 deste trabalho. Concorrem diretamente dois arquétipos: o pobre trabalhador, que será parabenizado por sua constância e o pobre desocupado, que será taxado por sua inutilidade ou insolência.

Ainda nessa perspectiva, o programa apresentou um senhor de 87 anos que continua trabalhando como carregador de malas. O seu João aparece ensinando a carregar uma mala. São duas frases. Em seguida, muito feliz, despede-se dizendo: "Deus te abençoe. Deus abençoe toda a família. E muito obrigado. Eu não tenho nem palavras". A emoção do seu João, a que se deve? Possivelmente ao fato de ter aparecido na TV, como exemplo de trabalhador. De fato, para uma classe que tão costumeiramente é retratada no telejornalismo em função de crimes e tragédias, é uma vantagem aparecer em rede nacional sob um prisma completamente diferente. Para tratar sobre essa realidade, no questionário realizado por essa pesquisa, 20 jovens de baixa renda residentes de um bairro periférico de Goiânia responderam às perguntas: Você já apareceu na televisão? Em que situação? Conhece pessoas que já apareceram na televisão? Em que situação? Gostaria de aparecer na Televisão? Por quê?

A essas perguntas, 10 entrevistados responderam que têm vontade de se ver na TV. Apenas 6 responderam que não têm e 3 ficaram indecisos ou tiveram respostas contraditórias. Disso é possível inferir que a televisão continua exercendo fascínio sobre o público. Há uma espécie de encantamento na possibilidade de tornar-se famoso(a) e muitos querem conhecer essa sensação de se ver e se visto, conforme percebemos em alguns relatos dos entrevistados.

> Uai, eu achava que devia ser bom ser famosa, ganhar dinheiro pra fazer propaganda, interpretar. (Maria).
>
> Eu já até mandei inscrição pra aqueles reality show, sabe? Mas nunca nem me chamaram. Meu vídeo não apareceu nem naqueles que eles zoam depois (risos). É tudo combinado antes, quem entra (Antônio).
>
> Uai, ficar famoso deve ser bom (risos). Quem não ia gostar de ser famoso, né? Tem muita vantagem. Eu até já pensei em inscrever no Big Brother, mas acho que não tenho sorte nesses trem. Eles num ia chamar eu não (Elias).
>
> Claro que gostaria. A televisão é aquele glamour todo. Eu ia adorar ser famosa, rica e fina (risos). Por que aparecer na TV significa status, significa que você tá podendo, que tem alguma coisa que todos querem saber, que todos querem ver. Deve ser muito legal ter sempre gente muita interessada em você, pra onde você vai, com quem. O que você veste vira tendência, as pessoas imitando você. Ah, isso é muito legal. (Aparecida).

Mesmo entre os que responderam que não gostariam, citaram como justificativas o fato de serem tímidos e, portanto, se julgarem inaptos para o mundo da TV. Ou, como no caso da entrevistada Eliane, apresentaram uma contradição, respondendo com uma negativa terminante e na sequência expressando uma vontade reprimida ou esquecida.

> Não. Não gosto. Nunca pensei, não vejo finalidade nisso. Não faz meu estilo. Assim eu tinha vontade do Big Brother, mas depois vi que não vale a pena. É muita baixaria. Ficar expondo minha imagem assim, sei lá...(Eliane).

> Eu num dô conta de falar nas câmeras (riso contido com a mão sobre a boca). Por causa do dente também. Eu tenho vergonha. (À entrevistada falta um dente da frente. Quando faz menção a isso, ela fecha o semblante e fica mais séria). (Marlene).

> Eu sou meio tímido com câmera. Quando foi gravar a entrevista eu nem dei conta de falar direito. Não dou conta quando liga aquele botãozinho não. Eu esqueço tudo na hora. Melhor nem mexer com isso não (risos). (Carlos).

Entre os que realmente foram coerentes ao negar a vontade de participar de algum programa televisivo, 6 entrevistados, a maioria está inserido em algum programa social, o que pode nos levar à inferência de que o jovem que se integra a espaços de formação cultural e política tende a tornar-se mais crítico e menos suscetível tanto ao encantamento proveniente da possibilidade de aparecer na televisão como para interpretar os conteúdos. Para além desse aspecto, outra justificativa apresentada é o fato de que não concordam com a forma como a televisão apresenta as pessoas de baixa renda. A maioria explica que conhece alguém que já apareceu, mas são unânimes em dizer que o modo como a televisão mostra as pessoas da periferia geralmente é pejorativo. Isso se explicita nas falas de todos os 20 jovens entrevistados. Vejamos alguns fragmentos:

> Ah, quem não tem dinheiro não aparece bem não. No jornal só se for porque fez algum crime ou foi vítima mesmo (risos). Aí aparece com os cabelo tudo desgrenhado, as roupa estranha, velha, com cara de pobre mesmo (risos) (Maria).

> Eu sempre estudei por aqui, desde pequena. Aí conheço muita gente do bairro, também por causa do meu trabalho social aqui com o Instituto. Aí é comum eu ver na televisão ou no jornal falando que algum conhecido, às vezes até amigo mesmo, morreu ou foi preso. Esse ano mesmo já teve duas vezes (Joana).

> Muitas vezes por a gente morar longe, quando aparece na TV é daquele jeito, dentro de ônibus apertado, reclamando que o governo só pega os impostos e não faz nada. Desse jeito é ruim, né? Eu acho que depois fica todo mundo tirando quem aparece assim na televisão. Eu não tenho vontade não (Márcia).

> Eu penso que é sempre muito cruel. Tem várias formas de explorar essa imagem. Seja pela carência, pela falta que as pessoas passam nas periferias, seja pela violência. Mas o que a gente nota é que o pobre na televisão é sempre visto de uma maneira ruim. É porque cometeu algum crime ou porque está em dificuldades precisando da ajuda das pessoas (Ana).

> Nossa senhora, dos piores jeitos. Quem mora nessa região já sofre preconceito por que é longe e mal cuidado pelo poder público. Aí a televisão ainda ajuda a piorar porque mostra toda hora coisa ruim. Aí quem não mora aqui fica achando que é muito perigoso, que só tem bandido. Eu estudo no centro e tem mãe de colega meu que não deixa ele vir na minha casa nem de dia (riso). Esse medo é um resultado né? A mídia passa uma ideia errada de que todo pobre não presta (Carlos).
>
> Nas reportagens de reivindicação de melhoria do bairro, reportagens policiais e só. Às vezes aparece alguém fazendo um trabalho social. Os bairros só aparecem falando que tá faltando isso, faltando aquilo. Ou então que tá sobrando bandido, sobrando droga, só assim mesmo (Aline).
>
> **Meu bairro mesmo aparece direto na televisão. Mas é falando de assalto, de falta de segurança, de tráfico, só essas coisas muuuito boas.** (A entrevistada gesticulou um sinal de aspas, que expressa ironia, também nítida no tom de voz empregado na frase)**.** (Gabriela).

Quando questionados se o programa *Esquenta!* também segue esses padrões (e se não segue, em quê se diferencia), boa parte dos entrevistados demonstrou gostar do que veem no programa e da forma como essa representação ocorre, confirmando que o modelo de representação, e mesmo as outras estratégias que compõem a programação do *Esquenta!*, agradam o público da periferia em sua maioria. Contudo, há também os que apresentam severas críticas, o que nos leva a crer que nem sempre os telespectadores são seduzidos pelos discursos televisivos a ponto de concordarem com tudo. Esses relatos obtidos nas entrevistas e no estudo de recepção serão mesclados a análises de discurso que envolvem também uma percepção semiótica, a fim de comparar os resultados das diferentes etapas desse processo analítico.

Cada programa tem vários convidados e há ainda os que aparecem pelo estúdio e acabam por também fazer parte da gravação. Há um roteiro na escolha dos participantes, pois o programa procura mesclar diferenças, unir lados opostos numa espécie de elegia à diversidade e à celebração dos laços humanos sobrepostos às diferenças. São exemplos disso algumas atrações. No programa do dia 23 de janeiro, um grupo de jovens faz malabarismos com canetas. Eles demonstram habilidade com a caneta entre os dedos das mãos e contam que existem campeonatos mundiais desse esporte, o *Pen Spinning*. Enquanto os garotos são entrevistados, todos os convidados, com canetas nas mãos, tentam desenvolver as manobras. Em seguida, Regina oferece a eles caixas de fósforo e pede que utilizem como instrumento musical. Os sambistas tentaram o *Pen Spinning* e os jovens praticantes desse esporte tentaram o samba. Em outro episódio, a proposta foi um desfile mesclando roupas de grife e uma loja do subúrbio carioca:

> Agora o *Esquenta!* vai fazer a coisa que ele mais gosta de fazer, que é misturar. Nós vamos fazer um desfile que é o seguinte. As modelos vão descer totalmente Iate, de Angras dos Reis, Troncoso, maresia, com a moda da grife do Dudu Bertholini. E vão

> subir a rampa sem essas saídas incríveis. Apenas com os biquínis da moda praia do Almir, do piscinão (ANEXOS, p. 217).

Já no programa do dia 16 de janeiro de 2011, depois de apresentar Cosplays[11] de vários personagens e brasileiros que gostam muito da cultura pop japonesa, o programa levou ao palco japonesas que vieram para o Brasil porque conheceram o samba e sonham em ser passistas. Elas entram fantasiadas com as roupas típicas das mulatas das escolas de samba. Muito brilho, plumas, exposição do corpo. Embora as fantasias nos soem familiares, a cena carrega em si um estranhamento. Japonesas, muitas delas sem sequer compreender bem o português, contam sobre sua paixão pelo samba e depois são convidadas a sambar. Todos dançam e as imagens das japonesas sambando são mescladas a dos convidados: brancos, negros, crianças, adultos. Há uma eleição para escolher a melhor sambista japonesa. Esse assunto é encerrado com o grupo de Arlindo Cruz tocando um samba a partir das notas características da música oriental.

Constrói-se, dessa forma, uma festa que parece apenas querer celebrar a alegria, um programa de verão. Contudo, há nessas imagens uma densa construção teórica embasada no multiculturalismo. As cenas alinham-se à concepção de que as fronteiras foram quebradas e é possível nos tornarmos cidadãos do mundo. Com tais premissas, o programa alinha-se à perspectiva multiculturalista e demonstra que há um conhecimento antropológico e sociológico que embasa a construção dessa narrativa. Um desses pilares conceituais pode ser notado na obra do brasileiro Milton Santos, que apregoava a emergência de uma outra globalização, de caráter humanista, calcada na solidariedade entre os povos, no pensamento livre em substituição ao pensamento único dirigido pela globalização econômica. O autor apresenta alguns fenômenos que devem ser enfatizados nesse processo que constitui uma globalização de ordem não econômica.

> A enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescente, graças aos progressos da informação, a "mistura" de filosofias, em detrimento do racionalismo europeu. [...] Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança (SANTOS, 2002, p. 20).

Umas das formas por meio das quais o programa ressalta esse intercâmbio cultural é a partir da culinária popular. Entre os cenários fixos do programa, há uma cozinha, que é

[11] Arte de se fantasiar como personagens de jogos eletrônicos e desenhos animados.

decorada com motivos emblemáticos de diferentes regiões do país. O próprio *Samba da Regina* aborda a questão:

> Alô Rainha, que vai ter churrasco, feijão, vatapá. Alô, vai pra cozinha. Tem coisa gostosa de todo lugar. Traz a farinha, o camarão seco, o jandu e o fubá. Faz verão, que hoje é domingo, dia que o povão agita. Se liga, se encontra, faz conexão. Twitta. Ou pra se dar bem ou pra botar alguém na fita (ANEXOS, p. 128).

A decoração que simboliza vários estados brasileiros é o complemento semiótico da mensagem que o programa emite também com outras recursos discursivos. Nesse espaço, em cada programa o chef ou mesmo um(a) convidado(a) prepara um prato típico da culinária popular.

> Regina: Sensacional! Eu vou lá na cozinha. E aí gente? Bom, esse aqui pra quem não conhece, óh geral do Cacique, é o nosso mestre fixo de cozinha, o Anderson Lao. Samba muito por sinal, mais um sambista do Esquenta. Chega pra cá Lao, que eu agora vou falar com o pessoal. Oi, tudo bem, querido? E aí, o que você tá fazendo pra gente?
> Chef: Estamos fazendo hoje aqui um baião de dois, né? Que é aquela comida típica nordestina, né? (ANEXOS, p. 210).

É interessante notar que a comida se insere também como estratégia para dar um sentido de maior informalidade ao programa. Todos os pratos produzidos no programa são compartilhados com os convidados, que aparecem comendo em vários momentos. Há, ainda, imagens de algumas pessoas da plateia apreciando o prato do dia. Isso confere à narrativa uma semelhança com os eventos que ocorrem entre familiares e amigos aos fins de semana.

> Regina: Vocês gostam de Baião de dois? Beth, Arlindo, Jorge? Eu vou mandar levar. Já, já, subir um baião de dois aí. Tem cada coisa maravilhosa aqui, maravilhoso o almoço.
> Chef: O baião de dois acompanha picanha de carne de sol né? O queijo de coalho. O nosso é feito com linguiça, carne seca e o nosso famoso queijo de coalho (ANEXOS, p. 210).

Até mesmo a escolha do chef se insere nessa linha discursiva que remonta à valorização das diversidades. É um descendente de japoneses quem prepara o baião de dois e explica a composição da receita. Em um outro programa, Regina comemora a difusão da tapioca no território nacional. “Antigamente, pra gente comer uma tapioca, tinha que ir pro nordeste (...) ou então tinha que ir na Sé, em Olinda. Agora tem tapioca em qualquer esquina. Que coisa maravilhosa, gente. Em vez de ter só hot dog tem tapioca em qualquer lugar. Tapioca vem com tudo. Solta DJ (ANEXOS, p. 219).

Esse afrouxamento dos limites culturais é continuamente expresso no programa, que possui um nítido esforço por apresentar e valorizar manifestações da cultura popular que outrora foram – e em alguns âmbitos continuam sendo – subjugadas. A relação do programa

com o funk, por exemplo, expressa interesse por fortalecer e legitimar manifestações culturais que são continuamente taxadas inferiores, sobretudo por outras classes sociais.

> No show do Exaltasamba, chega uma hora que é uma loucura, gente. Todo mundo levanta e o Exaltasamba começa a tocar mais ou menos assim. Leva aí, gente (...) Gente, quando é que a gente ia imaginar que num show de samba ia ter um set só de funk e ia quebrar tudo? (...) As baianas dançando o funk. Eu quero ver (ANEXOS, p. 227 e 228).

O discurso do programa perpassa também a ideia de um resgate a aspectos tradicionais da cultura popular que estão se perdendo na contemporaneidade. Há, nesse sentido, uma mensagem dúbia, pois ao mesmo tempo em que se valoriza as novas e mercadológicas faces dessa cultura, como o funk, os passinhos, o tecnobrega, etc, também há uma busca pelo resgate de valores culturais antigos e um tanto soterrados pelas novas tendências de consumo que assumem posição de destaque enquanto produtos culturais do cenário popular. “Eu vou pedir um samba de roda bonito, pra gente vê como é que se dança na velha guarda da portela” (ANEXOS, p. 147)

> Regina: Que lindo isso, hein? Gente eu tô achando isso um poema, praticamente. De tão lindo. Que hoje em dia é uma barulheira, um samba corrido, né? Que as menina vão só chutando as sandália pra frente. Chutando as sandália pra frente. A lá. A minha plateia e meus convidados, olha que delícia. Isabel. A Isabel gosta muito de cantar marchinhas de carnaval antigas. Essa daqui. Eu conheço ela. Vamos cantar uma música aqui pro pessoal ouvir. Sa sa saricando, Vai
> Isabel: Sa sa saricando.
> Regina: Todo mundo leva a vida...
> Isabel: no arame (ANEXOS, p. 222).

Isso que a princípio pode parecer um embate ou uma contradição, na verdade revela um discurso coeso, que se estabelece sobre as bases da diversidade cultural, mas também do mercado. Não há no programa a intenção de interferir negativamente sobre a imagem que se constrói ao redor das mais atuais manifestações da cultura. Em nenhuma das edições analisadas, o programa faz algum julgamento sobre a qualidade desses produtos, sobre seu grau de entrelaçamento com o mercado ou mesmo sua capacidade de suplantar os ritmos tradicionais. Prevalece a intenção de fazer crer que ambas as manifestações culturais – antigas e novas – podem conviver com harmonia e se influenciar mutuamente em um processo que desloca a tradição sem diminuir sua importância. Nesse ponto, o discurso do programa se aproxima do que propõe Thompson (2001), referindo-se ao modo de se estabelecer essas novas ancoragens:

> à medida que as tradições se tornam crescentemente interligadas com os meios de comunicação, elas são gradualmente desenraizadas dos lugares particulares e se tornam dependentes de uma forma de interação não mais face a face. Tradições que se desenraizam deste jeito são mais facilmente adaptadas, transformadas ou codificadas por indivíduos que têm acesso aos meios de produção e distribuição de formas simbólicas mediadas. Mas as tradições que até certo ponto se tornaram mediadas não podem permanecer à deriva, em livre flutuação. Para terem vida longa,

> elas têm que ser reimplantadas em contextos práticos da vida cotidiana. Do contrário irão gradualmente perdendo importância" (THOMPSON, p. 174).

O programa não faz um debate sobre o popular como oposto ao erudito, como sugeria Adorno[12]. Ao contrário, o programa procura unir essas vertentes, reduzindo suas distâncias por meio de mecanismos que tomam os artistas como ícones. Há, por exemplo, uma ocasião em que Caetano Veloso, ícone da Música Popular Brasileira e do Movimento Tropicália, considerado um dos maiores compositores brasileiros, um intelectual, canta ao lado de Dodô, vocalista do grupo de pagode Pixote. Eles cantam uma música romântica do cancioneiro popular. Sem que o programa verbalize isso, a cena transmite a mensagem de uma união entre o erudito e o popular, numa relação em que ambas as partes são igualmente valorizadas, sem distinção.

O gosto popular também é exaltado. O programa reserva um importante espaço para o funk, para o pagode e o samba. Outras manifestações populares ficam à margem, em função da sazonalidade da pesquisa, que abarca apenas os programas de Janeiro. A proximidade com o carnaval afeta a escolha dos ritmos que aparecem no programa. Forró, Sertanejo e Baião, por exemplo, ficam de fora e recebem destaque na edição de junho.

A partir do simbolismo de cenas como japonesas dançando samba, sambistas tocando funk, um intelectual e um pagodeiro cantando juntos uma música do gênero brega, o programa enxerga e narra a globalização pelo prisma das experiências societais, explorado para além das territorialidades, valorizando os indivíduos. Há também uma forte menção ao descentramento, perspectiva de análise que desconstrói a suposta subalternidade natural da periferia para com o centro. "Então a gente dizia sempre que as periferias já conversam se comunicam entre si, que não precisam mais do centro" (ANEXOS, p. 155). Em falas como essa, está presente a ideia de que a relação centro-periferia já não se estabelece, ou não precisa se estabelecer, como um contato entre dominadores e dominados. Alinha-se aos estudos dos pós-colonialismo e à necessidade de reposicionamento dos sujeitos, alerta que se revela constantemente como uma intencionalidade impregnada ao discurso do programa. Por vezes expresso nos diálogos, mas em várias ocasiões presente mais sutilmente nas relações simbólicas que se desvelam a partir de uma análise mais cuidadosa do discurso e da constituição semiótica das cenas.

[12] Theodor W. Adorno, teórico da Escola de Frankfurt, para quem a música popular é sinônimo de produto estandardizado, submetido a um rígido sistema padronização, embotou a percepção estética de seus ouvintes."

> O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso gerativo do sentido, o mais próximo da manifestação textual. As estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação: ele faz uma série de "escolhas", de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado "ponto de vista". A narrativa é, assim, "enriquecida" com essas opções do sujeito da enunciação (GREGOLIN, 1995, p. 16).

Muitas dessas estratégias são perceptíveis aos espectadores. Na entrevista 1, a espectadora Maria percebe uma diferença em relação aos demais programas de auditório no tocante à composição e apresentação da plateia. "Nesses programa de auditório as moças que aparecem nas primeiras filas são pagas pra ficar lá, pra fingir que todo mundo da plateia é bonito (risos). Os pobre fica atrás (risos). No *Esquenta!* acho que não tem isso". O mesmo assunto também é mencionado pelo entrevistado Carlos: "Nesse programa, como outros da Regina Casé, eles querem passar uma ideia melhorada da favela. Eles levam mais gente negra pra plateia". E na entrevista com Gabriela, a espectadora reitera que "dá pra ver que tem muita gente pobre na plateia e dançando no palco", considerando como uma das qualidades observadas no programa.

Já a entrevistada Aparecida, aborda a questão sob outro prisma. Ela acredita que ao colocar na plateia as pessoas da periferia, o programa na verdade amplia o preconceito, reforça a ideia de que pobres são feios. "O *Esquenta!* faz é pior (risos). Mostra os pobres todos **feios**, os **cabelos bagunçados**, aquele monte de **gente feia** dançando o tempo todo, como se tudo fosse festa. Eu acho que eles querem mostrar que é bom ser pobre, que pobre é alegre, faz festa até com caixinha de fósforo (risos) Mas não é assim não". Essa mesma perspectiva se repete na entrevista com Gabriela: "A gente assistia um pouco. De vez em quando meu avô mandava mudar de canal. Ele fala que o programa tem muita gente feia (risos). As falas supracitadas denunciam que mesmo entre os moradores da periferia existia um certo incômodo em relação à presença maciça de pessoas de baixa renda na plateia do programa, como se o ideal fosse que essas pessoas ou se mantivessem fora do espaço de visibilidade que é a TV ou, se quisessem participar dele, que deveriam se adequar ao padrão estético vigente.

Se por um lado pode soar estranha tal opinião ser oriunda de pessoas que também são moradoras da periferia, por outro, o fato reflete o que Gramsci chamou de hegemonia e o processo no qual as ideologias são disputadas. Orlandi (1996) mostra, na análise do discurso, que o sujeito não é a fonte irrestrita do significado, nem mesmo sua origem. Na constituição do discurso estão impregnadas as falas de outros sujeitos. Desse modo, o sujeito resulta de um intercâmbio entre várias vozes, da relação com o socioideológico. Daí o caráter heterogêneo dos grupos e mesmo dos indivíduos e suas opiniões.

> A interpretação é um excelente observatório para se trabalhar a relação historicamente determinada do sujeito com os sentidos, em um processo em que intervém o imaginário e que se desenvolve em determinadas situações sociais. É assim que entendemos a ideologia, nesse percurso que fizemos para entender também o que é interpretação (ORLANDI, 1996, p. 147).

A interpretação, portanto, torna-se dependente das vivências e de como o sujeito se posiciona perante o grupo social do qual faz parte. Em alguns casos, depende, inclusive, dessa relação de pertencimento, que às vezes não se desenvolve. Se há fissuras na forma como o indivíduo de baixa renda se relaciona com sua identidade social, ele não se sente integrado à comunidade, mas alheio aos valores desse grupo. Assim, é comum que suas interpretações sejam marcadas por certo ressentimento e por estratégias de negação de qualquer tipo de associação ao grupo do qual o sujeito em questão não quer participar. No caso, os entrevistados mencionados demonstram acreditar que uma imagem positiva das pessoas pobres precisaria passar por uma pasteurização, um processo no qual fossem retiradas as características naturais do grupo, que deveriam ser substituídas por outras que gerassem uma semelhança com os sujeitos e valores hegemônicos.

No estudo de recepção, o assunto também é tratado e a entrevistada Bruna faz uma abordagem oposta à anterior. No momento em que assistia ao programa do dia 23 de janeiro de 2011, que mostrava uma matéria antiga feita por Regina Casé, em 2002, para o Fantástico, no piscinão de Ramos, a espectadora comentou: "Ela gosta muito de mostrar a beleza do povo, né? Isso é bom porque como a televisão só mostra mais é gente rica, fica parecendo que pobre é tudo feio. E não é. Olha só. A beleza da gente é diferente. Dá pra saber que é gente da periferia só de olhar na cara, mas isso não significa que é feio". Curioso é que a conclusão da espectadora foi anunciada no momento em que o programa mostrava apenas as pessoas se divertindo no piscinão, numa matéria em que Regina Casé conversava com um rapaz negro e depois com 2 moças de biquíni, as chamadas Musas do Piscinão:

> Regina: Gil, você tá passando o óleo pra quê? Você quer ficar mais pretinho?
> Gil: É
> Regina: É pra ficar meio avermelhado o tom.
> Gil: Não, mais pretinho.
> Regina: E você acha que as mina só gosta do cara quando ele tá assim molhadinho?
> Gil: É, vermelhinho, molhadinho.
> Regina: Oi, vocês vão concorrer a alguma coisa ou vocês tão assim normal?
> Musas: Normal
> Regina: Normal? Quando vocês atravessam a passarela você vai ouvindo as freadas?
> Musas: os carros passam, aí todo mundo começa a gritar: a musa, a musa, a musa.
> Regina: Ah, chamam de musa? Musa do Piscinão de Ramos (p. 216).

A pesquisadora sugeriu: "Mas talvez você reconheça neles a pobreza apenas pelo fato de saber que estão no Piscinão de Ramos, um local mais frequentado por pessoas da

periferia". Ao que a entrevistada retrucou de maneira muito segura: "Não. Ia saber mesmo se eles tivesse em outro lugar, num lugar muito chique. Pelo jeito de falar a gente já sabe se é da periferia". A mesma entrevistada, ao responder o questionário, comentou:

> O *Esquenta!* é diferente. Eles não dão nada, não coloca as pessoas pra pedir nada, não fica mostrando a pobreza diretamente. Tipo, mas indiretamente ela tá lá, né? Mostra as pessoas pobres sem ficar falando da pobreza. A gente sabe que são pobres pelo jeito né? Diferente do que costuma ser na televisão. Lá tem mais pessoas negras, por exemplo. E lá, das vezes que eu vi, tinha muita música, dança, coisas de programa de auditório normal, mas a diferença é que mostra mais a cara do povo, as músicas também falam mais de periferia, do orgulho das pessoas de bem que moram nas favelas (Bruna).

Para o entrevistado Felipe, o programa faz bem esse papel de valorizar a beleza popular, por exemplo, quando "mostra as mulatas bonitas sem precisar alisar o cabelo". O aspecto do padrão de beleza predominante na televisão é algo presente na fala da entrevistada Ana, uma professora de ensino fundamental e médio, que expressa um posicionamento bastante crítico em relação à representação do pobre na maioria dos programas de TV.

> Penso que a TV deveria servir para representar melhor todos os cidadãos. Não se pode institucionalizar, por meio de concessões públicas de TV, a imagem de que os pobres são feios, mal educados, sem caráter, carentes. Até quando os programas de TV tentam fazer diferente, como aqueles que vão nas favelas e dão para o povo prêmios e várias coisas, até esses caem em preconceitos graves. Por exemplo, o programa vai lá, escolhe uma mulher, leva para um spa, para um dia ou alguns dias de beleza. Dá pra essa mulher roupas caras, massagem, maquiagem, cabelo, tudo. Deixa essa mulher irreconhecível, dentro do padrão de beleza. Depois ela precisa voltar pra sua rotina de trabalho, casa, a labuta diária. E aí ela sempre vai se achar feia, comparando ao dia de rainha que teve. Esse programa fez um bem pra essa mulher? Não, ele a deixou para sempre complexada, com vontade de ser alguém que não é, por que com toda aquela produção televisiva estavam lhe dizendo que o que ela é não é bom, que ela representa o feio, o sujo, o pobre (Ana).

Também integrante do estudo de recepção, ao assistir o programa *Esquenta!*, Ana expôs que atribui importância à forma como negros e pobres aparecem mais naturalmente na plateia e no palco do programa, percebendo o intento pouco sutil da produção do programa de dar mais visibilidade às populações periféricas e também a artistas negros. Fazendo uma listagem, a espectadora citou expontaneamente vários artistas negros que participaram do programa. "Grupo Pixote, Gilberto Gil, Preta Gil, Camila Pitanga, Thais Araújo, Lázaro Ramos, Sheron Menezes, Glória Maria, Hélio de La Pena, Almir Guineto, Mumuzinho, Leandro Sapucaí, as mulatas e sambistas das escolas que se apresentaram em todas as edições e vários outros artistas". Para além do que fora percebido pela entrevistada, é interessante acrescentar que também compareceram ao programa artistas ou celebridades brancas, mas essas apresentavam, sobretudo, seus vínculos com a cultura popular, como é o caso de Leandra Leal. A atriz participou do programa em janeiro de 2011, falando sobre sua relação com o carnaval de rua:

> Eu sou uma loucura, no dia do Bola Preta, às seis e meia da manhã, eu já abro a primeira lata de cerveja, e assim eu vou, eu saio do bola preta e vou pra troça em Santa Tereza, depois no dia seguinte já tô no boitatá, a noite eu já tô na avenida, segunda-feira também eu vou pro bloco de crianças no Humaitá, depois vou pra avenida, não paro (ANEXOS, p. 195).

A entrevistada Ana, que foi uma das mais participativas na pesquisa, apresentou um balanço de pontos positivos e negativos, quando questionada sobre as estratégias utilizadas pelo programa na representação das periferias. Entre os pontos positivos, ela destaca a desenvoltura da apresentadora e a diversidade do programa, que, na opinião da espectadora, consegue ampliar o leque temático e as abordagens possíveis em torno das questões pobreza e diversidade.

> Tem alguns pontos positivos. A própria Regina é um deles. Ela consegue ser mais natural. Passa a sensação de que realmente sabe do que está falando, que conhece a realidade dos pobres. A gente sabe que ela nunca foi pobre e que não sabe o que é sofrer na pele os problemas da pobreza. Mas pelo menos ela passa mais verdade, sabe? Tem repórter que quando vai na periferia não consegue esconder que tá com nojo de tudo, que está morrendo de vontade de voltar logo pro seu confortável apartamento, num é? (risos) Dá pra ver, num dá? Mas a Regina, não sei se é por que é boa atriz (risos), ela consegue transmitir mais compreensão, parece mesmo que ela se diverte com o que é popular, que tá gostando de estar com os pobres, que não faz diferença por cor da pele ou classe social. Então começa por aí. Outro ponto positivo que eu vejo no programa é que ele não fala do pobre só pelo prisma da carência, do que falta. Fala muito mais da alegria, das conquistas diárias, do cotidiano. É um programa nitidamente voltado para as classes C, D até o Z (risos) mas que trata das questões da vida, não fica restrito a falar das misérias. Mostra o pobre o tempo todo, mas sem rotular. Eles dizem muito que é um programa contra o preconceito. Isso eu acho muito bom (Ana).

Contudo, a entrevistada se incomoda com algumas das atrações. Ela afirma que o programa sedimenta alguns preconceitos, enfatizando a recorrente utilização do corpo feminino como objeto de desejo:

> Mas também tem preconceito ali, não é tudo perfeito né? Analisando um pouco a gente percebe vários momentos em que eles tornam tão extrema a ideia do gosto popular, que chega a ridicularizar. Aí quando exagera fica ruim, fica feio e cai de novo no rótulo de que se é para os pobres tem que ser escrachado. Além disso, tem o preconceito de gênero porque boa parte do humor que eles fazem é a partir do corpo feminino, explora muito essa imagem, principalmente da mulata (Ana).

O que a entrevistada ressalta pode ser percebido em vários episódios do programa. Talvez o mais extremo seja durante a participação da cantora de funk Waleska Popuzuda. A cantora que ficou famosa por colocar silicone no glúteo sempre é retratada nos programas de TV como portadora de um corpo bem cuidado e por suas letras de funk que se alinham ao estilo que convencionou-se chamar de *Proibidão,* com explícita conotação sexual. No programa em que se apresentou, Waleska não chegou a cantar uma de suas músicas, mas repetiu o papel de mulher objeto, ao sujeitar-se a várias brincadeiras como simular um flerte com o músico Leandro Sapucaí e apoiar caixas de fósforo no corpo.

> Regina: Eu quero fazer uma experiência. Quero ver se eu apoio minhas fichas na sua bunda, se isso é possível. Não, uma caixa de fósforo.
> Waleska: Vai escorregar.
> Regina: Isso, arrebita que vai dar. Quase, peraí. Deu, gente!!! Vamos tentar agora 2 caixas de fósforo. Olha isso, uma salva de...não se mexe. Sensacional. Eu sou campeã mundial de equilíbrio de caixinha de fósforo em popozuda. Sensacional. 3. (Aplausos)
> Quantos mililitros tem aí? Assim, além do seu natural, de nascença. Quantos mililitros a mais?
> Waleska: Eu botei 550 em cada lado. Coloquei a redonda super alta. 550 ml
> Regina: Eu queria saber uma coisa. Depois de tantos ml, o seu biquíni mudou de PP pra GG?
> Valeska: Ficou no G.
> Regina: Ficou no G? E você pretende chegar ao GG algum dia ou não?
> Valeska: não, não, não (Anexos, p. 215).

A análise das imagens e conteúdos do programa se associa à fala de vários entrevistados para confirmar que essa exposição do corpo feminino é um importante fator na construção discursiva do programa. "Considero bom. É bem humorado, tem **mulheres bonitas**, muito samba, **mulata**, música. Eu acho muito bom assistir" (Antônio). "Tem os garis dançando, as **mulatas**, é tipo um programa de carnaval fora de hora" (Célia).

No tocante às imagens, é comum a presença de mulheres dançando com roupas curtas, principalmente ao som de sambas, uma vez que o ritmo é a principal expressão cultural em todos os episódios analisados. No programa do dia 23 de janeiro de 2011, enquanto a apresentadora discursa em homenagem ao samba, os grupos e escolas cantam e tocam, dançam nos palcos os convidados e todo o elenco do programa. Isso se repete em vários momentos, mas nesse em especial, a câmera se movimenta em uma panorâmica vertical que mostra detalhada e vagarosamente o corpo de uma dançarina vestida em trajes mínimos, um tipo de movimento de câmera muito comum em vários programas da atualidade (ANEXOS, p. 222).

Essa constatação revela que, apesar de inovar em vários aspectos, o programa não consegue ou mesmo não deseja fugir de certas estratégias consagradas perante o público e que garantem audiência, ainda que pelo viés do grotesco. Com a expressão *Império do Grotesco,* Sodré e Paiva (2002), referem-se ao cada vez maior e mais constante espaço que a mídia, sobretudo a televisiva, reserva à estética do exagerado, na qual o espetáculo se constrói a partir de cenas bizarras e situações improváveis e chocantes.

Também nesse prisma, o programa explora, em menor escala, a imagem de corpos masculinos. Isso ocorre, por exemplo, em todas as vezes que aparece o grupo Os Havaianos, que integram o elenco fixo do programa. São quatro dançarinos negros que sempre se apresentam sem camisa e vestindo shorts coloridos. Em uma das participações, na qual o grupo está desenvolvendo uma coreografia de um funk que repete o refrão "vem que vem que

vem com tudo", a apresentadora fica dançando no meio dos integrantes do grupo e se abana com uma tapioca. Ao assistir essa cena, a entrevistada Ana, que questionou a excessiva exposição do corpo feminino, disse, entre risos: "Pelo menos não expõem só as mulheres a esse **ridículo**". Com essa mesma expressão grifada, o entrevistado Felipe, mesmo considerando o *Esquenta!* um bom programa, define atrações que considera como elementos negativos, que denotam preconceitos.

> Olha, tem coisa que é diferente, sim (...) Mostra o povo rindo, roda de samba, de pagode, funk que é música de pobre, todo mundo sabe...(risos) Mas por outro lado eu acho que também tem preconceito (...) Tem hora que fica **ridículo** mesmo, parecendo que pra agradar os pobre tem que ser tudo **exagerado**, que pobre tem **mau gosto** com tudo. Eu acho que quem não é de periferia e assiste o programa pode até ficar com mais discriminação ainda. Vai dizer que é **bagunçado** porque é coisa de pobre (...) Acho que tinha só que deixar de exagerar em algumas coisas. **Ter mais bom gosto nos cenários, nas roupas** pra não ficar essa impressão de que tudo que é de pobre tem que ser **mal arranjado**, exagerado. Mas é um programa bom sim. Tinha que continuar. (Felipe).

Esse posicionamento também aparece em outros comentários. No estudo de recepção, quando a entrevistada Maria, assistiu a cena em que Regina sugere uma simulação de revista policial e interrompe tal atração para promover uma eleição de qual é o bumbum masculino mais bonito, ela demonstrou impaciência com o programa com uma expressão facial de desaprovação. E disse: "Ninguém merece!". Esse descontentamento também foi expresso pela entrevistada quando questionada se considera que o *Esquenta!* seja um bom programa. "Ruim não é, não. Tem música, vários artistas, a Regina Casé é boa apresentadora. Mas é meio **bagunçado** demais. **Tudo junto, muito colorido, muito barulho**. Muda **rápido demais** de uma coisa pra outra. Parece que eles querem colocar coisa demais num programa pequeno (Maria). Abaixo uma das cenas que causaram repulsa aos entrevistados.

> Você falou que tem que arrebitar o bumbum?
> É afastar o máximo da parede pra causar um desequilíbrio na pessoa, caso ela tenha a intenção de reagir.
> Douglas se é possível chega essa bunda mais pra cá ainda (risos)/ ele não precisa arrebitar a bunda dele já ...
> Arrebita o bumbum... eu adorei, eu rapidamente fiquei com vontade de fazer uma coisa, vamos escolher qual é bunda mais linda e mais gostosaaaaa.
> Olha se eu fosse policial, essa hora eu ia me distrair totalmente. Fala Júlia, que maravilha, eu não sei nem escolher. Pera aí vamos lá, por favor, voto secreto.
> Gente deu empate técnico (risos)
> Ah não. É o seguinte os dois mais votados, eu vou dizer quem é porque ela desempatou, Lazaro Ramos a bunda mais gostosa desse baculejo
> Eu vim aqui hoje pra isso.
> Cara eu trouxe o Lazaro aqui pra bater um papo sério. Era um papo reto sobre violência policial, sobre num sei quê, quando eu olho tô fazendo um concurso de bunda e ele ganhou gente.
> É um brinde maravilhoso.
> Uma salva de palmas para a bunda do Lázaro (aplausos)
> Obrigado, quero dizer que vocês têm muito bom gosto (ANEXOS, p. 189).

Ao definir como ridícula algumas atrações do programa, a entrevistada corrobora com uma corrente que tem em Sodré e Paiva (2002) um grande expoente, a cultura do espetáculo baseada no grotesco, uma estética quase circense que tanto desagrada a elite intelectual. Outros entrevistados também apresentaram críticas nesse sentido, julgando que, no intuito de representar o gosto popular, o programa acaba por reforçar preconceitos.

É interessante notar que o colorido, o barulho, a mistura de vários assuntos e o ritmo acelerado que a edição e os cortes abruptos conferem ao programa sejam considerados por alguns espectadores como aspectos desagradáveis, uma vez que tais estratégias são usadas exatamente como diferenciais com os quais se busca atrair a atenção desse público. Esse pode ser um reflexo do fato já mencionado acerca do distanciamento que existe entre quem produz e quem assiste, quem representa e quem é representado. Um olhar externo que parece convencido de que é a estética circense uma fórmula padrão para agradar seu público.

A conceituação do grotesco feita por Sodré e Paiva (2002) nos oferece subsídios para compreender melhor o impasse existente nessa relação. Para os autores, o grotesco se caracteriza pela estranheza; sua estética é dotada de características que o aproximam do caricatural, do cômico, do *kitsch.* "O grotesco é um mundo distanciado, daí sua afinação com o estranho e o exótico" (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 39). A estética do grotesco, que expõe indivíduos a situações extravagantes, é atraente para o público que encontra em tais cenas algo que lhe seja distante e alheio. Porém, deixa de ser agradável e passa a ser incômoda quando o espectador, em alguma medida, se reconhece numa relação de proximidade[13] ou similaridade com o indivíduo ou grupo que está submetido àquela situação "ridícula", como denominam os entrevistados.

Para evitar escolhas equivocadas em função do distanciamento, do abismo sociocultural ao qual nos referimos anteriormente, o programa passou a utilizar como estratégia a interação com o público por meio da internet. Na página do programa[14], no site da TV Globo, lê-se o convite em um banner com as cores e logomarca do programa: "Chega mais! Deixe o *Esquenta!* com a sua cara". Ao clicar nesse banner, o internauta é conduzido para o seguinte título e subtítulo, respectivamente: "Participe do *Esquenta!* Dê sugestões para

[13] Essa relação de proximidade, contudo, não se restringe à classe social. Também podem gerar essa afinidade que desestabiliza o efeito atraente do grotesco questões como identidade de gênero, idade, profissão ou mesmo uma perspectiva humanista que faz com que o indivíduo se perceba no lugar de qualquer outro ser humano.

[14] Disponível em http://tvg.globo.com/programas/*Esquenta!*/Participe/noticia/2012/10/participe-do-*Esquenta!*-deixe-o-programa-mais-parecido-com-voce.html

deixar o programa com a sua cara! Fale dos seus domingos, alimentos e até da sua saudade do *Esquenta!*!".

A página desenvolve o texto anunciando: "O *Esquenta!* quer chegar ainda mais perto de você. E para deixar o programa ainda mais com a sua cara, nós abrimos um canal de comunicação que vai estreitar nossa relação mesmo antes do programa voltar ao ar". Na sequência, o site convida os internautas a se cadastrarem para preencher um formulário com perguntas que servem para nortear a produção do programa acerca do que realmente agrada ou não ao público. Essa interação promovida pelas vias digitais[15] atualmente é tida como a principal ferramenta para conhecimento do público e garantia de audiência. Na lista de perguntas figuram as seguintes questões: O que você gosta de fazer aos domingos? Qual a sua comida preferida? Quais as comidas típicas da sua região? O que você quer ver no *Esquenta!*? O que você não quer ver no *Esquenta!*? Indique uma atração para se apresentar no palco do programa. Dê sua sugestão de tema para o próximo 'Calourão'.

A tentativa de conhecer mais sobre seu público por meio do envio de sugestões evidencia a necessidade de constante verificação das vontades e interesses de quem assiste ao programa. É também um método para reconhecer os gostos dissonantes e suas dimensões. Por exemplo, neste trabalho é preciso deixar claro que a crítica à velocidade e à estrutura narrativa de aparente desordem se verifica em poucos relatos, o que nos leva a pensar que realmente o formato do programa agrada à maioria. E é com esse conceito de maioria que os produtores tomam as decisões acerca dos rumos da narrativa.

Na perspectiva de quem produz o programa, é preciso ponderar se prevalecem as críticas ao formato ou se a maioria do público gosta das atrações, do ritmo, do conteúdo. O entrevistado Marcelo, por exemplo, não apresentou críticas quanto à estrutura do programa: "Das vezes que eu assisti eu achei bom sim. Porque é um programa, como se diz, né?, povão. É gostoso de ver. Tem muita gente bonita, muita alegria. Eu gosto sim". A participante Eliane também não apresenta nenhuma queixa e atribui sua satisfação com o programa aos temas abordados e ao bom humor com que o *Esquenta!* é conduzido.

> Acho o programa bom. Ele aborda temas muito assim...como fala?...interessante e divertido porque tem cantores que eu gosto, tem umas brincadeiras, umas danças também que eu gosto, funk, forró, samba. Ela aborda também o pagode, que ela adora. Acho que pagode e samba é a mesma coisa, é tudo batuque. Não tem no programa nada que eu não goste (Eliane).

[15] Além do site, Regina Casé mantém uma página oficial no Facebook. Até o momento de fechamento desta pesquisa, quase 53 mil pessoas haviam curtido a página. Fora isso, outras 2 páginas não oficiais do programa somavam, até outubro de 2012, mais de 130 mil curtidas.

> Eu acho que esse programa novo dela mostra as favelas de um jeito mais diferente. Ela mostra mais as festas, as bagunças, diversão, essas coisas. E tenta falar mais dos preconceitos que existe com quem num tem dinheiro (Elias).

Quando utiliza a palavra preconceito, o entrevistado Elias remete a um dos mais recorrentes temas do programa. Ao contrário de vários outros produtos midiáticos desenvolvidos por Casé, Vianna e Arraes, o *Esquenta!* não se define como um programa sobre os pobres e as periferias. Dessa vez, o grupo aposta em apresentar-se como uma grande festa de verão em que são celebradas a vida, a liberdade e a diversidade. Apesar de ser tão forte a identificação da maioria dos pesquisados, que reconhecem no *Esquenta!* uma tentativa de conferir a favelas e periferias uma visibilidade positivada, muitos percebem também que o programa tem outros interesses, como discutir os diferentes tipos de preconceito.

> Ela mostra mais é a alegria. Lá tem mais é artista. Dá pra ver que tem muito gente pobre na plateia e dançando no palco, mas ela chama mais é artista pra cantar, pra entrevistar. Não tem só gente pobre. Fala de favela também, mas não só disso, fala de preconceito no geral. Eu acho que é um programa voltado pra todo o público. Não só pros pobres (Gabriela).

> É divertido, alegre e fácil de ver, mas também tem conteúdo. Eles falam de acabar com o preconceito contra tudo. Pobre, negro, tudo. E tem muita discriminação, né? A gente sabe que morar na periferia não é uma coisa bem vista. Tem gente que discrimina até na hora de dar emprego. Ah, você é pé de toddy, vai chegar aqui na loja toda suja e suada. Eu já ouvi isso de uma mulher que me rejeitou no emprego. Ela falou isso rindo na minha cara. Não é fácil (Célia).
> .

Temas como discriminação racial, homofobia, preconceito contra nordestinos e pobres, liberdade religiosa e diversidade cultural foram recorrentes nos programas analisados. No episódio do dia 23 de janeiro, uma tenente da PM fala sobre a distinção entre indivíduo suspeito e atitude suspeita. A apresentadora e os convidados abordam a questão que, em uma situação na qual seja necessário fazer uma revista de possíveis criminosos, a suspeita sempre recai sobre indivíduos negros.

> Você mesmo falou um negócio importante, você falou o cara suspeito é um critério muito subjetivo. Então ele é carregado de preconceito? Sem dúvida. No ônibus, por exemplo (...) muitas vezes que é escolhido no ônibus, quase todos os meus amigos que são negros dizem pô o ônibus tá lotado, se tiver quatro negros, em geral eles são abordados. Fala na boa se no ônibus tiver o Leandro, ele, o Douglas e tal. E tiver a Talita, a marilinha, a Leandra dentro do ônibus se acha que vão chegar nelas pra dar uma dura ou neles? Olha eu vou te falar uma coisa, isso tá mudando Regina. Sabe por quê? Muitos são os exemplos de pessoas fora do estigma são criminosos que nem passaria na cabeça do policial desconfiar (ANEXOS, p. 187).

Na referida cena, depois que a tenente mostra como deveria ser uma dura, uma abordagem policial – procedimento regionalmente conhecido como baculejo –, o ator Douglas Silva, que interpretou o Acerola, em Cidade dos Homens, e agora integra o elenco fixo do *Esquenta!*, demonstrou, com humor, como realmente a polícia realiza essa ação diante de jovens negros. Conforme ele conta, já passou diversas vezes pela situação, simplesmente por

ser negro e morar na favela. O estigma criminalizante é retratado em uma cena na qual Douglas simula uma abordagem ao ator Lázaro Ramos.

Nas expressões faciais dos dois atores e dos demais convidados que aparecem nos flashes, observando a cena, nota-se ao mesmo tempo, o riso, o humor, que é característico do programa, e também a seriedade do assunto. Forma-se uma espécie de ironia, uma denúncia acerca do desrespeito da polícia para com os jovens negros. Ao assistir à cena, o entrevistado Felipe foi contagiado pela sátira. Ele riu, sacudindo a cabeça e colocando a mão sobre a testa. Explicou que o riso devia-se a lembranças da adolescência, quando viveu situações semelhantes àquela. "É desse jeito mesmo. Você tá voltando da escola numa boa e chega a polícia intimidando sem motivo", memorou.

No programa de estreia, um outro caso em que se discutiu o preconceito racial. Gilberto Gil explica que teve dificuldades para registar a filha com o nome de Preta: "Lá em Copacabana. Um cartório em Copacabana. O atendente lá no cartório disse assim. Mas Preta? Mas não é comum, tal. Eu disse, mas se fosse Bianca, tem até Rosa. Porque não Preta. Aí ele olhou assim. Aí entendeu, se convenceu, aí registrou" (ANEXOS, p. 149). É importante notar, contudo, que nem o músico e ex-ministro, Gilberto Gil, nem o ator Douglas Silva, na cena anterior, tratam tais questões com semblantes entristecidos ou de modo sombrio. Uma entrevista com Lázaro Ramos também aborda questão, mas ele revela-se otimista em relação à superação do racismo na sociedade brasileira.

> Regina: Na época que você tava no bando e começando lá você imaginava que um dia num digo você mas um outro negro ia ser protagonista da novela das oito que a novela que começa amanhã, Insensato Coração. Você conseguia imaginar isso ou você achava que ia demorar muito mais tempo?
> Lázaro: Eu imaginava sim porque eu acho que o povo brasileiro é muito generoso e merece e gosta de ver isso na televisão (p. 203).

Os temas são sérios, mas discutidos com muita leveza, em tom de brincadeira e otimismo. Uma brincadeira que, porém, segundo relatos dos entrevistados, era capaz de incitar à reflexão. "A gente comentava bastante as questões de preconceito, discriminação racial também vendo o programa" (Carlos). "No horário de almoço a gente sempre via esse programa, que , aliás, sempre gerava esse tipo de discussão que você tá me perguntando agora (Ana). A entrevista com o ex-presidente Lula também tocou nesse tipo de discussão, ressaltando principalmente a baixa estima do brasileiro perante outros povos e como isso consistia numa discriminação contra nós mesmos, resultado da exploração a que fomos historicamente submetidos enquanto povo:

> Nós, brasileiros, aprendemos a nos tratar como se nós fôssemos inferior, talvez pelo fato de ter sido um país colonizado, primeiro Portugal, depois a Inglaterra, depois aos Estados Unidos, ou seja, nós ficamos sempre naquela que outros são melhores

> que nós. Eu vou te contar uma história que não é presunção, é um dado real. Eu tinha cinco meses na presidência, fui convidado para uma reunião do G8. Falei na televisão de repente tava me chamando lá, era Bush, era Tonny Blair e tava lá o bagrinho Lula lá, uma tilapiazinha desse tamanzinho, um alevino. Cheguei lá num falava nenhuma língua, e naquela reunião você só fala com o escutador de ouvido. Aí eu tô lá, antes de começar a reunião a gente tinha chegado, eu cumprimentei todo mundo, e aí entra o Bush. Quando entra o Bush todo mundo levanta. Eu falei pro Celso: vamos ficar sentados. Ninguém levantou quando eu cheguei. Por que eu vou levantar agora que o Bush chegou? Aí o Bush veio e me cumprimentou normalmente, ou seja, o que eu queria mostrar. Você não precisa ser lambe-botas, você não precisa ser subserviente para ser respeitado (ANEXOS, p. 155).

Essa entrevista parece ter mexido com todos os entrevistados que participaram do estudo de recepção. Nos quatro pesquisados, foi possível notar algum sinal de concordância. A entrevistada Maria, por exemplo, balançou a cabeça afirmativamente, enquanto dizia: "Tá certo, se deixa as pessoas fazem os outros de bobo. Brasileiro tem que aprender a se valorizar". Já a entrevistada Gabriela, manteve-se ainda mais atenta e comentou com um familiar que, na ocasião, passou pela sala: "Viu aí? Falando da autoestima do brasileiro, que a gente tem mania de achar que o resto do mundo é melhor que a gente". O programa do dia 23 de janeiro expõe um outro tipo de preconceito, o de que é necessário haver uma divisão classista e que os papeis de pobre e rico definem a totalidade dos indivíduos.

> Agora vou chamar um cara que muita gente podia achar que nunca podia fazer um camelô do camelódromo da Uruguaiana, que nunca podia fazer um cara do povo: pô, aquele cara é maior playbas do Leblon. Ele não vai mandar. Mandou muito. E vou dizer. Sabe qual é a surpresa? Esse cara já saiu na bateria da minha escola. Esse cara sabe bater o repique. Com vocês, junto com mestre Bereco e as baianas da Mocidade Independente, no repique, ele, Rodrigo Santoro (ANEXOS, p. 230).

No que tange à homofobia, o programa optou por uma estratégia arriscada, mas que parece ter agradado os espectadores pesquisados. Em meio a uma discussão sobre a vaidade feminina, quando o programa apresentava cores de esmaltes, técnicas para pintar as unhas, sob o pretexto de falar de uma moça que coleciona os produtos, o programa passou a discutir sobre homens metrossexuais e sobre a naturalidade que tem adquirido com o tempo o fato de homens poderem cuidar mais da aparência e do próprio corpo. Esse é o mote para que Regina chame um grupo de três comediantes do elenco de seu programa, para um número que prega o fim do preconceito contra homossexuais, mas o faz com um humor semelhante ao que é utilizado contra homossexuais.

> Graças a Deus, graças ao Rock n' Roll, graças aos jogadores de futebol, aos rappers, graças aos pagodeiros que liberaram fazer unhas, tirar sobrancelha, usar dois brincos, usar o cabelo xuxa preta, trancinha pra cá, cumprido, curto, cabeleira do Zezé da zazá, graças a Deus tá tudo isso liberado eu vou chamar agora, quero apresentar ao Caetano três bofes que trabalham aqui no *Esquenta!* que realmente não têm preconceito com isso e fazem tudo unha, cabelo...três bofes que são o centímetro, o metro e o quilômetro sexual (ANEXOS, p. 174).

Aparecem os três comediantes usando perucas, brincos, fazendo vozes e gestos caricatos. Eles simulam que são metrossexuais, ou seja, héteros que gostam de cuidar da própria aparência, mas, ao longo do quadro, demonstram características atribuídas aos homossexuais. Os humoristas fazem piada com os personagens gays. E isso poderia ser considerado preconceituoso, mas não parece ser essa a reação dos espectadores pesquisados. Depois do quadro com os humoristas, corta para Regina, que, em meio aos sambistas no palco, profere:

> E tem uma música de um cara aqui, eu adoro e sei que o Caetano também adora, que é o Jerônimo. Sabe que música que eu tô falando? Na Bahia é lei agora não tem discriminação, quem discriminar viado pode até ir pra prisão. Tá um saco esse negócio de homofobia, essa onda. Não dá pra aprofundar agora, mas isso aí tá horrível, tô odiando essas notícias e tudo isso (ANEXOS, p. 176-177).

Há um corte da imagem e passa-se a mostrar a plateia aplaudindo e logo em seguida os humoristas dançando ao som da música pedida por Regina, um samba que, de maneira irreverente, fala sobre a criminalização da homofobia. Todos dançam ao som dos versos que repetem "Samba **viado**, cidadão". Nesse verso, a mesma palavra – grifada – que é costumeiramente usada com o intuito de discriminar homossexuais, aparece nessa canção e no programa associada à palavra cidadão, que remete àquele que é dotado de direitos, mas também à gíria policial que utiliza tal vocábulo de um modo satírico em referência a suspeitos e criminosos. Tais divergências quanto às possibilidades de sentido levam a concordar que "sob nossas palavras 'outras palavras' se dizem." (Brandão, 1986, p.55).

Pode nessa frase residir tanto a manifestação de preconceitos contra a homoafetividade, como também uma reapropriação do termo, que reivindica uma nova e positiva acepção da palavra. "Concebe-se, assim, o sentido como algo que é produzido historicamente pelo uso e o discurso como o efeito de sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas" (Brandão, 1986, p.65).

Os entrevistados que participaram do estudo de recepção não se posicionaram expontaneamente sobre o assunto, nem verbalmente nem com gestos que demonstrassem alguma inquietude ou reflexão sobre o tema. Instigado pela pesquisadora, o entrevistado João, ao ver a cena, afirmou "sem preconceito, mas é muito ridículo homem dançando desse jeito". Já o entrevistado Carlos, ao ser questionado se achava que o programa estaria ou não reforçando um preconceito ao usar a palavra *viado* para designar os homossexuais, respondeu "Eu acho que não. Esse programa é contra preconceito". Nota-se que para este entrevistado, a dúvida é sanada a partir do pressuposto que, de antemão, isenta o referido produto midiático de qualquer tipo de discriminação. Em outro momento do programa, a apresentadora

acrescenta “Acabou o preconceito. Esse programa aqui é pra isso. Pra acabar com qualquer tipo de preconceito” (p. 224). Nessa fala, contudo, ela refere-se ao preconceito contra o pagode.

> Eu gosto de dizer que o Exalta ajudou muito a acabar com o preconceito com o pagode. Antigamente o pessoal torcia muito o nariz e foi uma coisa que facilitou. Cara. Esse pessoal é fantástico. Tem desde os samba mais tradicionais, que eles cantam também, até o samba mais novo, que eles contagiam toda a galera aí. Tão de parabéns, a rapaziada toda. Sou fã do Exalta. Faz barulho pro Exalta aí. (p. 224).

Regina faz essa apresentação bem no meio do público, o que, além de novamente ressaltar os rostos e estilos, marcadamente populares, no sentido que se opõe ao erudito, também reforça sua simpatia e carinho para com os fãs. Ao anunciar o grupo, a reação da plateia é de muitos gritos e aplausos, denotando que aqueles cantores também partilham do carinho do público. Assim como boa parte dos cantores que se apresentaram nos programas analisados, o grupo é composto por músicos que foram pobres e que alcançaram ascensão social por meio do trabalho artístico, sobretudo depois de serem inseridos no cenário midiático. Conforme sugere a entrevistada Célia, o público percebe a alta frequência com que esse tipo de relato é inserido no campo midiático. A entrevistada cita que é comum nos programas televisivos que se relate sobre a vida de celebridades “que vieram de baixo e depois de ficar famosos voltam nas favelas pra mostrar as origens, falar onde que viveu, como era a vida quando era pobre. Tem isso muito” (Célia). Ao ser questionada se o programa *Esquenta!* também segue esses padrões, Célia acrescenta:

> O *Esquenta!* mostra isso também. Mas é bem misturado. Também mostra gente que sempre teve dinheiro junto com gente pobre falando do trabalho. Tem os garis dançando, as mulatas, é tipo um programa de carnaval fora de hora. Tem artistas que vieram das favelas e cantam músicas falando bem dessa época (Célia).

Isso a que a entrevistada refere-se também é frequente no programa *Esquenta!* Há um esforço para que as músicas cantadas no programa, em geral sambas, mas não apenas, tenham vínculos com os temas discutidos. Como enfatizam alguns entrevistados, a temática das músicas também recorre frequentemente à valorização dos espaços populares e do convívio fraternal entre os pobres. Isso ocorre, por exemplo, com a apresentação das músicas “Meu nome é Favela”, “Polícia e Bandido”, “Isso é fundo de Quintal”, “Vou Festejar”, “Piscinão de Ramos”, “Deixa a vida me levar”, “Conselho”, “Favela” e várias outras que façam referência a cada tema abordado nos quadros e nas entrevistas. Nessa seleção, recebem destaque as canções que ressaltam o protagonismo dos indivíduos e comunidades periféricas: “Arte popular é o nosso chão. É o povo quem produz o show e assina a direção”; “Favela, ô. Favela que me viu nascer. Eu abro o meu peito e canto o amor por você. Favela, ô.

Favela que me viu nascer. Só quem te conhece por dentro pode te entender"; "Suburbano nato com muito orgulho, mostro no sorriso nosso clima de subúrbio (...) Meu nome é favela. É do povo do gueto a minha raíz. Becos e vielas. Eu encanto e canto uma história feliz".

Tanta dedicação à favela gera compreensões distintas entre os entrevistados. A participante Maria citou a forte presença do samba como um dos elementos que conferem boa qualidade ao programa, sobretudo para os fãs do gênero: "Quem gostava mais era meu pai porque passava as músicas do tempo dele. Ele nasceu lá no Rio. Gosta muito de samba. O *Esquenta!* fala muito de samba, favela, essas coisas. Meu pai que gostava mais". Dotada de um posicionamento mais crítico, a entrevistada Célia não parece emocionar-se com as declarações de amor que os artistas fazem às suas comunidades de origem. No estudo de recepção, enquanto eles cantavam essas músicas, ela repetia os mesmos questionamentos anteriormente proferidos na entrevista:

> É um bando de gente falando que ama a favela, favela isso, favela aquilo. Mas pergunta se algum deles ainda mora lá. Nada. Todo mundo depois que faz sucesso, claro que some da favela. Primeira coisa que faz é se mandar. Se fosse bom do jeito que eles falam por que ia se mudar? Essas músicas, esses programas não fala toda a verdade. Fica parecendo que todo mundo aqui gosta de ter que acordar de madrugada pra ir trabalhar, de voltar tarde da faculdade pra ter que começar tudo de novo no outro dia. Até parece (risos). (Célia).

A entrevistada Márcia tem um posicionamento também crítico, mas sua reflexão perpassa outro âmbito, o da naturalização da pobreza a partir desse tipo de discurso afirmativo. É como se acima da problemática exclusão/inclusão social se formasse uma aura romantizada da pobreza e esta sublevasse a eliminação do problema, como se buscar a felicidade dos pobres nas favelas e sua representação positiva pudessem substituir os esforços para a superação do problema. Uma espécie de anestesia que tornasse o fenômeno da desigualdade uma fatalidade do nosso tempo contra a qual só podemos minimizar os impactos.

> Lá eles falam mais é da cultura do povo, que não tem problema em ser povão. Fala do amor pela origem de favela. Aqui em Goiânia, a gente não usa muito esse nome né? Fala mais é periferia, talvez por que a gente não tem morro, como lá no Rio e São Paulo. Então...a Regina mostra mais é esse lado, de que a gente não precisa ter vergonha por ser pobre ou por morar na periferia. Por outro lado, de tão alegre, parece que é um programa feito pro pobre esquecer os problemas, não pensar nas contas que estão vencendo (riso). Aí eu acho meio preocupante. Porque a gente não tem mesmo que se envergonhar por ser pobre, mas também não pode achar normal a desigualdade né? Do jeito que o programa faz, parece que é muito bom ser pobre e que a gente pode se contentar com essa desigualdade que tá aí. Aí eu não concordo (Márcia).

Contudo, a crítica é apenas uma ressalva, que não desmerece a necessidade de que os pobres e seus espaços sejam retratados de forma humana e em sua complexidade. Na

entrevista, o participante Carlos apresenta a força que a palavra favela imprime a esse discurso, um embate no âmbito da linguagem que desvela disputas ideológicas.

> Mostra outro lado, que não é só coisa ruim que tem na favela. Uma coisa que eu acho bom é que lá não tem medo de chamar de favela. Tem uma onda né? Agora chama é comunidade. Isso é hipocrisia. Qual o problema de chamar de favela? Até parece que só de mudar o nome faz os problemas resolverem. Então, assim, é um programa mais equilibrado, sabe que tem problema que precisa ser resolvido, mas também não humilha o pobre, mostra o melhor lado (Carlos).

No comentário acima, o entrevistado menciona uma tendência discursiva que prefere chamar de comunidades os espaços residenciais periféricos, como se a substituição da palavra fosse suficiente para acabar com os problemas que assolam tais espaços. Há nesse embate linguístico uma tentativa de assegurar, por meio da palavra, uma resistência, já que a partir do momento em que se estabelece uma disputa, uma relação de poder, há também uma possibilidade de resistir. Conforme Foucault (1988, p. 241), o poder não nos aprisiona, pois sua dominação pode ser modificada de acordo com estratégias condizentes. Pode ser que, para esse entrevistado, não aderir à rejeição do termo favela, signifique um embate simbólico em que a disputa pelo sentido vai muito além das palavras, mas perpassa a ideologia. Se assim o for, ao menos no tocante a essa questão, ele se alinha aos enunciados do programa, já que, como mostrado anteriormente, o uso do termo favela é frequente e dotado de um significado que envolve afetividades diversas e toma para si uma força que evoca do povo.

> Tinha muita música, dança, coisas de programa de auditório normal, mas a diferença é que mostra mais a cara do povo, as músicas também falam mais de periferia, do orgulho das pessoas de bem que moram nas favelas (...) eles fazem um programa divertido e que valoriza mais a cultura que a gente tem. No Brasil a maioria da população é pobre né? Tem mesmo que parar com esse preconceito na TV e passar a mostrar mais a cara do povo (Bruna).

Nessa busca por mostrar mais a cara do povo, encontra-se um discurso de formação e consolidação de identidades coletivas, pertencimento, uma busca para que os espaços populares não sejam alijados da visibilidade midiática, que se configura como esfera pública, um dos principais âmbitos em que ocorrem e se legitimam as disputas por poder. Para a entrevistada Célia, embora o programa não seja capaz de diminuir o preconceito contra os pobres, ele contribui para o fortalecimento do sentimento de pertença e, ainda, para a autoestima individual e coletivamente.

> Ajuda a gente a ficar mais forte contra essas coisas. Acho que ajuda a gente a gostar mais da gente, de ser mais feliz sendo a gente mesmo. Porque não é porque a pessoa é pobre ou porque mora na periferia que ela é menos que alguém que sempre teve tudo que quis. Então eu acho que esses programas não resolvem tudo, mas ajuda a gente a continuar na luta, principalmente contra o preconceito, que eles sempre falam no programa (Célia).

Essa mesma participante, ao assistir à entrevista concedida por Lula ao *Esquenta!*, empregou muita atenção. “Essa parte é a que eu mais gostei”, disse a pesquisada, denotando conhecimento prévio do conteúdo que estava prestes a assistir novamente. “Quando eu assisti o programa na minha casa, quando passou na TV, gostei muito do que o Lula disse sobre autoestima do povo brasileiro. Eu concordo com ele nesse ponto. Eu vejo isso em todo mundo que conheço”. Na entrevista com Ana também foi possível notar a mesma comoção. Sentada em sua sala de estar, em uma casa equipada com micro-ondas, DVD e TV de 40 polegadas, a entrevistada referiu-se a si mesma e ao seu grupo familiar como pobres e mencionou um programa do governo federal para explicar sua concordância com a fala do ex-presidente. “Sabe como ele fez isso, né? Dando educação pros pobres. Só aqui na minha família, graças ao ProUni, quatro pessoas estão fazendo faculdade. Minha irmã vai ser advogada e uma prima nossa, dentista. Quando que isso ia ter acontecido sem essa ajuda?”.

Em uma entrevista fora do estúdio, apresentada em trechos durante vários momentos no programa de estreia, Lula e Regina conversam como dois amigos. Eles falam sobre o fenômeno do descentramento, expondo que o espaço para as periferias agora é maior e que as potencialidades dos brasileiros, inclusive os de baixa renda, agora se expandem. Não apenas em função da economia ou do sistema político, mas por causa da renovação desse sentimento de pertença, de construção coletiva, que perpassa os sentidos de cidadania, identidade e representação.

> Regina: Sabe qual é coisa mais legal de todas que você já fez? É fazer com que cada brasileiro, mesmo o menorzinho desse tamanho achasse que você é ele. Isso que é o mais legal (...)
> Lula: Eu acho Regina que o grande legado que fica é o seguinte, que o povo percebeu que um deles podia chegar lá, porque esse mesmo povo tinha me derrotado duas vezes anteriormente porque ele tinha medo que um deles não soubesse fazer o que precisava ser feito no Brasil. Aí de repente eles criam consciência política elege um deles, e um deles consegue fazer aquilo que eles imaginavam que não podia fazer. Então o que eu sinto é orgulho, eu sinto que as pessoas estão mais orgulhosas com a alta estima à flor da pele, as pessoas estão gostando mais de si, as pessoas estão acreditando mais em si, as pessoas tem mais esperança (p. 155).

A entrevista supracitada é considerada pelos entrevistados com um dos pontos mais marcantes dentre todos os programas analisados. Talvez porque a figura de um trabalhador comum que chegou à presidência da República gere na população pobre um tipo de integração, como se cada indivíduo se sentisse parte da mesma história, e também orgulhoso desse trajeto. Não exatamente da trajetória política de Lula, mas de sua visibilidade, do fato de que ele conseguiu se tornar conhecido e ganhar respeito. A relação aí parece ser de uma projeção, como se cada indivíduo de fato encontre na história do ex-

metalúrgico uma representação e, ao mesmo tempo um exemplo, uma projeção que amplia a crença sobre a possibilidade de se alcançar mais na vida.

> Acho que é um programa maravilhoso. Além de divertido, festeiro, também é sério quando fala de coisas importantes que ajudam a gente, quando fala pras pessoas mudarem seus pensamentos preconceituosos. Ela tem uma mensagem muito bacana de levar paz e boa convivência entre as pessoas, mostrar que a diferença é normal e que, igual naquela música antiga, "o pobre tem seu lugar" (Bruno).

> Acho que as TVs estão ouvindo mais a população pobre, mostrando o povo mesmo. Acho que o povo tá cansado de ver só almofadinha na televisão. A gente agora quer ver gente parecida, com a cara do Brasil mesmo. Já viu o tanto que a maioria dos atores nem parece daqui? Tudo com cara de gringo né? Agora tá mudando. Menos olho azul, mais povão (Pedro).

Porém, é preciso notar também que há entrevistados que reconhecem nesse belo discurso algumas fragilidades ou que ao menos não se sentem completamente representados a partir dessa estrutura narrativa que parece querer eliminar elementos negativos que também constituem a realidade das favelas e periferias. Isso se revela, por exemplo, na fala do entrevistado João, quando compara dois posicionamentos midiáticos opostos:

> Mostra uma favela até meio idealizada, né? Lá todo mundo se conhece, é amigo, não fala de crime, tá tudo pacificado. A gente sabe que não é assim também. De um lado só as coisas péssimas, do outro uma periferia idealizada, que também não é nossa realidade. Mais é melhor isso que nada. Mostrando esse outro lado, acho que o programa incentiva as crianças e jovens a terem mais orgulho da identidade deles. Acho que mesmo não mostrando a realidade completa, ajuda mais do que esses outros que só fala do mundo cão, que só explora o que tem de pior (...) Eu acho que tem sua importância, mas acho que não é tão bom assim. Várias coisas podiam melhorar, se a proposta for mesmo representar os pobres (...) Tinha que ter mais debate, por que ela fala de discriminação, mas não aprofunda muita coisa. São falas meio soltas no meio de tanta música e dança. Acho importante mostrar a cultura também, mas tem que ver se não tão fazendo isso só pra atrair mais esse público pra comprar os CDs (João).

Nessas falas, o entrevistado demonstra uma ampla capacidade de compreensão crítica, que associa a exposição das manifestações culturais a uma questão mercadológica. Ele não define que assim o seja, mas questiona, duvida, reflete. Percebe que a vida representada no programa não condiz com a realidade, essa muito mais complexa e híbrida. Questionado sobre como produziria o programa caso tivesse essa oportunidade, o entrevistado responde: "as periferias não é nem só bom, nem só mal. Tem de tudo. Eu ia mostrar mais a realidade, a diversidade nossa. Pras pessoas se orgulharem do que tem de bom e também se preocuparem com os problemas que precisam ser resolvidos" (João).

É claro que não haveria uma receita para representar cem por cento desse público, dada sua heterogeneidade. Assim como o olhar sociológico sobre a pobreza, para representar os indivíduos que compõem a periferia, antes é preciso compreendê-los multilateralmente. Ainda que exista um sentimento de pertença que os agregue em uma identidade social que

reivindica para si visibilidade e poder de representação, esse público também apresenta muitas críticas e, por vezes se incomoda com as contradições decorrentes do esforço midiático por definir a situação dos pobres. Denotando certo ressentimento em sua fala final, o participante Elias expressa a razão pela qual não gosta de algumas das estratégias adotadas pelo programa:

> É bom quando mostra os artistas, um programa normal como qualquer outro. Mas quando fica querendo pagar de diferente, de bonzinho demais com os pobres, aí acho que o programa fica chato. A gente não precisa de ninguém pra ensinar a gente a ser pobre, entende? A realidade mostra isso todos os dias (Elias).

E a entrevistada Ana resume o que acredita ser a causa dessa relativa insatisfação, o ponto falho que reduz um possível coeficiente de representatividade que o programa é capaz de atingir em relação ao público das periferias.

> Eu acho é que quem faz o programa tinha que conviver mais nessas periferias e comunidades, sem é claro, os seus conceitos prévios...Iam ver que existe uma mistura muito bonita, muito mais rica do que a que eles já conseguem entender e mostrar (Ana).

Os elementos trazidos pelos 2 últimos entrevistados acima reforçam a ideia de que o *Esquenta!*, embora reposicione positivamente a representação da figura dos pobres e das periferias, não produz um relato do real, mas recria esses espaços e sujeitos. Eles explicam em quais pontos essa tentativa de representação fracassa. Para isso evocam os mesmos princípios que justificam a existência de uma corrente de comunicação alternativa, que apregoa a primazia da autorrepresentação em detrimento das tentativas da mídia comercial. Os entrevistados apontam que isso se deva ao distanciamento existente entre as vivências dos que elaboram o programa e aqueles que realmente conhecem os problemas e virtudes desse cotidiano retratado, como inclusive já fora abordado nesse trabalho.

Contudo, nenhum deles atenta para o fato de que talvez o programa deixe de retratar essa realidade em toda sua complexidade menos por desconhecimento ou por ser incapaz de fazê-lo e mais por uma intencionalidade. Há na materialidade textual do programa *Esquenta!* uma opção discursiva pela reconstrução artística e, em certa medida, pasteurizada da vida dos pobres. Baseado no elogio ao trabalho, na alegria da cultura popular e na celebração das diferenças, o programa prefere ser uma versão fragmentada da realidade. É o mesmo mecanismo por meio do qual os telejornais, guiados por suas regras e valores de noticiabilidade, mostram os crimes na favela com muito mais frequência do que o fazem, por exemplo, em relação aos resultados de projetos sociais desenvolvidos na periferia.

A favela do *Esquenta!!* é intencionalmente uma representação fragmentada da realidade. É aquela em que se possa sambar e rir com os amigos. O pobre do *Esquenta!* não é qualquer tipo de pobre. É aquele que trabalha, que mesmo ganhando pouco mantém a

capacidade de sonhar, de se divertir, se solidarizar e planejar mudanças, melhorias para a própria vida e a vida dos seus. E o interessante é notar que, mesmo se juntamos essas duas representações antagônicas da favela, elas não se encaixam, não são complementares, mas, ao contrário, anulam-se. No jornalismo policial não cabe a favela do *Esquenta!* O *Esquenta!*, por sua vez, não comporta o pobre criminoso ou a periferia violenta. Isso deixa claro que o espectador também precisa fazer sua opção por qual produto ele deseja consumir. E a televisão, que está ciente que há mercado para ambos os discursos, vai continuar a produzi-los.

Considerações Finais

Assim como filmes, programas televisivos e outros produtos midiáticos que falem sobre os pobres e a periferia vêm tornando-se um cânone, os estudos sobre esse fenômeno também se multiplicam. Muitos pesquisadores no campo da Comunicação têm se interessado por compreender esse movimento midiático que passa a explorar, seja positiva ou negativamente, a imagem dos pobres e das favelas. O presente trabalho buscou oferecer contribuições a esse cenário de investigação e optou por fazê-lo por meio de um processo em que a análise de discurso mesclou-se à percepção dos receptores desses enunciados. Essa fusão metodológica permitiu encontrar alguns pontos de encontro e desencontro entre a representação midiática almejada pelos entrevistados e a representação veiculada no programa *Esquenta!*

Nota-se que o programa possui relevante audiência entre o grupo pesquisado e que muitas das suas estratégias discursivas são apreciadas por esse público. Contudo, foi interessante encontrar nas interpretações dos entrevistados muitos elementos críticos, pontos de vista que reconhecem fendas às vezes bastante sutis entre a proposta de representação popular apregoada pelo *Esquenta!* e as possíveis intenções que circundam as escolhas realizadas na formulação dessa narrativa. Principalmente nos entrevistados que integram projetos sociais, percebeu-se uma ampla capacidade de relacionar o produto midiático ao seu próprio espaço social, às suas próprias vivências e necessidades, o que leva a crer que a participação em espaços de formação têm fomentado cidadãos mais conscientes da realidade social e menos suscetíveis aos enunciados midiáticos.

A pesquisa também foi importante para constatar que, sob muitos aspectos, o programa é reconhecido pelo público da periferia como importante espaço de representação, uma vez que reposiciona, embora não completamente, a figura do pobre morador de periferia, a partir de uma narrativa que oferece destaque para o lado bom e fraterno das pessoas, para a valorização da diversidade, das manifestações culturais populares e para a difusão dessa imagem positiva, conferindo visibilidade a esse grupo. Visibilidade essa que nasce como consequência de um poder de negociação e disputa que a periferia passa a ter em função da importância da audiência desses grupos. A televisão só passa a modificar a situação – ora de ausência, ora de estereotipia – a que estavam submetidos os pobres quando esse grupo, não reconhecendo na programação discursos com os quais pudesse se identificar, passa a distanciar-se, levando consigo os números da audiência e seu crescente poder de consumo.

Também é relevante ressaltar que, ao incluir essa representação diferenciada dos pobres, seus gostos e vivências, o programa *Esquenta!*, por vezes, mantém velados alguns preconceitos e a crença na condição de subalternidade. Os estereótipos são detectados por alguns entrevistados e há casos, inclusive, em que são aceitos e compartilhados pelos indivíduos que nele se veem parcialmente refletidos. Ainda que busque mostrar que uma outra visibilidade é possível – e o faça com certo diferencial e sucesso – o programa realiza uma filtragem da realidade. O produto exposto ainda é gerado por uma ótica elitista e mercadológica, que não pode esquivar-se de ter como objetivo maior influenciar gostos e a preferência numa busca pela conquista da audiência.

Por meio do programa, a emissora usa de intenções e discursos contra-hegemônicos para proteger sua própria hegemonia. Como parte de um projeto de sustentação, a estratégia é apropriar-se de um discurso que não é originalmente seu e invadir o território da cultura subalterna, numa expectativa de diversificar a representação dos pobres, reaproximando os telespectadores do encanto para com a mensagem televisiva, encanto que em outro momento era causado pela constante representação do inatingível mundo dos ricos.

A visibilidade à qual a periferia está submetida aparece como elemento estratégico na vida contemporânea, e a mídia possui um papel central na definição de como essa representação será desenvolvida. Nesse contexto, os sujeitos não só alimentam o desejo de estar na mídia, mas também o de definir como querem ser representados, instaurando uma forte disputa pelo controle das representações sociais. Ao preocuparem-se com as formas de representação social, os sujeitos deixam claro que percebem as representações não como algo dado, algo peculiar a um indivíduo ou grupo porque ele é naturalmente como é, mas as representações são sempre processos de apreensão e elaboração simbólica que se exerce a partir da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J.C. **A abordagem estrutural das representações sociais.** In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D.C. de. (Orgs.). 2 ed. Goiânia: AB Editora, 2000.

_____. **Les représentations sociales: aspects théoriques**. Em ABRIC, J. C. (Org.). Pratique sociales et représentations. Paris: PUF, 3. ed, 2001.

ANDRADE, Regis de Castro. Política e pobreza no Brasil. In: **Revista Lua Nova**, n.19, novembro, 1989.

ARENDT, Hannah. **Da Revolução**. São Paulo: Ática, 1995.

ASHCROFT, B. et al. **Key concepts in post-colonial studies**. London: Routledge, 1998.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço.** 28.ed. São Paulo: Ática, 1995.

BENTES, Ivana. **Cidade de Deus promove turismo no inferno**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2003. Caderno 2. p. 1-1.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1956.

BECKER, Beatriz. Do mito da imagem ao diálogo televisual: repensando o ensino e a pesquisa em telejornalismo. In: VIZEU, Alfredo ET AL (Orgs). **40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional.** Santa Catarina, Ed. Insular, 2009.

BONNICCI, Thomas. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 7-23, 1998.

_____. **Conceitos-chaves da teoria pós-colonial.** Maringá: EDUEM, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de Lugar. In: Bourdieu, Pierre (Org). **A Miséria do Mundo.** Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **La distinción: Critérios y bases sociales del gusto**. Buenos Aires: Ed. Taurus, 1998.

_____. **Sobre a televisão:** seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Brandão, H. H. N. **Introdução à análise do discurso** (5a. ed.). Editora da UNICAMP. Campinas, SP, 1986.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CERQUEIRA, Monique Borba. **Pobres Resistência e Criação - Personagens no Encontro da Arte com a Vida.** Editora Cortez. 1ª edição, São Paulo, 2010.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHESNAIS, François. Decifrar palavras carregadas de ideologia. In: **A mundialização do capital.** SP: Xamã, 1996.

CODES, A. L. M. **A trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa.** Texto para discussão nº 1332, IPEA, Brasília, 2008.

ESCOSTEGUY, A.C. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana.** Belo Horizonte, Autêntica. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRASER, Nancy. Social Justice in the Age of identity politics: redistribution, recognition, participation. In: FRASER, N. & HONNETH, A. **Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange**. London, Verso, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, 2002. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf. Acessado em 05 de julho de 2011.

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia: 1400-1700.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GOHN, M. G. (2004) Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade** v.13, n.2, p.20-31.

GREGOLIN, M. R. V. A Análise do Discurso: conceitos e aplicações. In: **Alfa,** v. 39. São Paulo (SP) 1995. Disponível em http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967/3642 Acessado em 05 de outubro de 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

_____. **Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social**. 4 ed. Madrid: Taurus,1987.

_____. **Teoría de la acción comunicativa II: Crítica de la razón funcionalista.** Madri: Taurus, 1988.

HALL, Stuart. 2000. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DP&A.

HAMBURGER, Esther. 2003. **Política de representação**. Revista Contracampo. São Paulo.

HAMBURGER, Esther. A desigualdade social brasileira no cinema e na televisão recente. **DiverCIDADE** , São Paulo, n. 15, out./dez. 2007. Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br/v1/divercidade/numero15/9.html>. Acesso em: 05 de julho de 2012.

HAMBURGER, Esther. Políticas da representação: ficção e documentário em Ônibus 174. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (Orgs.). **O cinema do real.** São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 196-215.

HAMBURGER, Esther. Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a ideia de espetáculo. **Novos estudos**, São Paulo, n. 78, jul. 2007b. Disponível em:< http:// www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-30020070002000011&lng=pt& nrm=iso>. Acesso em: 03 de julho de 2012.

HOROCHOVSKI,R.R.,MEIRELLES,G. **Problematizando o conceito de Empoderamento**. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf >. Acesso em: 05 de julho de 2011.

IANNI, Octávio. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. **Estud.** Av., v.8, n.21, ago. 1994.

IPEA. **Pobreza, desigualdade e políticas públicas**. Comunicado da Presidência. Brasília, 2010. Disponível em http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/comunicado_presidencia/100112Comunicado38.pdf acessado em 03 de julho de 2011.

_____. **Políticas Sociais: Acompanhamento e Análise**. Brasília, 2007.

IPEA; SPI. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**: relatório nacional de acompanhamento, Brasília, 2007.

JACCOUD, Luciana; BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental.** Brasília: IPEA, 2002.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KEHL, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. In: SIMÕES I.F.; COSTA, A.H. **Um país no ar: história da TV brasileira em três canais.** Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

KOWARICK, L. 1977. **Capitalismo e marginalidade na América Latina** . Rio, Paz e Terra.

LAVINAS, L. Pobreza e Exclusão: traduções regionais de duas categorias da prática. **Econômica**, v4, n.1, p. 25-59, junho 2002..

LISPECTOR, Clarice: **A hora da estrela** . São Paulo, SP: Museu da língua Portuguesa, 2007.

MAIOLINO, A. L. e MANCEBO. D. Análise histórica da desigualdade: marginalidade, segregação e exclusão. **Psicologia & Sociedade**; 17 (2): 14-20, mai/ago.2005.Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MARANHÃO, Tatiana de Amorim. **Governança Mundial e Pobreza:** do Consenso de Washington ao Consenso das Oportunidades. Universidade de São Paulo: USP, 2009. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-30112009-143342/ Acessado em 28 de junho de 2012.

MARICATO, Ermínia. 2002. **Brasil, cidades – alternativas para a crise urbana.** 2ª edição. Petrópolis, RJ. Vozes.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Os Meios e as Mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: Moraes, Denis de (org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação. In **K. Marx, F. Engels : história** (org) Florestan Fernandes. São Paulo, Ática, 1984.

_____. **Manuscrito econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **O capital**: Crítica da economia política (Vol.I). 2ªedição. São Paulo: Ed. Nova cultural, 1985.

MATTOS, Laura. **Antônia leva periferia de São Paulo à televisão**. Folha de S.Paulo. São Paulo, 12 nov. 2006. Disponível em: <http://64.233.163.132/search?q=cache:CasAMXkIrAJ:www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u65982.shtml+antonia+leva+periferia+de+Sao+paulo+%C3%A0+televisao&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_pt>. Acesso em: 15 de junho de. 2012.

MELO, Dafne. **O contraditório discurso da TV sobre as periferias**. Brasil de Fato. São Paulo, 8 fev. 2007. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/ Acesso em 01 de julho de 2012.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. The phenomenon of social representations. In: FARR, R. MOSCOVICI, S. **Social representations**. Cambridge: Cambridge Unversity Press, 1994.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana.** Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

NOGUEIRA, Marco A. A globalização da política. In: **Em defesa da política.** SP: Editora Senac, 2001.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. **As adolescentes negras no discurso da revista Atrevida.** 2009. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC83UMCB/1/adolescentes_negras_no_discurso_da_revista_atrevida.pdf. Acesso em 18 de setembro de 2012.

ORLANDI, Eni. **Interpretação; autoria. leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PRIOLLI, Gabriel. "A Tela Pequena no Brasil Grande", in **Televisão & Vídeo**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, pp. 19-52.

PRYSTHON, A. 2003. Estudos culturais: uma (in)disciplina?. In: **Comunicação e Espaço Público.** São Paulo.

PRYSTHON, A.; CARRERO, R. 2002. Da periferia industrial à periferia fashion. **Revista Eco-Pós**. São Paulo.

RAMONET, Ignacio. **Propagandas silenciosas, massas, televisão, cinema**; ed. Campo das letras; Porto, 2001.

ROCHA, Sônia. **Pobreza no Brasil: Afinal, de que se trata?** Rio de Janeiro, FGV, 2003.

ROCHA, Simone Maria. **Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira**. Intexto, Porto Alegre, vol. 1, n. 14, p. 1-21, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4249>. Acesso em: 02 de setembro de 2012.

RUFINO DOS SANTOS, Joel. Os pobres. In: _____(org). **Épuras do social**: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.

SÁ, C. P. **O núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS, Alessandro de Oliveira. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Acesso e Permanência da População Negra no Ensino Superior.** Coleção Educação para Todos. Brasília – DF, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** Porto: Afrontamento. 1994.

_____. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: SOUSA SANTOS, B. de (Org). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 429-461.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 9. ed. rio de Janeiro: record, 2002.

SARTI, Cyntia Andersen. **A família como espelho - um estudo sobre a moral dos pobres**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SAWAIA, B.B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto à humanidade. In: **Psicologia comunitária:** da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

_____. **Desigualdade Reexaminada**. São Paulo / Rio de Janeiro, Record, 2001.

SILVÉRIO, Valter Roberto. O papel das ações afirmativas em contextos racializados: algumas anotações sobre o debate brasileiro. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília – DF, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **O globalismo como neobarbárie.** In: Moraes Dênis de (Org.) Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Sobre Imprensa Negra.** In: Lumina. Revista da Facom/UFJF. V. 1 nº 1. Juiz de Fora, MG, 1998.

SODRÉ, M.; PAIVA, R. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro, Mauad. 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: **Luso-Brazilian Review, Madison**, v. 3, n. 2, p. 9-43, 2002.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

SPRANDEL, Márcia Anita. **A pobreza no paraíso tropical**: interpretações e discursos sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.

SPOSATI, A**. Exclusão social abaixo da linha do Equador**. São Paulo, PUC, Seminário bre exclusão social, abril de 1998. Disponível em ww.dpi.inpe.br/geopro/exclusão/marcos.html acessado em 20 de agosto de 2011.

TELLES, Vera. **Direitos Sociais - Afinal, do que se trata?** Belo Horizonte: UFMG: 1999.

THEODORO,M. 2002. O estado e os diferentes enfoques sobre o informal. **Texto para Discussão,** nº 919. Diretoria de Estudos Sociais, Ipea. Brasília.

THOMPSON, John. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TRINDADE, Z. A. **Reflexão sobre o estatuto das práticas na teoria das representações sociais**. Anais do Simpósio Internacional sobre Representações Sociais: Questões Epistemológicas. Natal (RN), p. 18-28, 1998.

VALLADARES, Licia. **Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil**. In: BOSCHI, Renato R. **Corporativismo e desigualdade**. A construção do espaço público no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo/IUPERJ, 1991.

VALOURA, L.C. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador.** Disponível em: http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo_Freire_e_o_conceito_de_empoderamento.pdf. Acesso em : 15 de julho de 2011.

WIEVIORKA, M. **El espacio del racismo**. Barcelona: Paidós, 1992.

WOODWARD, K. 2000. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: T.T. da SILVA (org.), **Identidade e diferença; a perspectiva dos estudos culturais.** 2ª ed., Petrópolis, Vozes, p.7-72.

ZANETTI, Daniela. Crônicas Urbanas: ficção, realidade e reconhecimento em narrativas do cotidiano. In: **COLÓQUIO EM IMAGEM E SOCIABILIDADE**, 1, 2008, Belo Horizonte. [Anais eletrônicos...] Belo Horizonte: UFMG, 2008, p.1-15.

ŽIŽEK, S. 2004. Multiculturalismo, ou a lógica cultural do capitalismo multinacional. In: C. DUNKER; J.L.A. PRADO (orgs.), Žižek Crítico. Política e Psicanálise na era do multiculturalismo. São Paulo, Hacker, p. 11-45.

ANEXOS: Transcrições

Transcrição Programa *Esquenta!* Dia 02/01/2011		
Palavra-chave	Aúdio	Vídeo
Apresentadora Programa	[música] Alô Regina, é tão gente fina que sabe chegar em qualquer esquina/ Tá na cobertura, na laje ela está/é quem domina/ porque tem a sina de ser popular/ bateria arrebenta, todo mundo comenta que feito pimenta programa domingo *Esquenta!*.	[Abertura] Regina nos espaços populares em forma de animação. Palavra 'popular' em caracteres coloridos Animações: bonecos simulando escola de samba, pimenta Caracteres do nome do programa
Pertencimento	Alô Brasil. Alô família *Esquenta!*. Vai amiga Regina Casé.	Sambista negro, de costas para o palco principal, também em quadro, onde se vê uma escola de samba e, posteriormente, a apresentadora.
Espaços Populares	[música] Alô Regina, é tão gente fina que sabe chegar em qualquer esquina/ Tá na cobertura, na lage ela está/é quem domina/ porque tem a sina de ser popular/	Gilberto Gil e Arlindo Cruz cantam a música de abertura do programa. Flashes da apresentadora dançando, cumprimentando os convidados e plateia. Com caracteres da letra da música.
Culinária popular Internet	[música] Alô Rainha, que vai ter churrasco, feijão, vatapá/ Alô, vai pra cozinha. Tem coisa gostosa de todo lugar. / Traz a farinha, o camarão seco, o jandu e o fubá. / Faz verão, que hoje é domingo, dia que o povão agita. / Se liga, se encontra, faz conexão/Twitta/ ou pra se dar bem ou pra botar alguém na fita	Convidados dançam, flashes dos momentos anunciados.
Pertencimento	A partir de agora, quando você ouvir esse samba maravilhoso, se você estiver em casa corre para a televisão. Se estiver na rua, corre , sei lá, vai para uma loja de eletrodomésticos, se estiver no shopping. Se estiver na praia vai para a barraca, vai para o quiosque. Se tiver sozinho, se o celular for fraquinho, não pegar, fica na aba de um colega seu que tenha um celular que tenha televisão. Porque quando você ouvir esse samba sensacional do	Apresentadora no palco, às vezes em plano fechado, outras vezes mostrando também a plateia em plano geral. Os cantores no quadro

	Arlindo e do Gil, corre porque vai começar o *Esquenta!*.	
Programa	[música] bateria arrebenta, todo mundo comenta que feito pimenta programa domingo *Esquenta!*. (2X)	Apresentadora entre os cantores, dançando e cantando. No palco, convidados famosos misturam-se a dançarinos anônimos. Os(as) dançarinos(as) são negros.
Regina	[música] Regina de janeiro, fevereiro e março, alô alô (5X)	Plateia cantando, adultos e crianças anônimos dançando no palco com a apresentadora , banda e cantores. Ao final da música, plateia aplaude.
	Caraca, que samba lindo. E eu mereço isso? E eu mereço? (Merece) Obrigada	Apresentadora com estúdio ao fundo e parte da plateia, que responde/ Cantores
Programa	Bom, o *Esquenta!* hoje é chapa quente, é chapa branca. Porque, caraca, vocês já repararam? Só tem diretoria. Só diretoria. Palmas pra diretoria. É porque hoje só tem diretoria. Ou melhor, hoje só tem presidência. Um *Esquenta!* pro Lula. [música] Bateria arrebenta, todo mundo comenta, com o presidente Lula o programa domingo *Esquenta!* (2X)	Apresentadora, convidados Pessoas negras vestidas de gari aplaudem. Plateia aplaude. Apresentadora falando com pessoas no palco Banda toca, plateia dança Imagens da apresentadora com Lula nos bastidores da entrevista. Famosos no palco, sentados como se em um bar ou festa. Crianças e adultos anônimos dançam.
Famosos (negros)	Bom, agora eu vou chegar aqui para falar com a ala dos compositores. A velha guarda né? Gil, que maravilha, começamos ontem 2011. Você tem algum sonho, algum plano? O que você quer para você, pro Brasil?	Apresentadora com cantores e banda Sambistas negros e velhos Regina e Gil, plano aberto
	Que quando chegar no fim do ano eu já tenha para 2012 menos trabalho (RS) programado. Porque 2010 terminou, anteontem, né? E 2011 começou já cheio de trabalho, cheio de programa. Olha eu já aqui.	Gil responde, plano fechado, depois aberto. Apresentadora e convidados rindo. Gil continua a resposta.
	É melhor você fugir com o Lula	Apresentadora
	Pois é. Ô presidente me leve aí para suas férias (RS)	Gil fala. No quadro também apresentadora , Arlindo e banda ao fundo.
	Arlindo, quais são seus planos para 2011?	Apresentadora fala. No quadro também Gil , Arlindo e banda ao

		fundo.
	Trabalhar muito, estar com você perto nesses 3 primeiros meses. Já é uma glória, uma honra muito grande para a gente.	Arlindo responde. Apresentadora se aproxima e toca no ombro dele como gesto de carinho.
Famosos negros	Gil hoje é convidado especialíssimo, mas o Arlindo e Leandro Sapucaí são meus dois fieis, fieis mesmo (RS) meus fieis escudeiros. Estarão com a gente todo domingo aqui no *Esquenta!*. Já pensou que glória? Eu ter o pagode do Arlindo sem precisar sair de casa. O Arlindo em casa, entendeu? Uma loucura.	Apresentadora, abre quadro para todos no palco. Arlindo em plano fechado. Apresentadora, abre quadro para todos no palco.
Pertencimento	Bom, hoje nós estamos totalmente entre amigos e totalmente em família. Tanto é que agora eu vou chamar... Eu quero todo mundo em pé para receber esse cara que é amigo do Gil, que é compadre do Arlindo e que é meu irmão do coração. Com vocês no *Esquenta!*, Zeca Pagodinho.	Apresentadora com Gil e Arlindo Plateia Zeca
Famoso vinculado à imagem de popular	[música] Bateria arrebenta, todo mundo comenta, com Zeca Pagodinho o programa domingo *Esquenta!* (2X) Vamos aqui para o nosso palco. Enquanto isso me conta. Quais são seus planos para 2011?	Zeca Plateia aplaude Zeca e Regina dançam. Caminham de um palco a outro, onde também há muitos dançarinos.
	É, 2011, né? É, não sei não Regina. Deixa a vida me levar sempre né? (RS) Mas acho que eu to meio Gil também. Vê se eu trabalho um pouquinho menos.	Caminham abraçados pelo palco até chegar aos instrumentos
	Bom, agora a gente ouviu essa parceria linda do Arlindo e do Gil. Eu agora vou pedir a mais nova parceria do Arlindo com o Zeca Pagodinho. A música que eu mais gosto desse CD. Toda vez eu ouço eu fico super emocionada. Eu acho que vocês já sabem qual é. A música que nós vamos ouvir agora é...	Apresentadora
	O orgulho do vovô (2X)	Arlindo fala, depois a apresentadora repete
	Zeca, por favor.	Regina
	Só se for agora	zeca
	Bença, vovô (2X)	Regina canta para introduzir a música
Afetividade	[música Orgulho do Vovô] É bom celebrar a vida	Apresentadora com o neto de Zeca no colo.

	Que a vida é feita de amor É a viagem de ida Ao ponto final da dor Senhora de Aparecida Mãe de Deus, o Criador Sou bom filho, sou bom pai Quero ser um bom avô Está em festa o meu barraco Todo dia é carnaval Criado ao som de um cavaco Ninado no meu quintal E que os grandes partideiros Tragam a corda e a caçamba Que o meu neto seja herdeiro Do meu amor pelo samba E os grandes batuqueiros Na magia do tambor Façam brilhar no terreiro O orgulho do vovô Hoje eu sou feliz Sou merecedor Sou bom filho, sou bom pai Quero ser um bom avô	Convidados dançando. Zeca com o neto no colo. Crianças pedindo benção a um casal de idosos na plateia. Crianças brincam. A câmera passeia por todos os espaços do auditório. Zeca passa a criança para Regina. A musica termina. Em close, Regina com a criança no colo.
	Aplausos e gritos	Regina desce uma rampa com a criança.
	Chega aí, olha aí, já vem descendo a ladeira o *Esquenta!*. Elisa que é a mãe do Moa. Dá um beijo amor. Gente eu conheci essa menina ela era do tamanho do Moa.	Regina desce uma rampa com a criança. Regina entrega a criança para a mãe. Regina olha para a plateia
Afetividade, Laços familiares	Então chegando na muvuca a família pagodinho. Esse é o Renato, essa aqui... Olha você Elisa! Olha o Luizinho, olha o Eduardo.	Imagens de arquivo do programa Muvuca apresentado por Regina em 1999. Mostra plateia e um telão com as imagens de arquivo.
	Chama pra jogar bola aqui em vou jogar	No telão várias crianças e Zico em um gramado jogando bola
	vem cá rapaz	Zeca pagodinho
	Zeca no gol, detalhe e o copo de cerveja do lado. Olha lá olha aí (rs). Elisa! Elisa que amor!	Zeca no gol do campinho nas imagens do telão. Zeca pega uma latinha de cerveja no canto do gol e bebe. Elisa quando criança dançando à beira de uma piscina.
	Vocês viram que tá tudo em família. Aqui eu tenho filhos e netos né? Francisco, neto do Gil, aqui temos os	Apresentadora em plano fechado**.** Apresentadora passeia por entre

	pais do Zeca, os filhos do Zeca. Luizinho seu pai e muito durão? Mais ou menos. Mais ou menos significa é Jogo duro, isso aí eu posso atestar também. Como ele é um bom filho ele é um ótimo pai. Jogo dura não tem game. Elisa, lembra quando você ligava pra mim e dizia: poxa meu pai não deixa eu ir nem na feira hippie (rs). Como é que foi? Por exemplo, você era filha, de repente você virou a mãe do Noah, e mudou muito a tua relação com ele, assim? No começo ele tomou um susto, que eu lembro. Mas depois ele adorou.	os convidados Regina se aproxima do convidado. Plano fechado em Zeca. Plano aberto com vários convidados e a apresentadora Regina com Elisa Regina perto de Elisa Elisa responde
Afetividade, Laços familiares	Olha, pra falar a verdade mudou muito. Eu e meu pai éramos muito distantes, muito distantes. Agora a gente tá muito próximo um do outro.	Zeca responde. Regina perto de Eliza em plano fechado.
	Por causa do Noah?	Regina perto de Eliza em plano fechado
	Por causa do Noah e eu agradeço muito porque meu pai é tudo que eu tenho na minha vida e a minha mãe.	Regina perto de Eliza em plano fechado. Zeca em plano fechado.
	Zeca você mudou pra caramba. Tá lindo, tá com uma doçura. Fala como é que a chegada do Noah. Eu acho que aconteceu um negócio parecido com Mônica, com o Zeca e com você. Os dois quando descobriram que iam ser avós me ligaram apavorados. Depois todos adoram e hoje em dia eu acho que a Flora é muito mais legal; a Mônica é muito mais legal e o Zeca é muito mais legal porque existe esse monte de criança nova que chegou aí. Então eu acho que ser avó deve ser uma delícia, inclusive tô pedindo a Benedita e o Joao que me deem um neguinho, por amor de Deus. E o Gil que é bisavô e fica pro neto, o	Regina muda de mesa e se senta junto a Zeca e esposa. Regina sentada com mais três convidados. A câmera faz um rápido close em Gil Regina em plano aberto. Aparece o casal (Antônia e João) Regina se vira para um casal em plano aberto. Close em Flora, que fala. Regina se levanta

	João: eu pago, eu pago, eu quero ser bisavô me diz quanto é (rs).	
	Diz aí . Você tá encomendando pro João?	Regina em pé, fala olhando para Gil.
	Tô encomendando já faz tempo.	Plano geral da família de Gil, que fala.
	Fica ai um apelo.	Close em Regina
	Francisco também já pode. Eu disse: eu banco. Não tem problema nenhum (rs)	Close em Gil Plano geral. Todos riem
	Que programas você faz com ele? O que você gosta de fazer com ele? O que ele mudou a tua vida?	Regina se dirige a Zeca
	Tô esperando ele crescer mais um pouquinho pra gente poder sair pra balada (rs)	Close em Zeca, que responde, e Flora.
	Mas o que você gosta enquanto ele não cresce pra ir pra balada?	Close em Zeca.
Gostos populares	A gente vai à praia, vai pra piscina, pena que ele ainda num bebe (rs) senão a gente ia pro pagode do Arlindo na segunda-feira.(rs) Mas vai chegar o dia. (rs)	Zeca em plano fechado. Plano aberto em vários convidados.
	Ia pro cozido da Marta Black.	Em plano aberto Regina aponta para um casal que cozinha.
	Cozido das quartas-feiras da Black, minha filha mais velha.	Zeca fala, mas aparece **casal** que cozinha
Ascensão Social Gostos populares Famoso vinculado à imagem de popular	Olha lá Marta Black. A gente tem um programa que o Zeca fez no ano passado que eu sei ele vai de novo que é ir pra Disney	Regina em plano aberto.
	Ora (rs) Tô com uma saudade do Mickey.	Zeca responde com Regina em plano aberto
	O Zeca ficava o tempo todo no radinho me ligando, dizendo eu vou enlouquecer aqui na Disney(rs)	Regina em plano aberto simula estar com um radinho enquanto fala. Zeca em plano fechado. Regina em plano aberto sorri.
	Lá eu fico com saudade até de quem eu não gosto (rs)	Plano fechado em Zeca. Plano aberto em Regina que sorri com seus convidados
	Sabe aquele cara nojento tô com uma saudade daquele cara, se eu pudesse ir lá agora da um abraço naquele cara (rs). Eu aprendi lá no bar, eu não sei falar nada, five beer. Me perguntei a Luzinho como é que se fala balde, ele me ensinou, ice.	Alternância entre Regina e Zeca. Zeca mostra a os cinco dedos da mão esquerda. Plano fechado alternando Regina e Zeca.
	Ice, beer (rs).	Regina em plano aberto simula

	Só isso até de noite?	como se estivesse colocando algo dentro de um balde. Regina olha para Zeca
	Não até de noite não. Toda hora eu five ,mais. (rs)	Plano fechado em Zeca, que faz mimicas
	Mais five beer(rs)	Plano geral em Regina e convidados que sorriem.
	Pra mim ta legal eu vou voltar de novo	Zeca em plano fechado. Rápido plano fechado em uma senhora e uma criança que esta na plateia.
	Isso que eu queria saber , por que você vai de novo?	Plano fechado em Regina
	È a bebida né? Quando a gente bebe fica com pena de todo mundo, ai eles ficam.	Plano fechado em Zeca. Plano aberto , Zeca, Regina e convidados, Zeca recebe um copo de bebida de alguém.
	Por que eu fui pra Disney?(rs)	Plano fechado em Regina que se pergunta como se fosse Zeca
Famoso vinculado à imagem de popular	Tá tão legal! Sabe?(rs) Ai, sabe é igual, eu vejo aquele cachorro, eu compro, Ai no outro dia eu olho aquele cachorro feio. Bebida é uma praga (rs).	Plano fechado em Zeca. Plano aberto em todos em que em volta da mesa em que Regina esta. Plano fechado em Zeca.
	Ele disse que comprou uma casa, só dois dias depois que ele soube que tinha comprado uma casa(rs)	Plano aberto em Regina. Plano geral em todos da mesa e volta nela.
	E ainda tinha um muro amarelo que eu não tinha.	Alternância entre Zeca e Regina em plano aberto.
	Ele disse Mônica eu comprei uma casa lá em Angra, eu disse ah que legal ai ele falou a casa tem muro, tá bom. Ai me levou de lancha pra conhecer a casa. Quando eu cheguei lá eu falei cadê o muro o Zeca? Ele ué essa casa tinha muro (rs)	Plano fechado em Gil e Mônica. Plano fechado em Zeca
	Tinha um muro aí. (rs)	Plano fechado em Zeca.
Cultura Popular	Agora eu queria saber. Quem são esses sensacionais compositores?	Plano fechado em Regina. Plano aberto na apresentadora e convidados.
	Todo mundo que tá aí grava comigo. Barbeirinho do trio calafrio, Marquinho Diniz e Luiz Grande lá atrás, por favor.	Plano geral de Zeca com convidados e Regina
	Palmas para o trio calafrio.	Plano geral de Regina sentada a mesa com seus convidados e os mencionados em pé recebendo as palmas de todos.
	[Música]	O trio começa a cantar. Plano geral em toda a plateia que

		dança animadamente.
	Boa essa, muito bom, agora quinta feira é dia de Reis. [Música] Hoje é dia de santo reis... Quinta feira é dia de reis Gaspar, Baltazar e Melchior. Lá em casa era assim minha mãe ensinava que a gente chupava a romã guardava o carocinho, mas não podia fazer um pedido assim pô Baltazar me adianta aí, a gente tinha que falar assim Baltazar eu quero isso assim, Melchior eu quero isso, aquilo outro. Falava Gaspar eu quero isso, aquilo. Gente não sei porque que era assim.	Plano fechado em Zeca e Arlindo e em seguida plano aberto em Regina que dança e canta. Plano geral em Regina que esta no palco. Regina em plano geral simula estar comendo uma romã. Regina em plano geral olhando para cima. Regina em plano fechado olhando para baixo com expressão de brava. Regina olha para vários lados. Regina olha para trás.
	Talvez os reis eram surdos. (rs)	Regina em plano geral sorri.
	Eu acho (rs) Cara eu não sei qual é mas a minha mãe me ensinou assim. Tinha alguma tradição na sua família Arlindo? Pra o dia de Reis, Teca faz alguma coisa?	Plano aberto de Regina no palco no centro do auditório. Regina se vira para Arlindo e faz a pergunta Arlindo e Zeca no quadro.
Cultura Popular	Tinha o dia de desmontar a árvore de natal.	Arlindo e Zeca sentados em plano fechado.
	Desmonta a árvore, a árvore de natal. Pega as luzinhas, as bolinhas e põe no plástico bolha, é verdade. Bom, hoje, 2 de janeiro, quinta-feira é dia de reis. Aí eu lembrei de uma folia de Reis daqui do Rio de Janeiro, do interior do estado do Rio que se chama Valença.	Regina alternando plano aberto com Arlindo e Zeca. Regina em plano abeto no centro do palco. Plano aberto para os componentes de uma folia. Regina no palco em plano fechado.
	[Música, folia de reis]	Plano aberto enquanto entram os componentes e apresentadora dança.
Populares falam	Vou pedir pro pessoal já tirar a máscara, qual o seu nome?	Regina com integrantes enquanto tiram as máscaras
	Fabiano	Regina em plano fechado com os integrantes, que respondem, individualmente.
	E o seu?	
	Glauco.	
	E o seu?	
	Maxuel.	
	Tira a máscara Maxuel. E Maxuel? Cheio de piercing, olha aí. Tem dois que não tiraram, oi amor como é teu nome?	

Famoso vinculado à imagem de popular	É é é Cleberson. (rs)	Regina em plano fechado com os integrantes.
	E o teu?	Regina em plano fechado com os integrantes.
	É é é Cleberson. (rs)	Regina em plano fechado com os integrantes.
	Ah! Vocês são xarás Cleberson.	Regina em plano fechado com os integrantes.
	Cleberson Carlos e Cleberson Antônio.	Regina em plano fechado com os integrantes.
	Num dá pra entrevistar assim com a máscara, dá pra vocês tirarem a máscara por favor?	Regina em plano fechado com os integrantes.
	É porque a senhora não vai gostar do que vai ver não, é muito feio. Bem feio.	Regina em plano fechado com os integrantes.
	Por sua conta e risco. É bem feio.	Regina em plano fechado com os integrantes.
	Não, eu tô afim de chupar essa manga, eu vou encarar a verdade cascuda.(rs)	Regina em plano fechado de frente para os dois convidados que estão de costas para a câmera.
	Tira.	Plano aberto com todos os integrantes da folia.
	Bom, muito bom	Os dois integrantes tiram as máscaras em plano fechado.
	Muitos aplausos.	Plano aberto do palco, plateia e convidados.
	Amores! Que prazer. Vocês estão agora brincando na folia de Reis de Valença?	Marcius Melling e Leandro Rassum em plano fechado com Regina no centro do palco.
	Não, nós viemos aqui tirar satisfação pra saber o quê que tá havendo.	Marcius Melling e Leandro Rassum em plano fechado com Regina no centro do palco.
	Esse horário é nosso.	Leandro e Marcius em plano fechado.
	É verdade. Uma e meia é os Caras de Pau.	Regina em plano fechado.
	Você tá no nosso horário, no nosso cenário, agora botou um cenário em cima do nosso	Leandro e Marcius em plano fechado.
	Amassou tudo o cenário da gente. Aqui era a minha cama. Me lembro exatamente.	Leandro e Marcius em plano aberto se movimentando.
Programa Regina	A gente vê nos programas você chega nas casas das pessoas, aí você chegou. Ainda botou uma galera.	Plano aberto Regina , Leandro e Marcius.
	Gritos de protesto.	Plano aberto Regina , Leandro e Marcius. E a plateia ao fundo.
	Mas vem cá Leandro e Marcius	Plano aberto Regina , Leandro e

		Marcius.
	Sim.	Plano fechado em Regina.
	Fica tranquilo que esse programa não é o ano inteiro não. É Regina de janeiro, fevereiro e março. Como é a musiquinha?	Plano fechado em Regina. Regina se vira para um convidado que dança samba.
	Música	Todos dançam samba, em plano aberto.
	Isso foi só pra tranquilizar	Regina em plano fechado.
Programa	Mas você jura que é janeiro, fevereiro e março?	Plano fechado em Regina, Leandro e Marcius.
	É muito. É que falaram pra gente que durante as nossas férias, acabava o Didi ficava uma cartelinha em branco. Até a gente voltar.(rs) Aí você tomou conta.(rs)	Plano fechado em Regina, Leandro e Marcius. Plano fechado Leandro e Maucius. Plano aberto Regina, Marcius e Leandro. Todos sorrindo.
	Aí você podia fazer a música assim. Até tenho uma dica pro pessoal.	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Como é?	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Regina de janeiro, comecinho de fevereiro(rs)	Plano fechado Marcius e Leandro que canta.
	[Risos]	Plano fechado Gil e Preta Gil, gargalhando.
	Regina de janeiro, em fevereiro ela solta e em março os meninos volta (rs)	Plano fechado Marcius, Leandro e Regina que sorri muito.
	[Muitos risos e aplausos]	Plano fechado Gil e Preta Gil, gargalhando.
	Boa,boa.	Plano fechado Regina ,Marcius e Leandro.
Humor Beleza/Estética Apresentadora	Ah, a gente tá tranquilo porque eles disseram assim: eles estão esgotados, eles estão com stress.	Plano fechado Regina, Marcius e Leandro.
	Eu cheguei a emagrecer. Dei uma secadinha.	Plano fechado Regina, Marcius e Leandro que fala.
	Você não, mas Regina tá um espetáculo.	Plano fechado Regina, Marcius e Leandro.
	Obrigada, gente.	Plano fechado Marcius , Leandro e Regina que roda mostrando que ficou feliz com o elogio.
	[Aplausos e risos].	Plano geral em Regina e convidados.
Lazer	Eu preciso desse dinheiro pra viajar, Regina.	Plano fechado Regina, Marcius e Leandro.

	Quantas vezes você já foi à Disney, Leandro? Fala a verdade.	Plano fechado Regina, Marcius e Leandro.
	vinte	Plano fechado Marcius e Leandro.
	Não.	Preta e Gil com cara de espanto.
	Ele ensina o Mickey, o Mickey pergunta pra ele aonde é que é o negócio. Ele fala é ali.	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Eu gosto.	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Zeca ta ouvindo isso? Não é caô. Quantas vezes você foi à Disney? Repete.	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Vinte.	Plano fechado Arlindo e Zeca.
	Mas ele na Disney é um tiozão, porque a gente vai na montanha russa, os brinquedos, ele fica desfilando de chinelo.	Plano fechado Marcius e Leandro.
	Eu gosto, eu gosto, eu gosto.	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Vendo aquele cachorro quente, aquela coxa de peru que tem lá, que eu sempre fico impressionada.	Plano fechado em Regina.
	A coxa de peru quem come	Plano fechado em Marcius e Leandro que aponta para o colega.
	Não, não. (rs) Cachorro quente.	Plano fechado em Leandro e Marcius que faz gesto negativo com as mãos.
	A salsicha.	Plano fechado em Marcius e Leandro que novamente aponta para o colega.
	Mas também né , nessa época do ano, que foi tanto peru, tanto peru, tanta rabanada. Que o pessoal tá cansado.(rs)	Plano fechado em Regina.
	Tá exausto. (rs)	Plano fechado em Marcius e Leandro que brinca com o amigo
	Como dizia o Sr. Peru, eles estão porra aqui de peru. (rs)	Plano fechado em Regina.
Humor	Tá exausto. [Muitos risos].	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro que continua a brincar com o amigo.
	Para, para.	Em plano aberto Marcius fala pra Leandro que esta sorrindo.
	Agora é dois contra um.	Plano aberto Marcius reclama, com um sorriso.
	No natal eu faço muito papai noel. Ele é	Plano fechado em Leandro e

	a rena. (rs) Então assim tem muito serviço.	Marcius..
	Ele já foi papai noel de uns quinze supermercados	Plano fechado em Leandro e Marcius..
Lazer	Você já foi a Disney?	Plano fechado em Regina.
	Já, já eu já fui oh , uma vez, (rs) Fui ano passado com ele.	Plano aberto Regina, Leandro e Marcius que gesticula ao responder muito cômico.
	Acabei de voltar	Plano fechado em Regina, Marcius e Leandro que fala.
	De vinte a vinte e nove ele ficou na Disney.	Plano fechado em Leandro ,Marcius e Regina.
Lazer Consumo Famoso vinculado à imagem de popular	E que você faz? Compra muito?	Plano fechado em Regina .
	Também, também. Deixa eu explicar.	Plano fechado em Regina, Marcius e Leandro que fala.
	Também? Ele vai com uma mala e volta com treze. Alô pessoal da receita do aeroporto. (rs)	Alternância entre Regina e Leandro e Marcius.
	Pera ai, ou, ou (rs)	Plano fechado em Leandro e Marcius.
	Num é porque é artista que vai liberar.	Plano fechado em Regina.
	Não. É porque minha roupa é grande, só cinco cuecas enchem uma mala. É eu gosto muito de ir pra Europa também, mas na Europa se tem que pensar. Se fala olha o museu deve ter um monte de coisa aqui. Na Disney não. Você vai andando e ah aí você descansa, come, descansa a cabeça. É bom. É um momento que eu relaxo.	Plano fechado em Leandro e Marcius. Plano aberto Regina, Leandro e Marcius.
	Você pode combinar agora de todo ano de ir com o Zeca. O Zeca agora é local lá na Disney. (rs)	Plano aberto Regina, Leandro e Marcius.
	Ah eu fico no hotel.	Fechado em Zeca e Arlindo.
	Ele também.	Marcius e Leandro.
	Eu também	Plano aberto Regina, Leandro e Marcius.
	Mais beer	Zeca e Arlindo em plano fechado.
	É isso o que eu gosto, eu num cabendo na montanha russa. Então não tem sentido eu querer entrar.(RS)	Marcius e Leandro que responde Zeca. Plano fechado em Regina ,Marcius e Leandro.
	Cada vez que ele entra foge quatro crianças. (é)(rs)	Plano fechado em Regina , Leandro e Marcius que faz gestos com a mãos.
Humor Beleza/ Estética Famoso	Eu chego na fila o moço faz no, no (rs). Vaza	Plano fechado e Gil e Preta que sorri muito.
	Até que pro perfil do norte americano,	Plano fechado em Regina.

vinculado à imagem de popular	tu tá magrinho	
	Eu tiro onda lá. Eu tiro onda. Eu vejo os caras eu falo haha obeso coitado, não se cuida. Eu falo isso lá.	Plano aberto em Regina, Marcius e Leandro que fala. Plano fechado em Leandro.
	Muitos risos	Plano fechado e Gil e Preta que sorri muito.
	Ele ama, ele entra na loja veste a roupa e fala hum tá largo.	Plano aberto em Leandro, Regina e Marcius.
	Eu boto a roupa e falo tem P, eu adoro.	Close em Leandro sorrindo.
	[Muitos risos]	Planos fechados em Regina e nos demais convidados. Todos sorrindo.
	Porque entra aquele bando de gordo, parece safari.(rs) Aqueles elefantes. Porque todo mundo né? É uma confusão de cofrinhos, né? Porque cofrinho de gordo, vaza que nem água em parede. Pode botar a calça aqui que o cofre acha uma saída.(Rs)A gente ver aquele tanto de cofre não é bom.	Plano aberto em Regina, Marcius e Leandro que faz mimica. Close em Leandro. Close em Regina que gargalha. Close em Leandro.
Programa Humor	Vem cá, nós vamos voltar ao assunto. Vocês querem voltar ao horário porque baixa a aplicação? É isso?	Plano fechado em Regina
	A gente ganha menos quando tá fora do ar. Isso é uma política interna.	Plano aberto em Regina, Leandro e Marcius que fala.
	Então me deixem um mês aqui sozinha, daqui um mês vocês voltam e eu arranjo um padrinho pra vocês aqui no stand up do programa.	Plano fechado em Regina.
	Ah, isso é bom.	Plano aberto.
	Vamos fazer agora o teste, se pessoal, Zeca,Preta, Arlindo acharem legal, aí vocês fazem. Tá bom?	Plano fechado em Regina.
	Tá bom.	Leandro e Marcius
	Pega um tema qualquer aqui do programa, sei lá, carnaval. Carnaval?	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Carnaval é bom.	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Então oh vamos vê se eles fizerem um negócio bem legal de carnaval aí eles ficam. Deixa tudo bem.	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Ô Regina você podia só mandar pro nosso programa as passistas?	Plano aberto Regina, Marcius e Leandro.
	Para. Não faz isso.	Plano aberto Regina, Leandro e Marcius que retruca o colega.
	Porque o Marcius tá me incomodando	Plano aberto de Regina, Leandro

	ele queria vir de sunga.	e Marcius.
Populares Estética	Vem aqui, olha que maravilha, uma salva de palmas para as passistas da portela, Aplausos.	Plano geral das passistas.
Humor	Fica perto da gente, Regina. Pode tocar? (pode,pode), só pra saber, estamos aí.	Plano geral das passistas.
	Faz uma coisa engraçada aí.	Plano geral do palco.
	Vamos fazer vamos falar de carnaval.	Plano geral do palco com Marcius, passistas e Leandro que fala.
	Carnaval é uma coisa que eu não entendo. Tem coisas em desfile em escola de samba que eu não entendo, por exemplo puxador de samba.	Marcius em plano aberto.
	Eu odeio puxador de escola de samba. Com todo respeito.(rs)	Leandro em plano aberto. Olha para traz. Plano fechado nos integrantes da escola de samba.
	Não,não, eu odeio é modo de falar. (É a piada filho)	Plano aberto em Leandro e Marcius que se revezam nas falas.
	Levanta aí só pra ele ver o que vai encarar.(rs)	Plano aberto no palco e Regina falando.
	Ele é grande, ele é grande! (rs) É tudo mentira. (rs)	Plano aberto em um puxador da escola de samba. Plano aberto Leandro e Marcius.
	Mas por que a tua implicância com puxador de samba?	Plano aberto Leandro e Marcius.
	Porque eles acham que agente não entendeu e resolve soletrar, por exemplo, Eu naveguei, na-ve-guei. Porra eu já entendi.	Plano aberto em um puxador da escola de samba. Plano aberto Leandro e Marcius.
	[Muitos risos e aplausos]	Plano aberto em um puxador da escola de samba. Plano aberto Leandro e Marcius.
	A globo mesmo, a globo mesmo tem um samba que é assim ó lá vou eu, lá vou eu. Eu vou dizer pra onde é que você vai.	Alternância de plano fechado entre Leandro e Marcius.
	Palmas pra eles que eles merecem.	Plano aberto do palco.
	[Aplausos]	Panorâmica dos integrantes da escola de samba.
	Em março quando eu sair daqui e aí a minha aplicação cair, eu tô pensando em entrar no espetáculo de vocês ou no programa de vocês que tem um numerozinho de carnaval. Você falou que o puxador capricha muito. O Jorge,	Alternância de planos abertos e fechados com Regina, Marcius e Leandro .

Programa	ele quer falar tão cor- re-ta-men-te que anuncia, por exemplo, assim. Unidos da ti-ju-ca. No-ta dez. É ou num é? Depois ele fala mocidade 'endependente' de Padre Miguel. E essa caprichada do 'endependente' tá indo numa crescente que cada vez ele capricha mais. Até aproveitar que ele é muito amigo do Zeca pra pedir a benção porque esse programa aqui imita o samba de primeira. Notaram? Imita o almoço com as estrelas. Olha só o que eu imito. Eu imito chacrinha. Então eu queria mandar um beijo para Jorge. Jorge, eu tô aqui pra pedir a benção a você ao chacrinha, seu pai, que fazia almoço com as estrelas. Eu queria se puder uma emissora do irmão, trazer o Jorge aqui pra fazer esse número.	Plano aberto em Regina que se movimenta muito no palco, Marcius e Leandro. Plano fechado em Regina.
	Ele diria só se for agora.	Plano aberto em Marcius e Leandro que fala.
	[Aplausos]	Plano geral na apresentadora e muitos convidados.
Regina Famoso vinculado à imagem de popular	Eu tava em casa e falaram: entregaram essa encomenda aqui. Aí eu abri e era o CD do Zeca escrito prova de amor. Aí eu tirei o CD pra ouvir. No fundo tava escrito: esse CD é dedicado à Regina Casé que é gente da gente. Eu tava sozinha quase fiquei maluca, fui lá embaixo mostrei pro porteiro, não tinha ninguém lá em casa, mostrei pro pessoal que passava na rua. Chamava qualquer um na rua e falava olha aqui o novo CD do Zeca, olha aqui o que tá escrito aqui. Então, Zeca, eu queria agradecer a maior prova de amor que você me deu. Essa dedicatória me fez muito feliz num momento que eu tava muito triste. Eu amo você demais, obrigada. Uma prova de amor	Plano fechado em Regina que se movimenta no palco.
Gosto popular	[Aplausos]	Plano aberto de Zeca no palco
	[Música – Uma prova de amor]	Panorâmica de todos dançando.(Palco e plateia)
	[Aplausos]	Zeca em plano aberto.
Programa Famoso vinculado à imagem de	No próximo bloco eu vou conversar com o Presidente Lula.	Plano fechado em Regina. Imagens de gravação feita anteriormente. Regina e Lula se cumprimentam com um abraço e

popular		sorrisos. Ele beija as mãos de Regina
Cultura popular A presença do pobre mensagem da música	[Música - Aquele abraço] Alô moça da favela Aquele Abraço! Todo mundo da Portela Aquele Abraço! Todo mês de fevereiro Aquele passo! Alô Banda de Ipanema Aquele Abraço! Meu caminho pelo mundo Eu mesmo traço A Bahia já me deu Régua e compasso Quem sabe de mim sou eu Aquele Abraço! Prá você que me esqueceu Ruuummm! Aquele Abraço! Alô Rio de Janeiro Aquele Abraço! Todo o povo brasileiro Aquele Abraço!	Alternância de imagens entre Gil que canta no palco e plateia que canta e dança.
	[Aplausos]	Plano aberto em Gil e plateia.
Populares falam	Agora eu queria ouvir uma das nossas crianças, a ala jovem daqui do *Esquenta!*. Quem aqui tem uma pergunta pro Lula? Chega ai Pedro. Pedro é muito style. Dá uma olhada no Pedro, que loucura.	Plano aberto em Regina que anda pelo auditório. Regina fica no palco e aguarda uma criança enquanto uma outra já esta no palco.
	Presidente por que o senhor não adia mais as férias?	Plano fechado em Pedro.
	[Aplausos e risos].	Plano aberto de Regina com as crianças.
Famoso vinculado à imagem de popular	Não eu tô quase pedindo um decreto prorrogando ainda mais uns três meses.(rs) Você sabe que eu não sei o que fazer. Engraçado né? Quando você ganha, você sabe o que fazer no dia seguinte, fazer isso, fazer aquilo. Você projeta. As medidas provisórias que você vai assinar, os primeiros decretos, mas quando você sai você não projeta nada. Eu sinceramente não sei, não tenho nada programado. Ou seja, eu quero descansar o domingo em casa, descansar, relaxar.	Plano fechado em Lula que sorri.(gravação anterior) Alternâncias de imagens em plano fechado de Regina e Lula.

Famoso vinculado à imagem de popular	Assistir o *Esquenta!*.	Close em Regina.
	Ai assistir. Assistir nós na televisão.	Plano fechado em Lula.
	Na hora do almoço nós vamos tá na televisão.(rs)	Plano fechado em Regina.
	E depois lá pro dia três eu quero sair pra descansar uns dias. Quero tirar uns quinze dias de férias, e depois começar a pensar o que eu vou fazer da vida. Eu preciso desencanar a presidente, você sabia?	Plano aberto em Lula.
	É. É isso que eu ia te perguntar, tá com medo? Assim na boa, tá assim assustado? Que dá mais medo é virar presidente ou deixar de ser presidente?	Plano fechado em Regina.
	Não, sabe qual é a preocupação Regina? Eu tive a vida inteira uma vida muito intensa, ou seja, eu fiquei praticamente de oitenta e nove a dois mil e dois brigando pra ganhar as eleições. Agora eu tô deixando a presidência e não sei o que fazer. É a primeira vez que eu tô meio...	Plano fechado em Lula.
	Dá um medinho assim, a agenda tá vazia.	Plano fechado em Regina.
	Não. Dá uma inquietação. Não vai ter ninguém pra eu xingar dia dois. Se eu xingar a Mariza ela me mete o porrete. Então não posso xingar, ou seja, não vai ter ninguém, pra falar palavrão que de vez em quando eu falo palavrão. Como força de expressão é saudável.	Plano fechado em Lula.
	Mas o sentimento que veio quando você falou cara eu virei presidente, como é que vai ser depois de amanhã eu vou acordar num vai ter nada disso.	Plano fechado em Regina.
	Desvirei presidente.(rs) Eu não sei como vai ser, depois eu te conto.	Plano fechado em Lula.
	Muitos aplausos	Plateia em plano fechado.
	Daqui a pouco tem mais Lula.	Plateia em plano fechado.
	O Arlindo esses dias me contou que ele trabalhava na Caixa Econômica. Agora conta como que o Zeca ia pegar o Arlindo	Plano aberto em Regina,Zeca e Arlindo que estão sentados a mesa.
Famoso vinculado à imagem de popular	O porteiro falava seu namorado chegou, (rs) Todo dia cinco horas estava lá.	Plano fechado em Arlindo e Zeca.
	Você disse que ele já foi buscar você na Caixa Econômica de cavalo	Plano geral da mesa.

	De cavalo ele foi fazer um depósito. (rs)	Plano geral da mesa.
	Foi fazer um depósito (rs)	Plano geral da mesa.
	Amarrou o cavalo naquele quiosque do pastel, amarrou e tal, foi entrou, o xerife está? Botou o pé na porta parecia um cowboy. (rs) Depois de tudo foi embora de cavalo na avenida suburbana. Dois. Zeca Pagodinho (rs), Zeca Búfalo Bill.	Plano aberto em Zeca e Arlindo.
Popular	Vem aqui vem, não aguento. Eu vou dizer uma coisa essa aqui é Letícia, a Letícia é tipo sabe aquela guru indiana que dá abraço? Dá um abraço no Gil pra ele ver o que é o seu abraço. Olha que loucura, Zeca. Dá um abraço no Zeca, Letícia pra ele ver o acha que essa garota tem. Olha. Num é demais? Acaba de adentrar em nosso estúdio Hélio de la Pena, uma salva de palmas.	Plano aberto em Regina que abraça uma menina. A criança abraça Gil. Plano aberto de Regina com convidados em volta de uma mesa. Plano fechado em Regina.
	[Aplausos].	Plano fechado em Regina.
Programa	Oi amor!	Regina e Hélio se abraçam no palco.
	Que visita maravilhosa. Aqui é bom vem visita assim de repente, surpresa. É igual novela num tem nem interfone, nada. De repente a pessoa chega.(Rs) Pretinha vem aqui que eu quero lembrar um momento e o Gil também. Você sabe que a Preta eu conheci menor que aquela fotografia da Elisa.	Plano aberto de Regina com convidados em volta de uma mesa Plano aberto de Regina se movimentando no palco e interagindo com convidados.
Famoso vinculado à imagem de popular	Verdade.	Regina conduz Preta para o palco.
	E um dia. Vem cá Gil. A gente tava numa casa que o Gil morava com a mãe da Preta que era a Sandra lá no stillep,	Plano aberto de Regina , Preta e Gil no palco,
	Lá onde aprendi a andar, sambar, tudo.	Plano aberto de Regina , Preta e Gil no palco.
	E um dia eu tava voltando não sei da onde com Caetano. Aí a gente abriu a porta e aí o Gil falou: eu tô fazendo um samba aqui agora. Quer ouvir? Falta um pedacinho. E era a Preta de calcinha na sala sambando, e essa música eu vou pedir pra Preta cantar, junto com o Gil, todo mundo e a Preta quebrar aqui, pra gente ver o que tem de diferente em toda	Plano fechado em Regina.

	menina baiana.	
	[Música]	Plano aberto dos cantores e plateia dançando.
	[Aplausos]	Plano aberto do palco e convidados.
	Pretinha com quem você aprendeu a sambar?	
	Com a minha mãe Sandra. Ela samba muito bem e meu pai também samba muito bem.	Regina no palco com Gil e Preta.
Cultura Popular Gosto Popular	Como é que agente ensina alguém a sambar? É possível?	Regina no palco com Gil e Preta.
	É difícil meu pai pode me ajudar porque o samba da Bahia é pra trás. Quando eu fui rainha da bateria na mangueira... A Sharon ta aí né? a Sharon Menezes, A Sharon agora é rainha de bateria da Portela. Aiii, palmas pra Sharon.	Regina no palco com Gil e Preta. Preta Responde circulando pelo palco.
	Sharon chega aqui. Leandro e Marcius chega aqui. Queria um sambinha pra ela mostrar	Os convidados no palco.
	Eu sambo desse jeito pra trás . Aí me falaram que assim não podia sambar aqui no Rio. Me falaram que eu não podia ser rainha da bateria aqui no Rio se eu sambasse assim pra trás.	Plano aberto no palco com convidados e Preta que fala enquanto dança.
	Você aprendeu a sambar pra frente?	Plano aberto no palco com convidados e Preta que fala enquanto dança.
Cultura Popular Gosto Popular	Nunca tentei, passei a avenida inteira sambando pra trás, e povo falando samba pra frente, E eu nunca entendi essa teoria. Ela pode ensinar melhor. Como é pra frente? Só pra gente ter o exemplo do pra frente.	Plano aberto no palco com convidados e Preta que fala enquanto dança.
	[Música – samba, sem letra]	Dançarina do programa exemplifica o passo de dança.
	Num sei. Até hoje não sei ó.	Plano aberto do palco com os convidados e Regina.
	Agora um pra Sharon mostrar. Vem de lá se não você vai cair, vai.	Plano aberto do palco com os convidados e Regina.
	Sharon samba demais. Se joga Sharon,	Plano aberto do palco com os convidados e Regina que dançam.
	Palmas pra Sharon	Plano aberto do palco com os convidados e Regina.
	Aplausos.	Plano aberto do palco com os convidados e Regina.

Famoso vinculado à imagem de popular	Agora meu pai vai sambar porque ele samba muito bem.	Plano aberto do palco com os convidados e Regina que dançam.
	Vocês estavam discutindo aqui. Pra frente, pra trás. O meu não sai do lugar.	Plano aberto do palco com os convidados e Regina.
Cultura Popular	[Música – samba, sem letra]	Plano aberto do palco com os convidados e Regina que dançam.
Populares	Eu vou pedir um samba de roda bonito, pra gente vê como é que se dança na velha guarda da portela.	Plano aberto do palco com os convidados e Regina.
	[Música – Portela]	Um casal de sambistas quase idosos sambam.
	[Aplausos]	Plano aberto da banda que toca os sambas.
Humor	Muito bom! que beleza , agora eu quero ver o Leandro. Leandro é pra traz ou pra frente sua especialidade?	Plano aberto de Regina e convidados no palco.
	[Música]	Plano aberto de Leandro dançando no palco.
	Arrasou! E o cofrinho?	Plano aberto do palco com a apresentadora e convidados.
	Marcius!!!	Plano fechado em Regina.
	A rainha de bateria, ela tem um truque, que é assim, o que vale é o braço. É no braço e no carão, em baixo pode ta fazendo qualquer coisa, eu vou fazer a rainha de bateria.	Plano fechado em Marcius.
	Por favor, a rainha de bateria Marcia Mellim.	Plano aberto do palco com convidados.
	Música.	Plano aberto do palco com convidados e Marcius dançando.
	Agora eu gosto de ver quando passa na globo que passa o aviãozinho. Aí fica câmera lenta. Quando eu começar a dançar faz o aviãozinho passando.	Plano aberto em Marcius que fala pra Leandro.
Humor	Eu passo?	Plano aberto em Marcius que fala pra Leandro.
	[Música]	Marcius dança satirizando o movimento dos braços das mulheres quando sambam. Todos riem.
Populares	Música (Funk, Vem com tudo)	Grupo de jovens (3 negros, 1 branco) dançam. Regina no quadro, sorri.
	Esse é o bonde da madrugada. Geral do morro do Canta galo, no Rio de Janeiro. Meus amigos do coração que já fazem parte da família *Esquenta!* e que vão	Regina abraça os jovens e lhes pergunta o nome. Eles respondem. Ao final, cena do Zeca Pagodinho com o neto.

	estar todo domingo com a gente. Seu nome? (Charles). O seu? (João). O seu? (Douglas). E o seu? (Denilson). Denilson.	
Comportamento Hábitos Regina	Já que a gente tá falando de nome...Todo mundo acha que moda principalmente é roupa. Nome é muito mais. Alguém conhece uma bebezinha q chame Eleonor, Dagmar? Alguém conhece um bebezinho, já viu na pracinha uma bebezinha chamada Mirtes? Regina, Regina por exemplo, ninguém mais bota Regina. Só tem mãe, avó	P.A Regina Plano geral. Regina e plateia. Todos riem Fechado em Regina
Regina	Mas Regina é rainha. Regina é nossa rainha	Arlindo em plano aberto. Depois Regina agradece e em plano geral a plateia aplaude.
	Sou sua súdita.	Em plano geral a plateia aplaude.
Preconceito	Tem nome que já é apelido. Por exemplo, Preta Maria.	Regina em PA com a família de Gilberto Gil.
	É verdade	Preta no quadro, responde.
	Vem com apelido, apesar que a gente ainda chama de Pretinha. Foi bom chamar Preta ou foi difícil, assim, colégio, aquele clássico que todo mundo fala, ah na escola....	Fechado em Regina, aberto com Preta, o pai e outros convidados da família.
Preconceito	No começo era complicado. Eu chegava na escola as crianças falavam: Preta? Mas preta não é nome, é cor. Não achavam uma cor bonita. Ou falavam: não é Brenda, Breda? Mas preta não. Mas eu cresci, fiz a minha personalidade muito em cima do meu nome. Não sei o que seria de mim se eu não me chamasse Preta Maria. E essa história toda ela é rodeada de muita emoção. Desde a hora que meu pai foi me registrar.	Preta em plano fechado.
	Lá em Copacabana. Um cartório em Copacabana. O atendente lá no cartório disse assim. Mas Preta? Mas não é comum, tal. Eu disse, mas se fosse Bianca, tem até Rosa. Porque não Preta. Aí ele olhou assim. Aí entendeu, se convenceu, aí registrou.	Em plano aberto, Gil, família e Regina. Ele responde.
	Kauã você foi muito zoado no colégio?	Plano fechado em Regina.
	Sim.	Plano fechado em Kauã.
	E voe sabe por que escolheram Kauã?	Plano aberto de Regina e Kauã.
	Pais hippies né.	Plano aberto de Regina e Kauã

	Ah! Você já é da geração filhos de hippies.	Plano aberto de Regina e Kauã
Comportamento	Muita coisa aconteceu. Eles casaram um nome com outro e deu Kauã.	Plano aberto de Regina e Kauã
	Kauã quer dizer o quê?	Plano aberto de Regina e Kauã
	Gavião, significa gavião.	Plano aberto em uma moça com um rapaz negro que está ao computador.
	E meu nome quer dizer o quê? Eu não sei.	Plano aberto em Regina, Kauã e Sheron que faz a pergunta.
Estética/ Beleza	Regina, Regina aqui, área plana.	Ator negro que integra a equipe do programa, em plano fechado respondendo.
	Área plana? (rs)	Plano aberto na mesa com Regina Kauã e Sharon.
	Mas num sou mesmo.	Plano aberto na mesa com Regina Kauã e Sharon.
	Tudo bem que ela está magrinha, mas ainda tem muitas curvas. Levanta por favor, que eu quero ver se a área tá plana.	Plano aberto na mesa com Regina Kauã e Sharon.
	Solta a música, solta a música.	Plano aberto na mesa com Regina Kauã e Sharon.
	[Música de abertura do programa]	Plano aberto de Sharon que dança samba no palco.
Afetividade	Vem cá Monica, vocês fazem vinte e quatro anos de casados agora dia oito de dezembro passado. Dia de nossa senhora da Conceição.	Plano aberto de Regina com convidados.
	Foi oito agora.	Plano aberto de Regina com convidados.
Humor Comportamento	O casamento de vocês não foi uma coisa muito tranquila foi um pouco tumultuado. Eu queria que vocês contassem, a começar pelos convites. O Zeca foi na gráfica para pegar os convites de casamento. Conta aí Zeca, de lá você foi pra onde?	Plano aberto de Regina com convidados;
	Passei ali na favela do Acari, fui lá tomar uma cerveja, jogar uma sinuca, daí eu com uma bolsa com mil e poucos convites e depois do mesmo jeito, já tava meio chumbado, fui embora e larguei a bolsa pra lá.(rs) Mil e quinhentas pessoas, quando nós chegamos já tinha na igreja.	Plano fechado em Arlindo e Zeca que conta.
	Geral da feira de acari já estava lotando a igreja.	Plano fechado em Regina.
	Os convidados nossos lá fora, padrinho.	Plano fechado em Zeca que fala.

	Tinha um lugar pendurado na igreja tinha, eu falei: ih rapaz tem um santo se mexendo ali. Acho que era Jorge Aragão. Subiu eu falei e é Jorge Aragão no telão,(rs)	
	É o São Benedito mais cheinho .	Plano aberto da mesa com Regina e convidados.
	Não cumprimentei ninguém, não falei com ninguém.	Plano aberto da mesa com Regina e convidados. Mônica fala
	Aí eu disse é melhor a gente voltar. Num vai dar não . Furou o pneu do carro na porta da choperia.	Plano fechado em Zeca.
	Aí ele falou assim pra mim. Vai ali na casa da minha tia, tira esse vestido e vamos embora.	Plano aberto em Monica, esposa de Zeca.
	Ele fugiu da própria festa com a noiva. Quando chegou em do galetão no Irajá, furou o pneu, ele desceu com essa mulher vestida de noiva, entendeu? Ele falou vai trocar essa roupa, tá dando muita bandeira você vestida assim na Rua. Foi assim que começou o casamento. Por isso que tão certo vinte e quatro anos.	Plano fechado em Regina.
Afetividade Fraternidade	Marcia Black, sua grande amiga, sempre que vou na sua casa ela ta lá, já me levou no cozido que ela faz na quarta-feira. E aí Zeca vocês se conheceram onde?	Plano fechado em uma panela com vegetais sendo cozidos. Regina, Zeca e uma convidada andam em direção da Marta.
	Pô é tanto tempo. Madureira	Regina, Zeca e uma convidada andam em direção de Marta.
	A impressão que eu tenho é que já nasci conhecendo o Zeca. A gente já viveu varias histórias.	Plano fechado em Regina e Marta.
Culinária popular	Surica, quando a gente vai numa festa vai pegar um risole, crente que é de camarão, quando morde é de milho, é de palmito, aquilo dá uma revolta. Surica quase matou um com um risole daquele de milho. Vem a bandejinha do risole, a pessoa já cai dentro, assim, morde, aí milho, aí ela falava assim, eu me lembro direitinho, ela falava assim: ou tem nível pra fazer um risole de camarão ou faz uma bolinha de queijo. Surica já comeu o cozido da Marta?	Plano aberto em Regina, Marta, Zeca e Surica.
	Já minha filha, na inauguração e aniversario dela fui lá prestigiar e	Plano fechado de Regina e Surica.

	comer o cozido.	
	E agora me diga uma coisa você já comeu a feijoada da Surica?	Plano aberto em Regina e Marta.
	Com certeza, sempre. A vida toda.	Plano aberto em Regina e Marta.
Culinária Popular	Vem cá como foi a ideia de juntar pagode com comida?	Plano aberto de Regina com Zeca, Surica e Marta.
Cultura Popular	Isso é cultural, Regina, essa história do samba.	Plano aberto de Regina com Zeca, Surica e Marta.
Culinária Popular	Antigamente era macarronada. Agora o samba tá melhor. Pode fazer um cozido.	Plano fechado em Zeca.
Cultura Popular	Tem aí um samba que fala da macarronada.	Plano aberto de Regina com Zeca, Surica e Marta.
	[Música] Quitandeiro, leva cheiro e tomate Na casa do chocolate, que hoje vai ter macarrão. Prepara a barriga macacada, que a bóia tá enfezada E o pagode fica bom, fica bom, fica bom, fica bom... Chega só 30 litros de Uca, para fechar a buduca Desses nego beberrão, Chocolate tu avise a crioula, que carregue na cebola E no queijo parmesão	Alternância de planos abertos e fechados em Regina, Monarco, Surica, Zeca e plateia. Todos cantam, vários ao microfone.
	Aplausos.	Alternância de planos abertos e fechados em Regina, Surica, Zeca e plateia.
Comportamento mercado	Tem uma música que você gravou nesse seu CD que tá arrebentando que eu adorava e que tava esquecida: Poxa. Por que de repente te deu na telha de gravar essa musica de novo, você gostava dela? Aconteceu alguma coisa que você lembrou dela, qual foi?	Plano aberto de Regina e Zeca.
	Sempre gosto de pegar uma música do passado, essa música eu tinha dezenove anos. E a gente cantava isso nas tendinhas, nos botequins, eu tava ouvindo a rádio, eu escuto a Ave Maria e todo dia antes da Ave Maria toca uma música antiga. Quando eu liguei tocou. Poxa. Aí eu liguei e falei Rildo achei, foi apoiada.	Plano aberto de Regina e Zeca.
	Vamos cantar? Então vamos.	Plano aberto de Regina e Zeca.
Afetividade	[Música] Pôxa, Como foi bacana te encontrar de novo Curtindo um samba junto com meu povo Você não sabe como eu acho bom... Eu te falei Que você não ficava nem uma semana Longe desse poeta que tanto te ama	Imagens intercaladas do cantor Zeca, plateia e apresentadora. Todos dançando.

	Longe da batucada e do meu amor... Pôxa, Por que você não pára pra pensar um pouco? Não vê que é motivo de um poeta louco Que quer o teu amor pra te fazer canção... Pôxa, Não entra nessa de mudar de assunto Não vê como é gostoso a gente ficar junto Mulher o teu lugar é no meu coração...	
	[Aplausos]	Imagens intercaladas do cantor Zeca, plateia e apresentadora.
Famoso vinculado à imagem de popular	Hoje é o primeiro domingo do presidente de folga, hoje, dia dois de janeiro, é o primeiro dia que ele não é presidente.	Plano aberto em Regina.
	Como é que é hoje presidente: cervejinha, pinga, wishky, feijoada? como é presidente?(rs)	Plano fechado em Gil.
	Zeca.	Regina anda pelo palco.
	Se for desse jeito que Gil ta falando, pode me chamar presidente.	Plano fechado em Zeca.
	Pode ficar certo Zeca Pagodinho, por minha conta, nós vamos fazer num sábado uma cervejada e um churrasco na casa pequena, na casa do prefeito. Ou seja que é pra gente, se você tomar muito gelado , até te levo pra casa. Pronto	Plano fechado em Lula.
	Domingo pra um presidente? Seus domingos como foram?	Plano fechado em Regina.
	Eu resolvi Regina quando veio a presidência fazer um a espécie de isolamento meu e da Mariza. É eu fiquei oito anos sem ir no restaurante, sem ir num casamento, sem ir numa festa, sem ir num aniversário eu num fui num jantar, num almoço em lugar nenhum.	Plano fechado em Lula.
	E a pescaria?	Plano fechado em Regina
	Não, aí eu pesco em casa. Nós temos peixe dentro do lago, dentro do Alvorada. Dentro do Torto nós tínhamos peixe. Muito peixe. Pintado, pacu, pirarara, piracutanga, dourado, tilápia. Muito peixe grande. Tem peixe de 15 quilos, 20 quilos. Se a Dilma não pescar, ela vai ter que falar: ô Lula, uma vez por mês você vem aqui pescar meus peixinhos aqui. [risos]	Plano fechado em Lula.
Afetividade Fraternidade	Bom, eu nunca fui presidenta, mas como eu viajei muito pelo Brasil, viajei	Plano fechado em Regina

Solidariedade	pela África. Quando eu vivia assim. Nossa se eu já sofria, assim, com o sentimento de impotência. Você quer resolver, você quer dar condições para as pessoas logo, uma coisa que você falou nesse discurso também. Na favela do Canta Galo, entre o querer a vontade de rapidamente resolver as vidas daquelas pessoas e poder fazer, aprovar um a obra. Essa sensação de impotência deve ter sido muito difícil principalmente no começo, até entender como funciona.	
Famoso vinculado à imagem de popular Famoso vinculado à imagem de popular	Ela é angustiante, o povo comum não imagina que um presidente tenha dificuldade para fazer uma obra. As pessoas pensam que o presidente pode chegar, fazer um decreto, pronto acabou. Não. Hoje pra você fazer uma obra você tem que fazer um projeto básico, projeto executivo, ter licença prévia do Ibama, depois que tudo der certo no Ibama, você tem o Ibama estadual que às vezes pode tá com processo. Depois você tem o Ministério Público, tem o Tribunal de contas, depois você tem o poder judiciário. É um inferno pra você poder fazer uma obra, ou seja, você tem que teimar, tem que brigar pra sair.	Plano fechado em Lula.
	Dá uma angustia né?	Plano fechado em Regina.
Preconceito Autoestima	Mas com o tempo, ao mesmo tempo eu sinto que se a gente ficar em cima as coisas saem. Eu tava dizendo esses dias, se a gente fosse olhar, porque nós brasileiros aprendemos a nos tratar como se nós fôssemos inferior, talvez pelo fato de ter sido um país colonizado, primeiro Portugal, depois a Inglaterra, depois aos Estados Unidos, ou seja, nós ficamos sempre naquela que outros são melhores que nós.	Plano fechado em Lula.
Subalternidade	Se achando a periferia do mundo? Você acha que o Brasil agora já tá conseguindo?	Plano fechado em Regina.
	Nelson Rodrigues dizia... é complexo de vira-latas, é o complexo que você só é bom se você falar inglês, você só é bom se você falar francês, sabe? Você nunca se sente o ator principal. Não,	Plano fechado em Lula.

Pós-colonialismo	nós somos o ator principal. Eu vou te contar uma história que não é presunção, é um dado real. Eu tinha cinco meses na presidência, fui convidado para uma reunião do G8. Falei na televisão de repente tava me chamando lá, era Bush, era Tonny Blair e tava lá o bagrinho Lula lá, uma tilapiazinha desse tamanzinho, um alevino. Cheguei lá num falava nenhuma língua, e naquela reunião você só fala com o escutador de ouvido. Aí eu tô lá, antes de começar a reunião a gente tinha chegado, eu cumprimentei todo mundo, e aí entra o Bush. Quando entra o Bush todo mundo levanta. Eu falei pro Celso: vamos ficar sentados. Ninguém levantou quando eu cheguei. Por que eu vou levantar agora que o Bush chegou? Aí o Bush veio e me cumprimentou normalmente, ou seja, o que eu queria mostrar. Você não precisa ser lambe-botas, você não precisa ser subserviente para ser respeitado. Até porque o ser humano não gosta de quem não se respeita. Não é verdade? Você encontra com uma pessoa que vai te pedir um favor em vez de pedir: Regina eu queria tal coisa, começa a te puxar muito o saco. Você fala: ô lambe-botas, para com isso. Então eu acho que a gente ganha respeito assim. O Brasil ganhou respeito, o Brasil hoje, você viaja o mundo você sabe que o Brasil é respeitado.	Plano fechado em Regina. Plano fechado em Lula.
Pós-colonialismo	A gente sabe, isso é parecido com o discurso que a gente fazia no Central da Periferia. A gente viajou muitos anos por todas as favelas. Não sei se você assistiu alguma vez, pelo Brasil todo.	Plano fechado em Regina.
	Muitas vezes.	Plano fechado em Lula.
	Então a gente dizia sempre que as periferias já conversam se comunicam entre si, que não precisam mais do centro. É um discurso parecido. Onde que você acha que isso vai parar?	Plano fechado em Regina.
	Olha, é que acabou o tempo do cidadão ser presunçoso, ele achar porque ele aparece na televisão todo mundo vai	Plano fechado em Lula.

	segui-lo e ele virou formador de opinião pública. Não é verdade, o povo tá mais esperto, o povo tá procurando outras alternativas. A internet tá aí pra informar outras coisas.	
Comportamento	Sabia que no Brasil hoje em dia existe muito mais celular que gente né? Uma loucura.	Plano fechado em Regina.
	Eu sei.	Plano fechado em Lula.
	Você gosta de celular? Isso você num gosta.	Plano fechado em Regina.
	Eu brinco muito com o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, que você tá conversando com ele, ele tá sempre assim. O José Eduardo, presidente o PT, nem olha na sua cara.	Plano fechado em lula que balança a cabeça de um lado para outro e simulando fazer ligação de celular.
	A gente também lá no programa *Esquenta!* tem um igualzinho fica todo mundo embaixo da mesa, você oi.	Plano fechado em Regina.
	O Meireles então. Eu penso que é coisa boa, que pra saber o preço do dólar se vai subir se vai descer. Mas o Meireles é vinte e quatro horas por dia aqui assim twitando e pegando informações.	Plano fechado em Lula.
	A conversa tá boa, né? No próximo bloco tem Lula.	Plano fechado em Regina.
Representação	Sabe qual é coisa mais legal de todas que você já fez? É fazer com que cada brasileiro, mesmo o menorzinho desse tamanho achasse que você é ele. Isso que é o mais legal, eu acho. E eu presenciei isso algumas vezes. O cara quando fala o presidente representa a nação, o presidente representa cada brasileiro, isso é uma coisa meio formal, meio vaga que eu acho que ninguém o povo entendia isso e mudou com Lula. Eu tava no morro do Canta Galo uma vez, e agente se encontrou, e agente tava indo embora e aí tinha um monte de menorzinho daqueles e chegaram e falaram assim, deixa eu ver esse seu dedo aí Lula,doeu? Lembra disso? Eu nunca tinha visto isso, acho que o Brasil nunca imaginou que isso pudesse acontecer. Essa é que eu acho a maior revolução, você num acha?	Plano fechado em Regina. Plano fechado em Lula. Plano fechado em Regina. Imagens gravadas do fato que Regina narra. Plano fechado em Regina.
Representação	Eu acho Regina que o grande legado	

Autoestima	que fica é o seguinte, que o povo percebeu que um deles podia chegar lá, porque esse mesmo povo tinha me derrotado duas vezes anteriormente porque ele tinha medo que um deles não soubesse fazer o que precisava ser feito no Brasil. Aí de repente eles criam consciência politica elege um deles, e um deles consegue fazer aquilo que eles imaginavam que não podia fazer. Então o que eu sinto é orgulho, eu sinto que as pessoas estão mais orgulhosas com a alta estima à flor da pele, as pessoas estão gostando mais de si, as pessoas estão acreditando mais em si, as pessoas tem mais esperança. As pessoas quando me vê, eu as vezes fico pensando agente briga tanto pra ser presidente, pra ser chamado de vossa excelência e eles me chamam de Lula, maior cara de pau, eu vou la em São Bernardo me chamam de baiano ainda, ou seja, num tem o menor respeito.(rs) Eu acho isso fantástico essa coisa dele pegar na minha mão e pensar eu tô pegando na mão de um companheiro igual a mim. Que comeu rapadura, que comeu farinha de mandioca igual a mim, que tomou água barrenta. É isso que eu acho que é o grande legado que vai ficar pra esse país.	Plano fechado em Lula.
Autoestima Afetividade Trabalho	[Música] Eta povo pra lutar, vai gostar de trabalhar Nunca vi tão disposto, nunca está de cara feia. Sempre traz escancarado Um franco sorriso no rosto. [Entra a entrevista do Lula, com a música de BG] Se rola uma "intera". É o primeiro a pôr a mão no bolso Se um vizinho ao lado está passando. Por má situação. Ele faz um mutirão e ajeita a situação	Plano aberto com convidados cantando.
Autoestima	O povo ta se achando, é o povo ta se achando. Se o Obhama viesse ao Brasil e ele tivesse contato com o povo brasileiro ele ia falar, puxa vida eu falei que o Lula era o cara, não é ele que é o cara é o povo que são milhões de caras.	Plano fechado em Regina. Plano fechado em Lula.
Trabalho	[Música]	Plano aberto do palco com

Fraternidade	Então, por que que essa gente que tem Não aprende a lição Com esse povo que nada tem Mas tem bom coração (3X)	convidados cantando e dançando.
Programa	Esse programa é bem família né? Um almoço de família. Eu quero que vocês saibam que essa é a minha família, família do Zeca, família do Arlindo, família do Leandro, a família de geral	Plano fechado em Regina.
Pertencimento	que tá aqui hoje muitos eu vi crescer, muitos eu peguei no colo, porque família não é só aquela que a gente nasce não é família biológica. A família a sua verdadeira família são as pessoas	Plano aberto do palco com vários convidados.
Regina	que agente vai achando pelo caminho, e eu tenho uma família enorme.	Plano aberto de Regina.
Afetividade	Eu só tô aqui hoje começando um programa novo depois de muita brabeira, sacudindo a poeira, dando a volta por cima, porque eu tenho em vocês uma família.	Regina em primeiro plano e em quadro também plateia e convidados.
Regina	E eu vou dizer. Muita gente que tá aqui eu encontrei no meio da rua, eu encontrei num samba, eu encontrei por acaso. Quando a gente é pequenininho, quando a gente é criança é muito mais fácil, você joga uma bola, o cara manda de volta. Você tá cavando um buraco, o cara te ajuda. Você faz um amigo. E quando a gente cresce a gente perde a manha de fazer isso. A gente anda na rua tão batido assim, sabe? Sem olhar pra ninguém. Todo mundo é um perigo.	P. fechado da apresentadora Vários movimentos de câmera, transição rápida. Convidados
Fraternidade	Você tem medo. Tá o tempo todo na atividade. Achando que o cara que tá...que o outro é teu inimigo. Cara, o que a gente perde com isso é demais.	Regina e convidados no palco Regina, sorrindo, faz um gesto de cumprimento como polegar. Plateia ri
	Eu moro numa casa, numa rua bem metida no Leblon. Em frente da minha casa tem uma obra. Nessa obra, todo dia que eu tava saindo pra trabalhar, tinha um monte de operários. Mas tinha um cara que às vezes tava no 2º, no 3º andar, que olhava pra mim e fazia assim ó (gesto de Regina e risos da plateia). Aí no outro dia de manhã eu ia sair. Tinha um monte de cara porque de capacete fica parecido. Aí eu tava saindo o cara fazia assim pra mim ó (gesto de Regina e risos da plateia). Aí	Fechado em Regina, que sorri e acena vigorosamente com o braço direito. Muitas mudanças de plano, ora apenas com Regina, ora mostrando plateia e convidados em takes curtos. Plano aberto. Edilson se aproxima. Regina abre os braços e também caminha em direção a ele. Eles se abraçam longamente. Ela o beija no rosto.

	teve um dia, já tinha passado o maior tempão, que eu saio e olho lá em cima. Tem um cara, que tava todo branco, sujo. Não sei era gesso? Que que era aquilo que ele tava fazendo que ele tava todo assim pintado de branco. A mão toda branca, suadão. Ele abriu o maior sorriso, eu abri o maior sorriso. E fala o que você veio fazer, e eu também. Chega aqui Edilson. (Aplausos da plateia, que gritou o nome de Edilson 4 vezes, em coro)	
	Agora que a gente já é amigo eu posso falar. Ele me sujou toda. Eu entrei no carro toda suja de gesso. / Foi mal./ Agora conta a sua versão. O pessoal te zoa muito lá na obra porque a gente ficou amigo?	Regina e Edilson, ora em plano fechado, ora aberto mostrando palco e plateia.
Popular fala Afetividade Auto-estima	Lá na obra o pessoal brinca muito. Porque, tipo assim, eu procuro fazer amizade com todo mundo. Sou amigo de todo mundo, procuro ajudar todo mundo. Entendeu? E assim eu levo minha vida. Qualquer um que passar ali eu dou bom dia. Eu trato todo mundo igual como se fosse igual a mim também. Tendo dinheiro a mais pra mim não importa não. Pessoa normal.	Plano fechando em Edilson. Ao fundo uma parede vermelha e rosa. Regina de frente olhando para ele, demonstrando afetividade. Edilson falando, de perfil. Plano fechando em Edilson Plano aberto com plateia
	Edilson, dá aquele sorriso. [Refrão da música tocada anteriormente] Aplausos	Regina e Edilson. Ele sorri, já em plano fechado. Ao som dos aplausos do público e da música de Zeca Pagodinho, entram cenas de Edilson no trabalho. Sorrindo.
Valores positivos Afetividade	Eu acho, Regina, que é o seguinte. É melhor a gente ser bom. Custa menos pra gente ser bom. Custa menos pra gente rir. Custa menos pra gente ser alegre. Custa menos pra gente fazer carinho nas pessoas. Pegar na mão das pessoas, afagar as pessoas. É assim que eu aprendi a viver, sabe? É mais gostoso.	A fala de Lula entra em voz off, com cenas de Edilson trabalhando. Corta para plano fechado do ex-presidente. Lula pega na mão de Regina Volta para plano fechado só com Lula
	Você aprendeu isso lá em Pernambuco ainda?	P. fechado de Regina
	Eu aprendi isso na vida, na sobrevivência.	P. fechado de Lula
Trabalho	Quem trabalha mais, presidente ou metalúrgico?	P. fechado de Regina

	Ah, presidente.	P. fechado de Lula
	Bem mais né?	P. fechado de Regina
	Ah, quando eu era metalúrgico, eu entrava 15 para as 8 para trabalhar. Saía às 6h da tarde. Depois a noite era minha, o sábado e domingo era meu. Tal. Na presidência você não tem horário pra entrar, horário pra sair. Você não tem domingo. Toda hora as pessoas acham que você tá disponível	P. fechado de Lula
Estética Afetividade	A diferença do presidente Lula em relação a presidentes anteriores é que ele tem a alma do trabalhador. É um homem que gosta de trabalhar. Ao mesmo tempo, da aparência, os cabelos brancos ajudaram muito né? [risos] A barba e o cabelo. Ele ficou uma figura muito mais suave, que dá um contraste muito bonito com aquela severinidade, aquela serenidade.	Gilberto Gil em plano aberto sentado à mesa com outros convidados e Regina.
Estética	Eu sempre tive vontade de ter cabelo branco. É. Eu achava bonito. Eu achava que o cabelo branco dá mais responsabilidade. As pessoas olham pra você e dizem: aquele senhor. Aí vê um senhor, senhor, cabelo branco.	P. fechado de Lula, que fala sorrindo.
Afetividade	Mas não adianta, continua essa bagunça: Aí Lula. Chega aí.	P. fechado de Regina, que também fala sorrindo.
Trabalho	Eu tenho...Eu não consigo ficar um feriado de 3 dias. Eu acho um prejuízo ao país 3 dias de feriado. Eu tenho 65 anos. Eu quero morrer trabalhando. Eu não me vejo em casa. Eu não me vejo. Ou seja, eu não consigo ficar em casa.	P. fechado de Lula
	Então olha. Você vai assistir agora o depoimento do seu João. Sabe quantos anos ele tem, Lula? Seu João, 87 anos./ Maravilha,/ Trabalha todo dia no aeroporto levantando mala.	P. fechado de Regina Cenas do seu João carregando malas.
	Ensina como é que a gente pega o peso? Tem uma mala bem pesada. Faz aí.	Regina e João, próximos à plateia
Trabalho Popular fala	Tem que pegar o peso mais fechado e... Entendeu? Pegar firme assim sem brincadeira. E pegar o peso por igual. [ouve-se risos da plateia]	Regina e João, próximos à plateia. A apresentadora sorri.
	Seu João, eu vou tentar fazer isso lá em casa. Tá? Eu não sei se vai dar certo. Palmas pro seu João. [aplausos]	Regina. Pequenos takes dos convidados. Plano geral de Regina com seu João e a plateia aplaudindo.

	Deus te abençoe. Deus te abençoe toda a família. E muito obrigado. Eu não tenho nem palavras.	Ainda em meio à plateia, João fala, ao lado de Regina. Já em quadro, o próximo entrevistado.
Solidariedade Solidariedade	Seu Fausto vende biscoito na praia. Há quanto tempo seu Fausto? / Uns 15 anos/ Antes o senhor trabalhava em quê, seu Fausto? / Cozinheiro/ O senhor era cozinheiro de restaurante?/ Era./ E aí o senhor se aposentou ficou sem trabalho e resolveu vender biscoito. E fica o domingo inteiro na praia do Leblon com aquele saco de biscoito andando pra cima e pra baixo, vendendo biscoito com 83 anos. Ele merece as palmas da gente ou não?(palmas)	Há um corte abrupto, mas continua no mesmo quadro. Dialógo entre Fausto e Regina. João permanece em quadro, mas sem fala. Close em seu Fausto. Corte de imagem para o cenário de trabalho do sr. Fausto (praia). Corta para Regina e Sr. Fausto no palco. Plano aberto de Regina no palco com convidados.
	[Música] Então, por que que essa gente que tem Não aprende a lição Com esse povo que nada tem Mas tem bom coração? (3X)	Cenas de sr João no trabalho como carregador de malas no aeroporto.
	Zeca, o Lula quer pedir uma música pra você, que é cara desse momento que ele tá vivendo. Dia primeiro passou a faixa pra Dilma e aí...	Plano fechado em Regina.
Comportamento	E aí eu vou ficar muito à vontade Zeca, agora nós vamos poder tomar nossa cerveja. Ninguém vai se importar conosco tomando nossa cervejinha, e aí e vou pedir pra você cantar deixa a vida me levar.	Plano fechado em Lula.
	Zeca é o pedido do presidente.	Plano fechado em Regina.
Características positivas da vida dos pobres	[Música] [Aplausos]	Plano aberto no palco com Zeca que canta Deixa a vida me levar. Cortes para todos que estão no programa. Plano aberto de Zeca, Arlindo e um cantor no palco.
Programa	Tchau gente, chegou a hora da despedida, eu queria agradecer ao nosso presidente Lula, agradecer a todos os nobres convidados, Zeca, Arlindo, Gil, Leandro, toda a família *Esquenta!*, a esse auditório maravilhoso que eu já estou apaixonada. (aplausos). Desejar um lindo dois mil e onze pra todos nós e combinar, vem almoçar com a gente, todos os domingos desse verão, vamos passar esse verão junto na hora do almoço.	Plano fechado em Regina. Plano aberto em Regina que circula por todo palco.

	E pra encerrar esse primeiro *Esquenta!* dois de janeiro de dois mil e onze. Eu quero encerrar com chave de ouro chamando a escola de samba do Gilberto Gil, a escola do Zeca Pagodinho, a escola de samba de tantos e tantos brasileiros, a nossa querida portela!	
Populares Cultura popular	[Música –samba]	Integrantes da escola de samba dançam.
Famosos vinculados à imagem popular	Diz aí Renatinho/lua salva e samba no pé eu e você Regina Casé.	Ao som da música aparece Regina com gari Renatinho.
	Diz aí que eu quero ver... o Renato me ensina pelo amor de Deus. Você sabe duas coisas que eu tenho frustação, uma é tocar violão, ah como eu adoraria tocar violão. E a outra é dar aqueles passinhos no pé que eu vejo, mas eu vou aprender.	Regina com Lula em pé conversando.
Programa	Vai lá no *Esquenta!* aprender.	Lula e Regina se abraçam.
Apresentadora Programa	Adorei conversar com você/ Regina boa sorte querida./ pra você também/ Que Deus te dê um dois mil e onze maravilhoso./ Pra você também./ Que seu programa tenha sucesso.	Lula e Regina se abraçam.
	[Música – Portela]	Encerramento do programa com imagens de todos dançando.

Transcrição Programa *Esquenta!* Dia 09/02/2011		
Palavra-Chave	Áudio	Vídeo
Apresentadora	*Esquenta!* com Regina Casé. Deixa fluir.	Homem em plano fechado com palco ao fundo apresenta a entrada de Regina Casé.
	[música] Alô Regina, é tão gente fina que sabe chegar em qualquer esquina/ Tá na cobertura, na laje ela está/é quem domina/ porque tem a sina de ser popular/ bateria arrebenta, todo mundo comenta que feito pimenta programa domingo *Esquenta!*	A apresentadora está no palco junto a várias pessoas que dançam uma coreografia.
Programa	E aí, tá quente aí? Liga o ar, liga o ventilador, dá seu jeito, porque agora vai *Esquenta!*r mais. O *Esquenta!* tá entrando no ar.	Plano fechado em Regina que está no palco anunciando o começo do programa com a música de abertura tocando.
Famoso vinculado à	[Música]	Arlindo Cruz e outro cantor

imagem de popular	Bateria arrebenta todo mundo comenta, com o grupo pixote no nosso domingo *Esquenta!*. Bateria arrebenta todo mundo comenta, com Caetano Veloso no nosso domingo *Esquenta!*. Bateria arrebenta todo mundo comenta com Daniele Susuki nosso domingo *Esquenta!*. Bateria arrebenta todo mundo comenta, com a escola Estácio o nosso domingo *Esquenta!*.	cantam a música de abertura do programa. Flashes da apresentadora cumprimentando os convidados e plateia.
Programa Famosos negros	O *Esquenta!* hoje tá na ponte aérea do samba entre Rio e São Paulo. Tá flutuando, vai lá vem aqui aí da um pulinho na Bahia. (Risos e aplausos) Aí se joga no samba carioca aí pula pro samba de São Paulo. Por causa disso, que tá cheio de paulista na área, eu chamei um grupo de pagode paulista mais querido, adorado, um grupo de pagode paulista que é um dos grupos mais amado do Brasil. O grupo Pixote.	Plano aberto em Regina que está em pé perto de uma mesa com convidados.
Gosto popular	(Aplausos)	Plano aberto da plateia.
Apresentadora Programa	Obrigado Regina, prazer tá aqui fazendo parte do *Esquenta!*. Em nome da turma pixote agradeço o convite e vamo fazer essa galera cantar.	Regina abraça cantor do grupo pixote que retribui o abraço e beija a apresentadora.
Gosto popular	(Aplausos)	Plano aberto da plateia.
	[Música Insegurança. Autor: Valtinho Jota]	Várias imagens de toda a plateia, cantores e apresentadora. Todos dançam.
	Aplausos.	Panorâmica da plateia.
Humor	Quem a plateia sabe a letra de insegurança? Agora nós vamos fazer um concurso, são cinco casais falando a letra de insegurança que é uma letra DR. Entendeu? Uma letra discutindo a relação, tentando limpar a barra do cara, são cinco casais concorrendo a uma noite no motel com champagne e chantilly. Então primeira estrofe, os concorrentes são Douglas Silva e Mariana Franco.	Regina no palco, se dirigindo à plateia. Plano fechado em Regina.
Gosto popular Afetividade	Esta noite eu notei que você demorou pra dormir/caminhou pela casa de noite eu vi/eu ouvi você sussurrando	O cantor de pagode pixote canta a estrofe da música.

	chorando baixinho pra não me acordar	
Humor Populares falam	Esta noite eu notei que você demorou pra dormir/caminhou pela casa de noite eu vi/eu ouvi você sussurrando chorando baixinho pra não me acordar	Douglas, um dos concorrentes fala para a companheira representando uma DR.
	Palmas pra ele que eu gostei	Regina fala.
	Se estiver precisando de amigo pra desabafar, se for alguma comigo vamos conversar/eu não quero correr o perigo de um dia você me deixar,	O cantor de pagode pixote canta a estrofe da música.
	Se estiver precisando de amigo pra desabafar, se for alguma comigo vamos conversar/	Outro concorrente fala pra companheira.
	Sua mina não deu a menor moral, repete	Regina para o concorrente.
	Tá mal na fita hein cumpade.	Arlindo fala para o concorrente.
	Eu não quero correr o perigo de um dia você me deixar.	O concorrente insiste em falar para a companheira.
	Já deixou, já foi.	Regina fala para o participante.
	Escolhi você para ser minha mulher/eu sou tão fiel a nossa relação/pelo amor de Deus se for insegurança, tira do teu coração.	O cantor de pagode pixote canta a estrofe da música.
	Escolhi você para ser minha mulher/eu sou tão fiel a nossa relação/pelo amor de Deus se for insegurança, tira do teu coração.	Outro concorrente fala.
	Fala sério Talita, você perdoaria?	Regina pergunta a parceira do concorrente.
	Não	Plano aberto em Regina no palco junto aos concorrentes.
	(Risos)	Plano aberto em Regina no palco junto aos concorrentes.
Gosto popular Afetividade	Já é tarde vamos nos deitar, se quiser conversar na nossa cama, porque sei que tudo isso passa, você me abraça e a gente se ama.	O cantor de pagode pixote canta a estrofe da música
Humor Populares Falam	Já é tarde vamos nos deitar, se quiser conversar na nossa cama, porque sei que tudo isso passa, você me abraça e a gente se ama.	Mais um concorrente fala para a companheira. Ao final ele beija a mulher.
	Gritos, pegou?	Plano aberto de Regina no palco.
	Eu não vou te trair com ninguém, meu amor você tem a minha palavra, porque tudo que um homem precisa eu tenho em casa	O cantor de pagode pixote canta a estrofe da música

	Eu não vou te trair com ninguém,	O concorrente canta
	Mas em casa você não ia cantar assim. Não cara isso aí é quatro horas da manhã. Aquela televisão ligada no vizinho, o maior silencio a mulher num tá te dando nem papo.	Regina no palco fala para o concorrente.
	Shiraki em não vou te trair com ninguém você tem a minha palavra, porque tudo que um homem precisa, paixão , eu tenho em casa.	O concorrente volta a falar para a companheira e no final a beija.
	Aplausos.	Plano geral da plateia.
Humor	Pera aí eu quero participar também.	Um convidado se manifesta.
	Vem,vem.	Regina convida o convidado para o palco.
	É alto nível, é uma noite no motel parceiro.	Plano aberto do palco com Regina e convidados. Alguém fala.
	Ele ficou olhando de longe, ficou com vontade de trocar saliva com alguém.	Plano aberto do palco com Regina e convidados.
	Comi iaquissoba agora, pô tô com hálito de iaquissoba, mas tamo aí. Insegurança aí rapaz	Plano fechado de Regina e convidado.
	Uma menina aqui pra concorrer.	Plano aberto em Regina que vai em direção à plateia.
	Pera aí, só levantou a mão homem, pera aí não. Deixa eu ir embora, que isso?	Plano aberto do palco com Regina e convidado que sai correndo.
	Risos.	Plano aberto da plateia e em foco o rapaz que levantou.
Humor	Que você achou Douglas da interpretação dele?	Plano fechado de Regina no palco.
	O João foi legal pra caramba	Plano fechado em um dos concorrentes.
	João, João.	Plano fechado em Arlindo Cruz.
Humor Fraternidade	Sabe por que eu acho que ele gostou do João? Porque o João é sonso, porque o João é sínico e homem fortalece esse tipo de homem. É ou não é?	Plano aberto no cantor que ri muito enquanto anda pelo palco.
Humor	Não não é isso não, é que ele tava assim, mano.	Plano aberto do palco com Regina e convidados.
	Bom, eu quero ouvir os aplausos é a número um?	Plano fechado de Regina no palco.
	Aplausos e assovios.	Plano fechado na primeira dupla.
	É a número dois?	Plano aberto de Regina no palco.
	Aplausos e assovios	Plano geral da plateia.

	Você trouxe seu pessoal né?	Plano fechado de Regina com o concorrente.
	É a número três?	Plano aberto do palco.
	Aplausos e assovios.	Plano fechado do concorrente e plano aberto da plateia.
	É a número quatro?	Plano fechado em Regina.
	Aplausos e gritos.	Plano aberto da plateia.
Populares falam	Como é o seu nome na vida real?	Plano fechado em Regina e concorrente.
	Anélia.	
	E como cosplayer? O seu personagem.	
Humor	Shiraki	Concorrente. Depois mostra plateia
Gosto popular	O nome dela não é Shereka não, gente. É Shiraki. Não é Shereka.	Regina em plano aberto, plateia ri, convidados riem.
	É Luan e Shereka? [aplausos]	Dupla vencedora comemora. Plateia comemora. Regina em plano aberto também comemorando.
	Olha, vocês foram os dois melhores. Os vencedores. Parabéns Luan. Parabéns.	Regina cumprimenta os vencedores com beijos no rosto.
	[aplausos e gritos]	Plano geral da plateia, que primeiro aplaude, depois detalhe de um grupo que aplaude e grita. Os rostos na plateia são diversos, demonstrando etnias diferentes.
Famoso negro Famoso vinculado à imagem de popular	Vem cá, eu queria conhecer sua mulher. E queria saber o seguinte. Essa letra foi realmente uma pisada sua que a Lílian teve que perdoar?	Plano aberto em Regina e Vocalista do grupo pixote.
Afetividade	Não, não foi. Mas já aconteceu já várias coisas, mas só que não foi essa daí. Então é o seguinte. Chega em casa. Coloca o DVD do Pixote e vai embora. Aí quando voltar ela vai estar assim. Desculpa, amor. Tá tudo tranquilo.	Plano aberto em Regina e cantor, que responde. Flash da esposa dele, em plano fechado. / Depois, de braços dados, cantor e Regina caminho de braços dados pelo palco, em plano geral, mostrando também a plateia.
	É assim. Olha lá a receita que o cara tá dando	Eles continuam caminhando.
	É brincadeira. Vou começar aqui ó. Minha esposa, Lílian.	Chegam à parte do palco em que Lílian está sentada em uma mesa.
Diversidade/Mistura	Ah, vem aqui Lílian.... Gente olha só	Regina a chama para perto.

Afetividade	que casal lindo. Vocês já viram? Um casal japa-negão maravilhoso desse.	Ela se levanta e cumprimenta a apresentadora. Fotos do casamento do referido casal.
	Nosso casamento foi metade sopa, metade feijoada. Aquele negócio assim...	O casal e Regina em frente às paredes coloridas do cenário
	A cara do Brasil	
	Brincadeira. Aqui, Luiz Felipe.	
	Vem aqui Luiz Felipe. O Luiz Felipe e o?	
	Pedro Paulo	Close em uma criança que está sentada à mesa com Regina e convidados.
	Pedro Paulo e o?	Plano aberto de Regina
Afetividade Diversidade/mistura	E aqui a Mirela. São esses três aqui que são filhos meu e da Lilian e ali o Gabriel que tem dez anos filho de outro relacionamento.	Plano aberto de Regina com convidados à mesa. Close em um pre adolecente.
	Oi Gabriel. Que maravilha, quatro filhos lindos. E ela?	Regina beija o garoto e continua falando
	Ali a Mirelinha e minha mãe.	Plano aberto da mesa com Regina e convidados.
	Como é o nome da senhora?	Plano fechado em uma senhora com uma criança no colo.
	Maria Rosa.	Plano fechado em uma senhora com uma criança no colo.
	Maria rosa, tudo bem querida? Que casal maravilhoso, a coisa mais fofa do mundo. A cara do Brasil, a cara de São Paulo pra falar a verdade. Vem cá ele pisa muito na bola e canta essas coisas derretidas pra você pra pedir desculpas?	Plano aberto de Regina à mesa com a família convidada. Plano fechado em Regina.
Afetividade Humor	Já passou Regina.	Plano fechado em Regina e Lilian.
	Teve esse momento?	Plano fechado em Regina e Lilian
	Teve. Todo relacionamento tem, espero que já tenha passado. Mas ele é uma benção assim, ele é um super pai, um super marido, uma criança, na verdade é um filho mais velho que eu tenho.(rs)	Plano fechado em Regina e Lilian
Diversidade	Agora eu queria saber uma coisa, você é duma família tradicional japonesa?	Plano fechado em Regina.
	Sim.	Close em Lilian.
	Já chegaram com o quimono pra mim	Plano fechado no cantor.

	dizendo vai menino.	
Diversidade Preconceito	Na verdade o japonês.../ é difícil de adaptar, de aceitar. Tem medo da raça acabar, tem umas pirações assim. Então não aceitam, mais isso não é só com o negro, com brasileiro independente...	Plano fechado em Lilian.
	Queriam que você casasse com japonês?	Plano fechado em Regina e Lilian.
	É com japonês, entendeu?	Plano fechado em Regina e Lilian.
Gosto popular	Eu não sei se você sabe que tem uma música de vocês que estourou primeiro no Rio, fez sucesso no Brasil inteiro, arrebentou e aí vocês começaram a cantar ela de novo, canta mais é ou não é?	Plano aberto em Regina.
	É isso aí.	Plano fechado no cantor.
	Sabe qual a música que eu tô falando?	Plano fechado em Regina.
	Sei,sei.	
Programa	E você sabe que o cara que cantou essa música e botou ela no primeiro lugar nas paradas, em todas as rádios do Brasil? Ele é daqui do *Esquenta!*, é amigo nosso é o Mumuzinho, cadê o Mumuzinho?	Plano fechado em Regina.
	(Aplausos)	Entra um rapaz negro e abraça Regina.
Gosto popular Famoso negro	Pixote rapaziada da melhor qualidade.	Regina abraçada com o rapaz negro que cumprimenta o Pixote.
Humor	É eu queria pedir, eu acabei de ter uma ideia ótima. Dani Susuki, a Dani vai fazer o papel da Lilian.	Regina se movimenta no palco com os convidados.
	Veja bem a responsabilidade.	Plano aberto de Regina com Dani que fala.
	Naquela fase difícil, me conta aí uma noite difícil.	Plano fechado em Regina.
	Bom eu sou muito nervosa	Plano fechado em Lilian.
	Muito nervosa hem Dani.	Plano fechado em Lilian.
	Eu choro, eu grito, então não sei.	Plano fechado em Lilian.
	gente	
	Presta bastante atenção.	Plano aberto do palco.
	Muito nervosa/chora grita, demora pra perdoar, muitos dias.	Plano fechado em Regina e Dani.
	É uns dois dias depois...começo a ficar amiguinha.	Plano fechado em Lilian.
	[Musica]	Daniele Susuki e um cantor

	Mande um sinal, autores: Andre Renato e Felipe Silva.	encenam enquanto toca a música.
Gosto popular	(Aplausos)	Plano aberto na atriz e cantor.
Humor	É assim?	Plano aberto no palco.
	Ela tá escondida na mina casa.	
	Agora eu vou dizer, eu dou razão a Lilian e dou razão a Dani, porque o pessoal realmente, pagodeiro... sabe por que a gente descobre realmente que pagodeiro sempre tem culpa no cartório, porque noventa e nove por cento das músicas de pagode tá dizendo mandei mal, desculpa aí, não foi legal. É verdade ou é mentira Arlindo e Leandro?	Plano aberto em Regina que está no palco se movimentando.
Gosto Popular Afetividade	A gente tem uma música que vai consertar a vida do Dodô. Vamos cantar um refrãozinho. Essa música pique novo que gravou, foi até em homenagem ao Dodô.	Plano aberto em Arlindo e Leandro que estão sentados.
	Chega aí Dodô. Vem Dani.	Plano aberto em Regina.
	[Música] Amor oriental. Autores: Renato Barcelos, Lourenço.	Plano aberto do palco com Regina, cantores e convidados dançando.
Gosto Popular	Aplausos.	Plano aberto da plateia.
Vida de famosos Humor	Viviane você já deve ter encarado muito isso, porque ser mulher de pagodeiro, não é fácil não.	Plano fechado de Regina e Viviane no palco.
	Já passei dessa fase.	Plano fechado de Regina e Viviane no palco.
	Bom da pra dizer que ela passou dessa fase porque a tatuagem dela tá quase apagada.	Plano fechado de Regina e Viviane no palco.
Vida de famosos Afetividade Humor	Tá quase.	Plano fechado de Regina e Viviane no palco.
	Aqui, deixa eu ver, você vê se a pessoa ta esquecendo ou não o pagodeiro, quando a tatuagem tá apagando.(rs)	Viviane no palco e várias pessoas inclusive a apresentadora olhando a tatuagem.
	Você deve realmente muitas vezes passado por isso.	Plano fechado em Regina e Viviane.
	Mas eu acho que não é só pagodeiro não, qualquer relação tem muito disso não gente?	Plano fechado em Regina e Viviane.
	Mas ó sinceramente eu nunca vi arquitetos, engenheiros.	Plano fechado em Regina e Viviane.
	Mas é porque eles ficam muito, o músico o pagodeiro, eles ficam	Plano fechado em Regina e

	muito,eles ficam assim... são muito endeusados, as meninas veem aquela figura no palco, tem aquilo com ídolo e querem aproximar, chegar e é muita mulher em cima mesmo né gente?	Viviane.
	A carne é fraca.	Diz o cantor Arlindo, que aparece sorrindo.
	Eu dou razão às mulheres, em geral eu num dou muito não. Nesse aspecto eu dou razão às mulheres porque é cansativo ser mulher de pagodeiro, porque ela tem que ficar na atividade o tempo todo.	Plano aberto do palco com Regina e convidados.
Vida de famosos Afetividade Humor	Por isso que eu cansei. Não eu acho assim, cada um é cada um, o homem quando é safado, é safado em todos os lugares entendeu? É pagodeiro é arquiteto então não tem jeito.	Plano fechado em Viviane.
	No seu caso você falou cansei. Quem entrou com o pé e quem entrou com a bunda?	Plano aberto em Regina.
	Como? Eu?	Plano fechado em Viviane
	É você falou: eu cansei, então tem que saber quem entrou com pé e quem entrou com a bunda.	Plano aberto do palco.
	Eu entrei com o pé.	Plano aberto do palco.
	A Viviane tá dizendo que entrou com pé, e o Belo entrou com a bunda? Gente que loucura. Essa é uma revelação, aí Belo você ta convidado pra vir aqui ao programa, outro dia tá?	Plano fechado em Regina. Plano aberto do palco.
Gosto popular Afetividade	Caetano eu lembrei de uma música que é ótima pra gente cantar agora, sabe porque eu lembrei, eu falei tudo é pedindo desculpa, e tem um samba que já começa assim, foi sem querer que eu derramei toda emoção. Eu e Caetano a gente ama essa música. Eu canto muito no vídeo kê lá de casa e ele também.	Plano fechado em Regina. Plano aberto de Regina e Caetano.
	(Música Desejo de amar)	Regina, Caetano e Pixote cantam enquanto todos dançam.
	Aplausos.	Regina da selinho em Caetano.
Programa	Muito bom, eu adoro essa música. Bom, da até dó de cortar, mas vamo bora que no próximo bloco tem mais Caetano.	Plano fechado em Regina.
Cultura Popular	Minha mãe era salgueiro, meu pai era	Plano fechado em Regina.

Hábitos/ Tradição	salgueiro. Eu quero mandar um beijo, porque eu não posso falar em salgueiro sem lembrar do Haroldo Costa, do tio Haroldo que é uma das pessoas que eu mais adoro no mundo, da tia Mery, Olivia e Norma, as irmãs Marinho que me ensinaram a sambar. Eu queria então pedir aquele show, como se você tivesse entrando na avenida com salgueiro. Posso escolher um samba que todo mundo... que aqui só tem novinho na plateia, a gente não pode pedir música antiga. Então vou pedir pra você vir de lá, desfilando e entra aqui.	Plano aberto do palco com Regina e Viviane.
Gosto popular	[música, ritmo de samba]	Viviane desce uma rampa sambando.
	Aplausos.	Plano aberto da plateia.
Moda Consumo/mercado	Sabe o que eu tava reparando? Eu fiquei reparando a sua unha, eu sei qual é essa cor. É militar que chama,(rs) Eu arrebento no esmalte gente, eu bati o olho...eu tenho sacolas de esmalte. E parece que isso agora é uma mania, eu achei que ano passado já tinha dado porque com o negocio da copa do mundo você não achava nem uma criança e nem uma velhinha que num tivesse com aquela unha verde e amarela que coisa loca.	Plano aberto do palco com Regina e Viviane.
Moda	Tá tão na moda essas unhas, essas cores.	Close nas unhas de Viviane.
	Tá tão na moda, mas tá indo num crescendo que eu acho que esmalte vem com tudo. Chama a minha vinheta do Vem com tudo, aquele dos havaianos.	Plano fechado de Regina e Viviane.
	Vem que vem que vem com tudo (oito vezes)	Quatro dançarinos negros dançam e Regina se junta a eles e dança também.
	(Aplausos)	Regina cumprimenta os dançarinos.
Moda, Consumo/mercado	Esse pessoal do galo arrebenta, é o bonde da madrugada que vem todo dia no *Esquenta!* pra me fortalecer. Bom já que a gente falou que esmalte vem com tudo, que unha vem com tudo, eu vou finalmente chegar ao salão.	Plano aberto de Regina andando por uma rampa. Plano aberto de várias mulheres sentadas fazendo unhas.

Hábito Comportamento	Gente dá uma olhada por favor aqui. Mulheres da uma olhada aqui. Que loucura a quantidade de esmalte, isso aqui vou dizer me deprimiu, me humilhou, me esculachou. Pô eu achava que tinha a maior coleção de esmalte, qualquer lugar que ia trazia, olha a quantidade de esmalte que tem aqui, que isso? Nem a marrom, marrom se tu tivesse aqui tu ia ficar bege. Quem é colecionadora aqui? Oi como é teu nome?	Plano fechado nas mãos de Regina tocando uma caixa com vários esmaltes. Close na coleção de esmaltes. Plano aberto em Regina e as colecionadoras de esmaltes.
Consumo/ mercado Moda	Júlia.	Close na moça.
	Quantos esmaltes você tem aproximadamente Júlia?	Plano aberto em Regina e Júlia.
	Aproximadamente duzentos e cinquenta.	Close em Júlia.
	Duzentos e cinquenta, e não fica velho?	Plano fechado em Regina.
	às vezes fica.	Plano fechado em Júlia.
	Você troca todo dia?	Plano fechado em Regina.
	Quase, troco bastante.	Plano fechado em Júlia.
	Combinando com a roupa.	Plano fechado em Regina.
	É com o humor, com a ocasião.	Plano fechado em Júlia.
	Fala cinco cores de esmalte que você gosta mais. Seus favoritos.	Plano fechado em Regina.
	Cajá-manga,	Plano fechado em Júlia que mostra as unhas.
	Cajá-manga, Caetano ia gostar desse hem.	Plano fechado em Caetano.
	Deixa eu ver, deixa beijar, melancia	Plano aberto em Regina e Júlia.
	O Caetano ia gostar desse cajá-manga e deixa beijar duas tonalidades que ele ia curtir. Quê mais?	Plano aberto do palco com Regina e convidadas.
	Cluber, ele andou uma época cluber.	Plano fechado em Caetano.
	Agora ele não está mais, mas ele já esteve cluber. Ele foi cluber, Marininha foi cluber com ele, é Carola aquele pessoal cluber, Caetano também cluber, todas as cores do Caetano. Vai, quê mais?	Plano fechado em Caetano. Plano aberto de Regina no palco.
	Hippie chique.	Plano aberto de Regina no palco olhando para Caetano.
	Hippie chique, hippie chique Caetano, hippie chique é o Caetano gente.	Plano aberto em Regina e Caetano alternadamente.
	Agora você colecionadora.	Plano fechado em Caetano.
Comportamento	Oi sou a Carla.	Plano aberto de Regina e

Consumo/mercado Populares falam	Carla quantos esmaltes você tem?	colecionadora.
	Uns cento e pouquinho.	
	Iii, tá caída perto de você, tá fraquinha a coleção dela.	
	É, eu chequei aqui fiquei assustada com a dela, nossa me esnobou, me humilhou.	
	Eu acho que ela tem alguém da família na indústria de esmaltes, porque é uma loucura. E você como é teu nome?	
	Josiane.	
Moda Trabalho	Agora, olha só câmera fecha aqui pelo amor de Deus na unha que ela tá fazendo, eu não ia conseguir tirar isso com acetona. Ia ser acetona passando e as lagrimas caindo gente, porque isso aí parece uma porcelana chinesa com mil detalhes. Você devia pintar xicarazinhas alguma coisa que durasse mais, um prato alguma coisa, mas a unha depois pra isso tão lindo. Deixa eu perguntar mais um pouquinho, como é teu nome?	Close nas mãos da modelo. Plano fechado em Regina. Plano aberto em Regina e outra colecionadora.
Populares falam	Meu nome é Vera, eu moro no Rio das Pedras. Sou vizinha do Castelo das Pedras.	Plano aberto em Regina e outra colecionadora.
Hábitos/ tradição Lazer Gosto popular Espaços populares	Aqui pertinho, e você vai pro baile no Castelo das Pedras?	Plano aberto em Regina e outra colecionadora.
Trabalho	Não, não. Já fui muito, mas eu sou sambista né? Eu ensino e dou aula pra minhas clientes,	Plano aberto de Regina, colecionadora e cliente.
Gosto popular	Então quero ver se tá dando certo as aulas. Arrasa.	Plano aberto de Regina, colecionadora e cliente.
	(Música Com simplicidade)	Plano aberto do palco com colecionadora dançando com sua cliente.
	Obrigada querida, você deve ser uma ótima professora realmente. E você não desista. Você ainda vai sair de rainha de bateria tá. Bom eu queria saber como é que tá indo, a da Dani tá bonitinha?	Regina no palco se despedindo das convidadas. Plano aberto do palco com Regina se dirigindo para onde as mulheres estão concentradas fazendo as unhas.
Gosto popular	Nossa, tá incrível, Regina a Olivia é incrível. Ela é designer gráfico, fez	Plano aberto em Daniele Susuki.

Trabalho	publicidade, largou tudo pra abrir um salão de unha. Olha aqui.	
Trabalho Valores positivos na vida dos pobres	Sensacional, que loucura. Olha que lindo isso gente. Quanto tempo você ficou no Japão fazendo esse curso de unhas?	Close em vários desenhos de unhas. Plano fechado em Regina.
	Eu fiquei no Japão total foi dois anos, mas o curso mesmo eu fiquei menos tempo, eu fiquei trabalhando pra ajuntar o dinheiro pra poder fazer o curso.	Plano fechado na colecionadora.
Beleza/Estética Hábitos Comportamento	Não é só mulher que assim tão vaidosa com negocio de unha e tal, já bem na antiga os sambistas todos não faziam unha? Tinha um cabelo diferente, gomalinado	Plano aberto de Regina andando pelo palco.
	Não é o meu caso, mas tem gente que faz unha sim. Meu pai fazia unha.	Plano fechado em Arlindo que responde.
	Então antigamente tinha essa tradição, eu me lembro daquele cabelo que eu achava lindo, que fazia aquela ondinha assim com gomalina.	Plano fechado de Regina que faz gestos no cabelo.
	Botava aquela meia de mulher, fazia uma toca de meia de mulher.	Plano fechado em Arlindo que simula colocar uma toca na cabeça.
Beleza/Estética Famoso negro	E você reparou como voltou isso? E Dodô eu acho que é o expoente máximo em relação a pagode de cabelo. Vem cá, se chega um garoto,vai... é coisa mais linda o cabelo dele e já tava maior. Você agora cortou?	Plano fechado na apresentadora. Plano aberto do palco com Regina e convidados. Regina toca o cabelo do cantor.
	Não, já fui tudo era Dodô camaleão. Já fui careca, já fiz trança, fiz um monte de coisa deixei ele *blackão* grandão.	Corte para fotos do cantor.
	Olha esse. É lindo, esse é o máximo, muito lindo, olha só	Plano aberto do palco com Regina e convidados, e ao fundo num telão fotos do cantor.
	Olha a cabeleira do Zezé	Plano aberto do palco com Regina e convidados, e ao fundo num telão fotos do cantor.
	Esse aí foi na época que eu desenhava na cabeça.	Plano aberto do palco com Regina e convidados, e ao fundo num telão fotos do cantor.
Moda	Vem cá e quando um moleque chega	Plano fechado de Regina

Consumo/mercado	no cabeleireiro, no barbeiro e fala eu quero um cabelo igual do Dodô, como é que chama esse corte?	com Dodô.
Famoso negro	Cabelo do Dodô. (rs) Tem que fazer assim agora.	Plano fechado de Regina com Dodô.
Famoso negro	Não é que os meninos chegaram pra mim e disseram que aquele corte que você usava aquele grande chamava xuxa preta. Eu achei lindo.	Plano fechado de Regina com Dodô. Corte para duas crianças que estão na plateia.
Beleza/Estética Preconceito Preconceito Diversidade Humor	Graças a Deus, graças ao Rock n' Roll, graças aos jogadores de futebol, aos rappers, graças aos pagodeiros que liberaram fazer unhas, tirar sobrancelha, usar dois brincos, usar o cabelo xuxa preta, trancinha pra cá, cumprido, curto, cabeleira do Zezé da zazá, graças a Deus tá tudo isso liberado eu vou chamar agora, quero apresentar ao Caetano três bofes que trabalham aqui no *Esquenta!* que realmente não tem preconceito com isso e fazem tudo unha, cabelo...tres bofes que são o centímetro, o metro e o quilômetro sexual.	Plano aberto do palco com Regina e convidados. Alternância de imagens de Regina em plano fechado de plano aberto de Regina e os convidados. Dois convidados se dirigem na direção de Regina.
Humor Diversidade	É pra lá?	Convidados andando em direção ao palco.
	É vamo lá falar com a Regina.	Convidados andando em direção ao palco.
	Vai corre,	Convidados andando em direção ao palco.
	Vocês se cuidam?	Plano fechado em Regina.
	Oi gente, tudo bem?	Convidados andando em direção ao palco.
	É *Esquenta!*?	Convidados andando em direção ao palco.
	Oi gente.	Apresentadora cumprimenta os convidados.
Gosto Popular	Maria Gadu, gente. (Muitos gritos e risos).	Os três convidados simulam tietagem para Maria Gadu que está no palco.
Humor Preconceito	Gente, eu prefiro o Dodô, desculpa. Prazer meu nome é Wilson, tudo bom?	Plano aberto com todos no palco. Plano fechado em Dodô que sorri muito.
	Wilson quem é aquele seu amigo tão tímido?	Plano aberto, Regina faz a pergunta.
	Dá licença vou apresentar, esse aqui é o Murilo, esse é Vagner e eu sou Wilson.	Plano fechado nos comediantes.

Programa	Vocês estão curtindo o *Esquenta!*?	Plano fechado em Regina.
Humor Preconceito Moda	To adorando, ta muito bom gente, esse tema então é muito polêmico. Regina você num tá entendendo, porque eu assim como homem, acho nada a ver tipo pegar no pé da pessoa só porque eu faço meu cabelo, eu faço a minha unha, só porque uso um brinco gente.	Plano fechado nos comediantes. Um comediante fala fazendo trejeitos.
	É tendência gente, é tendência	Plano fechado em dois dos comediantes.
	E as vezes, você num falou, você num falou a balanhagem, a balanhagem. A balanhagem é uma maravilha, a progressiva quem num fez, você já fez?	Plano fechado em dois dos comediantes.
	O que? Eu faço a cavada toda semana. (rs)	Plano fechado em dois dos comediantes.
Beleza/ Estética Humor Preconceito Diversidade	Murilo, Murilo, Murilo você depila?	Plano fechado em Regina.
	Claro.	Plano fechado no comediante.
	Depila e sente preconceito por estar depilado?	Plano fechado em Regina.
	Muito. Sempre que eu saio nú nas ruas as pessoas falam muito mal de mim. Preconceitooooooooo.	Plano fechado no comediante. O comediante grita para a câmera.
	Calma, calma Murilo, nossa tá revoltada.	Plano aberto do palco.
	Ah eu vou ficar do lado dos meus amigos.	Um dos comediantes se junta aos outros dois que também estão no palco.
Moda Preconceito Beleza/Estética Humor	Vem cá eu queria saber uma coisa. Quais as outras coisas que são tendências, Wilson?	Plano fechado em Regina.
	Tendência? Fazer unha, passar base gente.	Plano fechado nos comediantes.
	Só base? Você num usa unhas decoradas?	Plano fechado em Regina.
	Eu usava, só no dedinho mindinho.	Plano fechado nos comediantes.
	No carnaval você sai aonde?	Plano fechado em Regina e Caetano.
	Eu, eu saio na mocidade independente de padre Miguel. Mocidade é o frevo né gente? É do babado.	Plano fechado nos comediantes e um deles se agita.
	Carnaval eu não fico no Brasil, eu vou pra Itália, que tem um sobrinho meu o Gean Carlo, aí eu vou pra Itália, Milão,	Plano fechado nos comediantes.

Humor Preconceito	Olha só eu quero saber uma coisa, a sua escova é inteligente, progressiva, japonesa.	Plano fechado em Regina.
	Olha ela é meio burra porque ela não fica no lugar. (rs)	Plano fechado nos comediantes.
	É uma escova loura e burra. A sua escova é inteligente?	Plano fechado em Regina.
	A minha escova é mentirosa, que se você for ver, olha aqui toda no loro. (rs)	Plano fechado nos comediantes. Um deles tira a peruca.
	E a sua querido, a sua escova.	Plano fechado em Regina.
Humor Preconceito	Fala devagar que eu não entendi.	Plano fechado nos comediantes.
	A sua escova?	Regina pergunta.
	A minha escova eu já nem sei mais o que que é.	Plano fechado nos comediantes.
	Progressiva?	Plano fechado em Regina.
	Pogressiva, progressiva ela é um pogresso demais.	Plano aberto do palco.
	Ordem e progresso graças da Deus.	Plano aberto do palco.
Moda Consumo/Mercado	Mas isso é o maior adianto, hoje em dia essa escovas, que num tem mais aquele problema de chover e o cabelo encolher. Quero ouvir DJ [música: Ih choveu cabelo encolheu todinho]	Plano fechado em Regina.
Preconceito Diversidade Gosto popular	E tem uma música de um cara aqui, eu adoro e sei que o Caetano também adora, que é o Jeronimo. Sabe que música que eu to falando? Na Bahia é lei agora não tem discriminação, quem discriminar viado pode até ir pra prisão. Tá um saco esse negócio de homofobia, essa onda. Não dá pra aprofundar agora, mas isso aí tá horrível, tô odiando essas notícias e tudo isso. Então um salve pra Bahia.	Plano aberto do palco com Regina e convidados.
	(Aplausos)	Corte rápido para a plateia.
	[Música] Na Bahia é lei agora não tem discriminação,(2X) quem discriminar viado pode até ir pra prisão, pode até ser processado por direito cidadão,samba viado cidadão(3x)	Todos dançam, Regina, cantores, humoristas e plateia.
Humor Espaços populares	O que eu acho legal da mulher do Rio, é que a mulher do Rio também fala línguas, porque ela também fala inglês, é te mete, ela fala próxima estação Cadete, desembarque pelo	Plano aberto do humorista no palco fazendo várias imitações das vozes de mulheres.

	lado direito, observe atentamente o vão entre o trem e a plataforma. Next stop, catete station. Só que ela para aí, ah assim até eu né querida? Next stop, catete station. Já que ela quer ser amiga ,ela podia ser sincera, podia falar Next stop, catete station, eu não sei falar vão nem plataforma em inglês. Avisa o gringo do lado pra ele não se ferrar.	
Humor	Já facilitava isso.	
Sexualidade	E essa mulher tem essa voz sexy, mas eu acho que essa mulher do metrô Rio, que é uma mulher gostosa, mulher bacana, a única voz que vence a voz dela é aquela mulher do aeroporto aquela mulher que sempre que eu vou fazer a ponte aérea eu gosto de ir pela ponte aérea Rio, São Paulo, não é nem pra visitar a família do meu pai em São Paulo nem a família da minha mãe no Rio é só pra ouvir aquela mulher falando Voo um nove sete quatro não para não para. Pra onde ela for tu vai, se ela falar Afeganistão,	
Humor	Aplausos.	Corte para plateia.
Gosto popular	Eu adoro quando ela fala	Plateia aplaudindo enquanto a apresentadora comenta.
Humor	A sensação que eu tenho é que na cabinezinha dela tem um poli dance e ela tá falando Belo Horizonte ultima chamada. Eu fico imaginando sei lá essa mulher em casa, com o marido almoçando, amor me passa uma, duas, três, quatro colheres de arroz. Ou sei lá vai brigar com o filho, Juninho, última chamada.	Humorista no palco imitando vozes e fazendo várias mimicas.
Sexualidade		
Humor		
Cultura popular	Porque tem essas vozes famosas, a mulher do aeroporto é uma voz famosa, o cara que dá as notas das escolas de samba no Rio estação primeira de mangueira, eu fico imaginando será que essas vozes se conhecem, será que elas são amigas, sei lá passam natal juntas? Saem juntas a noite?	
Espaços populares	Que ia ser divertido o papo entre a mulher do aeroporto e o cara do carnaval, imagina ela “ que horas são?” Dezzzzzzzzzzz, assim	

	Valeu gente.	
	Aplausos e risos.	Cortes para muitos pontos da platleia.
Hábito/Tradição	Fabio vem cá, eu queria saber uma coisa você foi pra São Paulo, mas você vem sempre no carnaval ver escola de samba?	Regina desce uma rampa no auditório e se encontra com o humorista.
Cultura Popular	Então sempre eu vinha quando eu morava em São Paulo eu sempre vinha assistir o desfile, eu sempre gostei muito de assistir o desfile.	Regina e Fabio no palco.
Hábito/Tradição	Quem te trazia?	Regina e Fabio no palco.
	Minha vó.	Plano fechado em Fabio.
	Como ela se chama?	Regina e Fabio no palco.
	Maria Alice.	Regina e Fabio no palco.
	Ela ta aí?	Regina e Fabio no palco.
	Ta eu trouxe ela.	Regina e Fabio no palco.
	Dona Maria Alice.	Regina recebe a convidada.
	Maria Alice, dez.	Fabio no palco fala.
	Nota dez.	Regina cumprimenta Maria Alice.
Cultura popular Hábito/Tradição Comportamento	O Fabio fala muito de você, e ele diz que você é praticamente uma especialista. Você ia na segunda ou no domingo ver escola de samba?	Regina no palco com Fabio e Maria.
	Sábado, domingo, segunda e no desfile das campeãs que eu adoro carnaval, adoro desfile de escola de samba,	Plano aberto do palco.
	Você ia no grupo de acesso também?	Plano aberto do palco.
	Vou, vou porque o grupo de acesso é ótimo também.	Plano fechado em Maria Alice.
	Ensaio técnico também Maria Alice?	Plano aberto do palco.
Espaços populares	Já fui muito ao barracão.	Plano fechado em Maria.
	Vovó é do barracão.	Plano aberto do palco.
	Vovó é do barracão...risos. vovó samba?	Plano aberto do palco.
	Vovó samba só com o dedinho, ne vovó?	Plano aberto do palco.
Diversidade/mistura	Então eu vou aproveitar que a vovó do Fabio, Maria Alice é uma especialista, eu agora vou chamar um pessoal que realmente corre atrás de sambar. Isso é engraçado na vida, tem cabelo liso quer enrolar, quem tem cabelo crespo quer alisar. Vou chamar agora uns gringos quer dizer o pessoal todo é japonês pra ver se eu entendo porque	Plano fechado em Regina. Várias japonesas entram no

	japonês gosta tanto de samba. Todas elas são japonesas e estudam samba, treinam muito, querem ser brasileiras, querem ser sambistas e a gente vai fazer um concurso. Qual é teu nome?	palco, todas vestidas com roupas de passistas.
	Norico	Plano fechado de uma japonesa.
	Norico, você mora aonde?	Plano fechado de uma japonesa.
	Niteroi.	Plano fechado de uma japonesa.
	Niquite fica uma coisa mais japonesa, melhor. E você?	Plano fechado em Regina.
	São Paulo.	Plano aberto do palco.
	San paro? Em que lugar de San paro? Você não fala português? Poquinho?	Plano fechado na japonesa.
	E você come é seu nome?	Plano fechado em Regina e convidada.
	Rirome.	Plano fechado na japonesa.
	Rirome? Eu tenho uma grande amiga japonesa que chama Rirome.	Plano fechado de uma japonesa.
	E você?	Plano aberto do palco.
Diversidade/ mistura Gosto popular	Meu nome é Raruca.	Plano fechado de uma japonesa.
	Raruca como é que você se apaixonou pelo samba?	Plano fechado de Regina e japonesa.
	Como? Eu encontrei samba na faculdade do Japão.	Plano fechado de uma japonesa.
	Aí resolveu: vou ser uma mulata.	Plano fechado de Regina e japonesa.
	É foi.	Plano fechado de uma japonesa.
	Como é seu nome?	Plano fechado de Regina e japonesa.
	Meu nome é Kanae.	Plano fechado em Regina e japonesa.
	Kanae, você é de onde no Japão?	Plano fechado em Regina e japonesa.
	Eu sou do Osaka, mas eu moro em São Paulo.	Plano fechado em Regina e japonesa.
	E você querida?	Plano fechado em Regina.
	Meu nome é Joe. Moro no Japão, Tokio.	Plano fechado em Regina e japonesa.
	Então por favor, *Esquenta!* né?	Plano aberto do palco.
	[Música] samba	As japonesas sambam ao som da música.
Humor	Essa aqui já começou perdendo em	Fabio entra no palco recolhe

	evolução, harmonia, fantasia. Começou a chover, já era seis e meia da manhã.	peças da fantasia da japonesa e brinca.
Diversidade/ mistura Humor	Alegoria, nota seis. Olha só, Maria Alice.	Plano fechado em Regina.
	A minha escolhida é aquela.	Plano fechado em Maria que aponta para uma das japonesas que dançou.
	É ela?	Plano aberto do palco.
	Aplausos.	Plano aberto do palco com Regina e convidadas.
	Um *Esquenta!* pra Rirome. Arrebenta, quebra Rirome.	Plano aberto do palco com Regina e convidadas.
	[Música] samba.	Japonesa vencedora do concurso dança.
Gosto popular	Aplausos.	Plano aberto da plateia.
Diversidade/ Mistura	Agora vocês vão ver vários brasileiros loucos para serem japoneses. E na passarela um grupo incrível de closplayers que o Pedro trouxe pra gente ver.	Plano fechado em Regina. Varia pessoas entram ao som de tambores.
	Closplay é a arte de se fantasiar de personagens de jogos eletrônicos e animação.	Plano fechado em Pedro. As pessoas fantasiadas andam pelo palco ao som de tambores.
	Se você entrar como eu já fui num evento de closplay se fala caraca um baile de carnaval que todo mundo veio fantasiado mesmo. Quantas pessoas tem num encontro desses de closplay	Alternância de imagens entre Regina e convidados entrando no palco.
	Há milhares de pessoas, em Fortaleza por exemplo reúnem trinta mil pessoas. Aqui no Rio de Janeiro em média vinte mil pessoas, São Paulo quarenta mil pessoas. Agnarop, resident evel três, residente evel cinco. Tem uns personagens aqui do tiger man, mortal combat, pequingo falters, puca loyd, a sacurinha, sacura card captures, tem a chun ly dos street faighters.	Plano aberto de um grupo que toca tambores. Plano fechado no convidado que apresenta o grupo. Alternância de imagens das pessoas que estão sendo apresentadas e os tocadores de tambores.
Cultura Popular Programa Tradição	Palmas para o Taiko Ah! É tão triste dizer tchau, é tão bom esse *Esquenta!*, pra acabar o nosso *Esquenta!* eu quero chamar a primeira escola de samba do Brasil. E eu quero chamar ela cantando o enredo que é do de mil novecentos e noventa e dois, tem um refrão excelente, bom pra	Panorâmica em todo grupo que acaba de tocar. Plano fechado em Regina Casé.

	homenagear o Caetano. Modernismo movimento cultural no país da tropicália tudo acaba em carnaval, a Estácio de Sá.	Regina recebe os integrantes da escola já entram cantando e dançando. Todos dançam e cantam.

Transcrição programa *Esquenta!* Dia 16/01/2011		
Palavra-chave	Áudio	Vídeo
Apresentadora Programa	A hora é essa minha gente, tá ficando quente, quente, quente salve, salve Regina Casé.	Plano aberto em um homem negro, no palco anunciando a chegada da apresentadora.
	[Música] Oh,oh,Regina é tão gente fina que sabe chegar em qualquer esquina...	A apresentadora sai detrás de um aparato colorido, acompanhada por dois jovens negros.
Programa Espaços populares Pertencimento Lazer	Boa tarde! Boa tarde agora pra você que tá em casa, vem cá me conta uma coisa, tá fazendo o que? Tá no shopping? foi no restaurante? Tá muito barulho no restaurante, pega o controle e aumenta a televisão que vai começar o *Esquenta!* hem. E você tá na praia? Tá na praia corre pro quiosque, pro barzinho meu filho que vai começar o *Esquenta!*. Seu celular não pega TV não? É daquele fraquinho ruim? Você não pode perder esse programa que hoje tá bom pra caramba. Você viu tudo isso aqui?	Regina anda pelo palco e fala direto para as câmeras. Vários cortes para plateia e convidados ao som da musica de abertura.
Programa Gosto Popular	[Música] Bateria arrebenta, com o sapucaí esse nosso domingo *Esquenta!*.	Plano aberto da plateia e do convidado.
Humor	Porque se ele for fazer alguma coisa comigo eu bando ele entendeu?	Plano aberto de um homem e uma mulher que simula um golpe de defesa contra o homem.
	Vai ser uma loucura a gente vai rolar no chão.	Plano aberto de um homem e uma mulher que simula um golpe de defesa contra o homem que fala.
	Vocês vão rolar no chão. Isso vai ser uma loucura gente.	A mulher solta o homem e todos riem enquanto Regina fala.
Famoso negro Ascensão social	[Música] Bateria arrebenta, todo mundo comenta com o Lazaro Ramos o nosso domingo *Esquenta!*.	Regina recebe o convidado, dança com ele.
	Eu vim aqui hoje pra isso.	Plano fechado em Lazaro.
Programa	[Música]	Plano aberto de Regina

	Bateria arrebenta, todo mundo comenta com o Molejo o nosso domingo *Esquenta!*.	recebendo o grupo Molejo que desce uma rampa no palco.
Programa	[Música] Bateria arrebenta, todo mundo comenta com Leandra Leal o nosso domingo *Esquenta!*.	São feitos vários cortes para plateia, convidados e traylers do vai acontecer no programa.
Afetividade Laços familiares Valores positivos	A minha família é a família do coração, foi essa a lição mais bonita que a minha mãe me deu na vida.	Plano aberto em Leandra que fala acompanhada de Regina e Lazaro. Corte brusco para Regina beijando uma bandeira.
Culinária Popular Gosto popular	O que vai ter de comida na sua casa? É o quê que vai ter aí? Vai ficar só naquele macarrão prensado não né gente? Hoje é domingo dia de caprichar um pouquinho, fazer uma coisinha melhor. Vai até a padaria, compra aquele frango que tá rodando lá, qualquer coisa, mas domingo tem que ter uma coisinha especial, aqui sabe o que vai ter? estrogonofe, tá. Sabe quem vai fazer? A mãe do Leandro. Olha que loucura. E aí minha gente já estou chegando aí. Olha que coisa mais fofa. Vem cá Lê. Tudo bom querida?	Plano fechado em Regina. Plano aberto em Regina. Corte para uma senhora que sorri. Regina anda pelo palco. Regina fala com uma mulher que está grávida.
Famoso negro Famoso vinculado à imagem de popular	Aqui o grávida de nove meses. Aqui tem a Luíza Sapucaí, oh! A Luíza pode nascer a qualquer momento inclusive hoje, eu sugeri o nome dela *Esquenta!*, mas eles preferiram Luíza.	Plano aberto de Regina com o casal, o marido fala. Regina passa a mão na barriga da mulher e por fim beija.
Gosto popular	Aplausos.	Regina anda com o convidado.
Trabalho	Vocês têm noção como esse cara já trabalhou, ele produziu, não é só que ele canta, ele compõe, ele toca, ele produz pros outros, vai dizendo aí os grupos e os cantores que você já produziu.	plano fechado de Regina com o convidado no centro do palco.
Gosto popular	Sorriso maroto, Suing simpatia, boca loca, Arlindo Cruz, fiz um disco do D2 cantando Bezerra da Silva, fiz um disco da Maria Rita samba meu também, que foi o primeiro disco de	Plano fechado em Regina e convidado.

	samba dela.	
	Eu vou perguntar aí é qual é uma musica do Leandro que vocês gostam muito? Diz uma aí.	Regina se movimenta no palco em direção à plateia.
	Tá tranquilo shock	Plano fechado em rapaz da plateia que responde.
	[MúsicaTá tranquilo shock Autores: Claudinha Guimarães/Serginho]	Leandro canta e todos dançam.
Gosto popular Cultura Popular	Ah tem uma outra música do Leandro que eu acho que vocês vão gostar muito.	Regina no palco se movimenta no palco.
Espaços Populares Afetividade/ fraternidade Valores positivos Laços familiares Gosto popular	Meu nome é favela?	Regina no palco da o microfone para um homem dizer o nome da música.
	[Música] Meu nome é favela Autor: Rafael	Leandro no palco canta acompanhado por muitas crianças que dançam. Alternância de imagens entre palco, plateia e convidados. Todos dançando.
	Agora eu vou pedir pra...	Regina no palco.
	Como é que é teu nome?	Regina no palco com uma criança.
	Rayane.	Regina no palco com duas crianças e Leandro.
Fraternidade/ Afetividade	Eu agora vou pedir pra ele cantar uma música muito difícil que eu acho que aqui ninguém sabe a letra e a gente vai dedicar essa musica pra Rayane, sabe qual é?	Regina no palco com as crianças e Leandro. Regina fala ao ouvido de Leandro.
	Aí vai, um, dois, vamos fazer um ritmo, e eu falei parabéns pra você...[Música]	Regina no palco com as crianças e Leandro.
	Hoje é aniversario da Rayane, aí ela falou pra mim, hoje é meu aniversário, aí eu falei tem que cantar parabéns pra Rayane gente	Regina fala ao som da música. Close em Rayane.
	Muito bom, que mais que a gente vai lembrar Leandro?	Plano fechado em Regina.
Apresentadora	É a música que marcou a minha vida porque você fez uma surpresa pra mim tão, num momento tão inicial da minha carreira, que eu lancei meu primeiro disco e aí um dia o telefone tocou que a Regina tava fazendo um programa	Plano aberto em Regina e Leandro no palco.
	Minha periferia é o mundo, a gente viajou pra Angola, México, viajou a	Plano aberto de Regina e Leandro no palco.

	periferia de Paris, viajou o mundo todo e essa música inspirou muito a gente é uma música do Arlindo.	
Famosos negros	Música do Arlindo, Alecyr Marques e do Franco.	Plano fechado em Leandro.
Gosto popular	Sucesso enorme do Leandro, com D2 cantando também e acabou virando o tema a abertura do minha periferia é o mundo, polícia e bandido.	Plano fechado em Regina que termina a frase e sai do palco.
Espaços populares Valores positivos Trabalho	[Música] Polícia e bandido. Autores: Arlindo Cruz/ Alecyr Marques/Franco.	Plano aberto em Leandro que canta. Alternância de imagens entre Leandro cantando e cenas do programa minha periferia é o mundo.
Trabalho	A tenente da policia militar Julia Rios e Leandro Sapucaí.	Ainda ao som da música Regina apresenta a Tenente que dança ao lado de Leandro que canta.
Gosto popular	Aplausos.	Leandro e a tenente
Trabalho Preconceito	Vamos conversar um pouquinho, vem cá tenente, qual é o critério, é uma coisa que eu sempre tive curiosidade de perguntar, as pessoas falam a gente chegou naquele cara porque ele tava numa atitude suspeita, o que é uma atitude suspeita?	Regina com os convidados saem do palco e vão até uma mesa onde se sentam com outros convidados.
	Então, a abordagem como você falou ela se baseia na fundada suspeita, atitude suspeita, indivíduo suspeito não. Porque isso é preconceito, é na atitude suspeita. Porque o critério é um critério muito subjetivo, por exemplo, você tá aqui no calçadão de Ipanema usando um casaco é uma atitude suspeita.	Plano fechado na tenente.
	Atualmente mochila, qualquer um é uma atitude super suspeita.	Plano fechado em Regina.
	Exato.	Plano aberto da mesa com Regina e convidados.
Trabalho Preconceito Humor Cultura Popular	Agora o cara não quer levar uma dura ele tem que sair com uma carteirinha, né? Uma pequena pochete. Uma pochete que não caiba nem uma granadinha, nada. Uma coisa pequena realmente. Não sei se vocês todos sabem que a Júlia além de tenente da Policia Militar ela é rainha de bateria, não é isso?	Plano fechado em Regina. Plano aberto em Regina e tenenente.

	Isso.	Plano fechado em Júlia.
	Da onde?	Plano fechado em Regina.
Cultura Popular Espaços Populares Hábitos/Tradição	Independente de São João de Meriti, que é um grupo de acesso.	Plano fechado em Júlia.
	Você já sambava?	Plano aberto em Regina e Júlia.
	Já sambava, dançava.	
	E você sai em outras escola também?	
	Então, eu saí o ano passado na Porto da Pedra, fui musa lá. Foi minha estreia no carnaval. Dois mil e onze a gente vai dar continuidade aí.	Plano fechado em Júlia.
Trabalho Preconceito	Foi difícil assim na PM pra aceitarem? Assim, você teve que escrever uma carta pedindo pra alguém pedindo licença pra ser rainha de bateria ou tá tranquilo?	Plano aberto em Regina e Júlia.
	Foi mais fácil do que eu imaginava. Na verdade eu tava querendo esconder isso e do nada quando eu acordo numa segunda feira meu rosto estampado em determinado jornal, falei gente agora tô presa, já era, aí fui lá no outro dia conversar com meu comandante geral, coronel Mário Sérgio aí ele só deu conselhos e tal.	Plano fechado em Júlia.
	Qual foi o conselho? Rebola mas não muito, como foi? (Risos) Vai, mas leva um casaquinho (risos)	Plano aberto de Regina e Júlia. Plano geral da mesa com vários convidados.
	Vai desarmada.	Plano geral da mesa com vários convidados.
Sensualidade/ Sexualidade	Então, coisas do tipo cuidado com aquelas posições pra aquela foto desagradável, aquelas posições desnecessárias.	Plano fechado em Júlia.
	Mas as roupas que você usa é uma roupa normal de rainha de bateria?	Plano fechado em Regina e Júlia.
	Normal, normal, nada de mais, por exemplo, se der pra tampar um pouquinho mais o peito, tampa.	
	Entendi, pelada, mas não tanto.	
	Pelada mas não tanto, isso.	
	Uma coisa assim pra manter... e você acha que mudou a tua moral? Acho que deve ter subido a moral né?	
Cultura Popular	Negativo, não sei se vocês sabem depois disso, esse ano teve um carro só de oficial da PM.	
Gosto popular	Quer dizer tava todo muno louco pra	

	fazer isso e não tinha coragem, pioneira.	
Cultura popular	Exato, pioneira, depois que eu fui todo mundo gosta de carnaval.	
Trabalho Subalternidade Preconceito	Mas vamos voltar ao tema da dura, que eu acho que é um tema de utilidade pública. Na Bahia no caso é baculejo não é?	Plano aberto de Regina na mesa com Júlia e Lázaro.
	Baculejo, na Bahia chama baculejo.	Plano aberto de Regina na mesa com Júlia e Lázaro.
	Você já tomou muito baculejo?	Plano aberto de Regina na mesa com Júlia e Lázaro.
Ascensão social Famoso negro Preconceito	Ooo! Nega (risos) Vez por outra acontecia, hoje não porque a ascensão social	Plano fechado em Regina e Lázaro.
	Mas de longe, no escuro o cara já chega em você porque vai sempre achar que você tá numa atitude suspeita, vamo combinar	Plano fechado em Regina e Lázaro
	Pois é foi bom até a tenente falar o que é uma atitude suspeita, porque eu nunca entendi o que é uma atitude suspeita, porque as vezes o cara tá parado já acham que é uma atitude suspeita né?	Plano aberto de Regina na mesa com Júlia e Lázaro.
	Por exemplo, ela deu um exemplo, o cara tá na praia de Ipanema com um casaco é uma atitude suspeita, dá um outro exemplo.	Plano fechado em regina.
	Dois numa bicicleta, andam pra cima e pra baixo.	Plano fechado em Regina e Júlia.
	Dois na bicicleta, dois na moto ou uma bicicleta atrás da outra. Mas até eu que não sou tenente já fico na atividade.	Plano aberto de Regina na mesa.
Trabalho Preconceito	Queria fazer uma pergunta. Qual é a maneira correta de se fazer uma abordagem? Do policial?	Plano fechado de Regina e Lázaro que fala.
	Tem as técnicas corretas né, a gente pede pro indivíduo encostar as mãos na parede...	Plano fechado em Júlia.
	A eu vou querer que a gente faça isso porque eu acho que isso é importante todo mundo... se bem que com essa roupa fazer essa abordagem vai ser uma loucura.	Plano aberto da mesa e Regina e Júlia se movimentam pra sair.
Sensualidade/ Sexualidade	Quem não quer tomar um baculejo desse não é?	Plano aberto da mesa e Lázaro faz o comentário.
	Você quer tomar um baculejo?	Regina pergunta.

	Ah dela eu tomo. Eu aceito sua dura	Lázaro responde já se levantando.
Preconceito	Você mesmo falou um negócio importante, você falou o cara suspeito é um critério muito subjetivo. Então ele é carregado de preconceito?	Plano fechado em Regina.
	Sem dúvida.	Plano aberto de Regina e convidados.
	No ônibus, por exemplo, é uma coisa que sempre me grilou, no ônibus um monte de gente dentro do ônibus, claro se o cara tá no último banco na maior marra sentado assim, entendeu? Com a mão dentro da camiseta realmente até eu chego nele e falo vou dar uma dura. Agora muitas vezes que é escolhido no ônibus, quase todos os meus amigos que são negros dizem pô o ônibus tá lotado, se tiver quatro negros, em geral eles são abordados. Fala na boa se no ônibus tiver o Leandro, ele, o Douglas e tal. E tiver a Talita, a marilinha, a Leandra dentro do ônibus se acha que vão chegar nelas pra dar uma dura ou neles?	Plano aberto de Regina entre Júlia e Lázaro. Rápidas imagens das pessoas citadas.
	Olha eu vou te falar uma coisa, isso tá mudando Regina, sabe porque muitos são os exemplos de pessoas fora do estigma que hoje dão exemplos de serem criminosos que nem passaria na cabeça do policial desconfiar.	Plano aberto de Regina e convidados.
Trabalho Humor	Mas agora nos vamos fazer o clássico ta? Lázaro tá vindo de lá com Leandro e aí bater de frente com um sub tenente lá do batalhão (risos)	Plano fechado em Regina. Imagens dos convidados se movimentando para fazer a abordagem.
Sensualidade/ Sexualidade	Tá difícil imaginar a farda, mas vamos lá.	Lázaro comenta, em plano fechado.
Humor	Tenta mentalizar. Tá se viu eles dois e achou que eles estão numa atitude suspeita, porque tão de casaco alguma coisa, não porque os dois são pretos, vamos	Plano aberto do palco com os convidados se movimentando.
Trabalho Humor Comportamento	Boa noite cidadão, vocês estão indo pra onde?	Plano aberto no palco com os convidados simulando uma abordagem policial.
Humor Sensualidade/ Sexualidade	Pra onde você quiser.(risos).desculpe eu não consegui.(risos) aplausos.	Plano aberto do palco com muita movimentação dos convidados.
	Aí pera aí, ele não vai conseguir, pera	Plano aberto do palco com

	só um minuto, dá uma voltinha tenente. Dá uma voltinha sambando tenente, realmente não vai conseguir abstrair, achar que ela... então eu vou fazer uma coisa, deixa eu ver um cara, um cara com cara de PM aqui.	muita movimentação dos convidados
Humor	Eu, da zona sul, da zona leste, qual que você quer?	Plano aberto de Regina no palco.
	Você tem todos esses estilos, então vem.	Plano aberto de Regina no palco.
	É a policia, sujou.	Plano aberto dos convidados no palco encenando uma abordagem da PM.
	Boa noite, vem cá quero saber o seguinte, vocês estão indo pra onde?	Plano aberto dos convidados no palco encenando uma abordagem da PM.
	Projac.	Plano aberto dos convidados no palco encenando uma abordagem da PM.
	Fazer o quê no projac?	Plano aberto dos convidados no palco encenando uma abordagem da PM.
	Trabalhar.	Plano aberto dos convidados no palco encenando uma abordagem da PM.
Humor Preconceito	Por favor, mão na parede, na parede vamo bora cumpade, dá distância por favor, o como é que é negão tá de graça?	Plano aberto dos convidados no palco encenando uma abordagem da PM.
	Depois da distância tem que botar eles com o bumbum bem pra trás pra isso causar desiquilíbrio, caso ele tenha a possibilidade de reagir ser mais difícil.	Plano aberto de Regina e tenente.
	Não isso aqui é que ele já fez uma graça, tem que dar uma dura, não é isso? Por favor, o senhor, tem algum palhaço aqui senhor?	Anderson que representa um PM esta no palco em plano aberto.
	O Douglas na real. Você acha que até essa hora você num tinha tomado tapa na cara?(risos)	Plano aberto do palco.
	Não por isso que eu falei aqui Regina.	Plano aberto do palco.
	Você falou que tem que arrebitar o bumbum?	Plano aberto do palco
	É afastar o máximo da parede pra causar um desiquilíbrio na pessoa, caso ela tenha a intenção de reagir.	Plano aberto do palco
Humor Sensualidade/	Douglas se é possível chega essa bunda mais pra cá ainda(risos)/ ele	Plano aberto do palco com os convidados se movimentando

sexualidade	não precisa arrebitar a bunda dele já ... Arrebita o bumbum... eu adorei, eu rapidamente fiquei com vontade de fazer uma coisa, vamos escolher qual é bunda mais linda e mais gostosaaaaa. Olha se eu fosse policial, essa hora eu ia me distrair totalmente. Fala Júlia, que maravilha, eu não sei nem escolher. Pera aí vamos lá por favor, voto secreto.	muito. Plano fechado em Regina que faz uma votação no palco ouvindo os votos secretamente.
Humor Humor Sensualidade/ sexualidade	Gente deu empate técnico (risos) Ah não. É o seguinte os dois mais votados, eu vou dizer quem é porque ela desempatou, Lazaro Ramos a bunda mais gostosa desse baculejo	Plano aberto do palco.
	Eu vim aqui hoje pra isso.	Plano fechado em Regina e Lazaro.
Programa Preconceito	Cara eu trouxe o Lazaro aqui pra bater um papo sério. Era um papo reto sobre violência policial, sobre num sei quê, quando eu olho tô fazendo um concurso de bunda e ele ganhou gente.	Plano fechado em Regina e Lazaro.
Famoso negro Sensualidade/ Sexualidade Autoestima	É um brinde maravilhoso.	Diz Lazaro em plano aberto com Regina.
	Uma salva de palmas para a bunda do Lazaro (aplausos)	Plano abeto do palco.
	Obrigado, quero dizer que vocês têm muito bom gosto. (aplausos)	Plano abeto do palco.
Trabalho Humor	Bom, vamo tentar voltar pro negócio, seríssimo. Então tenente. Ela disse o seguinte, que tem que afastar o máximo que se vocês fossem pegar uma arma ia cair na hora de pegar, então e agora?	Plano abeto do palco.
	Pede pra abrir o máximo as pernas até que seja uma posição incômoda pra pessoa que tá sendo revistada.	Plano fechado em Regina e tenente.
	Entendi, entendeu uma coisa incomoda, e aí?	Plano abeto do palco.
	Aí você vem, o quê que acontece? eu policial, vou revistar, vou tá com a minha arma na cintura. Enquanto isso eu vou ter um outro policial me dando guarita? /eu/ no caso você tá com arma aí me dando guarita porque eu tô revistando ele entendeu? Então vamos lá. Eu vou usar essa mão (esquerda).	Plano aberto do palco com a tenente simulando uma abordagem.
Sensualidade/ sexualidade	Você num quer fazer em mim não?	Plano aberto da tenente fazendo a simulação.

Humor	É que eu só tô fazendo com ele.	A tenente muda de pessoa para fazer a simulação.
	Seguro ele, este pé aqui assim,	Plano fechado da esposa de Leandro que esta sendo abordado pela tenente.
	Calma, Alessandra é só uma coisa técnica.	Plano aberto da tenente abordando Leandro.
	Porque se ele for fazer alguma comigo eu bando ele entendeu? Por isso que fica aqui meu pé	Plano aberto da tenente abordando Leandro. Close do pé da tenente simulando um golpe.
	Aí vai ser uma loucura a gente vai rolar no chão.	Plano aberto da tenente abordando Leandro.
	Vocês vão rolar no chão, isso vai ser uma loucura gente. Ela falou que se ele se mexer ela dá uma banda, dá mesmo uma banda, com esse salto?	Plano aberto da plateia. Regina no centro do palco conversando com a tenente.
Trabalho Humor	Não com esse salto fica meio difícil hem, aí vamo embora/ vamo bora, bora pra onde?/	A tenente continua fazendo a simulação.
	E aí acabou isso?	Plano fechado em Regina.
	Acabou a revista.	Plano fechado em Júlia.
Preconceito Trabalho	O que ele pode te perguntar o que tá no direito dele te perguntar e o que passa a ser desacato à autoridade? Isso que eu queria saber.	Plano aberto do palco com Regina e convidados.
	Tudo na educação não tem desacato, não tem desobediência, não tem resistência.	Plano fechado em Júlia.
Famoso negro Trabalho Preconceito	Se eles não fossem famosos os três na boa, você tá andando de noite a rua tá vazia, vem esses três, você não ia abordar eles?	Plano fechado em Lázaro e em seguida corta para Regina.
	A noite vazia? Depende do lugar.	Plano fechado na tenente.
	Tá enrolando.	Plano aberto do palco.
	Não depende do lugar	Plano fechado da tenente.
	Tu é do vigésimo terceiro né?	Plano fechado em Regina.
	Sou.	Plano fechado em Regina.
	Tá, então vou te dar um exemplo querida. Estão descendo a Niemayer ali esses três?	Plano aberto do palco.
	Abordo.	Plano aberto do palco.
	Abordo (risos)	Plano fechado em Regina.
Programa	Agora a gente tem que ir pra frente apesar do assunto tá interessantíssimo né gente?	Plano aberto do palco.
Famoso negro Preconceito	Deixa eu fazer só uma perguntinha Regina.	Plano aberto do palco.
	Claro.	Plano aberto do palco.

	O que eu como cidadão devo fazer se eu me sentir desrespeitado numa dura?	Plano fechado em Lazaro.
	Você pode proceder ao batalhão ao próprio batalhão, e na sessão de inteligência, quero registrar uma queixa ou então você pode ir ate a corregedoria da policia militar, ou então tem números que você pode ligar também, ou ao próprio batalhão, identificar da onde é o policial se você conseguir ver na listel dele.	Plano fechado na tenente.
Preconceito	Então vou falar rapidinho, o Douglas quer mostrar, olha ele falou assim é como deveria ser, agora eu quero mostrar como eu acho que é. Mostra por favor. Você é policial e vai dar uma dura no Lazaro ou no Leandro, vai lá.	Plano aberto do palco com convidados.
	Boa noite cidadão tudo bem? Você tá indo pra onde?	Plano aberto do palco com os atores convidados simulando uma abordagem policial.
	Projac	Plano aberto do palco com os atores convidados simulando uma abordagem policial.
	Ah pro projac. Tá com droga aí no bolso? Meu irmão dá uma encostadinha na parede aí por favor, encosta aí, encosta aí, bota a mão na parede, bota a mão na parede, tem nada?	Plano aberto do palco com os atores convidados simulando uma abordagem policial.
	Nada.	
Preconceito.	Se eu encontrar alguma coisa vou te esculachar hem.	Plano aberto do palco com os atores convidados simulando uma abordagem policial.
Programa	Aplausos.	Plano aberto na plateia que aplaude.
	Esse programa, o *Esquenta!* é um programa que adora samba que quer botar todo mundo pra sambar, e a gente fez uma pesquisa e é impressionante o número de músicas que falam de samba e de policia.	Plano fechado em Regina.
Preconceito Cultura Popular Tradição	[Música] Pelo telefone Autor: Donga	Plano aberto da plateia, convidados e apresentadora.
Cultura Popular Tradição	Pelo telefone, foi o primeiro samba gravado. É um samba do Donga e ele inspirado num policial. Olha que loucura, um policial que parece era famosíssimo naquela época e chama	

	Aurelino Leal e esse cara dava tanta dura em sambista que ele acabou fazendo um cordão, que aliás é um cordão muito querido, tem mais de noventa anos, um cordão adorado no Rio de Janeiro, que saiu pra desafiar ele e dizer ele não pode sair na rua, num pode sambar? Quero ver. Na passarela do *Esquenta!*, o cordão do bola preta.	Plano fechado em Regina.
	[Música] Quem não chora não mama Autor: Nelson Barbosa	Entra em plano aberto um bloco de pessoas caracterizadas dançando e cantando. A apresentadora recebe os convidados e beija a bandeira.
Gosto popular	(Aplausos).	Plano aberto em Regina e depois plateia.
Beleza/Estética	Pro bola preta e pra essa rainha maravilhosa. Leandra você está linda, eu já tinha visto uma foto com essa roupa, que coisa mais linda, linda, linda, linda.	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
	Obrigada.	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
Trabalho	Ai acabou ontem a novela.	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
	Graças a Deus.	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
	Agora o que você só pensa em fazer? Já aquecer pro carnaval, namorar bastante?	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
	Ai só. Na verdade eu não paro de trabalhar, sou uma louca.	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
	E vai emendar fazendo o quê?	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
	Teatro. Obscenas em cartaz no Sergio Porto segunda e terça, um filme.	Plano aberto de Regina no palco com Leandra.
Trabalho Vida de famosos	Então, esse filme que eu queria saber. Você trouxe no seu cordão as maravilhosas divas que lá estão - divinas divas e você tá fazendo um documentário também?	Plano fechado em Regina. Plano aberto em um grupo de pessoas. Plano aberto de Regina e Leandra.
	Tô, tô fazendo um documentário.	Plano aberto de Regina e Leandra
	Porque você caiu nesse assunto? Como é que você conheceu elas. Eu sei que você conhece desde pequeninha. Conta um pouquinho.	Plano aberto de Regina e Leandra

Trabalho Diversidade	É engraçado o Lazaro tá aqui, porque lembra uma vez que a gente foi na Lapa? Há muito tempo atrás.	Plano aberto do palco e Leandra responde se dirigindo a Lazaro.
	Estrela?	Plano fechado em Lazaro.
	Não. Foi cabaré casa nova.	Plano aberto do palco.
	Cabaré casa nova. É verdade.	Plano fechado em Lazaro.
	A gente foi no cabaré casa nova, não sei porque.	Plano aberto do palco com Regina e Leandra andando em direção à Lazaro.
	Porque a gente tava fazendo pesquisa, eu e Vagner pra fazer o sexo frágil.	Plano aberto do palco com Regina e Leandra andando em direção à Lazaro.
Trabalho Diversidade	Ah! Foi isso. Aí quando eu fui lá, foi a primeira vez que vieram travesti falar comigo do meu avô, da importância do meu avô, que é o Américo Leal, produzindo espetáculos com travestis, que o Rival tinha sido um dos primeiros palcos...	Regina e Leandra sentadas em uma mesa ao lado de outros convidados.
Lazer Cultura Popular	Teatro Rival comemorou quantos anos?	Plano fechado em Regina e Leandra.
	Teatro Rival tá com setenta anos.	Plano fechado em Leandra.
Diversidade Preconceito	O Américo Leal do teatro Rival, olha que legal em tempo... a gente em dois mil e onze vivendo tanto problema de homofobia, sabe, casos gravíssimos que têm acontecido no Rio em São Paulo e no Brasil todo.	Plano fechado em Regina e Leandra.
Afetividade/ Fraternidade	Ah, mas meu avô era um cara incrivel	Plano fechado em Leandra.
	Fala do teu avô.	Plano fechado de Regina e Leandra.
Beleza/Estética Diversidade	Lindo, um galã, lindo, um italiano grande assim e além de tudo era um cara muito pra frente era um cara feliz e animado e ele também numa crise né? Com a ditadura, porque o Rival era um teatro de revista e a ditadura proibiu a revista e ele abriu as portas pro teatro rebolado que vieram os travestis com todo talento elas todas que tão aqui cantavam, dançavam, faziam espetáculos também de humor e foi um grande sucesso. Eram espetáculos de grande sucesso, lotavam, tinha sessão extra, de segunda a segunda era uma loucura.	Plano fechado em Leandra. Plano aberto de um grupo de travestis. Plano fechado em Leandra.
Laços familiares Afetividade/	E você lembra coisas de quando você era pequenininha assim como você entendeu esse mundo enfim uma	Plano fechado em Regina e Leandra.

Fraternidade	família completamente diferente, convivendo. - louca Uma família louca. Aliás uma coisa, a gente tá falando num domingo hora do almoço aí tem gente que fala, poxa aquela coisa careta, almoço de família. Mas família não precisa ser careta, família não precisa ser só biológica.	
	A minha família é a família do coração. Foi essa a lição mais bonita que a minha mãe me deu na vida. Foi essa, você pode fazer sua família, o que vale é o amor.	Plano fechado em Leandra.
Laços familiares Afetividade/ Fraternidade Cultura Popular	E eu também tenho a minha família biológica, mas eu tenho uma família de amigos incrível, mas assim pra tudo, na alegria na tristeza, na saúde na doença, os meus amigos que me fortalecem, eu quero aproveitar pra agradecer a todos eles aqui. E eu acho que é isso que é a família sem preconceito. (Aplausos) Leandra, sabe o que eu reparei? A Leandra samba muito bonitinho e adora o bola preta e tem um swing, um jeito... aqui a gente no *Esquenta!* tem um quadro. Quem te ensinou a sambar? Sempre tem alguém, ou da sua família ou, enfim, sua vizinha, alguém que trabalhava lá com a sua mãe, num sei quê. Quem te ensinou, quem te ensinou a sambar?	Plano fechado de Regina e Leandra Plano aberto do palco e Regina se movimenta com a convidada para o centro do palco.
Laços Familiares Cultura popular	A minha avó dona Aurora Leal	Plano aberto de Regina e Leandra no palco.
	Animadíssima?	Plano aberto de Regina e Leandra no palco.
	Animadíssima, fazia fantasia, costurava, ia sempre pra carnaval.	Plano aberto de Regina e Leandra no palco.
	A gente tem a Leandra com fantasias de carnaval? Eu queria ver.	Plano aberto de Regina e Leandra no palco.
	Eu e minha vó.	Plano aberto de Regina e Leandra no palco e em telões fotos da convidada.
	Ai que fofa. Essa é a dona Aurora?	Plano fechado dos telões com fotos.
	[Musica] Se você fosse sincera,oh,oh,oh, Aurora, ai meu Deus que bom que era	Plano fechado de Leandra. Plano aberto do palco e Leandra dança.

	oh oh oh Aurora. Bom, ai essa fantasia ta uma graça. Ela que fazia a fantasia, olha que fofa a Leandra.	Plano aberto do palco com Regina e Leandra observando as fotos ao fundo nos telões.
Cultura Popular Lazer	A pessoa caía no carnaval	Plano aberto do palco com Regina e Leandra observando as fotos ao fundo nos telões.
	Você amava. Gosta até hoje?	Plano aberto do palco com Regina e Leandra observando.
	Eu sou uma loucura, no dia do bola preta às seis e meia da manhã eu já abro a primeira lata de cerveja, e assim eu vou, eu saio do bola preta e vou pra troça em Santa Tereza, depois no dia seguinte já tô no boitatá, a noite eu já tô na avenida, segunda-feira também eu vou pro bloco de crianças no Humaitá, depois vou pra avenida, não paro.	Plano fechado em Regina e Leandra.
	Vem cá, esse ano você vai sair em alguma escola?	Plano fechado em Regina e Leandra.
	Vou sair na vila e na mangueira que é minha escola né?	Plano fechado em Leandra.
	Ai que delicia. Ela é carnavalesca mesmo.	Plano fechado em Regina e Leandra.
Laços familiares	Olha minha vó. Essa foto é linda dela.	Close da foto.
Gosto popular	Olha que linda tá desfilando na mangueira de baiana. (Aplausos). Sensacional essa foto, muito boa dona Aurora. Essa aí também é sensacional. Olha que amor.	Close da foto. Plano fechado de Regina. Close da foto.
Lazer Gosto popular	Essa aí sou eu no fim da festa já na bagaceira com dois anos de idade.	Plano fechado em Regina e Leandra.
	Bom então eu vou chamar de volta o pessoal do bola preta aqui e vou pedir a música de novo pra gente encerrar esse bloco lá em cima com o cordão do bola preta. Quem não chora não mama.	Plano fechado em Regina. Plano aberto do palco.
	[música: Quem não chora não mama]	Plano aberto do palco e da plateia. Todos dançando.
Programa	Até já. Daqui a pouco isso aqui vai *Esquenta!*r mais.	Plano fechado em Regina.
Populares falam	Alguém me falou que quiseram dar um pau na professora de lambaaeróbica da sua academia. O pessoal queria juntar ela que houve?	Plano aberto da plateia enquanto Regina fala. Plano fechado na convidada e Regina.

	Os alunos queriam dançar uma música e a professora queria ensinar outra música.Aí a galera não aceitou.	Plano fechado na convidada.
	Um motim?	Plano fechado na convidada
	É juntou um montinho mesmo assim, e eu tive mesmo que me meter, contornar a situação, prender aluno na secretaria porque queriam dar um pau na professora.	Plano fechado na convidada
	Gente eu num tô acreditando, realmente o pessoal amava aquela música. Que música eles queriam malhar e que a professora botou outra?	Plano fechado em Regina e convidada.
Gosto popular	Elas queriam dançar o kuduro. (Risos)	Plano fechado em Regina e convidada.
Gosto popular	Ah! O motim foi porque as alunas queriam o kuduro. Tem aí DJ? Kuduro?	Plano aberto do palco.
	[Música: kuduro]	Plano aberto do palco.
	O molejo tá levando kuduro. (Aplausos).	Plano fechado de Regina que fala enquanto cantam. Várias imagens de todos dançando. Plateia e convidados no palco.
Humor	Nelson, cadê ela?	Plano fechado de Regina no palco.
	Hein?	Plano aberto em Nelson.
	Gente eu tô querendo entrevistar vocês dois mas, tô há horas enrolando chamando outras coisas. Cadê a Clara?	Plano aberto do palco.
	A clarinha tava aqui agora, sumiu. Você sabe ela some do nada.	Plano aberto de Nelson.
Programa	Vai acabar esse segundo bloco, mas a gente se vê agorinha. Não sai daí.	Plano aberto do palco.
Humor	Eu não sei o que ela foi fazer, ela tava aqui e foi se embora... Regina, meu Deus do céu como você emagreceu. Que delícia, gente. Escuta, eu não sei. Você conhece o tipo de mulher, tava por aqui foi fazer um negócio, tem três horas, tem três horas que não voltou ainda.	Plano aberto em Nelson que se levanta e vai na direção da apresentadora. Eles se cumprimentam num abraço. Plano fechado em Regina e Nelson.
	Esquisito.	Plano fechado em Regina.
	Esquisito? Tu vai dizer pra mim que isso é esquisito? Aí eu faço hurrum.	Plano fechado em Regina e Nelson que se movimenta muito no palco.
	Opa, opa, meu amorzinho, eu tô chegando, olha aí gente Regina Casé,	Clara sai da plateia em direção ao palco.

	meu Deus do céu que emoção. Dá licença, meu amor. Regina Casé emagreceu demais. Amor você está fazendo o quê com ela?	Ao se encontrar no palco Clara abraça Regina em plano aberto.
Humor	Num vai ficar mudando de assunto não porque a gente tava aqui te procurando sem saber. Onde é que tu tava, sua mensalina?	Plano aberto do palco com Regina, Nelson e Clara que fazem uma cena humorística.
	Eu tava logo ali, gente.	Plano aberto do palco.
	Ali o quê, Márcia, que a Regina Case tava aqui te chamando, esperando você pra fazer, onde é que tu tava mulher a toa?	Plano fechado em Nelson.
	Meu amorzinho, estava ali fazendo a digestão do estrogonofe, coisa rápida.	Plano fechado em Maria Clara.
Humor	- Digestão do estrogonofe... rapaz me dá uma raiva, vou te dizer, olha pra minha cara Regina Tô olhando. - Regina irmã olha bem pra minha cara. Tô olhando. - Olha bem no fundo desses olhos e me diga: eu tenho crachá de otário, ô Márcia?	Plano fechado em Nelson. Plano fechado em Regina. Plano fechado em Nelson.
	Não num faz pergunta difícil pra ela também não.	Plano fechado em Regina.
	Regina sabe tudo. Não faça pergunta difícil pra gente que fica difícil pra responder, meu amorzinho. Regina ele tem um habito de querer a história real meu amor, eu tento poupá-lo, mas não adianta.	Plano aberto do palco. Plano fechado em Maria Clara.
Humor	Fala logo aonde é que tu tava que a galhada, a minha galhada já tá chegando no teto.	Plano fechado em Nelson. Plano aberto do palco.
	Realmente a galhada dele já está interferindo na iluminação, sistema de iluminação.	Plano fechado em Regina.
	Na iluminação, estúdio novo da rede globo	Plano aberto do palco.
	Tenho pena de você, qualquer dia você empacota de tanto nervosismo, meu amor. Você quer a história real num é isso? É isso que você está propondo pra mim meu amor. Mas você não vai suportar, a história real é barra pesada, a história real é cascuda meu amor.	Plano fechado em Clara.
	Vai. Crava logo esta estaca da verdade	Plano fechado em Nelson.

	nesse peito de corno, porque qualquer castigo pra corno é pouco. (risos)	Plano fechado em Regina e Nelson.
	Até Regina sabe, tá na boca do povo, rapaz.	Plano fechado em Nelson.
	Meu amorzinho, vou lhe contar a história, não sei se você está preparando, mas a história é a seguinte. Estava eu no intervalo do programa, tranquilamente no camarim, de repente vapu.	Plano fechado em Clara.
	Vapu o quê, Marcia?	Plano fechado em Nelson.
	Amor, distendi a virilha, não me pergunte como, não me pergunte onde, não me pergunte por quê.	Plano fechado em Clara.
	Distendeu a virilha?	Plano aberto do palco.
	Exatamente, deu perda total.	Plano fechado em Clara.
	Mentira, pretinha.	Plano fechado em Nelson.
	Estou te falando a verdade.	Plano fechado em Clara.
	Como é que você distende a virilha assim fazendo, o quê tu tava fazendo?	Plano aberto do palco.
Sensualidade/ Sexualidade	Não sei. Já me deu um branco, não sei dizer, quando dei por mim já estava lá naquela posição toda destroncada, desagradabilíssima a minha posição, quando de repente vi uma luz na minha frente.	Plano fechado de Clara. Plano aberto do palco.
Humor	Como é que é o negócio da luz? (risos)	Plano aberto do palco.
Sensualidade/ Sexualidade	Uma luz, amor, e ela se materializou. Era personal trainner, vapu do meu lado, chupa essa manga.	Plano fechado em Clara.
Humor	Vapu, chupa essa manga. Márcia me dá uma raiva.	Plano fechado em Nelson, depois Regina, depois Nelson.
	O quê, amor? Num fica com raiva não. Tô ótima agora.	Plano aberto do palco.
Sensualidade/ Sexualidade Humor	Isso é muito comum aqui no Projac realmente, a pessoa quando olha. Opa, um personal trainner aqui. Dá muito personal trainner e tem muita gente que dá pro personal (risos) aqui no projac.	Plano aberto do palco.
	Exatamente amor, aí começou, o personal começou a me destravar, porque eu tava numa situação deprimente, começou apertar, aquele vuco vuco, aquela loucura me beija aqui também que um tratamento novo	Plano fechado em Maria Clara.

	que o personal tá desenvolvendo, coisa muito boa, tô ótima.	
	Isso aí de apertar... (som de boi berrando) Como é o negócio de apertar, de beijar?	Plano fechado em Nelson que desarruma todo o cabelo.
Humor	Deixa só eu falar, agora quando você faz essa esculturinhas no cabelo tem música? Tem áudio? Coisa linda, amor, mas não fica bem não. Abaixa o cabelinho se não assusta o pessoal.	Plano fechado em Maria Clara.
	Ele ficou preocupado com a palavra apertar.	Plano fechado em Regina.
	Como é apertar a mulher dos outros Márcia?	Plano fechado em Nelson.
	Meu amorzinho, isso não vai acrescentar em nada a história, Regina.	Plano fechado em Clara.
	Pula essa parte. É só um detalhe.	Plano fechado em Regina.
Sensualidade/ Sexualidade Humor	Eu estava lá com cinco personais em volta de mim me apertando aquele vuco vuco.	Plano fechado em Clara.
	na na na/oi oi oi/ da co daco te te, tu tava dizendo que tinha um personal. Como é que cinco, de onde é que veio cinco personais?	Plano aberto do palco. Plano fechado em Nelson.
	Meu amor, você num ouviu o que a Regina Casé falou, que aqui no projac do nada aparece personal trainner? Eles são criados em cativeiro aqui no projac, impressionante, estava lá porque um personal num dá conta da minha pessoa sozinho. Precisou de uns cinco pra ficar naquela apertação, aquele ...	Plano fechado de Clara.
	É meu querido chupa essa manga.	Plano fechado em Regina.
	Exatamente, amor, pra dar uma pressão na minha pessoa.	Plano fechado em Clara.
	Eu quero saber o seguinte, amor, se você tá bem? Tá se sentindo melhor?	Plano fechado em Clara e Nelson.
	Tô, tô numa alegria que não queira saber.	Plano fechado em Clara.
	Tá bem, ela tá ótima, parece totalmente recuperada.	Plano fechado em Regina.
	Tô, eu tô ótima. Eles fizeram umas coisas muito loucas, depois a gente pode até enveredar por esse assunto, mas agora realmente não convém	Plano aberto do palco.
	Vamos pra casa agora.	Plano aberto do palco.

	Não amorzinho agora eu tenho que combinar os horários.	Plano aberto do palco.
Sensualidade/ Sexualidade Humor	Mas você tá totalmente recuperada?	Plano fechado em Regina.
	Olha mais ou menos Regina, tenho que combinar umas outras sessões.	Plano aberto do palco.
	Tem desdobramento. Claro tem desdobramento. Não podia terminar sem o desdobramento, vai.	Plano aberto do palco. Plano fechado em Nelson.
	Fisioterapia é?	Plano fechado em Regina.
	Fisioterapia braba.	Plano fechado em Clara.
	Quantas vezes por semana?	Plano fechado em Clara.
	Coisa de oito vezes por semana que eles me prescreveram.	Plano fechado em Clara. Plano aberto em um grupo de garis.
	Oito vezes, a semana tem sete dias, Márcia.	Plano fechado em Nelson e Clara.
	Meu amor, tem um personal em especial uma coisa linda, mas enfim não convém entrar nesse mérito (som de boi berrando). Ele gosta de fazer um tratamento mais prolongado. Coisa séria, coisa séria.	Plano fechado de Clara. Plano fechado de Nelson que desarruma o cabelo. Plano aberto do palco.
	Vamo parar com essa palhaçada, vamo pra casa.	Plano aberto do palco.
	Mas eu achei bonito isso. Ela vai querer fazer fisioterapia pra ajudar porque é uma técnica nova.	Plano fechado em Regina.
	Tô ajudando o rapaz a desenvolver o negócio todo.	Plano fechado em Clara.
	Cobaia.	Plano aberto do palco.
	Cobaia, menino. Regina Casé sabe tudo.	Plano fechado em Clara.
	Magra, magra...	Plano fechado em Nelson.
	Magra, por isso tô achando que ela já tá se tratando.(risos).	Plano aberto do palco.
	Eu tenho uma media de dezoito personais, vai saindo um, eu vou dando uma canseira num vem outro.	Plano fechado em Regina.
Humor Sensualidade/ Sexualidade	Do nada aparece personal.	Plano fechado em Clara.
	Sabe por que? Ela também é uma mulher boa, ô mulher boa gente.	Plano aberto do palco.
	Meu amor, quando eu e Regina passamos aqui no projac é só isso que a gente escuta. Ô mulher boa, ô mulher boa é uma loucura, impressionante.	Plano fechado em Clara.
	Ô criatura vamos embora pra casa que eu vou te fazer um alongamento, vem vamos fazer um alongamentozinho,	Plano aberto do palco. Plano fechado de Nelson e

	estreitinho tal tal. Matou no peito, chutou, guerra é guerra qualquer buraco é trincheira.	Clara que estão bem próximos.
	Meu amorzinho, deixa eu falar uma coisinha pra você. Não promete o que você não pode cumprir.	
	Não fala assim na frente das pessoas. O pessoal do *Esquenta!* já tá de olho na gente, para com essa palhaçada.	
	Tenho uma proposta boa pra você, vamo jogar uma biriba em casa, tranquilinha, eu pego o morto (risos) eu me encarrego dessa parte. Tá bom meu amor? Amo tanto que nem sei.	Plano fechado de Nelson e Clara que estão finalizando a cena e se beijam.
Humor	Beija, beija...(aplausos)	Plano fechado em Regina.
	Contornei.	Plano fechado nos atores no palco.
	Eu adoro essa palavrinha, o fecho o que você diz quando acaba tudo?	Plano aberto de Regina e os humoristas no palco.
	Contornei.	
	Gente amei, contornei né? Eu amo esse casal, adoro esse quadro, eu ficava louca por esse quadro no Zorra e eu sei que não vai dar mais pra ela fazer porque agora ela é da novela das oito, aliás queria agradecer imensamente ao Gilberto Braga, queria agradecer ao Denis que me emprestaram a Clara na véspera da estreia, ela devia estar gravando. E agradecer ao Nelson, ao Chermam que me emprestou o Nelson também e foi um empréstimo maravilhoso que esquentou o *Esquenta!*. Eu adoro vocês e vou pedir ao Molejo pra cantar uma musica que tem tudo haver com essa ceninha que vocês fizeram aqui.	
Gosto popular	[Música] Personal trainner Autor: Lúcio Nascimento	Alternância de imagens entre cantores, atores, convidados e plateia.
	[Música] O que é que esta nega quer Luis Caldas	Lázaro canta e todos dançam. Alternância de imagens.
Beleza/Estética Negro Famoso	Sensacional. Esse cara além de ser bom ator pra caramba, gostoso, ainda canta bem. (aplausos) Canta e dança e ainda ganhou o concurso da melhor bunda do *Esquenta!*. Meu amor, isso é	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.

Cultura Popular	Luis Caldas? Amo meu Deus, descalço, aquele brinquinho na orelha como eu já quebrei, já me acabei por conta desse homem, um beijo pro Luis Caldas que eu amo. E carnaval no olodum qual você lembra assim foi o seu carnaval que você arrebentou?	
Cultura popular	Nossa tantos carnavais, um carnaval? Não. Acho que foi a primeira vez que eu vi a saída do ilê. Você tá sempre lá mas a primeira vez que eu vi eu achei tão lindo.	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
Espaços populares	No curuzu?	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
	No curuzu.	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
Fraternidade	Um beijo maior do mundo pro vovô. E muita saudade da mãe Hilda e todos os meus queridos amigos do Ileaiê.	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
Espaços populares Cultura Popular	Bom, ilê é uma loucura né?	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
	Ilê é uma loucura.	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
	O olodum também, o olodum além de ser um bloco sensacional, tá ficando até triste, a gente lembra do neguinho do samba, manda um beijo pra ele no céu.	Plano fechado em Regina. Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
	O neguinho, o cara que revolucionou a música brasileira	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
Gosto Popular Tradição	O olodum era uma coisa já naquela época tão importante e ainda gerou o bando de teatro olodum, se não tivesse o olodum a gente não tinha hoje o Lázaro Ramos. Bom o Lázaro vem do bando de teatro olodum que foi da no opa ai ò que vocês viram um monte de vezes na televisão, sensacional, alias você canta essa música lá.	Plano fechado em Regina.
Gosto popular Cultura popular Apresentadora	Eu canto essa música no opa ai ó, só queria abrir um parêntese, você é uma das primeira pessoas que viu o opa ai ó e muito generosamente foi no camarim e falou com a gente e disse olha isso é interessante isso é importante, que bom isso existir no teatro na cultura baiana. Isso foi uma coisa que me deixou tão feliz, eu lembro eu tinha dezesseis anos eu te vi lá sempre com esse olhar amoroso e	Plano fechado em Lázaro. Plano aberto de Regina com Lázaro no palco. Plano fechado em Lázaro. Regina da um selinho em Lázaro

	interessado (Aplausos).	
Preconceito Subalternidade Negro famoso	Na época que você tava no bando e começando lá você imaginava que um dia num digo você mas um outro negro ia ser protagonista da novela das oito que a novela que começa amanhã insensato coração. Você conseguia imaginar isso ou você achava que ia demorar muito mais tempo?	Plano fechado em Regina.
Preconceito Pós-colonialismo	Eu imaginava sim porque eu acho que o povo brasileiro é muito generoso e merece e gosta de ver isso na televisão pra te falar bem a verdade.	Plano fechado em Lázaro.
Ascensão Social	Que a gente queria, a gente queria. E o incrível é como deu certo né? Bastou ter realmente uma possibilidade, uma oportunidade aí pronto.	Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
Pertencimento Diversidade	E o público quer, o público gosta. Sempre interessante falar sempre isso. Tem algumas produções que têm o protagonismo ou a presença de negros em papeis fortes que tem um resultado de audiência impressionante, o oh pai ó é um exemplo, cidade dos homens, da cor do pecado, cobras e lagartos eu acho muito interessante isso porque é o público dizendo olha a gente se identifica com isso e a gente quer ver isso na televisão também.	Plano fechado em Lázaro.
Programa Vida dos famosos	E é isso que a gente quer ver aqui no *Esquenta!* né? Agora me diz um negócio, você é o primeiro protagonista negro. Tais sua mulher primeira protagonista negra. A gente vai ter gente o primeiro protagonistazinho negro filho de mãe protagonista negro e pai protagonista negro (risos).	Plano fechado em Regina. Plano aberto de Regina com Lázaro no palco.
Diversidade	Deixa eu te contar uma história rapidinho, olha como são as coisas, como dá pra gente ter esperança e achar que tudo pode dar certo. Primeiro protagonista negro na verdade é uma ator que se chama Zozimo Bubu que em mil novecentos e sessenta e nove fez uma novela chamada Vidas em conflito, o par romântico dele era Leila Diniz. Ao longo de toda novela eles eram par romântico e nunca deram um beijo na	Plano fechado em Lázaro. Plano fechado em Lázaro e Regina.

	boca. Hoje, amanhã na estreia de insensato coração eu vou beijar muito (riso).	
Preconceito Diversidade Pertencimento Valores positivos da vida dos pobres	Olha que incrível é o mesmo, o que a gente enfrenta agora esperando esse beijo gay que nunca vem. Quer dizer o preconceito demora um tempo para elaborar aquilo até... gente vamo beijar, quem quiser beijar beija, homem mulher, a pele mais clara mais escura, é uma loucura. Olha só uma outra coisa que eu queria falar também, eu fui pra Angola, na periferia da periferia da periferia da periferia, o lugar mais longe que eu já fui não tinha luz não tinha nada, tinha um geradorzinho com gasolina que o pessoal fazia um racha pra comprar só pra ver esse cara aqui. O orgulho que os africanos de língua portuguesa têm do Lázaro é a coisa mais comovente.	Plano fechado em Regina. Plano fechado de Regina e Lázaro. Plano fechado em Regina. Imagens de um bairro chamado bairro dos ossos em Luanda
Espaços populares Preconceito Famoso vinculado à imagem de popular	Periferia de Luanda, Angola, África, tô acostumada a gravar em lugar lonjão, mas aqui foi sinistro porque não tem luz, não tem luz mesmo, um breu. Aliás, nem tem estrada direito. A gente vai andando no meio dumas coisas, a gente não sabe bem o que é. E quando chegou lá e desligou o farol da vã tinha uma luzinha. Hora sagrada em Luanda, hora da novela brasileira. Muitas vezes esse país parou pra ver histórias gravadas do outro lado do oceano Atlântico, as novelas são o último capítulo de uma longa história de trocas entre o Brasil e Angola. Vai ver a novela?	Imagens do bairro sendo filmadas enquanto Regina e equipe percorrem o bairro. Regina acompanhada de uma angola percorre um beco.
	Vamo ver sim senhora.	
Pertencimento	Sabe o que é isso aqui? É um novelódromo, geral tá aqui só pra assistir a novela, porque como quase em todos os outros bairros da periferia aqui não tem luz, então quando tem um geradorzinho, o cara liga a televisão e junta todo mundo pra ver a novela	Plano geral de vários angolanos. Plano fechado de Regina caminhando entre os angolanos. Plano geral dos angolanos.
Trabalho	Vem cá que hora você larga do trabalho?	Cenas da novela cobras e largartos(2006) Lázaro atuando.
	Nunca.	Cenas da novela cobras e

		lagartos(2006) Thais atuando.
Preconceito	Você ainda gosta de mim que eu sei.	Close do olho de uma criança angola.
	Eu num gosto de pobre, num gosto de neguinho.	Cenas da novela cobras e lagartos. Thais em cena.
	E num ta sabendo de nada hem tô montado na bufunfa, deu strike na roleta, bolsa de valores, ta ligada?	Plano fechado em um menino angolano.
Gosto popular	Vem cá todo mundo vê novela aqui?	Plano aberto de Regina.
Pertencimento	Já vi muitas e gostei. Mas a cobras e lagartos tem me impressionado mais, porque tem um personagem negro, a gente tem prestado atenção no que ele tem feito	Plano fechado de um angolano adulto. Plano geral de todos.
Espaços Populares Gosto Popular Pertencimento	E você mora aqui?	Plano aberto de Regina com o angolano.
	Não. Não mora aqui, como a energia aqui é muito escassa eu venho aproveitar o meu tempo para assistir a novela.	Plano aberto de Regina com o angolano.
	Mas vale a pena você vir do outro bairro mais longe só pra ver a novela?	Plano aberto de Regina com o angolano.
	É uma aventura mas da pra vir, só pra não ficar sozinho. A gente vê o que tá acontecendo no país e no mundo. Vale pena assistir um pouco a novela.	Plano aberto de Regina com o angolano.
	Estamos há mais de quinze anos sem luz. As pessoas nascem e não conhecem o que é luz. Até as crianças que estão aqui não sabem o que quer dizer luz	Plano geral dos moradores.
Afetividade Laços familiares	Deixa eu te servir o suquinho.	Cenas da novela cobras e lagartos. Lázaro e Thais atuando.
	Põe macarrão pra eu ver se tá gostoso.	Cenas da novela cobras e lagartos. Lázaro e Thais atuando
	Vamos comer igual naquele filme.	Os atores pegam um macarrão apenas e se encontram no meio dele e terminam num beijo, sob os olhares dos angolanos.
Famoso negro	Mais uma salva de palmas pra esse ator maravilhoso que é o Lázaro Ramos. (palmas)	No palco Regina e Lázaro se abraçam.
Apresentadora Pertencimento	Três anos atrás minha vida tava um negócio difícil tudo demorando em ser tão ruim, mas tava ruim mesmo, sabe	

	quando você olha pra um lado, olha pra outro e não acha pro onde? E eu sou alegre, mas eu ficava procurando assim em mim e não achava mais o caminho de achar minha alegria, só tava triste só achava o caminho da tristeza, aí tocou o telefone, se vê eu sou carioca, vivo na Bahia pouco vou a São Paulo era de São Paulo era zero onze, era lá da periferia de São Paulo lugar que hoje em dia eu amo demais dizendo Regina você e a sua periferia são enredo da nossa escola. Falei rapaz não tem condição tô tristonha, tá tudo demorando em ser tão ruim, não vai dar, eles falaram não tem jeito você indo ou não indo você vai ser o enredo da nossa escola, você e as periferias do Brasil. Aí eu fui né, cheguei e falei oh vou ficar desanimadona lá em cima daquele carro ali. Quê isso? Quando eu cheguei lá foi tão lindo, mas tão lindo aquele presente que eu achei na hora onde a minha alegria tava guardada e fiquei tão feliz e voltei a ser eu mesma por isso eu tenho uma divida de gratidão eterna por essa escola a vermelho e branco do meu coração Leandro de Itaquera	Plano fechado em Regina.
Gosto popular	Música	Imagens alternadas de todos os convidados e plateia dançando.
Apresentadora	Nossa a coisa mais linda, mais maravilhosa, imagina pra alguém como eu que só trabalho com essas pessoas o ano todo chegar no carnaval e receber um presente desses.	Imagem de arquivo mostrada enquanto a escola de samba canta.
	[Musica de encerramento]	Todos dançam e cantam.

Transcrição programa *Esquenta!* Dia 23/01/2011		
Palavra-chave	Àudio	Vídeo
	[Musica] Alo Regina é tão gente fina que sabe chegar, em qualquer esquina, lá na cobertura e na lage ela está é quem domina...	A apresentadora sai de um aparato colorido, canta e se dirige a câmera.
	Boa tarde gente! Vamo ficar de novo	A apresentadora fala todo o

	juntinho, vamo almoçar junto, hoje a comida é boa, é nordestina é tem tudo que lá na feira de são Cristóvão lá no Rio de Janeiro, os nordestinos trouxeram de todos os lugares. Que agora é assim, antigamente eu viajava que nem uma louca pro nordeste, pro sul, pro centro oeste procurando festas, agora não a gente traz as festas de todos os lugares pra cá pro *Esquenta!*.	tempo para a câmera.
Programa	[Música] Bateria arrebenta, todo comenta com a Beth carvalho o programa domingo *Esquenta!*, bateria arrebenta todo mundo comenta com o Jorge Aragão o programa domingo *Esquenta!*, bateria arrebenta, todo mundo comenta com a Gloria Maria o programa domingo *Esquenta!*, bateria arrebenta, todo mundo comenta com o Almir Guineto o programa domingo *Esquenta!*, bateria arrebenta todo mundo comenta com o cacique de ramos o programa domingo *Esquenta!*.	São feitos vários cortes para os convidados que estão sendo apresentados e a plateia que participa cantando e dançando ao som da musica de abertura.
Cultura popular Apresentadora Pertencimento Gosto Popular	Esse é o Cacique de Ramos, pô era demais isso eu era do tamanho da Raiana assim pequenininha, ia com o esparadrapo assim que nem o dela, mostra seu esparadrapo aí Raiana, assim que eu ia pra avenida Rio Branco, Cacique de ramos, sensacional, e olha eu digo mais se não fosse as reuniões semanais lá na quadra do cacique em cima daquele axé todo, em baixo daquela sombra daquela tamarineira, se não fosse isso nem eu tava aqui nem tinha *Esquenta!* porque tudo que a gente entende hoje em dia como pagode vem dali e hoje a gente conseguiu um feito que eu considero histórico é tipo reunir os Beatles é verdade você já pensou no mesmo programa de pagode além do Bira, o sereno, o Geraldo, o cacique que tá aí trazer Jorge Aragão(palmas), Almir Gneto (palmas) e o meu fiel	Regina esta acompanhada de um grupo de crianças fantasiadas. Enquanto a apresentadora fala são mostradas fotos produzidas por Carlos Vergara. Em plano aberto Regina fala se direcionando à câmera e à plateia. Corte para as pessoas citadas. Plano aberto da apresentadora.

	escudeiro Arlindo Cruz (palmas) meu amor, meu amor, meu querido. Então agora eu queria ouvir fundo de quintal mesmo. Vamo lá pra gente.	
Cultura Popular	[Música] Isso é fundo de quintal Luci Brandão/ Zé Maurício	As imagens variam entre os cantores e a plateia.
	Bete como é que você foi parar lá, você lembra a primeira vez que você foi no cacique? E quando você descobriu aquele negócio maravilhoso o impacto que teve? Conta pra gente.	Plano fechado em Regina.
Tradição Cultura Popular Gosto Popular	Eu conheci o cacique como bloco, quando eu era criança eu era apaixonada pelo Cacique de Ramos como bloco carnavalesco. Mas em setenta e sete o Alcir Portela, que já é falecido, que era jogador de futebol, ele sabia que eu gostava muito de samba, já era uma cantora famosa, ele me levou. Me disse: eu vou te levar em um lugar que você vai gostar. Aí me levou e realmente eu me apaixonei. Porque eu cheguei lá e encontrei um grupo amador, ainda amador, chamado Fundo de Quintal. Onde tinha, assim, Almir Gneto, Jorge Aragão, Bira, Birani, Sereno, Nelci. Bida, Sombrinha. Arlindo veio um pouco depois. E eu comecei a ver. Fiquei encantada. Só tinha músicas maravilhosas. Só. Todas elas eram obras primas e eu ali como cantora dizia: Meu Deus, que que isso que tá acontecendo?	Alternância entre plano fechado em Beth Carvalho e plano aberto mostrando vários artistas à mesa, onde também está a apresentadora. Panorâmica nas pessoas que compõem a banda, os instrumentistas.
Espaços populares	Tinha uma brincadeira no Cacique, o seguinte. Chegava um compositor novo, até com talento, coisa e tal, a gente sempre brincava com eles: Já gravou com a Beth Carvalho? Já gravou com a cumadi? Se não gravou com a cumadi tu não tá com nada (risos).	Plano fechado em Regina, mostrando expressão facial de contentamento; take fechado em uma moça negra na plateia; plano aberto dos convidados sentados à mesa, rindo ao final da frase.
Espaços populares Cultura popular	E aí eu comecei a perceber ao longo...porque a história a gente só vê depois, um certo tempo né? Eu comecei a ver que era o seguinte. As escolas de samba perderam a função de trazer compositores pra mostrar os	Fechado em Beth Carvalho, rindo antes de iniciar sua fala. Plano aberto, mostra todos à

	sambas inéditos nas quadras. Então os compositores não tinham lugar pra mostrar a música. E o Cacique de Ramos foi a concentração disso tudo. Aí já não era só compositor do Cacique. Era o pessoal da Mangueira, do Império, do Salgueiro, todo mundo tava indo pra lá mostrar sua música.	mesa. Cenário colorido ao fundo, onde também vê-se o elenco de apoio do programa, afastado, ouvindo a história. Plano fechado em Beth Carvalho.
Cultura Popular	Eu vou pedir pro fundo de quintal tocar e a Beth cantar e geral aqui, os compositores, cantarem uma música que eu ache que também podia ser um hino aqui do *Esquenta!*. Por que a gente vem aqui pra festejar.	Plano aberto, mostrando Regina sentada próxima aos convidados e elenco de apoio ao fundo.
	Música Vou Festejar De Jorge Aragão Faz barulho aí!!! (Aplausos e gritos)	Close no cavaco nas primeiras notas Crianças dançando fantasiadas de índios Grupo de dançarinos de funk, os havaianos, sambando. O grupo de sambistas ao fundo, cantando e tocando. Imagens da plateia dançando Artistas e membros do elenco de apoio fazem um trenzinho no palco, dançando a música.
Culinária Popular Culinária Popular	Sensacional! Eu vou lá na cozinha. E aí gente? Bom, esse aqui pra quem não conhece, óh geral do Cacique, é o nosso mestre fixo de cozinha, o Anderson Lao. Samba muito por sinal, mais um sambista do *Esquenta!*. Chega pra cá Lao, que eu agora vou falar com o pessoal. Oi, tudo bem, querido? E aí, o que você tá fazendo pra gente?	Corta para Regina, andando em direção à parte do cenário onde foi montada uma cozinha onde estão 2 chefs, um japonês e um nordestino.
	Estamos fazendo hoje aqui um baião de dois, né? Que é aquela comida típica nordestina, né?	Cozinheiro falando, trajado com jaleco branco de cozinha e um chapéu marrom com motivos do nordeste do país.
Gosto popular	Vocês gostam de Baião de dois? Beth, Arlindo, Jorge? Eu vou mandar levar. Já, já, subir um baião de dois aí.	Plano aberto mostrando a cozinha, Regina e o Cozinheiro nordestino.
Culinária Popular	Tem cada coisa maravilhosa aqui, maravilhoso o almoço.	Plano fechado nas panelas abertas. A comida é colorida. A câmera faz uma pan entre as panelas.
	O baião de dois acompanha picanha	Regina olhando as panelas

	de carne de sol né? O queijo de coalho. O nosso é feito com linguiça, carne seca e o nosso famoso queijo de coalho.	mostradas pelo cozinheiro.
Ascensão Social Trabalho	Esse cara aqui o Lucas, ele se fez na feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Na feira dos paraíba que o pessoal chama. E agora ele tem um restaurante em Nova Iguaçu. Como chama?	Plano aberto mostrando toda a cozinha
	Berrante da Baixada	
Consumo/mercado	Então vocês vão comer lá no Berrante da Baixada a comida do Lucas, mas hoje eu vou dar uma provinha pra cada um. Pede pra levar lá que o pessoal tá com fome. Se não o Arlindo fica de mau humor.	Imagem captada do alto, plano aberto Plano fechado da comida sendo colocada em porções
Culinária Popular	Alguém quer o baião de dois? Oh, tá com uma cara incrível. Carne de sol, esse aqui tá incrível. Até eu vou provar. (Música nordestina ao fundo) Tá gostoso.	Regina voltando para o palco, onde já está um garçom com as porções servindo os artistas. Regina ajuda a servir. Os convidados comem.
Famoso negro Laços familiares	Olha, a Laura taí? A Laura tá E a Maria também? Maria também. Tão as 2 aqui brincando na piscina.	Corta para Glória Maria brincando com as filhas na piscina de bolinhas que compõe o cenário. Regina vai até lá, conversando com Glória. Alternância entre a imagem das 2
	Que delícia. Me apresenta quem é quem?	Plano aberto da piscina, onde também há outras crianças. Todas negras.
Afetividade/ Fraternidade	Essa é a Maricota, a que fez aniversário anteontem. Ri pra tia Regina.	Glória com a filha no colo. Regina beija a criança.
	Parabéns. A festa foi boa?	Plano aberto mostra toda a cena.
	Foi muito boa. E essa é a Laura	Glória põe a filha no chão e mostra a outra criança, que está no colo da babá.
	Olha, essa já chegou dando tchau	Mostra a plateia, que aplaude.
Programa	Eu sei que a gente fala aqui no *Esquenta!* que a gente se diverte muito	Corta para um plano aberto em que Glória de Regina já

	no domingo, mas tem um monte de gente que rala sempre no domingo pra gente se divertir. Essa mulher aqui que eu amo trabalhou muitos e muitos anos, 10 anos todo domingo. Era um loucura?	estão sentadas de frente para a piscina. Há balões coloridos ao fundo e uma filha de Glória está em seu colo.
Trabalho Vida dos famosos	Era horrível né? Quem é que gosta de trabalhar domingo? Ainda mais que eu já trabalhava a semana inteira. E aí domingo trabalhava também. E você foi testemunha disso muitas vezes, que quando você ia gravar lá no estúdio a gente tava lá.	
	Desde de tarde. Não era só na hora do Fantástico.	Fechado em Regina
	Domingo pra mim era a segunda-feira de todo mundo: trabalho. E segunda-feira eu não gostava também porque era minha folga, mas era o dia que todo mundo trabalhava.	Alternância entre plano aberto da cena e detalhes do rosto de Glória e da filha dela, quando sorri e quando tenta pegar o microfone.
Vida dos famosos	Aí você ficava ligando pra geral e ninguém podia fazer nada com você.	
	Ninguém me dava a menor bola. Diziam: Glória, hoje é dia de trabalho. Eu dizia: pois é, pra todo mundo menos pra mim.	
Laços familiares Afetividade/ Fraternidade	E agora com a Laura e com a Maria...eu não vou perguntar o quê que mudou na tua vida porque eu acho que mudou tudo	
	Tudo.	
	Mas o domingo, como que é agora com as meninas?	A outra filha começa a cutucar a mãe, que tenta dar atenção e continuar falando.
	Meu domingo começa normalmente, se eu tô no Rio, andando no calçadão. Passeio com elas. Vou no Jardim Botânico, levo no teatrinho. Ah, o meu domingo é animado. Entendeu? O meu domingo não para. Depois ainda levo no parquinho no shopping. Todo domingo elas têm que ir ao teatro. Repete peça porque elas adoram o teatro	A criança, levada pela babá, dá um beijo no rosto da mãe, que retribui com o mesmo gesto.
	Que amor. Agora vem cá...só melhorou? Tudo?	
	Só melhorou. Não tem nada que eu possa dizer assim: ah, isso não é legal. Tudo é maravilhoso. Quando me atrapalham, quando querem só a mim. Tudo é maravilhoso, Regina, não uma	Plano aberto e alternância com detalhes. A criança no colo fica tentando falar ao microfone.

	coisa assim....	
Laços familiares Afetividade/ Fraternidade	Eu fico tão feliz que isso tenha acontecido com você. Eu acompanhei muito. Lembra?	Plano aberto e alternância com detalhes do rosto de Glória e Regina e da criança que brinca nas bolinhas, perto da mãe.
	Tudo.	
	E ela dizia assim pra mim: Ah, não. Acho que não. Eu prefiro cuidar de todas as crianças do mundo. Eu prefiro ir pra algum lugar e ficar lá trabalhando como voluntária. De repente ela me chega com essas duas maravilhas maravilhosas.	
	O peixe morre pela boca, né?	
	O que que a Laura e a Maria já mostraram pra você?	
	Eu há alguns anos atrás eu fiz uma tatuagem que era amor incondicional em grego antigo. Isso porque eu achei as letras em grego antigo lindas, mas eu não sabia o significado exato do amor incondicional. Hoje eu sei. É Maria e Laura. Isso elas me ensinaram assim de cara, no primeiro momento.	
Gosto popular	(Aplausos e gritos)	Corta para plateia.
Cultura popular Espaços populares	Mas a Glória não veio aqui só pra mostrar essas duas riquezas. Sabe qual é o maior link da Glória aqui hoje? É esse. Glória foi rainha do Cacique de Ramos.	Take rápido na outra filha com a babá. Corta para plano aberto entre Glória e Regina, já no palco, mostrando ao fundo a plateia.
	O Cacique faz parte da minha vida, da minha história. Eu era menina ainda. Eu assim, eu participei de um concurso. Era concurso. Você num chegava lá e era rainha não. Eu fui princesa e aí desfilei pela avenida presidente Vargas com aquela roupinha de índia preto e branca. E o meu pai não sabia. O meu pai gostava do bafo da onça. Foi um inferno na família quando ele descobriu que eu fui princesa, desfilei lá no alto do carro do Cacique de Ramos. Agora o Cacique pra mim talvez tenha sido assim a coisa mais importante porque me fez perder um pouco a timidez. Eu não tinha coragem, não sabia sambar e aprendi a sambar no Cacique.	Plano aberto mostra Glória e Regina conversando.
Cultura Popular	Olha só. O Cacique trouxe um presente pra elas. Pra você ficar	Regina fala enquanto mostra detalhe das filhas de Glória

	quiném as outras meninas. São as novas princesas do Cacique.	pegando fantasias do Cacique
	Olha isso.	Detalhes das crianças com a fantasia
Cultura Popular	Viva a Maria. Oba! (música: Trecho da música Água na Boca).	Aberto. As crianças e Glória, também com o Cocar da escola, dançam ao som do samba. Detalhe de Arlindo Cruz e Beth Carvalho. Todos cantam e dançam em plano geral e em detalhes.
Laços Familiares	Viva a Glória, viva a Laura e viva a Maria e viva o amor incondicional.	Plano geral do palco, onde estão todos de quem Regina falou nesse momento. Vinheta de passagem de bloco.
Cultura Popular	(Música) Arte popular é o nosso chão. É o povo quem produz o show e assina a direção.	Jorge Aragão repete o refrão por várias vezes, enquanto todos dançam. Plano geral, aberto e detalhes.
Gosto popular	Maravilhoso! (aplausos e gritos)	Regina, corta para plateia, que aplaude.
Afetividade/ Fraternidade Autoestima	Lelê, dá um abraço ali, oh, no Jorge Aragão, aquele de chapéu. Vai lá e dá um abraço igual você dá em mim nele. Pra ele vê o que é bom. Olha que delícia. (aplausos)	A criança se levanta e segue até o palco. Abraça o cantor.
Sensualidade/ Sexualidade	A Regina vai pedir pra eu dar um abraço agora na Valeska. O meu abraço também é maravilhoso.	Valeska em plano aberto, sorrindo
Famoso vinculado à ideia de popular	Valeska, dá um abracinho no Leandro (toca funk: Daquele Jeito, de de sainha)	Ela levanta, ajeita o cabelo e anda em direção a Leandro Sapucaí, que ainda não está em cena.
Humor Sensualidade/ Sexualidade	Eu quero fazer uma experiência. Quero ver se eu apoio minhas fichas na sua bunda, se isso é possível. Não, uma caixa de fósforo.	Eles se encontram, se abraçam e sorriem. Regina chega perto, plano geral e começa a falar.
	Vai escorregar.	Valeska arrebita o quadril, que é filmado em close. Regina, plano geral, comemora.
	Isso, arrebita que vai dar. Quase, peraí. Deu gente!!!	
	Vamos tentar agora 2 caixas de fósforo. Olha isso, uma salva de...não se mexe. Sensacional. Eu sou campeã mundial de equilíbrio de caixinha de fósforo em popozuda. Sensacional. 3.	Detalhe de Arlindo Cruz, atento à cena enquanto Regina coloca mais caixas de fósforo. Detalhe do quadril.
	(Aplausos)	Corta para plateia, que

		aplaude.
	Quantos mililitros tem aí? Assim, além do seu natural, de nascença. Quantos mililitros a mais?	Regina conversa com Valeska em plano aberto. Ao fundo, plateia e elenco de apoio.
Vida dos famosos	Eu botei 550 em cada lado. Coloquei a redonda super alta. 550 ml	Plano médio em Valeska e Regina Take dos convidados rindo.
Vida dos famosos	Eu queria saber uma coisa. Depois de tantos ml, o seu biquíni mudou de PP pra GG?	Regina conversa com Valeska em plano aberto. Ao fundo, plateia e elenco de apoio. Alguns takes da reação dos convidados, rindo.
	Ficou no G.	
	Ficou no G? E você pretende chegar ao GG algum dia ou não?	
	Não, não, não.	
	Parou por aí?	
	Parei. Às vezes até me arrependo. É, na hora de vestir uma saia, colocar uma calça, tudo complica. Eu compro 44.	
	Cabe 44?	
	É, aí o quê que acontece. Às vezes short fica por aqui assim. Aí quando senta aparece tudo. Aí eu compro o 46 também fica grande demais. Aí acabo desistindo. Aí eu uso mais legging, mais calça que estica.	
	Mas biquíni você compra 44. Mas você usa fio dental?	
	Uso, uso fio dental. Aquele cortininha assim bem...	Valeska faz um gesto que indica o tamanho do biquíni.
Programa Espaços populares	E por coincidência, hoje a gente tem biquínis incríveis aqui no programa. Diretamente de um lugar que eu amo, que eu estava na inauguração, acho que vocês todos lembram. Vou dar uma dica. Quando o pessoal quer se jogar na poça vai no piscinão de...	Takes dos convidados em plano aberto.
Espaços populares	Ramos	Valeska e plateia respondem.
	Solta o VT aí pra eu mostrar pra Valeska.	Regina e Valeska em plano aberto. Regina olhando para a câmera.
Gosto popular Espaços populares	Bom dia. (gritos) Beijo. Bom gente, hoje é domingo. Eu tô no novo point do Rio de Janeiro. O lugar mais legal desse verão no Rio, que é o piscinão da praia de Ramos.	VT do Fantástico 2002 Cenas da praia, na inauguração. Pessoas de biquíni.
	O pessoal do Cacique frequenta? Quem é que vai ao piscinão aqui?	Corta para estúdio. Em plano geral, Regina questiona a

	Ah, então eu vou chegar aí. Peraí.	plateia e convidados.
	Ali é a igreja da Penha. Desse lado é o aeroporto internacional Maestro Antonio Carlos Jobim. Agora aqui o piscinão	Volta VT do Fantástico 2002
Populares falam Espaços populares	Antes de ter o piscinão você frequentava a praia de Ramos? Chegou a frequentar sem o piscinão?	Volta para estúdio do *Esquenta!*. Regina sentada na plateia, ao lado de um anônimo que participa do programa.
	Sem o piscinão sim. Na minha infância meu costumava nos levar lá. A mim a minha irmã.	
	Depois ficou estranho, por que tava muito sujo. Aí não dava.	
	Sim. Aí não dava.	
	Mas e aí quando reinaugurou foi uma maravilha	
	Sim, até antes de reinaugurar. Nós passávamos por dentro da cerca de arame farpado.	
	Nunca deixei de ir no piscinão de Ramos. Piscinão pra mim é minha casa. Primeiro o Cacique, depois lá.	Corta para outro participante da plateia.
	É muito bom lá, o piscinão. Já fui lá várias vezes, fora essa que eu fui gravar.	Corta para Regina, sentada com a plateia, do lado do entrevistado anterior e de uma criança.
Culinária popular	A barraca entrega à domicílio, delivery. Como é que a pessoa pediu. Pelo celular? - Foi, pelo celular. Mentira?! - foi pelo celular. A barraca tem celular, a pessoa liga da areia ou de dentro da água do piscinão. - tanto faz E pede. Posso abrir pra ver? É uma pizza calabresa que nesse sol cai muito bem.	Volta VT do Fantástico 2002
Populares falam Culinária popular	Tem um peixinho maravilhoso.	Volta para estúdio do *Esquenta!*. Regina continua junto à plateia, agora conversando com uma mulher.
Consumo/ mercado	Mas você recomenda alguma barraca em especial?	A mulher nega com os olhos e um homem com o microfone, complementa.
	O bar do Dicró. Eu indico pra todo mundo. Tem cerveja gelada e cachaça da melhor qualidade. (aplausos)	Regina, no meio da plateia em plano geral

	Bar do Dicró. Aí oh. Você estando no Rio num domingo, você pode ir ao bar do Dicró. Cachaça da melhor qualidade, cerveja gelada.	
Diversidade Lazer Beleza/Estética Autoestima Apresentadora	Gil, você tá passando o óleo pra quê? Você quer ficar mais pretinho? - É É pra ficar meio avermelhado o tom. - Não, mais pretinho. E você acha que as mina só gosta do cara quando ele tá assim molhadinho? - É, vermelhinho, molhadinho. Oi, vocês vão concorrer a alguma coisa ou vocês tão assim normal? - Normal - Normal? Quando vocês atravessam a passarela você vai ouvindo as freadas? - os carros passam, aí todo mundo começa a gritar: a musa, a musa, a musa. Ah, chamam de musa? - musa do piscinão de ramos. As meninas usam no biquíni, Ramos, olha a grife. Regina Casé, repórter por um dia para o Fantástico.	Volta VT do Fantástico 2002

Ascensão social	Do exército.	conversa com o entrevistado.
	Você era sargento do exército, como é que de repente de deu na telha de fazer biquíni?	
	Porque eu sempre fui camelô. Desde os oito anos de idade. Já vendi bandeira no maracanã, já vendi bola de gás. Vendia pastel em campo de futebol. Então eu comecei a me dedicar pra mim fazer. Aí aprendi. Aí daí pra frente eu não parei mais.	
	Palmas pra ele que ele merece, gente.	
Gosto popular	(Aplausos e música)	Plateia se levanta e aplaude. Volta à cena do desfile.
Moda Consumo/ mercado	Vem cá, qual é a maior tendência pro verão 2011, Almir?	Volta à entrevista com Almir, dessa vez em um plano que também mostra Dudu Bertholini, estilista e sua equipe.
	Esse verão tá vindo o fluorescente que tava esquecido, né?	
	Tava esquecido.	
	Isso, o verde limão, o laranja. O pessoal tá procurando muito.	
	Você concorda com isso, que tá voltando o flúor?	Plano geral, mostra também o estilista e a modelo, que responde.
	Tá voltando em tudo, na verdade. Nos esmaltes, batom, maquiagem, roupa, em absolutamente tudo.	plano aberto com todos que participam da conversa.
Programa	O *Esquenta!* tá em praticamente tudo flúor	
Consumo/mercado	Mostra a unha	
Beleza/estética	A minha é cintilante, a unha	
Programa Moda	E hoje a moda é igual ao *Esquenta!*, é praticamente tudo junto e misturado. Tem mais essa.	
Moda	Mas eu adorei. Eu achei que os biquínis dele iam ser mínimos, mas tem uns grandinhos também né?	
Consumo/ mercado	Qual é o mais vendido?	
Sensualidade/ Sexualidade	O mais vendido é esse aqui. Esse aqui eu criei. Foi criado porque o pessoal reclamava muito: Pô, você só vende biquíni grande. Aí eu falei: podexá que eu vou ter uma ideia.	Almir tira do bolso um biquíni fio dental, mínimo. Mostrado em detalhe.
Sensualidade/ Sexualidade	Regina, isso é biquíni infantil.	Plano aberto
	Não, esse é o fio dental.	
Beleza/estética	Valeska, chega aqui. Valeska, dá um pulinho aqui, é urgente. Valeska, favor comparecer ao setor de fiadão. Valeska, você toparia esse desafio,	Plano geral mostrando toda a plateia gritando “aceita”. Valeska sendo levada pela

	Valeska? Aceita, uh, aceita, uh, aceita.	mão para vestir o biquíni.
	Tem aqui umas menina, as passista, que tão com o fio dental asa delta.	Regina conversa com Almir. Convidados ao lado.
	Na passarela, por favor, meninas. (música do *Esquenta!*)	As passistas desfilam e dançam vestindo os biquínis.
	Agora o modelo mais ousado do Almir, que é o super fio dental. Vamos ver como esse super fio dental resistiu ao 550 ml da nossa querida e adorada...vai willian (música: funk)	Regina em plano fechado Valeska em plano aberto, tira o hobby e começa a dançar com o dono da loja de biquínis. Ele coloca o biquíni na cabeça e dança.
Gosto popular	Sensacional, uma salva de palmas	Plateia aplaudindo
Programa Beleza/ Estética	Olha, eu nem sei como agradecer a Valeska, o espírito esportivo e também ao Almir. Pô, você realmente fortaleceu o programa porque sem os seus biquínis eu não ia ter a Valeska daquele jeito. (aplausos) Olha muito obrigada, foi sensacional. Eu acho que se você tivesse que ter uma musa pra campanha publicitária da Rosa e Mar, tem que ser a Valeska Popozuda. É ou não é, gente?	Regina conversando ao lado de Valeska e Almir
Gosto popular	(Aplausos)	Corta para plateia aplaudindo, take em uma moça da plateia
Culinária Popular Diversidade	Gente, vocês já repararam em uma coisa? Antigamente pra gente comer uma tapioca tinha que ir pro nordeste, no meu caso pra Caruaru, ir pra casa da tia. Era tia Odete, né? Alguma tia que ia fazer uma tapioca. Ou então tinha que ir na Sé, em Olinda. Agora tem tapioca em qualquer esquina. Que coisa maravilhosa, gente. Em vez de ter só hot dog tem tapioca em qualquer lugar. É ou não é? Sabe por quê? Por que tapioca...vem...com...tudo. Solta DJ.	Regina caminha para o palco, plano aberto. Mostra as moças com tapioca e parte do elenco de apoio também aparece. Regina pega uma tapioca, levanta sobre a cabeça e roda enquanto caminha em direção ao grupo.
Gosto popular	(música: vem que vem que vem com tudo)	Grupo os Havaianos dançam sem camisa. Regina no meio com a tapioca, também dança e se abana com a tapioca.
Culinária Popular Consumo/mercado	Uma tapioca pra vocês, pra vocês racharem, amores. Já comeu a tapioca, Arlindo? Saiu agora, tá quentinha. Agarra aí.	Regina entrega a tapioca para grupo e depois pega outras e joga para a plateia e para os convidados.

Diversidade/ mistura	Alguém mais quer uma tapioca? Eu vou pedir a bênção pro Chacrinha pra jogar essas tapioca pro pessoal. Uma tapioca aê? (música do programa do Chacrinha).	
Programa Afetividade/ Fraternidade Populares falam Beleza/Estética Autoestima	Glória Maria, sua filha entrou para o elenco fixo do *Esquenta!*. Rolou uma integração incrível. Essas são as novinhas, novíssimas, da família *Esquenta!*. Só pra todo mundo aprender. Teu nome, xuxu? - Isabela Isabela - Roberta Roberta - Rayane Rayane - Letícia Olha só a paradinha da Letícia. E você? - Mel Mel. E você? - Letícia. De novo. Bom, então porque...a gente tem umas meninas tão bonitinhas aqui. Elas não são as coisas mais bonitinhas e mais gostosinhas do pai?	Plano fechado no elenco infantil do programa, onde também está a filha de Glória Maria. Plano aberto das meninas com Regina Regina caminha até o palco onde está a roda de samba e se aproxima de Jorge Aragão, Beth Carvalho e outros.
	São.	Beth responde, plano aberto.
	Então elas merecem?	Regina, plano aberto.
	Todas merecem	Plano fechado, pan horizontal passando pelas meninas.
	Então vamos pra ver elas dançando bonitinho cantar coisinha do pai, Beth?	Plano fechado em Regina
	Vamos	Plano fechado em Beth
Laços familiares Afetividade/ Fraternidade	(Música Coisinha do Pai, de Jorge Aragão e Almir Guineto).	Alternância entre plano fechado nas crianças dançando e plano aberto nos músicos sentados, cantando e tocando. Alguns takes da plateia.
	Olha a coisinha bonitinha da Beth aqui, a Luana.	Mostra a filha de Beth, trazida por Regina. Ela fica atrás da mãe, enquanto a música continua. Alternância de takes.
Gosto popular	(Aplausos e gritos)	Vários takes da plateia, plano geral
Programa	Viva Beth Carvalho, viva Almir	Plano aberto mostra Regina e

Apresentadora	Guineto, viva Jorge Aragão. Olha, eu tô numa felicidade imensa de receber esses gênios. São pessoas que me deram as maiores alegrias da minha vida. Muitas alegrias. Muitas.	a roda de samba.
Afetividade	Ah, que bom isso. Que bom ouvir isso de você. (Aplausos)	Plano fechado em Beth Plano geral da plateia aplaudindo
Comportamento	Você já ouviu falar em Pen Spining? Alguém aqui já ouviu falar?	Plano fechado de Regina falando com a câmera e depois aberto perguntando a todos.
Internet Comportamento	Essa parada, como milhares de outras coisas, graças à internet virou uma febre e se espalhou pelo mundo todo. Antigamente só tinha maluco pra fazer isso lá no Japão, né? Só no Japão que tinha, aí com a internet se espalhou pra Ásia, depois pra Europa e agora pro mundo todo. Sabe o que que é pen spinning? Sabe aquela aula chata que o professor tá um saco, você fica assim com a caneta? Sabe aquele chefe enjoado que tá há uma hora no telefone, você fica assim com a caneta? Os caras transformaram isso num esporte. Campeonatos mundiais. E hoje a gente vai ver como é que funciona esse negócio do pen spinning.	Plano aberto do grupo andando e se aproximando de Regina. Regina fala direto para a câmera, do alto. Gesticula o movimento com caneta imaginária. Muda de câmera, agora em ângulo normal e plano médio. Depois plano aberto, mostrando elenco de apoio sentado em várias partes do palco. Takes dos convidados, alguns sorrindo, outros comendo tapioca e do público assistindo da plateia.
Populares falam	Como é teu nome? André Felipe e o seu? Luiz? E o seu? André. Ah, são 3. Sou eu que sou a quarta. Eu não sei fazer o negócio não. Vem cá, você já participou de algum campeonato? - Já Nacionais. E você? - Também, também. E você? - Também.	Plano aberto de Regina com o grupo de jovens que competem na modalidade.
Comportamento	Olha só, vai lá. (música instrumental no ritmo de funk)	Corta para detalhe das mãos dos esportistas fazendo acrobacias com as canetas. Mescla a imagens dos convidados tentando fazer o mesmo. Jorge Aragão com o microfone. O baterista com a

		baqueta, o cozinheiro com a colher, plateia com canetas.
	Vem aqui, mostra pro pessoal como é. Que loucura. Como é que julga isso pra ver quem tá ganhando? Que eu não tenho a menor ideia.	Regina leva o competidor até os convidados. Plano aberto dele andando e fazendo os movimentos. Convidados atentos com expressões de surpresa. Corta para P. Aberto do palco.
Comportamento Moda	Depende dos critérios. Vários critérios são utilizados. Velocidade, variedade, dificuldade das manobras.	Fechado no jovem, que responde.
	É, velocidade, variedade das manobras e dificuldade das manobras?	Plano aberto. Mostra Regina e os garotos. Um deles, atrás, continua as manobras com a caneta.
	É, e também tem suavidade. Não pode dar muitas travadas. Tem que fazer movimentos suaves também.	Fechado no jovem, que responde.
Diversidade/ mistura	Você é da onde?	
	Sou de Recife.	
Diversidade/mistura Comportamento	Ah, tava vendo o sotaque de Pernambucano. Legal. E Recife tem muita gente fazendo isso?	Plano aberto. Mostra Regina e os garotos
	Tem bastante.	Corta para plateia.
Diversidade/ mistura Cultura popular Hábito/ tradição	Mas já que aqui eu estou na presença dos bambas, dos maiores bambas do samba carioca. Eu quero ver. Larga essa canetinha aí que eu quero ver se tu manda bem na caixa de fósforo. Segura aí. Se você tem a mesma habilidade que você tem com a caneta com a caixa de fósforo. Leandro, uma basezinha pianinho, quero ver os meninos batucando na caixa de fósforo. Vamo lá. E aí, já que a gente tá pedindo a bênção, eu tô virando praticamente a Leci. Vou pedir a bênção pro Ciro Monteiro que arrebentava na caixinha de fósforo. Vamo lá, quero ver.	Plano aberto, Regina leva as caixas de fósforo para os garotos., que tentam tocar
	Olha que péssimo ele. Olha. Dá um close pra ver como é ruim. Ele tá razoável. O dele é só o polegar. Agora vamo ver a diferença. Vem aqui Felipe. (ritmo de samba)	Close do primeiro tentando tocar. Abre o plano e mostra Regina com os demais. Plano aberto dos sambistas tocando a caixinha. Regina se senta à roda. Detalhe das mãos.
	Delícia, que gostoso.(aplausos)	Plano aberto, mostra o

		microfone boom.
	(música das caixinhas) Que lindo isso, hein? Gente eu tô achando isso um poema, praticamente. De tão lindo. Que hoje em dia é uma barulheira, um samba corrido, né? Que as menina vão só chutando as sandália pra frente. Chutando as sandália pra frente. A lá. A minha plateia e meus convidados, olha que delícia. (música das caixinhas) Isabel. A Isabel gosta muito de cantar marchinhas de carnaval antigas. Essa daqui. Eu conheço ela.	Corta para plano aberto, onde, perto dos sambistas tocando, samba um casal de jovens em trajes mínimos. Regina em meio à roda e perto dos dançarinos. Pan vertical em plano fechado no corpo da dançarina. Detalhe das caixinhas sendo tocadas. Corta para plano aberto de criança com Regina
Cultura popular Hábito/ tradição	Vamos cantar uma música aqui pro pessoal ouvir. Sa sa saricando, Vai - Sa sa saricando. Todo mundo leva a vida... - no arame. (aplausos) Palmas pra você.	Alternância entre plano aberto das duas e plano fechado na menina cantando e sorrindo. Regina se levanta, mostra um convidado e a plateia aplaudindo.
Programa	A caixinha arrebenta, todo mundo comenta, que feito pimenta o programa domingo *Esquenta!*. (aplausos)	Corta para Regina sentada em meio aos sambistas. Vários takes de diferentes pontos da plateia.
Cultura Popular Afetividade/ fraternidade	O samba, eu acho que é o único ritmo, o único gênero, que se você tiver triste, se você tiver arrasado, você pode ir pro samba.	Fechado em Regina Aberto com todos os sambistas.
Cultura popular	O samba em si é revolucionário. Você pode contar a história do Brasil através do samba. Você modifica seu estado de espírito através do samba. (Aplausos)	Fechado em Beth Carvalho. Aberto nas pessoas aplaudindo.
Solidariedade Afetividade/ Fraternidade	O samba cura. Eu tô fazendo esse programa aqui em gratidão a todas essas pessoas que sempre me fortaleceram e...(aplausos) Nos momentos mais difíceis da minha vida. Não adiantava eu não podia ir pra lugar nenhum porque eu tava triste e aquilo eu não ia conseguir sair. Se eu fosse pro samba, mesmo triste, dava certo. Aquilo ia me puxando. E tem uma música...Todo mundo sabe que meu ioiô sofreu um acidente e que a gente sofreu pra caramba porque ele	Fechado em Regina. Elenco ao fundo; Aberto com sambistas. Plateia aplaude. Regina se emociona. Plano aberto, Regina e os sambistas. Fechado em Regina Take dos sambistas atentos. Fechado em Regina.

	perdeu todos os movimentos. Bem no comecinho, quando o negócio ainda tava bem bravo, a gente ficava o dia inteiro pra ver se ele mexia um dedinho, o quê que ia acontecer. Aí, teve um dia que, com muito esforço, ele ficou de pé. Assim, balançando igual...Sabe aqueles bezerrinho quando levanta assim? Balançando. Aí eu corri pro som e botei pra ele uma música que foi a música que eu cantei pra ele todos os dias quando ele tava paradão. Vou pedir pra você cantar agora. Conselho. (aplausos)	Plano aberto, Regina se levanta, recriando a cena que ela conta. Fechado em Regina
	(Música Conselho, de Adilson Brito e Zé Roberto)	Plano aberto no palco, Regina emocionada, os sambistas cantando e tocando. O público dançando. Legendas da letra da música. Regina abraça os artistas e canta com eles. As crianças dançam, a plateia também.
Gosto popular	(gritos e aplausos)	Plateia em plano geral
Apresentadora Laços familiares	Oh, eu acabei chorando porque realmente esse era o meu mantra. Todos os dias, quando a gente tava afundando, eu começava a repetir de novo: Deixe de lado esse baixo astral, ergue a cabeça, enfrente o mal. Então eu queria te agradecer esse mantra que foi minha religião durante 2 anos. E eu queria aproveitar pra mandar um beijo pro meu ioiô, que agora tá mexendo todinho (risos e aplausos). Vamo pro intervalo, mas a gente volta daqui a pouquinho com mais *Esquenta!* pra você.	Plano médio. Regina, ao fundo parte do elenco de apoio. Plano aberto. Regina e os sambistas. Vários takes dos artistas rindo e aplaudindo.
Gosto popular Espaços populares	Eu acho eles a cara de São Paulo. Mas não é só São Paulo capital não. É Santo André, São Bernardo, São Caetano. Tem até Presidente Prudente. Eles são o verdadeiro ABCDEFGH até o Z. Todo São Paulo tá ali. Todo o Brasil tá ali. Que banda é essa, gente? - Exaltasamba. Exaltasamba. Cadê?	Regina sentada em meio à plateia, num plano aberto. Regina e todos se levantam e o público grita o nome da banda.
Sensualidade/ Sexualidade	Se eu te pego de jeito, mulher te deixo louca. Como diz Exaltasamba: Lá em casa, na cama, tirando a roupa toda.	A plateia canta fazendo coreografia. Regina no meio, canta algumas partes. O

	(Aplausos e gritos)	grupo, já no palco, escuta e ri. Alternância entre a plateia e o grupo dançando no palco. Take de outra parte da plateia.
Gosto popular	(Músicas Exaltasamba)	Plano geral, do alto. O grupo e o público cantam. Detalhes do grupo no palco e detalhes da plateia. Regina coloca o microfone nas pessoas da plateia, que cantam junto.
Preconceito Gosto popular	Acabou o preconceito. Esse programa aqui é pra isso. Pra acabar com qualquer tipo de preconceito. E eu gosto de dizer que o Exalta ajudou muito a acabar com o preconceito com o pagode. Antigamente o pessoal torcia muito o nariz e foi uma coisa que facilitou. Cara	Regina em meio à plateia
Famoso negro	Esse pessoal é fantástico. Tem desde os samba mais tradicionais, que eles cantam também, até o samba mais novo, que eles contagiam toda a galera aí. Tão de parabéns, a rapaziada toda. Sou fã do Exalta. Faz barulho pro Exalta aí. (gritos e aplausos)	Detalhe de Arlindo Cruz Plano aberto dos sambistas Plateia
Gosto popular	Agora esses caras aí tão tão adorados, tão famosos, tão amados pelo Brasil todo que, eu vou dizer, eles não precisavam nem ter vindo aqui cantar. Não precisa porque, olha. Que música que você gosta do Exalta? - Fui	Regina em meio à plateia Take no grupo no palco Regina em meio à plateia
	(plateia cantando)	Corta para plano geral do alto e depois volta para a plateia cantando à capela. Regina no meio também canta. Alternância com takes dos integrantes do grupo. Mais outras 2 fãs cantam outras músicas.
Afetividade/ Fraternidade	Douglas, chega aí. O Douglas, sei que ele não vai gostar que eu fale isso aqui no programa, mas ele é casado, tá? (risos) E a mulher dele, a Carol, né mole não. Qual é sua música com a Carol? - Vinhos e Lingeries (música Vinhos e Lingeries, de	Douglas vem correndo, take de Regina na plateia, alternância. A música é lenta, mostra a plateia cantando, levantando as mãos, os artistas no palco.

	Tiaguinho)	
Gosto popular	Quem gostou dá um grito (gritos e aplausos)	Plateia
	(Música Gamei, de André Neto)	Regina coloca participante da plateia para cantar. Crianças dançam no palco. Mostra a plateia cantando, levantando as mãos, os artistas no palco.
Apresentadora Espaços populares	Eu já era fã do Exalta, mas a gente se conheceu de verdade, você lembra onde, Tiaguinho? - Lá em Heliópolis, lá em São Paulo. Na favela de Heliópolis, num show maravilhoso, né? Um dia lindo que eu vou guardar pra sempre.	Plano aberto, Regina no palco com o grupo. Plano aberto, Regina no palco com o grupo.
Solidariedade Pertencimento Valores positivos da vida do pobre	(trecho da Música Favela e gritos e aplausos da plateia)	VT do Central de Periferia 2006
	Depois de um tempo a gente foi convidado pra fazer o Criança Esperança. E aí, de novo, a gente cantou o quê? Favela	Plano geral do Palco
	(trecho da Música Favela)	VT do Criança Esperança 2008
Apresentadora Espaços populares Famoso vinculado à ideia de popular	Favela acabou virando um hino do Central da Periferia. Onde a gente ia, a gente cantava favela ou até o público já puxava quando a gente chegava. Agora eu quero dizer o seguinte. Quem fez esse hino? Entre tantas músicas deslumbrantes desse compositor. Quem fez favela, gente? Arlindo Cruz (aplausos).	Alternância de planos, todos mostrando as pessoas no palco
	As músicas do Arlindo, você ouve e no primeiro momento dá vontade de abrir os braços e, sei lá, deixar a alegria entrar pelo coração. É muito bom.	Plano médio, mostra Péricles, do Exaltasamba.
	Obrigado.	Fechado em Arlindo
Afetividade/ Fraternidade	Então, eu abro os meus braços pra Arlindo Cruz e Exaltasamba. Agradecer tudo de bom que vocês têm trazido pra minha vida. E eu quero ouvir Favela.	Fechado em Regina, um take fechado em Arlindo.
Espaços Populares Solidariedade Trabalho	Tamo junto. Pra todas as favelas do Brasil. Vambora. (Música Favela, de Arlindo Cruz)	O grupo toca e canta. Um painel ao fundo do palco reproduz imagens do programa Central de Periferia. Legenda da música. Alternância de quadros que mostram todo o

	(Aplausos) Faz barulho pras favela aí.	cenário. Detalhes das pessoas dançando no palco e plateia. Mostra Regina cantando. Detalhes dos pés dançando. Fechado nos artistas no palco. Plateia aplaude.
Sensualidade/ Sexualidade Vida dos famosos

Autoestima	- Imitar não. (risos) Não, a Letícia tem muita personalidade. Cada um tem seu estilo. Imitar não.	elenco do programa. Fechado na criança que responde. Fechado em Raíssa, depois em Regina, depois plano aberto em Arlindo junto a outros cantores.
Autoestima Afetividade/ Fraternidade	Leticia, vai lá e dá um abraço no Péricles e no Tiaguinho pra eles ficarem calminhos. (aplausos) Enquanto a Leticia vai dar aquele abraço com aquele Axé. Essa menina tem um axé. É ou não é, Péricles? É, quando tá acabando meu gás, a Leticia vem e oh, dá aquele gás. (aplausos).	A criança correndo em plano aberto, indo abraçar os cantores. Fechado em Regina Abraços
Gosto Popular	No show do Exaltasamba, chega uma hora que é uma loucura, gente. Todo mundo levanta e o Exaltasamba começa a tocar mais ou menos assim. Leva aí, gente.	Corta para Regina, no palco em plano aberto. Corta para fechado em Tiaguinho.
Gosto popular	(em ritmo de funk) Traição é traição, romance é romance, amor é amor e um lance é um lance. (2 vezes)	Plano aberto. Cantores dançam coreografia. Fechado em Tiaguinho rebolando ao cantar.
Sensualidade/ Sexualidade Gosto popular	Pode fazer? Olha a sequência do pente pra toda danada presente. É o pente, é o pente, é o pente (repetidas vezes). Não para não, não para não. Tem uma que é mais ou menos assim: 1, 2, 3 pulinho (repetidas vezes). (Sequência de funk) (Aplausos e gritos)	O cantor tira o microfone do pedestal, vai para frente e dança rebolando o quadril. / Alternância entre plano fechado e plano geral, mostrando a reação da plateia. Péricles e Tiaguinhos cantam e dançam. Um dançarino do programa levanta a camisa e dança. Plano fechado nas mulheres dançando. Plano geral da plateia e palco. Dançarino faz o "passinho", famoso jeito de dançar nas periferias da região. Corta para as crianças no outro palco, fazendo o mesmo passo.
Diversidade/ mistura	Gente, quando é que a gente ia imaginar que num show de samba ia ter um set só de funk e ia quebrar tudo? Mas a hora que realmente quebra, quando eles começam a cantar funk é quando eles começam a cantar aquelas músicas de uma dupla que foi	Regina no Palco, mostrando também os artistas e parte da plateia. Takes que mostram artistas convidados. Takes da plateia e alternância de planos

Afetividade/ Fraternidade	tão querida pelo Rio de Janeiro quanto o Exalta pra São Paulo e pro Brasil. Eu só posso dizer uma coisa. Eu tenho tanto amor, tanto amor por eles dois. Graças a Deus um deles tá aqui comigo hoje porque o que eu sinto por eles é (cantando): só love, só love. Vem aqui Bochecha.	mostrando Regina e o público. O cantor correndo em direção ao palco.
Gosto popular Famoso negro	A gente vai fazer do mesmo jeito que faz no show do Exalta. (Música Só love, de Mc Claudinho) (Música Conquista, de Mc Claudinho)	No palco, Bochecha dança e canta com os demais. Regina leva uma moça para o palco. Takes das dançarinas, dos dançarinos, plano geral da Plateia, Regina no palco dançando com os demais. Um menino no palco também dança. Depois pega o microfone e também canta.
Diversidade/ mistura	(música continua) As baianas dançando o funk. Eu quero ver.	Do alto, panorâmica sai do palco para os outros espaços, mostrando em plano geral a plateia e a ala das baianas, take nos garis, volta às baianas, em plano fechado, cantando e dançando. Plano geral, plateia e palco.
Gosto popular Apresentadora Pertencimento	(música Nosso sonho não vai terminar, de Mc Claudinho) (aplausos) Bochecha, chega aí. -Mas vocês arrebentaram, hein. Esses caras, eu vou te falar. - Pô, palma pros cara. (aplausos) Lembra quando a gente foi lá? Coronel, né, que chama aquele morro? - Foi, Coronel Leôncio. Minha periferia. É, eu vi que o pessoal te chamava com outro nome. Como que era? - Era Beto, né? A galera me conhece lá como Beto. Fala Beto! Meu nome, meu nome é ruim pra caramba. Meu nome é Claucirley. Pô, e na favela, pô, esse nome aí Claucirley, pô, nego zoa pra caramba. Aí pra não ficar me zoando, tinha um cara lá, um colega meu que o nome dele era Beto. Né? Betinho. Aí nego me chamava de Beto. Eu era mais velho que ele, me	Plano geral do Palco Plateia Regina e Bochecha sentados em puffs, plano aberto. Alternância entre planos fechados e abertos. Alternância entre planos fechados e abertos.

Afetividade/ Fraternidade Beleza/ Estética Humor Humor	chamava de Beto, eu atendia. Aí. Mas a galera estranha. Mas aí você virou Bochecha por quê? Quando você era pequeninho. Você tinha uma bochecha assim tipo a da Florinha? Letícia, oh a bochecha da Letícia. (risos) - Linda, linda, né? Então, eu tinha vários apelido né? Cabeça de burro. O Andrezinho ali, da mocidade, fica me chamando de cabeça de cone. Vou tirar tá gente? Mas não zoa não. Vou tirar. Vê se tem cabeça de cone. Aí os caras me chamam de cabeça de cone, Beto Manga, nego me chama de tudo, fofão. Aí quando a gente fez a dupla eu decidi manter o Bochecha mesmo porque é menos mal.	Plano fechado em Letícia. Volta plano aberto. Take aberto na roda de samba. Volta para Bochecha com alternância de planos.
Apresentadora	Olha eu lá pagando mico, como sempre. (risos) Olha aquilo.	VT do Brasil Legal – 1997, em que Regina está com Claudinho e Bochecha, num show da dupla.
Afetividade/ Fraternidade   Pertencimento Ascensão social   Afetividade/ Fraternidade

Fraternidade	essas coisas né?	
Apresentadora	(Fragmento da música Só love)	VT do Muvuca – 1999. Regina, a dupla e várias crianças em ônibus escolar cantam e dançam a música Só Love.
	Ah, essa me matou agora. (Aplausos)	Regina em pé, Bochecha sentado. Mostrados em plano aberto. Ele se levanta e eles se abraçam. Plateia aplaude.
Pertencimento Representação Famoso Famoso Gosto popular	Agora vou chamar um cara que muita gente podia achar que nunca podia fazer um camelô do camelódromo da Uruguaiana, que nunca podia fazer um cara do povo: pô, aquele cara é maior playbas do Leblon. Ele não vai mandar. Mandou muito. E vou dizer. Sabe qual é a surpresa? Esse cara já saiu na bateria da minha escola. Esse cara sabe bater o repique. Com vocês, junto com mestre Bereco e as baianas da Mocidade Independente, no repique, ele, Rodrigo Santoro. (Aplausos e repique)	Corta para Regina em plano fechado. Ao fundo, desfocado, parte dos convidados e elenco de apoio. Rodrigo vestido no uniforme da Mocidade Independente, em plano aberto, junto a integrantes da escola de samba.
Cultura Popular	(Alternância entre repique e toda a bateria)	Alternância entre Rodrigo tocando e bateria. Ora no plano fechado, ora aberto. Takes da plateia.
	Lá vem a bateria da Mocidade Independente, não existe mais quente, não existe mais quente. (Trechos da música Mocidade Independente)	Rodrigo sorrindo e tocando em meio à escola e elenco de apoio.
	(Regina canta, bateria e Rodrigo tocam)	As crianças dançam no palco, plano geral do alto mostrando vários espaços do cenário, todos com muito movimento. Regina de mãos dadas com uma das baianas da escola, sorrindo. Do alto e em plano geral, uma panorâmica mostra do palco à plateia. Crianças dançam no palco.
Programa	(música continua) Eu vou, mas semana que vem eu volto. Por favor volta também por que você vai me fazer muita falta. Né, Rayane. Fala pra	Plano aberto mostra Regina com crianças no palco. Fecha na criança falando.

	eles. - É, fica aí. (Aplausos e vinheta de finalização do programa) (música em ritmo de samba)	Vinheta e créditos